

Indicado ao Prêmio Literário *Codex de Ouro* 2012  
Indicado ao Prêmio *Destaques Literários* 2012

Maribell Azevedo

# Amor no Ninho



editora  Kalango

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Amor no Ninho

Maribell Azevedo

Copyright © Editora Kalango  
Todos os direitos reservados.  
Edição Digital  
-2012-

**Revisão:** Josy Luz  
**Capa:** Diane Luz



**Para minha querida e saudosa avó,  
Odette. A primeira a acreditar.**

## *AGRADECIMENTOS*

A Deus. Origem de todos os dons.

À minha maravilhosa mãe Elizabeth, que, mesmo achando esse projeto meio louco e delirante, me apoiou com seu amor, opiniões e bom gosto. E, por me incentivar a ler desde muito cedo, tornando-me essa leitora compulsiva, a culpa é dela.

Ao meu saudoso pai Tobias, que sempre me forneceu a melhor literatura possível, mesmo sem entender porque eu vivia pedindo para me levar numa livraria, em vez de comprar roupas novas.

A Eduardo, por ter o sol no seu sorriso, tornando meus dias menos cinzentos e por descobrir que, para se ver livre de mim, bastava dizer: "Mamãe, vai lá escrever, vai!"

A Joseane Luz (a "Beta"), que, como o próprio nome afirma, foi um farol em minha vida em meio à tempestade, guiando-me com sua fé inabalável em algo que, para mim, era um sonho impossível. Por apreciar este livro quando ainda era um esboço malfeito e extenso. Por sua coragem em acreditar numa pessoa que não conhecia pessoalmente, mas que afirmou me enxergar através do que eu escrevia. Por tantos dias, noites e madrugadas insones, dedicados a uma história e a personagens que se

tornaram membros de nossa família. Por suas ideias e sugestões quando eu me encontrava desesperada, sem saber como prosseguir. Por me presentear com uma amizade sincera e desinteressada, compartilhando comigo de tantos sorrisos e lágrimas. Sem ela, este livro não existiria.

A João Luz, por sua paciência e tolerância ao assistir, por quase dois anos, a sua esposa, e eu lutando por concretizar esse sonho. Seu apoio e generosidade foram essenciais, e seu exemplo, admirável.

A Fádia, pela amizade, enorme torcida, dicas e por ser uma profissional tão eficiente.

À grande amiga Suelen Sena, por ser uma leitora mais voraz que eu e por isso entender tão bem esse meu vício, por ser minha informante do que acontecia no mundo quando eu estava imersa em processo criativo, confidente das madrugadas, e por ser meu "Setor de Qualidade".

À equipe formada pela *design* Diane Luz e pelos bailarinos Pétala Bulcão e Alan Dantas, responsável por transformar palavras em imagens. Vocês formaram um time imbatível ao demonstrarem tanto talento, beleza e bom gosto.

A todas as minhas amigas leitoras do Brasil e às espalhadas pelo mundo, que lêem meus contos e comentam com tanta propriedade. Agradeço a vocês

por acreditarem no meu trabalho e por serem minhas críticas *online*. Seus comentários, sempre sinceros, me incentivam cada vez mais. Aprendi e aprendo diariamente com todas vocês.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para fazer deste livro uma realidade, seja com atos, pensamentos ou orações.

## Índice

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

*"Tanto de meu estado me acho incerto,  
que em vivo ardor tremendo estou de frio;  
sem causa, juntamente choro e rio;  
o mundo todo abarco e nada aperto.*

*É tudo quanto sinto um desconcerto;  
da alma um fogo me sai, da vista um rio;  
agora espero, agora desconfio,  
agora desvario, agora acerto.*

*Estando em terra, chego ao Céu voando;...  
Se me pergunta alguém por que assim ando,  
respondo que não sei; porém suspeito  
que só porque vos vi,..."*

**Luís de Camões**

## Capítulo 1

Nunca esquecerei aquele dia, cada imagem está gravada na minha mente, os cheiros, as texturas, as cores, as pessoas, tudo. Estava sentada no banco traseiro do carro, olhava pela janela as ruas de Londres, ainda sem acreditar que finalmente aquele dia tão aguardado tinha chegado. Depois de pouco mais de um ano no orfanato, uma família inglesa tinha se interessado em me adotar e eu podia me considerar muito feliz em estar ali, porque eram muito incomuns as adoções na minha idade, e ainda mais incomuns para quem estava a tão pouco tempo naquela instituição.

O mês de dezembro estava particularmente gelado aquele ano, mas eu me sentia bem quentinha usando um casaco rosa e lilás, que eles me presentearam naquela manhã.

De onde estava, via a parte de trás da cabeça de meu novo pai, seu cabelo curto e castanho, e seu pescoço bem coberto pelo casaco preto que ele usava. Olhei para quem estava ao seu lado e vi o cabelo loiro de minha nova mãe, preso num rabo de cavalo; ela usava uma jaqueta de couro marrom, que a fazia parecer, ao mesmo tempo, uma mulher moderna e charmosa. Inesperadamente ela se virou para trás e me olhou, abrindo um sorriso sincero, que eu logo retribuí com outro igualmente feliz e ansioso.

— Nervosa? — perguntou-me.

— Um pouco — respondi, com a voz tremendo ligeiramente.

— Não se preocupe! — ela disse —, seus irmãos estão tão felizes ou até mais do que nós, não é verdade, Charles?

— Sem dúvida! — ele respondeu, animado. — Acho que nem dormiram direito essa noite, de tão excitados que estavam! — completou, me olhando rapidamente pelo retrovisor.

Soltei um suspiro ao ouvir aquilo, pois eu também mal tinha pregado o olho na noite passada, ante a expectativa do que aconteceria pela manhã.

Pouco tempo depois, entramos num bairro bem residencial, onde observei que havia muitas casas, alguns prédios baixos e pouco comércio. O carro foi desacelerando e logo em seguida Charles estacionava o carro em frente a uma casa grande e bonita, de tijolos vermelhos e dois andares.

— Chegamos! — papai disse, abrindo o cinto de segurança e virando-se na minha direção. — Pronta?

Eu estava tão nervosa que não consegui falar, tive medo que, se tentasse dizer alguma coisa, não conseguiria parar de gaguejar, então preferi acenar afirmativamente com a cabeça. Depois, abri a porta do meu lado, saí para a calçada, que estava coberta de neve, e apertei firmemente a alça da mochila que eu carregava com alguns pertences mais pessoais.

Caminhamos em direção à casa da minha nova família, os Harrison. Fui guiada pelas mãos da minha mãe e seguindo o meu pai, que carregava a minha única mala, com o restante das minhas coisas.

Passamos por uma cerca baixa, de metal, e atravessamos o pequeno jardim. Subimos então os poucos degraus da entrada da casa, onde se abriu uma porta bonita e envernizada. Entramos num pequeno vestíbulo, tiramos nossos casacos e os penduramos nos cabides, que estavam presos em uma das paredes da entrada.

— Bem-vinda, minha querida! Esta agora é sua casa — disse, emocionada, Francis, minha nova mãe.

— Vou chamar as crianças, elas devem estar loucas de curiosidade! — comentou Charles, meu novo pai.

Seguimos em direção a uma sala grande e espaçosa, dividida em vários ambientes. Meus olhos captavam tudo ao mesmo tempo: um conjunto de sofá de couro marrom, acompanhado de duas poltronas confortáveis; um enorme tapete com motivos geométricos cobria todo o chão; na parede lateral ao sofá, uma lareira cercada de grades protetoras, e acima desta, mais ao alto na parede, um lindo e grande quadro com moldura dourada, com uma bela paisagem, provavelmente do interior da Inglaterra, um bosque com muitas árvores e um riacho; nas outras paredes, alguns quadros menores, geralmente com os mesmos temas de paisagens ou fotos de família; nas janelas, cortinas brancas e esvoaçantes ajudavam a tornar o ambiente claro e agradável. Percebi também, em locais estratégicos, algumas cantoneiras com pequenos vasos que continham flores variadas. Olhei curiosa ao redor, achando tudo muito bonito e de bom gosto, andamos mais um pouco e paramos no início da escada que dava acesso para o segundo andar.

— Crianças! Estamos aqui — chamou mamãe.

Meu coração batia descompassado, eu estava séria, reflexo do meu nervosismo, e minha mãe percebendo isso me abraçou pelos ombros. Ouvi passos, e em seguida três pares de pernas apareceram correndo acompanhados de três pares de olhos azuis ansiosos.

— Crianças, ela chegou, sua nova irmã chegou! — informou nosso pai.

Primeiro vi duas meninas altas e loiras, que assim que me viram sorriram para mim, e em seguida surgiu um lindo menino de cabelos castanhos, como o de Charles, e com bochechas rosadas. Ele me olhou de forma curiosa, mas estranhamente permaneceu sério, observando-me com atenção. Todos eles usavam calça jeans, camisetas coloridas e meias nos pés; então, ao observar minha própria roupa, não me senti deslocada, praticamente estávamos

usando o mesmo estilo, esportivo e casual. Meu coração, que já batia fora de ritmo, acelerou mais ainda, batia tão forte no peito, que fiquei com medo que pudessem escutar, por isso procurei respirar calma e profundamente, tentando me acalmar. Também tentei ficar imóvel, com medo de que, se andasse, tropeçasse nos meus próprios pés e desse vexame, despencando no chão.

— Marina, estes são seus novos irmãos, Margareth ou Maggie, Catherine ou Cate, e esse garotão é o Daniel ou Dan — apresentou Charles.

— Muito prazer — respondi timidamente.

— Ficamos felizes por você estar aqui, Marina — disse Maggie, que aparentava ser a mais velha.

— Obrigada, também estou — falei, sorrindo um pouco.

Eles me rodearam, observando-me. Foi então que aconteceu. A partir daquele momento e para sempre, quando meus olhos se encontraram com os de Dan, fui atingida por um sentimento muito forte, e naquele instante alguma coisa surgiu dentro de mim. Apesar da minha pouca idade, eu sabia que havia sido plantada a semente de algo especial e único, algo que no futuro eu chamaria de amor. Quando ele veio à escada e eu olhei em seus olhos, o mundo pareceu menor, porque ele se tornou o meu mundo, aquele menino bonito, que me olhava desconfiado, transformou-se no príncipe encantado dos meus sonhos infantis.

— Quer ver seu quarto? — perguntou Cate.

— Sim — respondi baixinho.

Ela pegou minha mão, e nós quatro subimos juntos os degraus. No final da escada, havia um corredor com seis portas, andamos até o final dele e subimos mais um lance, dessa vez menor, que dava acesso a uma única porta. Ao abri-la, entramos no quarto mais lindo que eu já tinha visto, as paredes estavam pintadas num tom de lilás, e os móveis de linhas simples e clássicas eram brancos e faziam um contraste bonito com a suavidade da cor. Na cama, um aconchegante edredom estampado com lindas flores em cores frias combinava com o ambiente, tornando-o muito feminino. Havia também um guarda-roupa, uma estante com alguns livros e uma

mesa com computador. Não conseguia acreditar que tudo aquilo era só para mim e fiquei muda de espanto.

— O que achou? — perguntou Cate, animada. Como eu continuava calada, ela interpretou mal e franziu a testa. — Você não gostou?

Arregalei os olhos.

— Não, adorei, é muito lindo! Isso tudo é só para mim?

— Claro que sim, mamãe e papai capricharam pensando em você — Maggie respondeu. — Experimente sua cama, veja se gosta do colchão.

Sentei na minha nova cama e nem acreditei que estava ali com todos eles. As meninas pareciam muito simpáticas. Achei Maggie muito bonita, alta, magra; com seu cabelo longo e rosto de traços delicados, chamava logo a atenção. Já Cate, apesar de ser loira como a irmã, era mais rechonchuda, tinha o rosto redondo, sardento e com covinhas nas bochechas, porém compensava sua aparência comum, com um sorriso alegre e cativante. Na verdade, ambas, cada uma ao seu modo, lembravam bonecas de porcelana. Até esse momento, Dan estava parado, encostado na porta, e ainda não tinha falado nada, só me observava sério. Então, ele se aproximou de repente, esticou a mão e inesperadamente puxou uma mecha do meu cabelo.

— Ai! — reclamei, me afastando dele.

— Dan, o que é isso? — gritou Maggie, zangada.

— Eu só queria saber se são de verdade — ele respondeu.

— De verdade, como assim? — perguntou Cate.

— O cabelo dela é tão comprido, cheio e cacheado que não parece de verdade. Queria ver se era uma peruca — ele comentou simplesmente.

Naquele momento, eu quis sumir, mas só baixei a cabeça, morrendo de vergonha.

— Dan, deixa de ser retardado, não está vendo que é de verdade? Repara, não, Marina, mas nosso irmão é meio leso, age primeiro e pergunta depois — disse Maggie, e virando-se novamente para ele explicou: — Não é porque todo mundo aqui em casa tem cabelo liso e escorrido que o restante seja falso, certo?

— Pede desculpas — ordenou Cate, zangada.  
— Desculpa — ele murmurou, mal-humorado.  
— Tudo bem — respondi. Meus olhos estavam cheios de lágrimas reprimidas, e eu estava muito triste por aquele menino tão bonito, que mudou o foco do meu mundo, mas parecia não ter gostado de mim.

Nesse momento, chegaram nossos pais, perguntando se estava tudo bem, mas quando eles olharam meus olhos logo perguntaram o que tinha acontecido, e as minhas novas irmãs contaram. Minha mãe ficou uma fera com o Dan, e este foi o início de um padrão que se repetiria por toda a minha infância: eu secretamente adorando o chão que o Dan pisava, ele implicando comigo o tempo todo, minha mãe brigando com ele e meu pai tentando acalmar todo mundo.

Mais tarde, à noite, sozinha em meu quarto, deitada na minha cama, pensei em como minha vida havia mudado em pouco mais de um ano.

Lembrei-me com carinho dos meus pais verdadeiros, filhos de imigrantes brasileiros, motivo pelo qual cresci aprendendo a falar as duas línguas, português e inglês, mesmo tendo nascido em Londres.

O falecimento deles num acidente de carro, cerca de um ano atrás, transformou completamente minha realidade. Senti-me tão sozinha e amedrontada ao saber da tragédia, vi-me subitamente rodeada de estranhos que me diziam coisas incompreensíveis, e teria que abandonar minha casa, meu quarto, meu refúgio, além de mudar de escola, ficando longe dos meus amigos, restando somente as lembranças de uma infância cheia de amor e carinho. Minha família era pequena e, infelizmente, por não termos parentes conhecidos, fui encaminhada para um orfanato, onde fiquei até hoje.

Olhei para o teto, todas as luzes apagadas, mas nunca tive medo de escuro; sentia-me à vontade na escuridão, achava relaxante, nunca fui aquele tipo de criança que na hora de dormir pede à mãe para deixar o abajur ligado ou coisa parecida.

A luz da rua que entrava pela janela iluminava o suficiente para que eu pudesse observar ao redor. Realmente tinha adorado aquele quarto, não só por perceber que havia sido preparado detalhadamente para minha chegada, mas também por finalmente

poder ter um pouco de privacidade, coisa de que havia sentido muita falta, pois num lugar como um orfanato, onde tudo era partilhado por todos, privacidade era luxo inexistente.

Eu reconhecia que, apesar da tragédia que tinha ocorrido em minha vida, ainda podia me considerar uma garota de sorte, pois quantas crianças na mesma situação continuariam indefinidamente naquele lugar, que apesar de ser bem administrado não era o substituto para um lar de verdade? Mesmo consciente disso tudo, senti-me estranhamente melancólica naquela manhã, quando fui levada até a sala da diretora do orfanato, onde Charles e Francis aguardavam ansiosos. Foram-me mostrados meus novos documentos de identificação, e fiquei um pouco chocada ao ver que agora era real e definitivo, a partir daquele dia eu tinha um novo sobrenome que eu usaria pelo resto da vida. Eu sei que não devia me sentir assim, porém foi como se um pedaço de mim tivesse morrido e jazia com meus pais.

Pois a mudança de um nome no papel não muda realmente o que somos, acreditei que esse fato acrescentaria algo valioso em minha identidade, mas eu carregaria para sempre na minha formação o calor de uma cultura tropical, aquele jeito expansivo e comunicativo de meus pais, o cheiro dos temperos quando minha mãe cozinhava, a música que escutávamos, eram tantos detalhes que antes passavam despercebidos e agora me faziam doer o coração ao lembrar; sentia muita falta da sonoridade da língua portuguesa, ouvir e falar português era como sentir uma carícia no ouvido e nas cordas vocais.

E agora, cá estava eu, numa casa grande e bonita, vivendo com uma família inglesa, que, embora me tivesse recebido de braços abertos, ainda era estranha para mim, assim como eu ainda era estranha para ela. Como seria dali para frente? A assistente social que conversou conosco no orfanato nos explicou sobre um período de adaptação que viveríamos no início, o que poderia ser uma fase desafiadora, mas que, se todos estivessem dispostos a concessões quando necessário, sempre respeitando os limites de cada um, teria sucesso quase garantido.

Sacudi a cabeça, tentando não continuar pensando nisso. Não importava aonde fosse ou que nome usasse, eu ainda era Marina, inglesa de nascimento, brasileira de coração.

Embora ainda estivesse agitada diante de tantas novidades, lentamente senti meus olhos pesados e, sem sentir, adormeci profundamente.

Na manhã seguinte, acordei, abri os olhos e me espreguicei devagar na cama macia e fofo. Olhei ao redor, ainda sem acreditar que aquela nova vida tinha realmente começado, mas estava impaciente para saber como seria nossa primeira manhã em família. Joguei o cobertor para o lado, me levantei, abri a porta do quarto e percebi que o corredor estava silencioso e tranquilo. Fui até o banheiro para fazer minha higiene matinal e, assim que terminei, desci para tomar o café da manhã e só encontrei meu pai na cozinha.

— Bom dia, acordou cedo — disse, assim que me viu.

— Gosto de acordar cedo — respondi, e ele me olhou, surpreso.

— Verdade? Então, finalmente alguém nessa família, além de mim, tem esse hábito — comentou, brincalhão. — Seus irmãos estão aproveitando as férias para dormirem mais um pouco. — Eu apenas sorri levemente.

— O que vai querer? — perguntou, abrindo a geladeira. — Temos suco, leite, pão, queijo, geleia e cereal.

— Suco, pão e queijo estão ótimos para mim. Obrigada.

Ele foi colocando tudo na mesa.

— Sirva-se à vontade, agora esta é sua casa também, o que inclui a geladeira. — Deu uma piscadela para mim, e eu sorri para ele.

Gostei muito daquele novo pai, ele me deixava sempre à vontade.

Nós dois comemos em silêncio, ambos lendo o jornal. Enquanto ele se fixava nas notícias nacionais e internacionais, eu pegava o caderno com histórias em quadrinhos e de entretenimento. Esse padrão, que começou ali naquele dia, duraria por muitos anos,

nos tornamos companheiros matinais, pois adorávamos comer aproveitando o silêncio da manhã, desfrutando dos poucos momentos de tranquilidade, antes de toda a família chegar fazendo barulho. Porque, como logo percebi, se tem uma coisa que os Harrison faziam era falar, falar pelos cotovelos, verdadeiras metralhadoras verbais, e eu me tornei a Harrison comedida, e meu pai adorou esse meu jeito.

— Qual a idade dos meus irmãos? — perguntei.

— Maggie tem 14, Cate 13, e Dan 11 — respondeu automaticamente, sem tirar os olhos do jornal.

— Então, agora sou a caçula? — retruquei, depois de pensar durante um tempo, já que eu tinha oito anos.

— Sim, você é nossa nova caçulinha, e isso vai ser muito bom pro Dan, sabe? — ele respondeu, erguendo a cabeça um pouco. — Ele já estava ficando muito mimado.

Enquanto acabava de comer, fiquei ruminando aquela informação, então talvez fosse esse o motivo para o Dan ter sido o único a me receber tão friamente. Talvez ele estivesse com ciúme de ter perdido sua posição de filho caçula, e fiquei preocupada.

Depois de papai sair para trabalhar, começaram as atividades normais da casa. Eram férias de inverno e o frio era intenso, a neve caía lá fora, e passamos o dia brincando dentro de casa e vendo TV. De tarde, mamãe preparou um delicioso chocolate quente acompanhado dos típicos biscoitinhos de gengibre.

— Quer jogar damas, Cate? — perguntou Dan, ainda de boca cheia.

— Ah, hoje não, estou louca para acabar de ler essa história — ela resmungou, enfiando a cabeça no livro à sua frente.

Dan se virou para Maggie, mas ela tinha acabado de atender uma ligação e estava ao telefone, conversando animadamente com uma amiga. Ele olhou rapidamente para mim e depois baixou os olhos, carrancudo.

Fiquei indecisa, se me oferecia para brincar com ele, mas por fim resolvi ser corajosa.

— Sei jogar, se você quiser brincar comigo.

Ele me olhou surpreso por um momento e, depois, sacudindo os ombros, respondeu:

— Pode ser.

Sentamos de pernas cruzadas no carpete da sala, de frente um para outro, com o tabuleiro entre nós. Aquela foi uma ótima oportunidade de poder olhá-lo mais de perto, sem parecer literalmente enfeitiçada por ele. Observei seu cabelo liso e cheio, que caía numa franja grossa em sua testa pequena, enquanto as sobrancelhas faziam um arco perfeito sobre seus olhos azuis. Reparei que ele tinha cílios cheios e longos, na verdade os cílios mais compridos que já havia visto em um homem até então – para matar qualquer mulher de inveja. Continuei a observá-lo: suas bochechas eram altas e bem marcadas, traço que tornava seu rosto bem masculino, e continuando minha exploração visual cheguei numa boca rosada e perfeita, que não era nem grande nem pequena demais. Não sei por que, mas achei que o formato de seus lábios lembrava um morango, com aquele lábio inferior ligeiramente mais gordinho e carnudo. Descendo mais o olhar, cheguei ao queixo fino, talvez um pouco fino demais, mas que combinava com o restante de seus traços e criava um equilíbrio nas suas formas.

Sem graça, percebi que tinha parado de jogar, para ficar encarando-o, e tratei logo de voltar a olhar para o tabuleiro, procurando disfarçar e me concentrar na minha primeira jogada.

Modéstia à parte, eu jogava bem, porém facilitei para que ele ganhasse a primeira partida. Não achei muito sábio humilhar, logo de cara, alguém que poderia me achar uma possível rival de sua posição na família.

Seguiu-se, então, uma sucessão de partidas, e percebi que ele também era bom jogador. Em determinado momento, quando me concentrava num possível movimento, ergui os olhos de repente e peguei-o desprevenido, olhando-me atentamente; ele procurou disfarçar fechando a cara e baixando os olhos para o jogo, mas em seguida disse, baixinho:

— Gosto dos seus olhos.

— Meus olhos? — perguntei surpresa e confusa.

— Sim, são diferentes — ele respondeu, mordendo os lábios.

— Como assim? — quis saber, erguendo uma sobrancelha.

— Ah, todos aqui em casa têm olhos azuis, então é bom ter uma cor diferente para variar — ele respondeu, corando e sacudindo os ombros.

— Acho tão comum, de onde vim a maioria tem olhos castanhos — comentei, dando de ombros.

Ele ergueu o rosto e olhou pra mim com atenção.

— Abre bem os olhos.

Franzi a testa, achando aquele pedido muito estranho, mas acabei atendendo.

— Mas eles são claros, meio dourados, mais para mel — disse, e enquanto ele analisava, pisquei os olhos, nervosa, não estava acostumada a um menino me olhar tão de perto, ainda mais aquele.

Por fim, resolvi olhar também nos olhos dele e suspirei, ao mergulhar num mar azul. Encaramo-nos, olhos nos olhos, e novamente senti aquela doce emoção que percebi quando nos vimos pela primeira vez, aquela mistura de suave espanto, misteriosa fascinação e magnetismo inexplicável. E, junto com essas emoções, vinha uma sensação de vergonha e culpa. Alguma coisa estava errada, não deveria desenvolver esses sentimentos. Não por ele. Eu o fitava, sem saber se ele poderia estar se sentindo da mesma forma, pois sua expressão era indecifrável, talvez um pouco tensa, pela maneira como ele contraía a mandíbula. De repente, Dan fechou os olhos e declarou, firmemente:

— Cansei de jogar. — E, para minha surpresa, começou a recolher as peças do jogo, levantando-se em seguida.

Pouco depois, nossa mãe apareceu na porta, usando um avental um pouco sujo de farinha, pelo jeito estava fazendo mais alguma receita.

— Dan, por que não chama sua irmã para ver TV no seu quarto com você? — ela sugeriu.

— Por que eu ia querer a Maggie ou a Cate lá? — ele rebateu, mal-humorado.

— Estava me referindo à Marina, afinal vocês têm quase a mesma idade.

— Ah! — exclamou sem graça, dando-se conta do furo.

— Não, mãe — disse apressada, antes que ele respondesse, já me pondo de pé. — Acho que vou para o meu quarto escutar música. — E reparei no alívio evidente no rosto do Dan quando falei aquilo.

— Então, está bem — mamãe disse, saindo em seguida, provavelmente voltando para a cozinha.

Corri para o meu quarto, passando direto por Dan, mas evitei olhá-lo. Lá chegando, entrei esbaforida, fechei a porta respirando fundo e coloquei a mão no peito, como se dessa forma pudesse conter aquela estranha sensação de abandono.

## Capítulo 2

O Natal foi uma ocasião maravilhosa e assustadora. Maravilhosa porque seria o meu primeiro num lar de verdade, e assustadora porque eu seria oficialmente apresentada a toda a família, leiam-se então avós, tios, primos e até um tio-avô completamente surdo.

Até hoje me lembro do meu vestido de veludo, que foi escolhido cuidadosamente para a ocasião, num tom de vermelho-escuro, quase vinho, mangas compridas e gola branca de renda. Lembro-me de Maggie e Cate arrumando meu cabelo e colocando uma fita da mesma cor do vestido.

Mas, quando chegou a hora de aparecer, quem disse que eu saía do quarto? Nenhum argumento foi forte o suficiente para me fazer mudar de ideia. Travei completamente, estava apavorada demais, imaginando ter de encarar um monte de adultos e crianças estranhas e respondendo a perguntas inconvenientes. E se não gostassem de mim? Se me achassem diferente ou até esquisita? Fiquei deitada na minha cama, de costas para a porta, vendo a neve cair pela janela, ouvindo os convidados chegando lá em baixo, enquanto lágrimas silenciosas rolavam por minha face.

Estava me sentindo péssima, meus pais estavam muito empolgados por terem essa oportunidade de me apresentar, durante aquela semana gastaram um tempo enorme com os preparativos e convites. De verdade eu queria poder agradar a eles, mas não conseguia, tremia de medo só de me imaginar naquela situação. E então, além de apavorada, também estava triste por decepcioná-los daquela forma.

Estava assim, mergulhada em minha pequena tragédia pessoal, quando ouvi a porta do quarto abrir e fechar; automaticamente fiquei alerta, mas não me virei, só escondi o rosto no travesseiro.

— Você não vai descer mesmo? — alguém disse bem baixinho atrás de mim. Assim que reconheci o dono daquela voz, virei-me

abruptamente, sentando-me, em seguida olhei e confirmei: era ele, Dan.

Não conseguia falar, só mexi com a cabeça de um lado para o outro, em resposta negativa, e ele suspirou.

Ele usava um pulôver de lã do mesmo tom dos seus olhos e uma calça comprida escura. O cabelo, surpreendentemente, estava bem penteado, cheio de gel, e imaginei que somente à minha mãe poderia ser creditado aquele milagre. Aos meus olhos, ele se parecia mais com um príncipe do que nunca, e o olhava completamente abobalhada.

— Por quê? — ele perguntou.

Eu estava tão distraída, admirando-o, que esqueci o que ele tinha me perguntado.

— Por que o quê? — perguntei também, sentindo-me muito estúpida.

— Por que você não vai descer? — repetiu pacientemente.

Olhei para ele, para seu rosto, procurando por algum sinal de malícia ou gozação, mas só encontrei calma e sinceridade.

— Estou com medo — disse por fim.

Ele continuou me olhando com curiosidade e começou a se mover, caminhando em direção à janela e ficando de costas para mim.

— Às vezes eu também tenho medo — falou, depois de dar um suspiro.

— Verdade? — perguntei surpresa, enquanto fungava o nariz.

— Sim, pessoas me olhando sempre me deixam nervoso. — Ficamos um momento em silêncio, até que ele se virou para mim de novo, com o rosto sério. — Você quer saber o que eu faço quando me sinto assim?

— Sim — respondi baixinho.

Ele deu alguns passos, aproximando-se, e se sentou na beirada da minha cama.

— Eu conto, mas você tem que me prometer nunca dizer isso para ninguém, promete?

Ele perguntou aquilo olhando firmemente dentro dos meus olhos, demonstrando que iria fazer uma revelação importante.

— Prometo — respondi curiosa, aguardando o que viria.

— Certo. Esse vai ser o nosso segredo! — Em seguida, ele coçou a cabeça, parecendo indeciso sobre como começar. — Bem, pode parecer meio estranho a princípio, mas quando estou assim, nervoso, ou com medo de enfrentar um monte de gente desconhecida, fecho os meus olhos e me imagino num palco vazio, como se fosse um teatro e estivesse ali para atuar, para representar uma cena ou para dizer um texto. Não tem ninguém na plateia, então posso ser o que quiser naquele momento, posso dizer o que quiser, porque eu sei que tenho um lugar onde estou protegido, onde não tem ninguém para me julgar. Então, quando imagino isso, fico mais calmo e faço o que tenho de fazer.

Depois de ouvi-lo, fiquei refletindo por um tempo sobre o que ele havia me falado, e achei muito interessante como Daniel tinha criado esse refúgio dentro dele mesmo.

— Que tal, você quer tentar? — perguntou, um pouco inseguro.

— Tentar o quê? — eu disse, piscando os olhos repetidas vezes.

— Fechar os olhos e fazer de conta que está num palco, talvez isso ajude você também a se acalmar.

Olhei para Dan indecisa. Ele, provavelmente, percebendo meu dilema, sorriu para mim, um sorriso tão lindo e tão doce que me desarmou completamente. Foi a primeira vez que ele sorriu só para mim, e foi esse seu gesto espontâneo que me fez decidir.

— *OK*. Vou tentar.

Sentei-me mais reta na cama, fechei os olhos, respirei profundamente e procurei visualizar o que ele tinha dito. Aos poucos senti que relaxava, e no final estava me sentindo até um pouco sonolenta. Abri os olhos ao sentir uma mão no meu ombro.

— Funcionou? — perguntou tranquilo, e agora era eu que sorria para ele.

— Acho que sim — murmurei.

— Então... você desce comigo? Prometo que fico do seu lado o tempo todo. — Ao ouvir aquilo, senti meu coração batendo mais forte, com a força da minha emoção.

— O tempo todo, promete mesmo? — Eu não conseguia acreditar.

— Prometo. — Ele se levantou da cama e estendeu a mão para mim. — Vamos?

Olhei para aquela mão e estendi a minha, que ele agarrou com firmeza, puxando-me para que ficássemos de pé.

— Essa é minha cor favorita — ele disse, apontando para o meu vestido, e senti que corava imediatamente.

— Sabe, acho que você poderia ser um ator — falei, enquanto caminhávamos em direção à porta.

— Ator? — questionou, surpreso — Por que diz isso?

— Não sei, mas quando você disse que se imagina num palco ou num teatro, tive essa impressão. Acho que você leva jeito, pense nisso.

— Hum... quem sabe? — ele disse sacudindo os ombros.

Ao sair do quarto com ele ao meu lado, só não tive coragem de revelar uma coisa: quando fechei os olhos e visualizei o palco, não me imaginei sozinha, me imaginei com ele.

Aquele Natal foi meu rito de passagem na família Harrison. Depois desse evento, eu podia me considerar um membro da família de fato. E, desse dia em diante, entrei de cabeça no estilo de vida deles, que aos poucos se tornou o meu também.

Seguindo uma tradição de família, fui matriculada em uma escola feminina. Achei um pouco diferente a princípio, mas logo me adaptei àquela nova realidade e fiz algumas amigas, enquanto Dan, Cate e Maggie, como eram mais velhos, frequentavam a mesma escola mista.

O tempo passava, e à medida que a vida seguia seu curso os meses transformavam-se em anos, com uma sucessão de acontecimentos normais na vida de qualquer família; formaturas, aniversários, apresentações escolares e extracurriculares, recitais de música e dança, além de férias, viagens e tantas outras atividades de que uma família de classe média podia usufruir.

Sendo meu pai chefe do setor de contabilidade de uma grande empresa mineradora e minha mãe administradora hospitalar, não

éramos ricos, contudo usufruíamos de um padrão de vida confortável, o que nos permitia poder estudar em boas escolas. E, com base em nossas aptidões individuais, desenvolvíamos nossos talentos ao frequentarmos aulas de piano, violão e dança. Assim como também praticávamos diferentes tipos de esporte, como natação, futebol e tênis.

Os anos passam rápido quando se está feliz, e eu tinha a impressão de que tinha piscado os olhos e já estava mais velha. E, naquele ano, ao completar 11 anos, quase podia sentir o cheiro de mudança no ar, a começar pela escola: finalmente eu ia sair da escola feminina e ia para uma mista, a mesma onde Dan estudava.

Eram férias de verão, e como toda boa londrina eu aproveitava o sol deitada numa toalha no gramado do quintal, atrás da nossa casa; na verdade me sentia como se estivesse bebendo o sol, através da pele, de tão boa que era a sensação, afinal, num país que chove tantos dias ao ano, aquela estação era uma festa. Eu vestia uma camiseta branca sem mangas, um *short* florido e curtinho e passava, feliz, meus pés descalços na grama, enquanto lia um livro.

Mamãe e papai não estavam em casa, pois já haviam ido trabalhar, Maggie tinha saído para ensaiar no coral do qual fazia parte e Cate tinha viajado para um acampamento de férias por duas semanas.

Olhei para o céu e, pela posição do sol, devia ser quase meio-dia. Estava com fome, então me levantei e fui até a cozinha, pensando em preparar algo rápido. Abri a despensa, dei uma olhada e decidi fazer um sanduíche de atum com bastante recheio, pois sabia que logo Dan chegaria da aula de piano e com certeza muito faminto. Preparei uma jarra de limonada geladinha e coloquei na geladeira. Montei meu sanduíche com pão integral com passas, que era o meu favorito, coloquei também alface, tomate e bastante pasta de atum com maionese, me servi com um copo de limonada e sentei à mesa da cozinha. Tinha acabado de dar a primeira mordida quando ouvi a porta da sala bater, e em segundos um Dan suado apareceu.

— Que calor está fazendo lá fora! — exclamou, enxugando a testa molhada de suor. — Oba! Tem para mim também? — perguntou, assim que me viu comendo. Como eu estivesse de boca cheia, apenas aponteí na direção da pia onde eu tinha deixado tudo. Ele já ia pegar o saco de pão quando consegui falar.

— Espere aí porquinho, não se esqueceu de nada, não? — Ele se virou para mim de testa franzida.

— O quê? — perguntou, irritado.

— Primeiro princípio básico de higiene, lavar as mãos antes de comer — expliquei calmamente, antes de dar mais uma mordida no meu sanduíche.

— Ih, lá vem você dar uma de mamãezinha! — falou, virando os olhos.

— Faça como achar melhor, mas o risco é todo seu — falei, indiferente.

Ele pensou por um momento, mas acabou cedendo, indo até a pia e pegando o detergente. Ao terminar, enxugou as mãos na toalha e virou-se para mim mostrando os dedos.

— Satisfeita, “mamãe”? — perguntou, de forma debochada, e eu dei uma olhada rápida.

— Serve, mas você está precisando cortar as unhas. — Ao ouvir aquilo, ele me mostrou a língua e eu acabei rindo.

— Estou morto de sede — disse abrindo a geladeira e pegando a limonada; bebeu um copo de uma só vez.

Ele olhou para o pacote de pão integral e fez cara de nojo.

— Não tem pão “normal”, não?

— Tem na despensa — respondi.

— Não sei como você aguenta comer essa coisa com passas, eca! — disse, fazendo uma careta.

— Deixa de ser ingrato, quem foi que preparou tudo? E é melhor do que aquele monte de lanche gorduroso que você costuma comer por aí.

— Imagina! — disse, fingindo-se de ofendido. — Se você quer saber, eu tenho é um paladar muito exigente!

— Claro! — retruquei, concordando com a cabeça. — Sorvete e batata frita fazem de você um verdadeiro *gourmet*!

Ele se sentou na minha frente e, embora eu tivesse começado a comer primeiro, terminamos juntos. Levantei-me, lavei meu prato e copo e fui para o quintal.

Já tinha voltado para minha leitura, quando Dan apareceu usando só uma bermuda, segurando o MP4, e estendeu uma toalha ao meu lado. Dan tinha crescido muito nos últimos anos, estava bem alto para a idade, mas era magro e desengonçado, com uma brancura que assustava até fantasma.

— Se eu fosse você colocava protetor solar — comentei, observando-o rapidamente, antes de voltar a ler meu livro.

— Ah, não começa de novo, não! — disse, chateado.

— Tá bom, tá bom, não está mais aqui quem falou.

Ele deitou-se na toalha e, depois de um momento, esticou o braço.

— Coloca o seu braço ao lado do meu.

Levantei meu braço, fazendo o que ele tinha pedido, e era chocante o contraste do meu bronzeado com a sua cor.

— Nossa! Como você conseguiu ficar com esse tom tão rápido?

— DNA — respondi. — 100% DNA brasileiro nas células.

— Sorte sua — ele disse, sorrindo. — Já eu, no máximo viro uma lagosta! Pensando bem, vou passar o protetor — falou, pegando a embalagem do meu lado e passando uma generosa quantidade no peito, nos braços e no rosto.

— Passa nas costas para mim?

— Ai, a exploração não tem fim, não? — perguntei um pouco aborrecida, tentando disfarçar.

— Você que deu a ideia — disse, estendendo o protetor para mim.

— *OK* — concordei com tédio na voz.

Joguei o livro de lado, peguei o protetor, coloquei uma boa quantidade nas mãos e comecei a espalhar.

Fazia um bom tempo que eu não pensava nos meus sentimentos pelo Dan; não que eles tivessem diminuído, muito pelo contrário, sentia aumentá-los de ano para ano, mas procurava me distrair ao máximo, fugindo da tortura daquela atração proibida. Só que, em momentos como aquele, ficava muito difícil resistir à onda

de emoção que eu sentia em poder tocá-lo, mesmo por um motivo tão inocente. Procurei prolongar a experiência espalhando o creme bem devagar.

— Hum, isso é tão bom — comentou, suspirando.

— Você se parece com aqueles gatos que ficam ronronando quando a gente faz carinho neles — brinquei, vendo a cara satisfeita dele. — Pronto, acabei.

Depois ficamos ali juntos, curtindo a tarde, cada um fazendo o que gostava.

Algumas horas depois, comecei a sentir uma dor incômoda na barriga, era uma dor estranha, não me lembrava de ter sentido aquilo antes, por isso procurei mudar de posição, mas não melhorava. Talvez a combinação de sanduíche e calor não tivesse me caído muito bem.

— Dan — chamei, mas ele estava de olhos fechados ouvindo música, então toquei seu braço.

— O que foi? — perguntou, abrindo os olhos.

— Vou subir e tomar um banho. Não estou muito legal — disse, colocando a mão na barriga.

— O que você tem? — quis saber, preocupado.

— Não sei, acho que foi o sanduíche — respondi, já me levantando.

— Toma algum remédio — sugeriu.

— Boa ideia.

Entrei e fui direto para o chuveiro. A sensação da água fria no meu corpo quente era agradável, me ensaboei, lavei o cabelo e estava acabando de tirar o excesso de condicionador quando, distraída, olhei para baixo e vi o chão vermelho. Por um momento, pensei que pudesse ter me cortado com alguma coisa sem perceber, mas, examinando melhor, vi que o sangue saía do meio das minhas pernas, então a ficha caiu.

“Fiquei menstruada!”, pensei, agitada; agora eu entendia que aquela dor era das temidas cólicas.

Saí do boxe e me enrolei na toalha, pensando no que fazer primeiro. Comecei a procurar por um absorvente no armário do banheiro e não achei nada. E agora? Tinha medo de sair andando

pela casa, sujando tudo. Ai, por que isso foi acontecer logo agora, que não tinha nenhuma outra mulher em casa? Se bem que esses assuntos não eram novidade para o Dan, crescendo rodeado de mulheres isso era tema banal. Não teve jeito, abri a janelinha do banheiro e gritei seu nome, porém ele não respondeu.

— Droga, os malditos fones! — lembrei.

Peguei no armário um rolo de papel higiênico, mirei e arremessei-o pela janela, caindo bem em cima do peito dele, fazendo-o olhar para cima, assustado.

— Vem aqui, correndo! — gritei para ele, e um minuto depois batia na porta.

— Está tudo bem aí? — perguntou, agitado.

— Mais ou menos — respondi nervosa.

— Ainda está passando mal?

— Mais ou menos.

— Quer parar de ficar respondendo mais ou menos e dizer o que está acontecendo?!

Respirei fundo:

— Preciso que você me faça um favor.

— O quê?

Fechei os olhos, ainda mais nervosa.

— Preciso que você pegue um absorvente para mim! — falei rápido.

— Marina, repete que eu não entendi nada.

— Preciso que você pegue um absorvente para mim — repeti pausadamente, e seguiu-se um profundo silêncio. Já estava achando que ele tinha fugido, quando ouvi sua voz:

— Isso quer dizer que aquela dor era... — parou sugestivamente.

— Sim — respondi rápido.

— Então, você ficou... — outra pausa sugestiva.

— Sim — respondi, num fio de voz.

— Caramba! — exclamou, nem eu teria dito melhor. — Mas não tem o que você precisa aí, não?

Agora eu estava perdendo a paciência.

— Você acha que, se tivesse, estaria pagando esse mico, te chamando aqui?

- *OK*, fica calma, onde posso achar?
- Qualquer lugar no quarto das meninas, rápido!
- Estou indo! — Ouvi os passos dele se afastando.

Depois de certo tempo, que para mim pareceram horas, escutei uma batidinha na porta, abri uma fresta, e lá estava ele, com a cara vermelha e estendendo uma caixa para mim.

- Achei no quarto da Maggie, estava escondidíssimo!
- Ah, obrigada! — peguei e fechei a porta correndo, mas assim que li o rótulo chamei ele de novo.

- Dan!
- O que foi agora?
- Esse não serve para mim.
- Por quê?
- Porque... porque não é do tamanho certo. — Eu queria morrer!

- Tamanho... como assim?
- Isso aqui é tamanho super. — Outro silêncio embaraçoso.
- Essa porcaria tem tamanhos diferentes?
- Claro que tem!
- E agora? — perguntou, e pensei por um momento.
- Vou precisar que você me faça outro favor, dessa vez dos grandes — falei nervosa. Ouvi um longo suspiro.
- Eu sei que vou me arrepender de perguntar, mas lá vai, qual?

- Você pode ir à farmácia para mim?
- Você só pode estar brincando! — berrou, do outro lado da porta.

— Por favor, Dan, por favor! Eu não tenho mais ninguém agora, por favor, fico te devendo para o resto da vida! — falei desesperada.

- Ai, meu santinho! Hoje não é meu dia!
- Olha, tenho uma ideia. Você pega um xampu ou um desodorante, só para disfarçar, e coloca o absorvente junto, ninguém vai reparar.

Seguiu-se um momento de silêncio, no entanto eu quase podia imaginar as engrenagens do cérebro dele girando, pensando se

devia ou não ir.

— Tudo bem, eu me rendo, mas qual o tamanho certo?

— O menor que você achar! — respondi aliviada.

— Já volto!

Fiquei aguardando, andando de um lado para o outro, então finalmente o ouvi chegar.

— Pronto, está aqui!

Abri a porta, peguei a caixa e li a palavra mini.

— Perfeito! Fico te devendo essa! — gritei, fechando a porta.

— Com certeza você me deve!

Agora, vinha a outra parte complicada, colocar o bendito absorvente interno, e minhas mãos tremiam. Li as instruções atentamente e, depois de duas tentativas frustradas, fiz o gol. Depois me vesti rápido e coloquei um vestidinho fresco, curto e soltinho.

— Dan! — chamei do corredor.

— Estou aqui! — A voz vinha do quarto dele, e corri para lá.

Ele estava deitado na cama, com o ventilador de teto no máximo, me aproximei e num impulso o abracei, deitando do seu lado. Ele ficou imóvel.

— Obrigada — falei, com a voz trêmula, depois senti uma mão nos meus cabelos. Não sei o motivo, mas o gesto dele me fez começar a chorar.

— Você está chorando? — perguntou, surpreso, mas não respondi e só o abracei mais forte.

— Ah, vocês, mulheres, são tão complicadas... — disse, e senti que me abraçava também, passando a mão nas minhas costas, procurando me acalmar. Depois que extravasei o estresse com o choro, enxuguei os olhos, olhei para ele e sorri.

— Obrigada, você foi incrível!

— *OK*, só me prometa nunca mais me pedir para fazer algo assim — declarou com firmeza.

— Nem precisa falar! Estou te incomodando, ficando aqui? — Afinal, era uma cama de solteiro.

— Não. — Ele parecia meio indeciso sobre sua resposta.

— Vou virar, acho que pode ficar mais confortável. — Fiquei de costas para ele, no estilo conchinha. — Melhor?

— Acho que sim. Eu estava pensando, será que a Maggie não é mais virgem?

— Que ideia é essa? — Fiquei espantada com a pergunta dele.

— Ah, você não disse que o absorvente da Maggie era tamanho super? Segui a lógica, você usa mini, ela usa o grandão, então...

— Então, você tira logo conclusões apressadas. Pode ser apenas uma diferença fisiológica, ela é tão mais alta que eu.

— É, você pode estar certa, mas é que ela vive se agarrando com aquele namorado dela, então quem sabe?

— Eu é que não vou perguntar — comentei, encerrando o assunto.

Senti que a mão dele tinha voltado para o meu cabelo, fazendo uma carícia suave, depois Dan me cheirou rapidamente atrás da orelha, provocando arrepios.

— Você cheira igual a um *muffin*.

— *Muffin*? — perguntei, rindo.

— Sabe quando a mamãe faz *muffins*, no final de semana, e a casa se enche com o cheiro de baunilha? Seu cheiro é parecido, meio docinho, sem ser enjoativo. — Ele voltou a cheirar bem rapidinho e se afastou. — Sim, definitivamente baunilha.

— Baunilha é bom? — perguntei, curiosa, e ele demorou a responder.

— Muito bom — disse por fim.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas abri os olhos assustada e percebi que tínhamos adormecido. Estava escuro, anoitecia lá fora. Enquanto dormíamos, mudamos de posição, estávamos deitados de lado, um de frente para o outro, minhas mãos pousadas em seu peito, minha perna direita presa entre as pernas dele. Olhei seu rosto, e ele devia estar tendo um sonho bom, pois sorria levemente. Sorri, também respirando fundo, sentindo seu cheiro. Se eu era baunilha, ele era chocolate com pimenta, doce, forte, picante, tudo ao mesmo tempo.

Mexi minha perna, e foi aí que senti algo diferente através da sua bermuda; tentei puxar a perna, mas o efeito foi pior. O que fazer quando seu tão suposto “irmão” está tendo uma reação íntima tão próxima a você? Dei um puxão mais firme com a perna, sem sucesso, e só para complicar a situação, mesmo dormindo ele me segurou pelos quadris, me apertando mais contra sua virilha. Comecei a pensar que logo nossos pais estariam chegando e ia ser mais difícil disfarçar essa situação; não teve jeito, tive que acordá-lo. Comecei chamando baixinho, para não assustá-lo, mas ele estava num sono profundo, então sacudi seu peito. Ele despertou devagar e me olhou parecendo não entender onde estava, porém em seguida arregalou os olhos. Ao perceber o que estava acontecendo, ele me soltou tão rápido que perdeu o equilíbrio, caindo da cama.

— Você está bem? — perguntei, e ele não respondeu, parecendo muito perturbado. Levantou-se e virou de costas pra mim.

— Marina, vá para o seu quarto! — falou, curto e grosso. — Agora!

Pulei rápido da cama e saí, andando com as pernas bambas.

Entrei em meu quarto tremendo, sem saber o que pensar, sentindo uma mistura de sentimentos dentro de mim: primeiramente culpa, por ser muito jovem e não conhecer bem a dinâmica do que havia presenciado. Pensei que de alguma forma eu podia ter feito algo errado, provocando aquela situação embaraçosa, mas ao mesmo tempo um instinto natural e muito feminino me dizia que eu não tinha do que me envergonhar, pois estava apenas lidando com uma simples casualidade, com algo que muitos chamam de fatos da vida. Respirei fundo, tentando me acalmar, e sentei na minha cama refletindo sobre o que havia acontecido.

Estávamos crescendo, nossos corpos iniciavam aquele famoso processo de mudança, conhecido como puberdade, e mais do que nunca comprovei que o Dan infantil que eu conheci estava mudando, uma sexualidade ainda superficial tinha começado, porém já forte o bastante para provocar reações inesperadas.

E eu senti que não era só ele que passava por transformações, eu também começava a sentir algo forte e diferente em meu corpo,

algo novo e muito poderoso. Lembrei-me de todas as minhas reações ao tocá-lo aquele dia, e também ao ser tocada por ele comparei com o que vinha sentindo até o momento, percebendo que algo diferente, muito diferente, algo maior, em crescimento, algo assombroso estava aflorando dentro de mim.

Depois daquele episódio, ele passou a evitar ficar sozinho comigo, na verdade passamos a ter o mínimo de contato físico possível.

Naquela tarde, tínhamos atravessado um portal, o portal que separava a infância da adolescência, um caminho sem retorno.

Agora, mais um componente poderoso tinha se unido de forma definitiva à química do meu amor, uma forte atração física. Naquele crepúsculo, morreu o meu amor de menina, e como a noite que surgia nasceu o meu amor de mulher.

## Capítulo 3

Último fim de semana antes de começar mais um período letivo, uma mistura de ansiedade, nervosismo e melancolia me invadiu, pois as férias acabavam e segunda-feira, além de recomeçarem as aulas, eu estaria numa escola nova, com novos professores e novas amizades, pelo menos assim eu esperava.

Era manhã de sábado. Papai lavava o carro lá fora, e eu estava arrumando meu quarto quando escutei mamãe me chamando. Encontrei-a na lavanderia, tirando as roupas da máquina de lavar e colocando-as na secadora.

— Chamou, mãe?

— Sim, querida — disse, enquanto parava o que estava fazendo, e se virando para mim passou a mão no rosto, tirando o suor. — Por favor, eu me esqueci de pegar a roupa do Dan para lavar e ele não me escuta com aqueles fones no ouvido o tempo todo, você faria o favor de pedir para ele trazer aqui?

— Claro.

— Obrigada, meu bem.

Subi as escadas e bati na porta do quarto dele. Desde o dia do fatídico episódio não ia mais lá, por isso me sentia um pouco desconfortável agora. Ele não atendeu, por isso bati de novo. Nada.

— Droga! — Comecei a literalmente socar a porta, com as duas mãos.

— Que foi? O mundo acabou? — ele disse, abrindo de supetão, mas foi tão rápido que não tive tempo de parar, perdi o equilíbrio indo com toda a força em cima dele. Caímos os dois no chão do quarto, comigo por cima.

— Caramba, Marina! Ficou maluca? — perguntou, zangado.

— A culpa é sua! Você nunca tira essa porcaria do ouvido! — respondi, irritada.

— Puxa, começaram os amassos e nem para me chamar, meu chapa! — Ouvimos uma voz dizer da porta.

Levantei como um raio, ergui os olhos e deparei com o sorriso cínico de Lance Brown, o melhor amigo do Dan, que estava encostado no umbral.

Pelo que eu sabia, Dan e Lance eram amigos desde o jardim de infância e sempre aprontavam alguma coisa juntos. Eu até achava bem natural esse comportamento, já que Dan não tinha um irmão para companheiro de brincadeiras, porém eu e Lance tivemos o que se chama de antipatia imediata um pelo outro. Desde o início achei suas piadinhas irritantes, e seu modo de agir, quase promíscuo, pois se tinha algo de que Lance Brown gostava, e muito, eram garotas, e esse era mais um motivo para eu nunca “baixar a guarda” com ele.

Ao fitá-lo, agora friamente, reparei que ele e Dan estavam praticamente com a mesma altura e peso, mas diferente de Dan seu cabelo liso era castanho-escuro e seus olhos eram de um tom de azul tão escuro que chegavam quase à cor violeta, formando um belo contraste com a pele clara. Infelizmente era obrigada a afirmar, Lance era muito bonito, mais que isso, extremamente másculo, aquele tipo de cara que, quando passa, faz as garotas suspirarem. O pior disso tudo é que ele tinha consciência desse seu estranho poder de atração e o usava sem piedade.

— Você tem uma mente poluída, sabia? — rebati.

— Bom dia para você também, Marina! — respondeu, com aquele sorriso irritante.

— Oi, cara, bom te ver, voltou quando? — recebeu-o Dan, sorrindo. Nem tinha se abalado, já estava acostumado com as besteiras do Lance.

— Acabei de chegar, encontrei seu pai lá fora e ele me disse que podia entrar. Mas, se eu soubesse que ia interromper um momento tão “delicado”, não tinha vindo sem me anunciar primeiro.

Ignorando o idiota, me virei para o Dan, passando o recado da mamãe:

— Mamãe está pedindo sua roupa suja.

Sem dizer nada, ele começou a recolher todas as roupas espalhadas pelo quarto, que não eram poucas, e pegou mais algumas dentro do guarda-roupa.

— Pronto, pode levar — disse, parando na minha frente, estendendo-me toda aquela enorme trouxa de roupa suja.

— Por acaso tenho cara de empregada? Deixa de ser preguiçoso e vai lá entregar para ela. — Dan era muito abusado, se deixasse pediria até que eu amarrasse o cadarço de seus tênis.

— Nossa, sua irmã continua o mesmo “doce” de pessoa — comentou Lance, só para me chatear.

— E você, continua o mesmo babaca — falei com o olhar fulminante, espumando de raiva.

— *OK*, agora chega de “elogios”. Você, fora do meu quarto — Dan disse para mim. — Lance, espera aqui que eu já volto.

— Certo, mas não demora que eu quero te contar sobre umas francesinhas fantásticas que conheci na viagem — ouvi Lance dizer quando passei por ele.

Para completar meu dia “perfeito”, Lance ficou para almoçar — eu mereço! Mas não posso culpá-lo muito, a macarronada com almôndegas da mamãe era famosa. Além desse motivo, ele visivelmente tinha uma quedinha pela Maggie, e passou o almoço inteiro olhando as pernas dela, sendo ignorado totalmente, para minha alegria.

Depois do almoço, nossos pais foram tirar uma soneca, e eu e as meninas resolvemos ficar de bobeira no quintal. A Maggie estava sentada na escada, pintando as unhas, Cate lendo uma revista de fofoca, deitada numa toalha, e eu fiquei do lado dela, acabando de ler o meu livro, até que chegaram os meninos com uma bola de vôlei.

— E aí meninas, que tal uma partidinha? — Lance perguntou, virando-se esperançoso para Maggie.

— Estou fora. Acabei de fazer as unhas — ela respondeu logo, e ri comigo mesma ao ver a cara de decepção do Lance.

— Eu topo! — disse Cate. — Você vem, Marina?

— Sim — respondi, só para ter o prazer de tirar aquele sorriso bobo da cara do Lance.

Nosso quintal não era enorme, mas suficiente para fazermos alguns jogos, usando com criatividade o espaço que possuíamos.

Fiquei assistindo aos meninos colocarem a rede de vôlei, e quando terminaram me levantei.

— Meninas contra meninos? — perguntou o bobão.

— Acho que não vai dar certo, vocês dois juntos vão ter vantagem, pois são bem mais altos que a gente, melhor dividir. — sugeriu Cate. Fiz uma careta ao ouvir aquilo.

— Que foi? — perguntou, olhando para mim. Revirei os olhos e ela entendeu, já que sabia que eu não ia muito com a cara do engraçadinho. — Ah, tá... então, que tal, eu e Lance contra Marina e Dan. Pode ser? — Felizmente eles concordaram.

Lance logo tratou de tirar a camisa, apostava que só para se exibir para Maggie, que patético! Tiramos a sorte no cara ou coroa, para ver quem começava, e eu e Dan ganhamos. Ele sacou, e começamos a partida. Eu podia ser baixinha, mas me garantia, fazendo logo o primeiro ponto.

— Valeu, Mari! — gritou Dan, rindo para mim, daquele jeito que me fazia virar manteiga, e batemos as mãos nos confraternizando.

A partida prosseguiu e, apesar dos esforços da dupla adversária, terminamos ganhando o primeiro set. Já estávamos com vantagem no segundo quando, ao me virar, senti uma bolada nas costas.

— Ai! — reclamei.

— Desculpa, foi mal! — disse Lance, desculpando-se, mas não vi arrependimento nenhum na cara dele.

— Está tudo bem? — Dan perguntou.

— Estou ótima — respondi, encarando meu adversário sem temor.

Aguardei o momento certo de revidar, e a oportunidade surgiu. Dan levantou a bola para mim, corri, pulei e saquei com força, e a bola foi direto na cara do Lance.

— Desculpe, foi mal! — repeti a mesma frase dele, e ele me olhou roxo de raiva.

— Sua cadelinha! — gritou Lance, dirigindo-se a mim.

— Pede desculpas agora, Lance! — gritou Dan atrás de mim.

— Qual é, cara, foi ela que jogou a bola na minha cara!

— Não interessa! Pede, agora! — disse Dan, com firmeza.

— Nem pensar! — Lance respondeu, sacudindo a cabeça, e Dan se aproximou da rede.

Dan era o cara mais calmo e tranquilo que eu conhecia, mas que ninguém quisesse vê-lo zangado, pois se transformava.

— Se você não pedir agora, eu te faço pedir — ameaçou, falando baixo com uma veia pulsando na testa.

— Calma, gente! Vamos agir civilizadamente — propôs Cate, erguendo as mãos e tentando apaziguar o clima.

— Pede! — insistiu Dan.

— Agora você vai ficar do lado da irmãzinha, é? — Lance falou, de gozação. — Esqueceu que sou seu melhor amigo, meu chapa?

— Ninguém fala com a Marina assim na minha frente, ninguém! — Dan respondeu, frisando bem a última palavra.

— Tudo bem, Dan — falei, aproximando-me dele e colocando minha mão em seu braço, mas não olhou para mim; continuava encarando Lance, aguardando.

Lance deu uma olhada para nós dois e surpreendentemente deu uma gargalhada.

— Ai! Quanta frescura! Está bem! Desculpe, Marina! — disse, ironicamente. — Pronto. Satisfeito? — perguntou para Dan, que pareceu ter ficado na dúvida.

— Agora que tudo foi resolvido, podemos acabar com isso logo de uma vez? — sugeriu Cate, e felizmente Dan balançou a cabeça em concordância e voltamos a nossas posições.

Prosseguimos o jogo, e o placar final, três *sets* a um. Ganhamos fácil!

No final da tarde, a confusão estava esquecida, e Dan e Lance já tinham feito as pazes. Mamãe pediu algumas pizzas e todos nós comemos com vontade, bebendo muito refrigerante. Pouco depois, finalmente Lance se despediu de todos.

Terminei o dia suada e suja, então fui tomar um banho refrescante. Enquanto me ensaboava, lembrei-me do rosto do Dan ao me defender durante a partida de vôlei. Tinha ficado realmente irritado, mas não pude deixar de sentir uma onda de emoção com o ocorrido e também gratidão. Quando já estava vestida, sentada na

cama e acabando de pentear o cabelo, Dan apareceu na porta, segurando seu violão e algumas folhas de papel.

— Posso entrar? — perguntou, inseguro.

— Claro — respondi, um pouco surpresa.

Ele se aproximou, puxou uma cadeira, colocando-a perto de mim, e sentou-se.

— Será que você pode me ajudar?

— Pode falar — respondi, curiosa.

Depois do que ele tinha feito por mim, andaria até sobre brasas se me pedisse. Dan me estendeu as folhas de papel, e eu as peguei e olhei para ele sem entender.

— Aprendi essa música essa semana, na aula de violão, meu professor disse que é uma música brasileira muito famosa. Eu tenho a letra em inglês, mas eu queria ouvir como ela soa no original, em português. Você cantaria para mim, enquanto eu toco?

Olhei para folha e li o título da música: “Garota de Ipanema”.

— Conheço essa música, mas não escuto faz muito tempo, e meu português deve estar meio enferrujado — falei sem graça.

— Não tem problema, também trouxe a letra em português. Faz assim, eu canto uma vez, em inglês mesmo, só para você pegar o ritmo, depois é a sua vez.

Baixei os olhos, envergonhada, me sentindo mais tímida do que nunca, andar em brasas agora soava muito atraente. Voltei a olhar para Dan, que me fitava com evidente empolgação. Definitivamente eu era um caso perdido, seria impossível resistir a ele.

— Está bem — respondi, insegura. — Mas não vai rir de mim!

— Combinado — disse, dando aquele sorriso que me desarmava.

Ele pegou o violão, posicionando-o na perna, e logo começou a tocar, enchendo meu quarto com a melodia e a sua voz macia.

Apesar de conhecer a canção, nunca tinha prestado muita atenção à letra, sabia que apesar da aparente simplicidade era muito romântica e famosa, porém agora, ao ouvi-la cantada por Dan, ganhou toda uma nova conotação, a emoção parecia fluir entre cada palavra dita e nota tocada. A música era como se fosse um fio

condutor que ligava nossos corações de forma mágica, como se houvesse mais mensagens na linda harmonia do que fosse claramente revelado. Quando ele acabou, eu estava sem fala, tinha cantado com tanto sentimento que quase enfartei quando ele levantou o rosto no final, cantando a última estrofe me olhando nos olhos.

— E aí, foi tão ruim assim? — perguntou, sem graça, já que eu continuava muda.

— Na-na-não! — gaguejei. — Foi incrível, adorei!

— Sério? — Ele estava alegre.

— Você arrasou! — confirmei.

— Obrigado. Agora é a sua vez! — Ele olhou minha cara apavorada e sorriu: — Pode deixar, não vou rir, prometo — disse, ajeitando o violão na perna novamente. — Pronta?

— Não, mas pode começar — murmurei, trêmula.

Comecei a cantar bem baixinho, com medo de nem saber mais pronunciar direito as palavras, mas para minha surpresa minha língua desenrolou e, na segunda estrofe, comecei a me desinibir. Ele sorria para mim, estimulando-me a continuar. Voltei a me emocionar profundamente, não só por este momento partilhado com ele, também por poder matar a saudade de praticar esse idioma tão querido. Não sabia se estava cantando bem ou mal, tudo o que sabia era que estava sendo sincera em minha apresentação, deixando que a emoção me guiasse. Terminei me sentindo superbem.

— Agora é a hora que você começa a jogar os tomates e ovos podres? — brinquei.

— Hum... sabia que tinha me esquecido de trazer alguma coisa! — E, ao dizer aquilo, rimos juntos. — Brincadeira, Marina! Foi ótimo! Vamos tentar mais uma vez? Agora, vou gravar no meu MP4 — disse, tirando o aparelhinho do bolso. Repetimos a canção mais uma vez, e agora, me sentindo ainda mais confiante, soltei realmente a voz:

*Olha que coisa mais linda  
Mais cheia de graça*

*É ela menina  
Que vem e que passa  
Num doce balanço, a caminho do mar  
Moça do corpo dourado  
Do sol de Ipanema  
O seu balançado é mais que um poema  
É a coisa mais linda que eu já vi passar  
Ah, por que estou tão sozinho  
Ah, por que tudo é tão triste  
Ah, a beleza que existe  
A beleza que não é só minha  
E também passa sozinha  
Ah, se ela soubesse  
Que quando ela passa  
O mundo inteirinho se enche de graça  
E fica mais lindo  
Por causa do amor.*

— Olha, adorei a música em português, soa muito melhor com a melodia, e devo confessar, fica muito mais... romântico — disse, quando terminamos.

Depois disso, não sabia mais o que dizer, a gente se olhava timidamente, e o Dan, sem graça, começou a dedilhar o violão. Olhei para ele, me perguntando como alguém conseguia ser tão atrapalhado e fofo ao mesmo tempo.

“Que se dane a timidez!”, pensei inesperadamente.

Aproximei-me rápido e, para surpresa dele, dei um beijinho na sua bochecha, que o fez congelar e arregalar os olhos.

— Obrigada, isso é por você ter me defendido hoje à tarde — disse, virando-me rápido, beijando também a outra bochecha. — E isso por ter cantado essa música linda para mim — depois me afastei, voltando a sentar na cama.

— Hum... bem... de nada. — ele murmurou, visivelmente envergonhado, e se levantou abruptamente. — Acho... acho melhor

ir agora, para ensaiar mais, outro dia a gente tenta de novo.  
Obrigado pela ajuda, gostei muito.

— Claro — falei calmamente. — Também gostei.

Não tive como não rir, ao vê-lo sair tropeçando em tudo pelo caminho.

## Capítulo 4

A cordei assustada com o despertador tocando, e minha impressão é que só fazia cinco minutos que tinha adormecido. Arrastei-me até o banheiro, na esperança de que um banho me fizesse sentir melhor, e no caminho escutei mamãe gritando para o Dan acordar.

Pouco tempo depois, quando mais animada voltei para o quarto, ouvi minha mãe ainda chamando por ele. Já estava vestida e descendo para o café da manhã, quando escutei a ameaça final.

— Daniel Charles Harrison! Se não levantar agora, considere sua mesada da semana suspensa!

Sorri, ao ouvir um minuto depois, ele sair do quarto e ir correndo para o banheiro. Depois de 15 minutos, entrava na cozinha um Dan de cara amassada e fechada, o cabelo sem pentear, a camisa para fora da calça e a gravata na mão. Como meu humor também não era dos melhores, continuei comendo calada, enquanto o via pegar o suco na geladeira, mas em vez de beber no copo preferiu tomar direto da embalagem. Dan devia ter acordado com alguma tendência suicida aquela manhã, pois, se mamãe entrasse na cozinha naquele momento, iria trucidá-lo. Normalmente, eu iria alertá-lo, porém, como estava tão esquisito, continuei muda e o deixei a margem da própria sorte.

— Já está pronta? — perguntou, mal-humorado.

— Só preciso pegar minha mochila — respondi, sem olhar pra ele.

— Te espero lá fora — avisou, passando na minha frente.

“Nossa, ele está realmente azedo hoje”, pensei ao me levantar.

Ao sair para a varanda, vi que ele me aguardava encostado na grade, com as mãos nos bolsos da calça, a mochila nas costas e a gravata enfiada de qualquer jeito no colarinho.

— Dan! — chamou mamãe, surgindo atrás de mim. — Tome conta da Marina, ela é sua responsabilidade! — Fiz uma careta ao

ouvir aquilo, e ele limitou-se a virar os olhos.

— Tenha um ótimo primeiro dia de aula, querida! — disse mamãe, me abraçando ao se despedir, e abracei-a também e dei-lhe um beijinho. Depois, andei até ele.

— Vamos passar primeiro para pegar o Lance e depois seguimos para a escola — explicou, enquanto estávamos na calçada.

— Ótimo! Vou “adorar” andar com o Lance todo dia pela manhã — comentei ironicamente, e ele começou a andar fingindo não entender meu comentário.

Quando chegamos à casa do Lance, ele já nos aguardava no portão. Ao observá-los, parados um na frente do outro, engoli o riso. Enquanto Dan parecia ter saído de um furacão, Lance tinha a roupa e os cabelos impecáveis, parecendo um modelo de catálogo de roupas.

— Bom dia, pessoas! E aí, animados? — disse com um enorme sorriso, antes de avaliar a aparência do Dan, de cima a baixo. — Cara, o que você fez com seu uniforme, mastigou? — Dan não respondeu, mantendo o rosto carrancudo.

— Nossa, estamos “alegres” esta manhã, não? — Lance perguntou, examinando-nos.

— Cala a boca e vamos logo — resmungou Dan.

A escola não ficava longe, chegamos lá em 15 minutos. A entrada estava lotada de estudantes, muitos conversavam animadamente, contando sobre suas férias, e outros faziam cara de tédio igual ao Dan. Estava um pouco assustada por estar em meio a tanta gente estranha, ainda bem que não estava sozinha. Já conhecia as instalações da escola, pois a havia visitado em outras ocasiões, sabia que era enorme, um complexo formado por prédios antigos, mas reformados com os confortos modernos. O pátio interno era grande, arborizado, e tinha um pequeno chafariz.

— Aonde nós vamos agora? — perguntei, agitada, rodando sem parar minha pulseira no pulso.

— Daqui a pouco vão nos chamar para o auditório. A diretora sempre faz um discurso no primeiro dia de aula, para dar boas-

vindas, fazer apresentações, explicar as regras, toda essa baboseira — respondeu Lance, enquanto Dan continuava caladão.

Não demorou muito, apareceram vários funcionários da escola chamando os estudantes. Dirigimo-nos devagar para o local indicado e, ao entrarmos no imenso auditório, nos sentamos a uma das últimas fileiras de cadeiras.

Olhei para o Dan, que tinha se recostado na cadeira, fechado os olhos e fingia dormir. Já o Lance era o oposto, cumprimentava amigos que passavam e mexia com algumas garotas. Estava tão animado que não parava de pular na cadeira, parecia até que tinha sentado num formigueiro.

A uma boa distância, vi um grande palco, onde havia sido posta uma mesa comprida com várias cadeiras, nas quais os professores estavam sentados. Ao centro dessa mesa, numa cadeira um pouco mais ostensiva, sentava a diretora, uma mulher de meia-idade, com cabelos grisalhos e ar severo. Ela estava vestida num *tailleur* elegante de cor cinza. Depois que todos estavam devidamente em seus lugares, ela se inclinou e falou no microfone à sua frente.

O discurso da diretora foi realmente enfadonho. Eles tinham regras para tudo, algumas óbvias, do tipo: dentro dos limites da escola, não se podia fumar, ingerir bebida alcoólica ou qualquer outra substância ilícita, era proibido o uso de aparelhagem de som ou celular durante as aulas, assim como era proibida a leitura de material não didático em sala de aula, e só podíamos frequentar o banheiro correspondente ao nosso sexo. Ao ouvir essa última, tive de rir, no que fui acompanhada por muitos.

— Resumindo, proibido viver! — disse o Dan, de olhos fechados.

— Caraca! Onde vou dar meus amassos esse ano? — quis saber Lance, preocupado.

— Como assim? — perguntei, curiosa. Dan abriu os olhos e respondeu:

— Ano passado, o Lance foi pego no banheiro feminino, beijando uma garota de 16 anos.

— Adoro mulher mais velha! — Lance confirmou, com um sorriso malicioso.

— Daí, quando o levaram para a diretoria e o acusaram de quebrar as regras, ele se defendeu dizendo que nunca havia sido informado sobre ser proibido frequentar o banheiro feminino. — Olhei chocada para o Lance, que sorria cinicamente. — Acho que por isso esse ano eles resolveram colocar como regra oficial — completou, fechando os olhos novamente.

No final da apresentação, ao sermos dispensados, a diretora indicou um funcionário que levaria os alunos do primeiro ano para a sala de aula.

— É isso aí, Marina, bem-vinda à selva! — disse Lance, enquanto nos levantávamos.

— Você deveria dizer purgatório — contradisse Dan. — Boa sorte!

Despedimo-nos ali mesmo. Nervosa, eu os vi se afastar, mas segui o caminho indicado, junto com os outros alunos, automaticamente insegura. Entramos na sala de aula, sentei-me a uma mesa encostada à parede, observando os outros estudantes que ocupavam os lugares vazios. Uma menina morena, de olhos grandes, com cabelo preto e comprido se aproximou de mim. Parecia indiana, havia muitos deles vivendo na Inglaterra.

— Já tem alguém aqui? — ela me perguntou sorrindo, apontando para a mesa ao meu lado.

— Não, pode sentar — respondi, retribuindo o sorriso.

— Meu nome é Shanti Khan, qual é o seu? — inquiriu, depois de tirar a mochila do ombro, colocando-a em cima da mesa.

— Marina Harrison.

— Nossa, estou tão animada! Meu irmão estuda aqui também, não via a hora de vir para cá. Você viu quantos gatinhos tem por aí? Tenho certeza que vamos nos dar bem esse ano!

A menina falava sem parar, mas era simpática e alegre, sempre sorrindo com aqueles dentes muito brancos. Gostei dela logo de cara, seu jeito franco e descontraído eram cativantes. Felizmente, pareceu também ter simpatizado comigo, mesmo eu sendo

visivelmente o seu oposto. Desejei de todo o coração ter feito minha primeira amiga de verdade na escola.

Na hora do almoço, fomos juntas para o refeitório. Entramos na fila para pegar nossa comida, olhei ao redor, curiosa, mas não vi Dan ou Lance. Sentamos a uma mesa junto com outros colegas de turma. Já estávamos comendo há algum tempo, quando Shanti comentou, baixinho e com a cabeça inclinada em minha direção:

— Você já se deu bem.

— Como assim? — perguntei, sem entender.

— Não se vire agora, mas tem um carinho que não para de olhar para você.

— Tem certeza? — perguntei, passando uma mecha de cabelo por trás da orelha, tentando disfarçar o embaraço da notícia.

— Absoluta — respondeu, olhando para algum ponto atrás de mim.

— Como é que ele é?

— Branco feito papel, parece alto, mas como está sentado não dá para ter certeza, magrelo, tem uma cara engraçada, olhos azuis, cabelo castanho-claro, precisando urgente de um bom corte, e suas roupas parecem ter sido usadas como pano de chão. — Ela disse tão rápido que quase não consegui entender tudo, mas deu para perceber que era esperta e observadora.

Depois que consegui absorver o que ela tinha dito, logo percebi quem se encaixava com perfeição àquela descrição.

— Acho que já sei quem é — afirmei, olhando pra trás, e não deu outra. — É ele mesmo — confirmei, bebendo meu suco.

— Quem é? — ela perguntou, curiosa.

— Meu irmão, Daniel.

— Irmão? — falou, franzindo a testa. — Mas vocês são tão diferentes.

— Não somos irmãos de verdade, sou adotada. — Já estava acostumada com as pessoas fazendo aquela observação.

— Ah, entendi! E eles são legais, sua família?

— São maravilhosos! — respondi sinceramente.

— Que ótimo! — comentou, dando mais uma olhada na direção deles. — Seu irmão então deve ser do tipo bem protetor, não? Já

que fica olhando desse jeito para você.

— Ah, meus pais têm essa mania de colocar o Dan tomando conta de mim, particularmente não gosto nem um pouco e acredito que nem ele também, mas acho que esse é o mal de toda filha caçula.

— Nem me fale! — Shanti disse, revirando os olhos. — Sou a mais nova de uma família de cinco filhos e sou a única mulher, então você pode imaginar o que é crescer tendo quatro irmãos mais velhos! É de enlouquecer!

Comecei a rir, ouvindo-a contar casos engraçados envolvendo seus irmãos. Enquanto isso, acabamos de comer, e reparei que Shanti disfarçadamente olhou novamente em direção à mesa do Dan.

— Nossa, tem um carinha que está conversando com seu irmão que não é nada mal. — Virei-me e dei mais uma olhada.

— Aquele é o Lance, o melhor amigo dele — falei, desanimada.

— Interessante — ela disse, com os olhos cheios de curiosidade.

Nesse momento, tocou o sinal e nos levantamos, e vários estudantes se amontoavam na porta de saída. Foi quando voltei a me aproximar dos garotos.

— Vejo que ainda está viva, Marina — Lance disse, tentando fazer piada.

— Mas não graças a você — respondi, cortante.

— Dan, acho que sua irmã me ama! — ele disse, colocando a mão no peito, de maneira teatral. — Confesse, Marina! Confesse que você tem o sonho secreto de me conquistar!

— Isso não seria um sonho, seria um pesadelo! — falei, irritada.

Enquanto eu e Lance começávamos a travar mais uma de nossas famosas briguinhas clássicas, Shanti e Dan nos observavam. Shanti, visivelmente curiosa e discretamente admirando Lance, e Dan, bem, era difícil dizer o que ele estava pensando, tinha o rosto impassível, diria talvez levemente aborrecido.

— Tragédia? — perguntou Lance, gargalhando diante dos meus insultos. — Me beijar seria uma tragédia? Gata, cuidado que um dia

desses posso te provar o contrário!

— Chega! Vocês dois! — Dan disse, perdendo a paciência. — Se ainda não notaram, paramos bem no meio do caminho e tem gente querendo passar. Vamos embora, Lance!

Dan agarrou o amigo pelo braço e conseguiu arrastá-lo dali, não sem antes piscar para nós e jogar um beijinho.

— Eu detesto esse garoto! — disse furiosa para Shanti ao meu lado. — Nunca conheci cara mais convencido!

— Pode ser — disse Shanti, olhando para eles enquanto sumiam de vista. — Mas você não pode negar, ele é um gato!

Fiz cara de nojo ao ouvir aquele comentário. Felizmente parecia ter sido vacinada contra aquela doença que parecia contaminar todas as garotas que conheciam Lance Brown e, pelo que pude notar, também já havia contaminado a Shanti.

Então, ao voltarmos para a nossa sala de aula, vendo Shanti com o olhar perdido e sonhador, que eram os primeiros sintomas daquela estranha enfermidade, fiz uma anotação mental de avisá-la sobre a chave de cadeia que era o melhor amigo do Dan.

\*\*\*

Três anos depois, meu desejo tinha se realizado: eu e Shanti nos tornamos amigas inseparáveis, e nossas diferenças, respeitadas de forma natural, formaram uma amizade equilibrada e sólida.

— Isso é tão estúpido — comentou Shanti, sentada na minha cama, em frente ao seu *notebook*. — Que tipo de tarefa para casa é essa? “Escreva uma prosa ou poesia com tema livre.” A professora nem se deu ao trabalho de pensar num tópico! Não é à toa que os professores ganhem tão pouco. Tem alguma sugestão?

Eu estava sentada de frente para meu computador e rodei na cadeira giratória para encará-la. Ri da revolta de Shanti, porém aquilo já era um fato corriqueiro, ela reclamava de todo e qualquer dever que nos era passado, embora nunca deixasse de fazê-los, além de tirar ótimas notas. Ela era esse tipo de estudante que não precisava de muito esforço para entender a matéria, parecia ter algum tipo de memória fotográfica, pois guardava a informação tão logo lhe era explicada. Talvez fosse por isso que detestava tanto

tarefas para casa, ela as achava repetitivas. De fato, aprendi que, por trás de seu suposto comportamento fútil e materialista, Shanti era uma pessoa muito culta, que curti ler tanto revistas de moda, quanto obras literárias clássicas. Eu admirava muito minha amiga quase gênio, adoraria ter toda aquela capacidade. O jeito era me conformar com minha normalidade.

— Escreva sobre um tema qualquer, alguma coisa que você goste muito de fazer, por exemplo — respondi.

Ela mordida a ponta de sua caneta, pensativa.

— Se eu for sincera, escreverei sobre fazer compras, mas aí vão me chamar de consumista desenfreada. Tem que ser outra coisa.

— Que tal um tema sobre a conservação do meio ambiente, é bem sério e popular hoje em dia.

— Todos os “puxa-sacos” e “nerds” da turma escreverão sobre isso e se tem uma coisa que Shanti Khan não faz, é ser comum, tem que ser um tema original — disse, olhando a tela que continuava em branco. — O que você vai fazer?

— Já fiz, foi uma poesia — respondi, evitando encará-la.

— Sério? Puxa, você foi rápida! — exclamou, surpresa, e eu entendi sua reação, afinal geralmente acontecia justamente o contrário. — E que tema escolheu?

— Sobre algo de que gosto — respondi, de forma evasiva.

Shanti já me conhecia bem o suficiente para saber que não adiantava insistir, eu não revelaria mais nada, então apenas me lançou um olhar curioso, mas permaneceu calada, o que para ela era um desafio e tanto.

— Vou ao banheiro — avisei.

— Vou deixar isso para fazer mais tarde, pelo menos já terminei a pesquisa de história, posso usar sua impressora? — perguntou, quando eu já estava de saída.

— Claro, fique a vontade.

Quando voltei, pouco tempo depois, Shanti estava sentada na minha cadeira e lia uma folha de papel atentamente. Quando parei a seu lado para ver o que era tão interessante, senti o pânico me

invadir, pois sabia de cor o que estava ali, meu segredo mais bem guardado.

### ***As Coisas Que Amo***

*Amo o céu e o mar  
Infinito e imenso  
Porque eles me lembram teu olhar  
Em doce lamento*

*Amo as rosas e os corais  
De lindos matizes  
Porque eles me lembram teus lábios  
Em macio tormento*

*Amo iogurte e nata  
Com branca cremosidade  
Porque eles me lembram tua pele  
Em suave formigamento*

*Mas acima de tudo  
Amo os pássaros  
Pequenos e frágeis  
Porque fazem construções resistentes  
De intrincado entrelace  
Abrigo perfeito para o puro sentimento  
De um amor no ninho.*

*Por Marina Harrison*

— O que você pensa que está fazendo? — perguntei, nervosa, ao tirar a folha das mãos dela. — Mexendo nos meus objetos pessoais!

— Claro que não, Marina! — Shanti respondeu, com a expressão ultrajada. — Eu cliquei para imprimir meu trabalho e, quando fui pegá-lo na sua impressora, essa folha estava junto.

Agora que ela tinha explicado, lembrei que tinha imprimido pouco antes de sua chegada e tinha me esquecido de guardar.

— Desculpe, Shanti — falei, muito embaraçada. — Eu não desconfio de você, só que, quando te vi segurando isso, não me contive.

Ela me olhou atentamente e disse:

— Tudo bem, também não gosto que mexam em algo que seja particular.

Movi a cabeça em concordância, afastei-me, sentei-me na cama e dobrei a folha cuidadosamente ao meio. Por alguns instantes, fiquei sem saber o que dizer, e quando ergui novamente a cabeça deparei com o olhar desconfiado de Shanti, que me fitava atentamente. Fiquei ainda mais desconcertada.

— Marina, eu já li, então não adianta fingir que não aconteceu — disse, de forma direta. — Então, baseada neste e em outros pequenos fatos, só me resta perguntar: você gosta do Dan? E, quando digo gostar, não é no sentido fraternal.

Apertei com força a folha entre as mãos, mordi os lábios e então, como se tivesse tomado um poderoso soro da verdade, cuspi a resposta de forma dramática:

— Gostar? Não! Eu o amo! Amo tanto que às vezes penso que vou enlouquecer! — revelei. — E garanto que o sentimento não tem nada de fraterno.

Como em nossa dupla, sempre fui a garota reservada e tímida, e Shanti agora estava de boca aberta, aparentemente assombrada com meu súbito descontrole emocional. Como ela continuava sem reação, senti as faces vermelhas e, largando o papel de lado, cobri o rosto com as mãos. Onde eu estava com a cabeça, para confessar tudo para Shanti? O que ela deveria estar pensando de mim nesse momento? Tinha até medo de imaginar.

— Eu sei, Shanti. Deve ter alguma coisa errada comigo, não devia sentir isso por ele — falei, angustiada. — Acho que não sou normal. Pode dizer, sou uma aberração!

Ouvi passos e, pouco depois, percebi Shanti se sentar ao meu lado.

— Marina, olha pra mim — disse, puxando minhas mãos, e eu cedi, soltando-as. — Você pode ser qualquer coisa, menos uma aberração. Por que seria? Por amar o Daniel? Pelo que eu saiba, ele é um homem e você uma mulher, até aí tudo muito normal.

— Mas... ele é meu irmão — murmurei, temerosa.

— Apenas no papel — ela disse, muito prática.

— Então, você não acha que é pecado? — perguntei, um pouco mais calma.

— Se vocês fossem irmãos de verdade, acredito que seria sim, mas não existe essa ligação entre vocês dois, apesar de serem criados juntos e conviverem na mesma casa.

— E termos os mesmos pais — completei.

Shanti considerou aquilo por um minuto.

— O que ele sente por você? — perguntou.

— Acho que o mesmo que ele sente por nossas outras irmãs — respondi, dando de ombros. — Só tem uma pequena diferença.

— Qual?

— Eu o sinto mais reservado comigo. Ele sempre me tratou bem, nunca fez distinção entre mim e eles, mas não sei, tenho a impressão que às vezes ele me evita, como se algo em mim o incomodasse. Como se não conseguisse ficar completamente à vontade comigo.

— E o que você acha que o faz agir assim?

— Acho que o fato de eu chegar, passando a ser a nova caçula da família, talvez não lhe tenha agradado muito — respondi, confusa. — O que você acha?

— Acho que nesse mundo tudo é possível, até mesmo os porcos terem asas — respondeu, daquele jeito muito desinibido, que era sua marca registrada. — Sendo por que motivo for, acho que não seja uma coisa que deva preocupá-la, pra mim o Dan sempre foi um esquisitão, então talvez essa seja somente mais uma esquisitice pra fazer parte da coleção. — Fiz uma careta de desgosto diante de seu último comentário, e ela suspirou. — Tá bom, desculpe. Já entendi; você o ama, e pra você ele é o cara mais perfeito do mundo. Como dizem por aí, o amor é cego, não é mesmo? Então acredite quando digo que você não tem por que se sentir culpada ou

envergonhada de seus sentimentos, até que me provem o contrário vocês são dois seres livres e desimpedidos, então se rolar, rolou.

A capacidade de Shanti ouvir, assimilar e digerir informação, considerada chocante pela maioria, era impressionante, porém agora, mais do que nunca, aquela qualidade era uma bênção em minha vida. Eu já tinha aberto a boca para fazer um pedido quando ela disse:

— E pode ficar tranquila, guardarei o seu segredo.

— Shanti, você é o máximo! — exclamei, sorrindo, antes de lhe dar um grande abraço.

\*\*\*

Nos anos que se seguiram, nossa rotina não mudou muito, exceto que crescemos, cada um fazendo os cursos de que gostava.

Ao completarmos 16 e 19 anos, eu e Dan, respectivamente, Maggie e Cate já haviam terminado o colégio e saíram de casa para continuarem os estudos na universidade. Maggie fazia jornalismo, já Cate estudava sociologia, agora só nos encontrávamos nas férias ou nos feriados.

Já o Dan tinha se formado há um ano na escola, fato quase milagroso, devido às suas notas medianas e à quantidade de faltas e atrasos que ele teve. Na verdade, se Dan agora tinha um diploma de curso secundário, o mérito era todo de nossa mãe. Ela o incentivou a cada ano, quero dizer, talvez incentivar não seja a palavra mais apropriada, praticamente o obrigou a frequentar a escola, o empurrando porta afora, a cada manhã, e vigiando de perto seu rendimento escolar. No dia da formatura, papai disse para quem quisesse ouvir que o diploma era mais da mamãe do que dele. Não que Dan fosse “burro”, estava muito longe disso, sempre foi um cara inteligente e sensível, mas com certeza seu futuro não estava no mundo acadêmico, desde muito cedo ficou claro para mim que sua estrela o guiava em outra direção. Era um excelente músico, tocava piano e violão, e tinha um estilo de vida meio boêmio, adorando uma noitada com os amigos. Profissionalmente, tinha optado pela carreira de ator. Ele havia entrado para um grupo de teatro, fazendo

algumas peças, e já tinha gravado alguns comerciais para a televisão.

Ele havia se desenvolvido bastante fisicamente, continuou alto e magro, mas agora estava mais encorpado, com ombros largos e pernas fortes, esculpidas pela prática constante de esporte. Não se podia dizer que era musculoso, mas se tirasse a camisa não faria feio. Porém, para mim, seu rosto continuava a ser o que mais me chamava à atenção, não propriamente um rostinho de traços perfeitos, mas um rosto interessante de olhar, diferente e curioso, que logo nos fazia pensar: parece ser um cara legal, preciso conhecê-lo! Isso sem falar nos olhos, que continuavam as janelas da sua alma, límpidos e transparentes. Para mim, não havia no mundo todo rosto mais querido. E eu continuava sendo sua silenciosa admiradora.

Não cresci muito. Tive que me contentar com meu 1,65 cm de altura. Junto com Shanti, comecei a ter aulas de balé, o que ajudou a me manter magra, afinar minha cintura e desenvolver pernas bem torneadas. O que realmente não tinha parado de crescer foram os meus seios, não que fossem exagerados, mas é meio embaraçoso quando você, aos 13 anos, tem mais busto do que sua irmã mais velha. Lembro-me até hoje da primeira vez em que fui para a escola de sutiã, com a sensação de que todos estavam olhando para mim, ainda mais com o olhar descarado do Lance e com o que ele disse.

— Puxa Marina, como você “cresceu” esse ano! — disse, olhando claramente para baixo do meu pescoço. Não deixei essa passar barato, eu podia ser tímida, mas do Lance eu sabia me defender.

— Engraçado, já você parece ter encolhido — falei, olhando para a calça dele. — Pelo menos, é o boato que anda circulando entre as garotas.

Tive o prazer de passar, todo aquele dia, sendo assediada por Lance, que insistia em querer saber quem estava espalhando essa “infame mentira”.

Minha relação com Dan tinha se mantido a mesma, fraterna, pelo menos exteriormente, porque por dentro ainda me

desmanchava toda por ele, apesar das nossas implicâncias eventuais, como naquele sábado pela manhã.

— Marina! — chamou Dan quando entrou no meu quarto, gritando como um doido. Fingi que continuava dormindo, nem me mexi.

— Anda, acorda! — disse me sacudindo, porém continuei imóvel.

— Prepare-se, você pediu! — falou subindo em mim, começando impiedosamente a fazer cócegas por todo o meu corpo.

Ele sabia que esse era meu ponto fraco, eu não resistia a cócegas, e comecei a rir descontroladamente, mandando-o parar, pois já estava ficando sem ar. Inesperadamente, ele segurou minhas mãos acima da minha cabeça e aproximou o rosto do meu.

— Se rende? — perguntou, com um sorriso travesso.

Abri os olhos, respirando fundo, e encontrar seu rosto tão perto do meu fez meu coração dar um salto no peito. Mesmo depois de todos esses anos de convivência, ele ainda tinha aquele efeito sobre mim. Olhei para baixo e verifiquei que ele estava sem camisa, só usava uma calça de moletom preta; quase fiquei vesga só de olhar para o peito dele, e minha vontade era estender as mãos e corrê-las pelo seu tórax. Sorte minha que estavam bem presas por ele.

— Acordada? — insistiu.

— O que você acha? — perguntei, irônica. — Será que agora dá para me soltar? — Ele me olhou por mais um instante e soltou minhas mãos, mas continuou sentado de pernas abertas em cima de mim. — Posso saber o porquê desse ataque matinal?

— Estou aqui para isso — respondeu, num sorriso glorioso. — Passei, Marina, ganhei o papel, vou fazer meu primeiro filme!

Sentei na cama na mesma hora.

— O quê? Sério, quando? — perguntei, atordoada.

— Acabaram de ligar, consegui!

— Ah! — gritei de alegria, saindo da cama, e ficamos de frente um para o outro, pulando como duas crianças.

Há muito tempo Dan procurava uma oportunidade de entrar no mercado cinematográfico, mas esse era um meio muito competitivo, a cada dia mais e mais atores tentavam ingressar nesse ramo, e a

maioria muitas vezes só conseguia pequenas participações ou nem era aceita. Depois de muitas recusas, muitos desistiam de prosseguir. Mas ele era muito jovem, decidido e talentoso, já tinha feito alguns testes, contudo todos sem sucesso. Então, quando sua agente agendou mais uma audição, ele foi meio desanimado, pois se tratava de um filme de grande porte, baseado num monumental sucesso literário, porém ele estudou o texto com cuidado e fez o seu melhor. Ele tinha voltado indeciso para casa porque não tinha ideia de como havia sido o resultado e suspeitava que se tratasse de mais tempo perdido. Mas agora, com essa notícia incrível e surpreendente, tudo mudou, e eu estava muito feliz por ele fazer sua estreia em um filme tão esperado.

Deixando-me levar pela alegria do momento, saltei em seu pescoço, e ele me segurou apertado, rodopiando comigo pelo quarto, rindo juntos de pura felicidade.

— Isso é maravilhoso!

— Nem me fale! Ainda não acredito, parece um sonho! — Ele estava tão feliz, era contagiante.

— A gente tem que comemorar! — falei.

— Com certeza, vou marcar um encontro com a turma toda. Você topa?

Eu sei que não devia, mas meus sentimentos eram mais fortes do que eu, mesmo sabendo ser um sonho impossível já tinha imaginado um jantar à luz de velas, num lugar romântico, mas despenquei para a realidade depois que ele sugeriu um programa com a galera. Mantive o sorriso no rosto, apesar da minha decepção, e respondi o óbvio:

— Claro, já estou lá!

— Vou começar a ligar pra todo mundo agora mesmo! — disse, me dando um beijo rápido no rosto e saindo em seguida.

Sentei na beirada da minha cama, cruzei os braços, fechei os olhos e dei um suspiro profundo.

— Marina, quando você vai aprender? — falei comigo mesma. — Controle-se! Mantenha o foco!

Às vezes, era muito difícil lembrar que ele era só o meu irmão, principalmente quando havia alguma proximidade física, como tinha

acontecido há pouco, fazendo aflorar todo o sentimento guardado dentro de mim. Respirei fundo, procurando me acalmar, e fui para o banheiro para começar meu dia.

Já tinha tomado o café da manhã quando ouvi meu celular tocar, e fui olhar para o visor, já adivinhando quem seria.

— Pronta? — Shanti perguntou assim que atendi.

— Quase, te encontro em 20 minutos.

Tínhamos combinado de ir ao *shopping* aquela manhã de sábado, para fazer compras, almoçar e, claro, fofocar um pouco. Coloquei minha inseparável combinação de *jeans*, tênis e camiseta, preendi o cabelo num rabo de cavalo, passei um batom rosinha nos lábios e coloquei argolas nas orelhas. Olhei-me no espelho, confirmando se não tinha esquecido nada, satisfeita peguei minha bolsa e saí.

Encontrei Shanti na frente do *shopping* e fomos às compras. Na verdade, quem fazia compras mesmo era ela, mesmo assim era divertido ajudá-la a escolher roupas, sapatos, entre outras coisas. Deixamos minha loja favorita para o final, uma livraria imensa e moderna, repleta de tudo o que eu mais gostava: livros, filmes e música. Para desespero de Shanti, saí de lá com três livros balançando numa sacola.

— Sabia que, com o que você gastou nesses livros, poderia comprar uma roupa incrível? — perguntou, enquanto sentávamos no meu restaurante italiano favorito.

— Sei, Shanti, mas no momento não estou precisando de nada.

— Ela me olhou, incrédula.

— Marina, uma garota sempre precisa de alguma coisa, nunca é demais.

Suspirei, desistindo de contradizê-la, naquele assunto Shanti era absolutamente irreduzível.

Depois que o garçom anotou nossos pedidos, ela virou-se para mim com atenção, pousando suas mãos cruzadas em cima da mesa.

— *OK*, Marina — disse, com um meio sorriso. — Esperei que você me contasse por iniciativa própria, mas parece que vou ter que arrancar a informação de você. Desembucha! Como foi seu encontro com Simon ontem à noite?

Mordi os lábios, nervosa, realmente havia evitado aquele assunto a manhã toda, porque eu sabia exatamente qual seria a reação dela quando contasse.

— Foi assim tão ruim? — perguntou, fazendo uma careta.

— Na verdade não, o filme foi bom, ele é legal, comprou pipoca e refrigerante, mas... — não consegui continuar.

— Mas?... — disse, me encorajando.

— Ele tem uma risada bem estranha — falei, olhando para baixo, esperando os gritos da Shanti, mas como ela permaneceu em silêncio arrisquei dar uma espiada, e ela estava de olhos fechados, respirando fundo.

— Marina — disse devagar, e agora me fuzilando com o olhar. — Não me diga que você saiu desse encontro sem beijar o cara! Ele é uma gracinha!

— Não dava, Shanti! Ele fazia umas piadinhas estranhas e depois dava uma risada esquisita, não teve clima! — disse, tentando me justificar.

— Marina, você tem 16 anos e ainda é \*BV!

— Eu sei bem disso, não precisa me lembrar — falei, me sentindo péssima.

— Puxa, sabe com quantos caras você saiu esse ano e nada ainda aconteceu? Um montão! — disse, enérgica. — Um tem mau hálito, o outro pés tortos, outro se veste mal, outro tem nariz engraçado... Marina, o que você está procurando?

Continuei em silêncio, olhando para baixo, sem coragem de responder.

— Nenhum deles vai ser o Dan, querida. — Fechei os olhos quando ela disse isso.

Shanti havia suspeitado do meu segredo logo no primeiro ano de escola. Apesar de ser muito discreta quanto à verdadeira natureza de meus sentimentos por Dan, Shanti era uma pessoa dotada de uma sensibilidade incomum, que quase beirava o sexto sentido. Bastou me observar assistindo ao Dan praticar esportes na escola, olhando-o completamente arrebatada, para que ficasse desconfiada, o que foi finalmente confirmado devido à minha distração ao deixar um determinado poema perto demais de sua

curiosidade. Então, a partir do momento em que consegui abrir meu coração para Shanti, ela tornou-se minha confidente para todos os assuntos que me afligiam e, para minha sorte, sendo sempre muito leal, nunca contando nada a ninguém.

— Eu sei, eu sei — respondi, triste.

— Até parece maldição! Você tem que se livrar dessa assombração chamada Daniel Harrison! — disse, impaciente. — Honestamente, não sei o que você vê nesse cara, desengonçado, se veste mal e faz cada piadinha sem graça! — Não tive como não rir de ver como a Shanti enxergava o Dan.

— Como explicar por que uns gostam de morango e outros não? Simplesmente olhei pra ele e gamei na hora, simples assim.

— Mas esse sentimento não está te fazendo bem, Marina! Você disfarça bem, é verdade, mas posso imaginar o que deve ser ficar naquela casa, vendo o cara dos seus sonhos todo dia passar por você e nada acontecer. Por que você não tenta esquecê-lo?

— Olha. Eu estou tentando...

— Não, você não está! — me interrompeu, falando com firmeza. — Ouça, Marina, me desculpa, sou sua melhor amiga e tenho que ser sincera. Você não pode continuar vivendo assim, sempre esperando, sempre suspirando pelos cantos, sempre fantasiando com ele. Se você quer tanto esse cara, por que não parte para o ataque?

— Não é assim tão simples — respondi, mexendo as mãos nervosamente sobre a mesa.

— Então me explica, porque não sei mais o que pensar. — Ela cruzou os braços.

— Veja bem — fiz uma pausa, tentando organizar meus pensamentos. — Eu e Dan somos criados como irmãos de verdade, o tempo todo nossos pais falam “seu irmão isso” ou “sua irmã aquilo”, fica impossível esquecer o nosso papel lá em casa. Na cabeça dos nossos pais, não existe qualquer possibilidade romântica entre nós dois, então já imaginou o choque que seria? E se rolasse alguma coisa, o que eu duvido que possa acontecer, talvez eles nunca aceitassem.

Ficamos um momento em silêncio.

— Já reparou que você diz muito as palavras “se” e “talvez”? —  
recomeçou. — Isso significa que você não tem certeza de nada.  
Pode ser que rolasse, pode ser que eles aceitassem.

— Mas eu nem sei se ele me corresponde, Shanti! —  
desabafei.

— Você me disse que às vezes ele te olha diferente.

— Às vezes, quando olho para ele, tenho a impressão de algo  
no ar, mas sempre é tão rápido, e geralmente logo depois ele já  
começou a falar outro assunto ou simplesmente vai embora. Talvez  
seja coisa da minha cabeça, sabe? — Dei uma risada. — Vai ver, sem  
perceber, depois de todos esses anos, enlouqueci de paixão e estou  
vendo coisas que não existem!

— E se você arriscasse?

— Como assim?

— Agarra ele e pronto, tira sua dúvida!

— Já pensei nisso, mas a verdade é que tenho tanto medo.  
Medo de ser rejeitada. Dele não me querer como o quero, medo do  
que vou ver nos olhos dele. E se ele ficar com raiva de mim, ou pior,  
nojo, sabe? Sei lá! Eu não suportaria, Shanti! Não conseguiria  
suportar que ele pensasse mal de mim! — disse, baixando o rosto ao  
terminar meu desabafo.

— Marina, olha para mim, vai! — Levantei o rosto, e estava tão  
aflita com aquele assunto que acabei chorando, rolaram algumas  
lágrimas que eu discretamente secava rapidamente com as mãos.

— Não puxei esse papo para deixá-la triste, mas para fazê-la  
refletir sobre como está sua vida no momento. Para incentivá-la a  
tomar atitudes — falou carinhosamente.

— E quais são minhas alternativas? — perguntei, limpando o  
nariz no guardanapo.

— Tenho duas para você. Primeira: literalmente cair de boca no  
Dan, pegar o cara à unha, tascar um beijo daqueles e ver como ele  
reage.

Olhei para ela espantada, pensando se não tinha surtado ao  
sugerir algo assim, mas ao ver seu olhar sério e decidido vi que  
tinha dito aquilo para valer.

— E a segunda? — perguntei, tremendo.

— A segunda é partir para outra e esquecer que o cara existe. Mas você tem que realmente querer isso, Marina, tem que querer esquecê-lo e encontrar outra pessoa. Poxa! Tem um monte de caras bonitos e interessantes aí fora, que adorariam ter uma chance com você. — Paramos um pouco a conversa, pois chegou o garçom com nossos pedidos.

— Vai pensar nas coisas que eu te disse? — perguntou, quando ficamos sozinhas de novo.

— Vou sim — respondi com sinceridade.

— Quero que você saiba, que independente da escolha que faça estarei do seu lado, para o que der e vier — continuou, dando um tapinha na mesa.

— Obrigada, prometo que quando decidir você será a primeira a saber.

Mais tarde, voltei para casa com a cabeça cheia de interrogações. Shanti estava certa ao dizer que eu não podia continuar vivendo assim, tinha que ter minha própria vida, fazer uma escolha e ter coragem de seguir em frente, de assumir as consequências, de correr riscos.

Ao me arrumar para ir ao bar-restaurantes aquela noite, me olhei no espelho e pensei o quanto estava cansada daquilo tudo, de ser covarde, de esconder meus sentimentos, se não seria melhor romper logo com tudo, mudar definitivamente e esquecê-lo.

Acabava de passar o batom quando ouvi uma batidinha na porta.

— Pode entrar.

A porta se abriu, e o Dan apareceu, vestido de preto da cabeça aos pés, cabelo cheio de gel e aquele sorriso matador nos lábios. Olhou-me de cima a baixo, soltando um assovio, e corei de prazer.

— Gostou? — perguntei, dando uma voltinha, fazendo rodopiar meu vestido longo de um vermelho escuro.

— Muito, você sabe que fica muito bem com essa cor, combina com seu tom de pele — respondeu, observando o ondular do tecido.

— Obrigada — agradei sorrindo.

— Vamos, já deve ter um monte de gente nos esperando. — Ele estava eufórico.

Pegamos um táxi até o lugar marcado e quando entramos já estava lotado.

“De onde o Dan conhecia esse povo todo?”, pensei.

Assim que chegamos, fomos rodeados por vários amigos que começaram a nos cumprimentar alegremente.

— Marina, alguém já te disse que você está altamente “pegável” essa noite? — Lance falou, assim que se aproximou. — Amigo, se fosse minha irmã não deixava sair assim.

— Pode olhar à vontade, Lance — respondi para ele. — Agora, tocar só em pensamento, ou melhor, nem em pensamento.

— Hum, adoro mulher difícil!

Revirei os olhos; Lance não aprendia mesmo.

Comecei a caminhar, passando por um monte de gente, que conversava animadamente. Deixei Dan recebendo os cumprimentos dos amigos pela sua conquista. Finalmente avistei Shanti numa mesa, acenando para mim.

— Guardei um lugar para você! — Ela teve que gritar para que eu pudesse ouvir.

— Caramba! Isso aqui está uma loucura hoje! — falei, ao me sentar do outro lado da mesa, bem à sua frente.

— Nem me diga, não sabia que o Dan era tão popular!

— Para falar a verdade, nem eu! — concordei.

Pedimos nossas bebidas, alguns petiscos, e ficamos ali, batendo papo, rindo, brincando e observando o movimento.

— E aí, meninas! Posso me sentar um pouco com vocês? — Era o inconveniente do Lance.

— Claro! — disse Shanti, se espremendo toda contra a parede, para que ele sentasse ao seu lado. Ela sempre teve uma quedinha por ele, mas a fuzilei com o olhar por cima da mesa.

— Marina, se prepara que agora o telefone não vai parar na sua casa! — ele comentou, rindo.

— Por quê? — perguntei, indiferente.

— Porque o seu querido irmãozinho acaba de entrar para o distinto grupo dos maiores pegadores de Londres. — Olhei pra ele, confusa.

— Ainda não entendi, explica. — Ele revirou os olhos.

— Agora ele vai fazer parte do elenco de um filme famoso, ainda por cima vai interpretar o personagem de quem todas as gatinhas estão a fim, então o que vocês acham que vai acontecer, ou melhor, que já está acontecendo? — E apontou para uma mesa onde o Dan estava sentado, rodeado de gente. Olhei com mais atenção e vi uma garota loira, pendurada no ombro dele, rindo de alguma coisa que ele falava em seu ouvido. Congelei na hora.

— Quem é a garota? — perguntou Shanti.

— Conheci essa noite, se chama Karen Michaels, e desde que chegou não sai de perto dele. O Dan vai ser um otário se não ficar com ela hoje, ela já deu o sinal verde.

A garota era realmente bonita, mas pelas roupas que usava tinha uma aparência meio vulgar. Ela pegou o copo que ele estava bebendo, tomou um gole e devolveu para ele, num gesto muito íntimo. Baixei os olhos para minhas mãos, bebi mais um pouco do meu refrigerante, procurando disfarçar minha tristeza. Eu não era ingênua em pensar que Dan nunca tinha saído com outras garotas antes, pois eu sabia que isso acontecia esporadicamente, porém ele sempre foi muito discreto, inclusive nunca tinha levado uma namorada para nossa casa, então eu ainda não tinha testemunhado uma cena parecida. Lance e Shanti engataram num papo animado sobre cinema, eu fingi prestar atenção, mas, olhando de vez em quando na direção do casalzinho, reparei que ela se inclinava toda sedutora, falando alguma coisa no ouvido dele, fazendo-o rir em seguida. O tempo passava, Shanti e Lance começaram a falar sobre a carreira dele, que era a mesma do Dan, mas eu já não prestava nenhuma atenção, concentrada em outra direção. De repente a tal Karen se levantou, com o Dan seguindo atrás, e foram juntos para os fundos. Passava tudo na minha cabeça, tentando imaginar o que estariam fazendo; contei mentalmente até trinta, não aguentei mais e me levantei.

— Vou ao banheiro, já volto — falei para Shanti, que só resmungou um “está bem” e continuou no papo com o Lance.

Andei devagar por entre as pessoas, sem encontrá-los, saí do salão e entrei no corredor pouco iluminado que dava acesso aos sanitários. Mal tinha dado três passos quando os vi: a garota estava

encostada na parede, segurando Dan pelos cabelos enquanto se beijavam. A impressão é que tinham me dado um tiro no peito, tamanho o golpe que senti. Levei a mão ao pescoço, como se estivesse engasgada, precisava sair dali rapidamente. Completamente atordoada, me virei rápido demais e não vi a garçonete que passava atrás de mim, com uma bandeja cheia de copos, esbarrei nela e caiu tudo no chão. O barulho fez o dois pararem de se beijar e olharem na minha direção. Por um segundo, meu olhar se encontrou com os dele, surpresos, e reparei que se afastou da garota na mesma hora, mas não esperei para ver mais nada, me desculpei com a garçonete e escapei, apressada. Voltei para a mesa, pegando rápido minha bolsa.

— Vou pra casa agora! — disse, afobada.

— Já? — Shanti perguntou, surpresa.

— Depois me liga! — falei para ela, antes que me fizesse mais alguma pergunta, só queria sair daquele lugar. Assim que cheguei à calçada, peguei um táxi.

Entrei em casa e fui correndo para o meu quarto, alegando para mamãe que tinha chegado mais cedo por estar com dor de cabeça. Entrei, fechei a porta e arranquei com raiva aquele vestido que ele tinha gostado tanto – nunca mais usaria aquela porcaria. Fui ao banheiro tirar a maquiagem, deixando finalmente as lágrimas rolarem livres.

— Você é uma idiota, idiota completa! Chega de ser boba! — falei comigo mesma, olhando para o espelho. — Nunca, nunca mais choro por você, Daniel Harrison! — prometi a mim mesma.

Apaguei a luz e me deitei, mas estava sem sono, não conseguia dormir, rolava na cama, torturada pelas imagens de Dan beijando a tal Karen. As horas passavam, a casa estava escura e silenciosa. Ouvi quando um carro parou em frente à nossa casa, fui à janela e vi o Dan, saindo do táxi. Voltei para a cama, me cobri até o pescoço, ouvi passos na escada e depois silêncio. Percebi a maçaneta da minha porta girando e fechei os olhos, fingindo dormir; ele devia estar parado na porta. Pensei que ele já tivesse ido embora, quando senti seus passos no tapete em minha direção. O que ele estava fazendo ali? Inesperadamente, senti um carinho

suave em meus cabelos e ouvi um suspiro, mas continuei imóvel; estava magoada demais. Depois disso, ele não se demorou muito e saiu do quarto. Abraçada ao meu travesseiro, voltei a chorar, até cair no sono.

Acordei tarde, com meu celular tocando, olhei o visor – era Shanti –, atendi e lhe disse:

— Lembra aquela escolha que eu tinha que fazer? Já fiz.

## Capítulo 5

— **S**hanti, você tem certeza que isso é necessário? — perguntei, receosa.

— Absoluta — disse ela, decidida. — Agora, me deixa ver como ficou. — Respirei fundo e saí do provador.

Eu estava usando o *short* mais curto e apertado que já tinha vestido na vida, cintura baixa, e para completar vestia uma camiseta tipo *top*, de algodão branco. Sentia-me como uma cantora de *hip-hop* naquele visual.

— Perfeito! — disse Shanti sorrindo, satisfeita. — Não tem como um rapaz olhar para você com essa roupa e não começar a hiperventilar e babar. Vamos levar três *shorts* e meia dúzia desses *tops* em cores variadas. Além das calças, blusas e saias, é claro.

— Você não acha muito?

— Não, isso é só o início — disse piscando o olho, me deixando alarmada.

Saímos da loja, cheia de sacolas, e fomos lanchar. Assim que sentamos, já com nossas bandejas, Shanti pegou sua agenda, uma caneta e começou a rever seu plano mirabolante.

— Muito bem, acho que já temos quase todas as armas de que precisamos — comentou, enquanto corria os olhos por uma lista anotada na agenda.

— Quase todas? — perguntei, surpresa, enquanto mordida meu sanduíche.

— Sim — respondeu, com um sorrisinho malicioso. — Depois que a gente acabar de comer, falta o último item da minha lista para comprar, a arma final para o nosso plano “Morte ao Porco!” — Como Porco, entenda-se Daniel Harrison.

— Você é formidável, Shanti! — Não tinha como não rir quando ela dizia aquilo.

— Agora, vamos recapitular — disse, enquanto comia as batatinhas. — Primeira fase do plano: “Ignore o Porco.” Como

estamos?

— Muito bem, essa tem sido fácil, pois depois que ele começou a ir para o estúdio diariamente para as gravações, a gente quase não se vê, e à noite, quando chega em casa, finjo que ele não existe.

— Ótimo! — disse, feliz. — E o contato visual, fez o que a gente combinou?

— Fiz, se ele fala comigo, olho para qualquer outro lugar, menos para ele. — A gente tinha combinado isso, porque eu confessei a Shanti, que ficava meio boba quando ele sorria para mim.

— Certo. Isso vai quebrá-lo com certeza, ele vai ficar com uma minhoca na cabeça, que vai desestabilizá-lo, deixá-lo vulnerável e inseguro, pronto para a segunda fase: “Faça o Porco sofrer”.

— Vou ser sincera, Shanti, essa parte do plano me assusta! — confessei, enquanto bebia meu refrigerante.

— Essa parte é essencial, ele precisa saber o que perdeu, Marina! — Shanti disse isso com ódio no olhar.

— O problema sou eu conseguir ter coragem de vestir essas roupas e sair desfilando na frente dele — falei, ruborizando, enquanto ela revirava os olhos.

— Você se lembra dele beijando a garota?

— Claro, nunca vou esquecer!

— Então pronto. Toda vez que te faltar coragem, lembre-se dessa cena! — Fechei os olhos lembrando, e automaticamente uma onda de raiva me atingiu com força.

— Certo. Isso realmente ajuda — concordei.

— Na segunda fase do plano, você precisa ficar completamente irresistível, porém, intocável! Ele tem que ver exatamente o material que escapou das suas mãos. Para isso você, vai mostrar mais esse corpinho, aposentando de vez aquelas roupas, que esconde todo esse potencial de mulher fatal. Então, é usar e abusar das roupas de “visual sarado”. — Demos umas boas risadas juntas.

— Será que vai funcionar? — perguntei, insegura.

— Marina, você não confia no seu taco, não? — ela perguntou, incrédula. — Você tem o maior corpão, só que ele vive escondido!

Quando você começar a revelá-lo, tenho certeza absoluta de que os rapazes vão ficar malucos, especialmente o Porco! À noite, quando ele estiver em casa vendo TV, você vai entrar naquela sala com sua roupa de guerra, rebolando muito o quadril e fazendo cara de paisagem, como se fosse à coisa mais natural do mundo.

— Como você sabe tanto dessas coisas? — perguntei, curiosa.

— Tenho irmãos mais velhos em casa lembra? Escuto esses papos o tempo todo! Ah, eu queria ser uma mosquinha para ver a cara do Dan, quando você aparecer na frente dele pela primeira vez — disse, sonhadora. — Faça esse cara suar frio, ouviu?

— Vou fazer o possível — prometi, rindo.

— Esse seu novo visual também vai ajudá-la na terceira fase do plano: “Morte ao Porco”! Enquanto estiver na segunda fase, comece a escolher o alvo, procure um rapaz com quem você possa passar na cara do Dan, vai ser o golpe final! — acrescentou, dramática.

— Shanti, o que eu faria sem você? — perguntei, agradecida.

— Para isso que servem as amigas, meu bem, para ajudar a torturar os homens pobres e indefesos. Agora, vamos acabar logo de comer, que ainda temos mais uma loja para conferir.

Quando terminamos o lanche, Shanti me levou à loja Victoria’s Secret, onde eu fiquei alarmada, pois começamos a olhar um monte de *lingerie*.

— Shanti, o que estamos procurando?

— Bem, procuramos algo *sexy*, mas sem vulgaridade, algo insinuante e ao mesmo tempo ingênuo, uma peça que valorize os atributos que a Mãe Natureza te deu — ela respondeu, enquanto analisava cada peça do cabide. — Acho que encontrei, experimente! — disse, estendendo um *baby-doll* branco, formado por uma camiseta e um *short* de algodão, com babadinhos do mesmo tom nas beiradas.

— Porque devo vestir isso? — perguntei, desconfiada.

— Faça o que estou mandando e não discuta, vamos!

Suspirei, resignada, pegando a peça da mão dela, fui para o provador e coloquei o *baby-doll*. Shanti às vezes era chata, com

aquela mania de achar que sabia tudo, mas ao olhar meu reflexo no espelho fui obrigada a concordar, ela realmente tinha bom gosto.

— Maravilha! — disse, quando abri a cortina. — O queixo do Dan vai cair!

— Como assim, o queixo do “Dan” vai cair? — perguntei, fazendo-a dar um sorriso maquiavélico.

— Esse vai ser o golpe de misericórdia, Marina. Depois que tiver escolhido o seu alvo e estiver prestes a desfilar com ele, você vai aparecer para o Dan com essa roupa.

— Você está brincando!

— Você acha que eu brinco com coisa séria? — Ela falava para valer. — Você vai escolher o melhor momento, provavelmente um pouco antes de dormir, e quero que ele se revire na cama a noite toda, sabendo que deixou um avião como você escapar.

— Shanti, não quero nunca ter você como inimiga! — declarei.

— Toma, pegue também esse conjunto de sutiã e calcinha e veja como fica.

— Você quer que eu apareça de calcinha e sutiã na frente dele? — perguntei, quase histérica.

— Não, Madre Teresa de Calcutá! Esse aqui é para você usar quando sair com seu pretendente, nada como uma *lingerie* nova para fazer a gente se sentir poderosa. — Com isso, respirei aliviada.

Fui para casa com as mãos cheias de sacolas e a cabeça cheia de expectativa. Será que o Dan iria reagir como a Shanti esperava? Eu estava dividida, ao mesmo tempo queria que a noite chegasse e também não queria, as horas passavam devagar. Tomei um banho demorado e passei hidratante por todo o corpo, para ajudar a aliviar a tensão. Finalmente escutei quando a porta bateu, percebi ele entrando, ouvi seus passos na escada, depois caminhando em direção a seu quarto. Esperei impacientemente que ele tomasse banho, trocasse de roupa e fosse para a cozinha ou para a sala. Dei uma última olhada no espelho, ajeitei os ombros, empinei o busto e sai rebolando escada abaixo.

— Seja má, seja má, seja má... — eu ficava repetindo mentalmente, como um mantra.

Ele não estava na sala, então com certeza devia estar comendo na cozinha. Fui para lá, parei, respirei fundo e abri a porta.

Ele estava de pé bem de frente para mim, então, quando ele ergueu o rosto não tinha como não me ver, foi uma imensa satisfação interna. Tive o prazer de ver seus olhos se arregalarem e ele soltar a colher cheia de iogurte que estava levando à boca, deixando-a cair no chão. Fingi que não tinha acontecido nada, fui até a geladeira e peguei uma garrafa de água.

— Com licença — falei, me aproximando dele. Como ele não se mexia, repeti, sorrindo: — Alô, câmbio, Terra para Marte, quero pegar o copo que está atrás de você!

Ele piscou parecendo meio atordoado, mas saiu do lugar e passei bem perto dele, quase roçando em sua perna. Ele se afastou um pouco mais, enchi o copo d'água e comecei a beber devagar. Dan pegou a colher que tinha caído, limpou o chão e foi se sentar de frente para a mesa.

— Roupa nova? — perguntou, olhando para a minha barriga, enquanto comia.

— Nem tanto, eu já tinha comprado há algum tempo, mas tinha me esquecido dela — menti descaradamente.

— Ah! — foi a única coisa que ele respondeu.

Saí da cozinha e, ao passar por ele, dei uma boa rebolada. Fui para o quarto rindo comigo mesma. Passado certo tempo, ouvi alguém chegando: era o Lance. “Perfeito!”, pensei, e fui para a sala.

O Lance estava sentado no sofá, ao lado do Dan, falando sem parar sobre algum assunto, mas quando ele me viu descendo a escada, no mesmo instante, parou de falar e arregalou os olhos:

— Nossa!

Continuei fingindo que nada estava acontecendo, me abaixei propositalmente, fingindo pegar o controle-remoto na mesa, de maneira que tiveram uma visão privilegiada do meu decote. Sentei na poltrona, coloquei os pés na mesa, para que minhas pernas ficassem bem à mostra, e liguei a TV.

— Marina, onde você escondia todo esse material? — Olhei para ele e apenas sorri inocentemente, também dei uma espiada na cara do Dan, que encarava o Lance com um olhar assassino.

— Vem, Lance, vamos pro meu quarto — Dan disse, levantando-se visivelmente irritado.

Quando eles estavam subindo a escada, ouvi o Lance dizer:

— Rapaz, como ela tá gata!

— Cala a boca, Lance!

— Você viu aquelas pernas?

— Cala a boca, Lance! — Dan repetiu.

— Você vai dizer para mim que tem uma deusa dessas no final do corredor e nunca fez nada?

— Eu juro que se você falar mais alguma asneira te coloco para fora a pontapé!

— Você é normal? — Escutei a porta do quarto do Dan, batendo com força, e ri.

Continuei a olhar sorrindo para a TV, peguei meu celular e disse, assim que Shanti atendeu:

— Iniciada a segunda fase com sucesso. — Escutei a gargalhada dela do outro lado da linha.

Depois de duas semanas realizando o plano, não era só o Dan que estava tenso, eu também estava uma pilha. A gente mal se falava, primeiro porque ele estava se dividindo entre ensaios e gravações do filme, segundo porque eu continuava bancando a indiferente *sexy* o tempo todo. Comecei a sentir muita falta dele, do nosso companheirismo, das conversas na cozinha, dos desabafos na varanda, sentia saudade da naturalidade da nossa convivência, agora sempre tão carregada de mágoa, dor e sedução.

— Não sei por quanto tempo mais aguento isso — desabafei com Shanti por telefone, certa noite.

— Aguenta firme, Marina! Se você chegou até aqui, pode ir até o fim. Na verdade, esse final vai ser decidido por você, quando encontrar o novo pretendente a namorado. Por falar nisso, alguma sorte nessa busca?

— Nada — respondi, desanimada.

— Não esquenta, vai aparecer, tenho certeza, você só não pode exigir perfeição, porque isso não existe! — Nisso eu discordava totalmente da Shanti, a perfeição existia a duas portas de distância, mas preferi não falar nada.

Naquela noite, ele chegou muito tarde, mais do que de costume, e para meu espanto foi direto para o meu quarto.

— Posso entrar? — perguntou, parado à minha porta.

— Claro — disse, sem olhar para ele, encarando a tela do computador.

Ele entrou e se sentou no tapete, com as costas apoiadas na parede, porém sem falar nada. Achei aquilo estranho e resolvi dar uma espiada.

Dan estava de olhos fechados, com uma aparência cansada e abatida, e meu coração balançou.

— Foco, Marina, foco! — disse comigo mesma e voltei a olhar para a tela. Foi então que ele disse algo que me fez perder completamente a compostura:

— Vou desistir do filme — afirmou, baixinho.

— O quê? — inquiri, chocada, me virando para ele e olhando dentro de seus olhos pela primeira vez desde o incidente.

— Vou desistir de tudo, Marina — acrescentou, melancólico.

— Mas... por quê?! — Eu não conseguia acreditar. — Você queria tanto, batalhou tanto por essa chance, por que está desistindo?

— Porque... ah, isso é muito embaraçoso! — ele disse, passando as mãos no rosto cansado.

— Fala logo, antes que eu tenha um troço! — Agora eu tinha me levantado e sentado na frente dele, de pernas cruzadas.

— Eu não sei dançar, não consigo aprender a maldita coreografia que estamos ensaiando, ela faz parte do filme! — confessou, com o rosto vermelho de vergonha, e eu abri a boca de espanto.

— Mas e os outros, também estão achando difícil?

Ele riu sem humor.

— Alguns melhores, outros piores, mas nenhum é tão ruim quanto eu, pode estar certa disso! — Encostou a cabeça na parede e novamente fechou os olhos, e tive que me conter para não abraçá-lo, coisa que eu faria em outros tempos.

Não podia acreditar que o Dan ia perder a grande chance de sua carreira por algo tão banal como uma coreografia idiota. Eu

mesma já tinha me apresentado várias vezes, pois há anos estudava balé. Papai inclusive tinha mandado espelhar uma parede inteira do meu quarto e colocado uma barra, para facilitar os meus treinos, e foi olhando nessa direção que tive a ideia mais idiota da minha vida.

— Não. Você não vai desistir! Eu vou treinar essa coreografia com você, até fazer seus pés sangrarem! — falei, impetuosamente. — Mas você não vai abandonar a chance da sua vida! — Agora, era ele quem me olhava de boca aberta.

— Você está falando sério? — perguntou, incrédulo.

— Alguma vez já falhei contigo? — inquiri, decidida.

— Meu *muffin* de baunilha! — ele exclamou, sorrindo.

Num momento, ele estava me olhando agradecido, depois deu um grito de alegria, e não sei como, no momento seguinte, se jogou completamente em cima de mim. Como era muito maior e mais pesado do que eu, perdi o equilíbrio, caindo para trás, com ele por cima, me abraçando e agradecendo sem parar.

— Você é incrível, maravilhosa, fantástica... — A cada elogio que ele me fazia, beijava minha testa, minha bochecha, meus cabelos, meu pescoço, eu estava sem fôlego, com ele desabando em cima de mim e surtando com aquela proximidade toda. Mesmo por um motivo tão inocente, tive que fazer um esforço sobre-humano para não retribuir um abraço tão esfuziante.

— Dan, *OK*. Mas estou sem ar... — E era verdade, ele se levantou imediatamente e respirei aliviada.

Quando consegui me sentar novamente, ele já estava de pé, andando de um lado para o outro.

— Já sei como vamos fazer! — disse. — Amanhã te levo ao estúdio, para você aprender a coreografia junto com o restante do elenco, se for necessário te levo todo dia, até você aprender e poder treinar comigo.

— Se não for problema para você, por mim tudo bem!

— Ótimo! Nossa, estou tão aliviado que até me deu fome, acho que vou fazer uma boquinha. Quer vir comigo?

— Não, obrigada, estou sem fome — respondi, e ele saiu em seguida.

Assim que ele se afastou, peguei o celular e liguei para Shanti; precisava contar as novidades.

Já fazia quase 10 minutos que a Shanti gritava sem parar no telefone, depois que contei a história toda:

— Aaaaaaaaahhhhhhhh!!! Você vai conhecer o meu futuro marido Antony! Aaaaaaaaahhhhhhhh!!! Você vai conhecer a fofa da Mônica! — ela gritava a plenos pulmões os nomes dos atores principais do filme, de quem era muito fã, e assim prosseguia sem parar.

— Céus! Para de gritar um pouco, mulher, vou ficar surda! — gritei em resposta, e finalmente ela sossegou e me deixou continuar.

— E agora, como fica nosso plano? — perguntei.

— Não muda nada, você ajuda o Dan, mas continua secretamente torturando o Porco, até passarmos para a terceira fase do plano.

Terminei a ligação prometendo tirar fotos de tudo e de todos, além de dizer para o Antony que ele já tinha uma noiva, chamada Shanti.

No dia seguinte, depois da escola, lá fomos eu e Dan, na *van* da produção do filme. Estava bastante nervosa, mas ele me acalmou dizendo que o pessoal era bem legal.

Assim que chegamos, percebi que o estúdio era enorme. Fiquei olhando feito uma boba ao redor, surpresa com os cenários gigantescos, andando de costas sem olhar para trás, e quando me dei conta estava caindo de um degrau enorme e gritei.

Estava preparada para sentir um chão duro, mas surpreendentemente me vi agarrada por dois braços fortes e ouvi uma voz com um sotaque delicioso em meu ouvido:

— Se eu soubesse que choviam garotas bonitas na Inglaterra, tinha vindo para cá mais cedo.

Olhei para o rosto do meu salvador, que me pareceu familiar. Eu ainda estava muda do choque, mas consegui murmurar um agradecimento.

— Às ordens, foi um prazer! Meu nome é Marcel Dupont, mas se preferir pode me chamar pelo nome do meu personagem, Adonis.

“Adonis”, pensei, surpresa, agora lembrando quem ele era, um famoso e jovem ator francês.

O nome desse símbolo de beleza combinava perfeitamente com a aparência, alto, forte, moreno-claro, com cabelos cheios e castanhos, levemente cacheados. Seus músculos firmes se sobressaíam pela camiseta fina, seu rosto era largo, com olhos grandes e escuros, levemente amendoados, e seu nariz era forte e proeminente, mas que combinava com sua aparência viril e a reforçava. A boca era larga, mas bem-feita, e o queixo era quadrado – resumindo, era o protótipo de como todo cara deveria ser, ao representar masculinidade e charme.

— Marina, você está bem? — perguntou Dan, preocupado, me olhando lá de cima. — Já vou descer!

— Acho que agora você pode me colocar no chão — falei sem graça para Marcel, pois ele continuava me segurando no colo.

— Você conhece o Dan? — perguntou curioso, me colocando no chão.

— Claro que ela me conhece, somos irmãos — respondeu Dan, de forma possessiva, ao ficar do meu lado.

— Irmãos? — ele perguntou surpreso, me olhando de cima a baixo. — Que susto! Ainda bem que você não disse que ela é sua namorada, já pensou ter que trabalhar com um namorado ciumento? — comentou, sorrindo e piscando para mim, deixando-me vermelha, pois ele tinha um sorriso sedutor.

— Marina, daqui para frente, olhe por onde anda. Certo? — Dan advertiu, virando-se para mim e ignorando o colega de trabalho. — Você nem pode pensar em se machucar agora, se não quem vai me ajudar?

— *OK*, não precisa ficar nervoso! — respondi, chateada.

— Você veio conhecer o estúdio? — Marcel me perguntou, e novamente Dan respondeu por mim, me deixando ainda mais irritada:

— Não, ela veio dançar “comigo”. — Seu tom de voz demonstrava irritação, ele parecia incomodado com alguma coisa e eu não estava conseguindo entender o motivo. — Vamos, não quero me atrasar.

— Vou com vocês, também estava indo para a aula de dança.  
— Observei que Dan fechou a cara ainda mais.

Caminhamos um pouco, entramos em um corredor comprido e paramos em frente a uma porta enorme, e ao abri-la entramos num salão grande com piso de madeira encerado e paredes espelhadas.

Lá já se encontrava o restante do elenco, os atores principais e alguns figurantes, que aparentavam ter, em sua maioria, a mesma faixa etária, entre 18 e 20 anos. As outras pessoas presentes aparentavam ter mais idade e julguei que devia se tratar do coreógrafo e do pessoal do suporte técnico. Fiquei superemocionada.

— Ai, são eles! — falei baixinho, assim que avistei a dupla de atores mundialmente famosos.

— Se controla e vê se não dá vexame — Dan sussurrou no meu ouvido. — Vem, vou te apresentar — falou, me puxando pela mão.

Eles estavam reunidos agrupados num canto, conversando tranquilamente, alguns sentados, outros em pé.

— Oi, pessoal! Essa aqui é minha irmã, Marina — ele apresentou, simples assim, e eu fiquei lá, sorrindo.

— Oi, tudo bem? — Foi o que consegui dizer para todos.

Mônica Fielding, atriz que era uma das protagonistas no filme, aproximou-se, dando-me um beijinho no rosto. Esse gesto fez todos os outros seguirem seu exemplo, deixando-me encabulada e supervermelha.

“Se a Shanti me visse agora, ia morrer de inveja!”, pensei, assim que Antony Mitchell, o grande galã e estrela mundial, sonho de consumo de toda garota que eu conhecia e o protagonista do filme, se aproximou.

— Quando vi você entrando, segurando-a pela mão, pensei que fosse dizer que era sua namorada — disse Antony, brincando com o Dan. — Mas, ainda bem que não é.

— Você já é o segundo que me diz isso hoje — falou Dan, azedo.

— É mesmo? — perguntou Antony, rindo. — Quem foi o outro?

— O “francês” — respondeu, indicando Marcel com a cabeça.

— Relaxa e vai se acostumando, isso é que dá trazer irmã gatinha no meio da rapaziada — disse, dando tapinhas no ombro do Dan.

— Fica tranquila, Marina — disse Mônica do meu lado. — Esses garotos latem, mas não mordem.

— Olha que eu já te dei umas mordidas... — brincou Antony com ela.

— Até parece! — ela respondeu, brincalhona, e se virou novamente para mim. — Vocês são bem diferentes, os garotos nunca iriam imaginar que são irmãos — completou, apontando para o Dan.

— Sou adotada — esclareci. — Sou filha de ingleses, meus avós eram brasileiros, daí minha ascendência.

— Ah, entendi! Nós temos um rapaz brasileiro no elenco, espera aqui que eu vou te apresentar. — Ela olhou ao redor e avistou alguém. — Felipe! Vem aqui! — Aproximou-se de nós um rapaz aparentando ser de origem africana, de estatura mediana e muito musculoso.

— Quero te apresentar a Marina, ela é irmã do Dan e é descendente de brasileiros.

— Que legal! Muito prazer, eu sou Felipe Santos — disse, me dando um beijo no rosto. — Você fala português?

— Falo, mas estou meio enferrujada, por falta de prática — respondi, sem graça.

— Esta é uma boa oportunidade de praticar — comentou, sorrindo.

— Bem, então vou deixar vocês aqui praticando. — Mônica se afastou e me deu uma piscadinha de olho.

— Você é mesmo irmã do Dan? — começamos a conversar em português.

— Sou adotada, neta de brasileiros, mas vivi minha vida toda aqui na Inglaterra.

— Ah, mas então está superadaptada! — “Ele era simpático”, pensei, ao ver seu sorriso espontâneo. — E aí, está gostando do estúdio?

— Adorando, é incrível! E você, como veio parar aqui?  
— Sou capoeirista, fiz a audição para o personagem, que vai mostrar esse estilo de luta afro-brasileira.  
— Que máximo!  
— Quem sabe, um dia desses, a gente pode combinar de você assistir a um treino meu.  
— Boa ideia, eu...  
— O que você pensa que está fazendo? — Dan apareceu me cortando e me fuzilando com os olhos.  
— Conversando — respondi.  
— Sei, mas agora chega de papo furado, quero te apresentar para o coreógrafo — falou, puxando-me sem cerimônia.  
— Depois a gente combina — Felipe ainda conseguiu dizer.  
— Nossa, Dan! Precisava ser tão grosseiro? — disse, quando nos afastamos.  
— E você, precisava ser tão “simpática”? — Mostrei a língua para ele.

Um homem alto e bem magro se aproximou de nós. Era o conhecido coreógrafo, Brad Thompson.

— Brad, quero te apresentar minha irmã, Marina. — Cumprimentamo-nos educadamente. — Ela veio aprender a coreografia para treinarmos juntos, ela estuda balé.

— É mesmo? Treinar com o Harrison... você é corajosa! — disse rindo, para constrangimento do Dan. — Você trouxe sua roupa de dança? — Limitei-me a confirmar com a cabeça. — Ótimo, pode se trocar que já vou te ensinar a coreografia.

— Vem por aqui — Dan me chamou, mostrando onde ficavam os vestiários. Troquei de roupa rapidamente, preendi o cabelo e voltei para o salão.

— Vou te mostrar os passos básicos e você tenta me imitar, OK? — Brad falou.

— Sim — respondi, prestando atenção. Ele pediu que ligassem a música e começamos.

Os passos eram relativamente simples, porém precisavam ser bem marcados, além disso o rapaz deveria rodopiar a parceira no ar, e só estava com medo de o Dan me deixar cair no chão.

— Acha que já assistiu o bastante? Quer tentar comigo agora?  
— Brad perguntou.

— Vamos tentar.

Deslizamos pelo salão e, à medida que dançávamos, Brad me corrigia. Depois do quinto rodopio já começava a me sentir mais segura, e percebi que agora todos nos observavam, parecendo gostar. Paramos na frente de Dan.

— Sua irmã é muito graciosa, Harrison! Pena que essa qualidade não é comum a todos na família — disse, dando uma risadinha. — Podem começar a ensaiar. — Virei-me para o Dan, ouvindo a música que continuava a tocar, num ritmo lento e cadenciado.

— E então, o que achou? — perguntou.

— Não é muito difícil, mas você tem de se concentrar bastante para memorizar os passos e contar no ritmo certo.

— Parece tão fácil você fazendo e aprendeu a coreografia, numa rapidez! — Ele me olhava surpreso.

— É porque já estou acostumada. Pronto para começar? — Ele me olhou nervoso.

— Não! Mas, como dizem por aí, quem está na chuva é para se molhar. — E me pegou pela cintura.

— Você confia em mim? — perguntei, olhando nos olhos dele.

— Sempre — respondeu, concentrado.

— Então, faça tudo o que eu mandar. — E começamos a ensaiar.

No início, ele pisou um bocado no meu pé, sempre se desculpando, constrangido.

— Dan, presta atenção, você tem que parar de olhar para os seus pés, olha nos meus olhos e conte os passos mentalmente.

— Isso não vai dar certo! — disse, me largando subitamente nervoso e levando as mãos à cabeça.

— Vai, sim! Anda, faz e não discute — disse, agarrando suas mãos e colocando-as novamente na minha cintura. — Conta comigo, um, dois, três, quatro... cinco, seis, sete, oito...

Ele resmungou, meio zangado, algo que eu não entendi, mas fez o que pedi, e eu ergui meu rosto e recomeçamos. Meus olhos se

encontraram com os dele, e então aconteceu o que eu evitava a todo custo: conexão. Eu me esforçava ao máximo, tentando me concentrar somente na coreografia, mas como fazer isso ao encarar aqueles olhos que pareciam me atravessar? E eu começava a ter consciência do calor de seu peito tão próximo a mim, de suas mãos macias que me tocavam. Tanta proximidade começou a ser perturbadora, porém fiz força para aparentar tranquilidade e profissionalismo.

À medida que dançávamos, senti que aos poucos ele começou a relaxar, passou a acertar os passos e não pisava tanto no meu pé. Então algo quase me fez perder o equilíbrio: ele sorriu para mim e inesperadamente me puxou de encontro a ele, e nossos corpos ficaram perigosamente colados; o mundo ao meu redor deixou de existir. Eu estava presa, ali, não por correntes, mas por uma força muito superior, os braços dele formavam as grades de uma prisão, da qual não queria nem tinha forças de me libertar.

Aos poucos percebi algo diferente em seu rosto, uma mudança sutil, mas que notei quando o olhar dele se tornou intenso. Por alguns segundos foi como se chamas brilhassem em suas pupilas, porém ele piscou os olhos e, no momento seguinte, a emoção que eu pensei ter visto espelhada neles havia desaparecido. Confusa, senti-o afrouxar o aperto e procurei voltar a me concentrar no que fazíamos.

Da primeira vez que ele me ergueu, rodopiando comigo, confesso que pensei que ele fosse me derrubar, mas inesperadamente me sustentou o tempo todo, colocando-me no chão com cuidado.

— Parabéns, Dan. — Ele sorriu de prazer com o elogio.

Já tínhamos dado no mínimo umas 20 voltas, havíamos progredido bastante.

— Ai, me deixa sentar um pouco, preciso recuperar o fôlego! — falou, enxugando o suor da testa.

— Já ficou cansado? Isso é que dá ter vida sedentária, você está muito fora de forma. — Virei-me ao sentir uma mão na minha cintura.

— Posso ter a honra? — Era o Marcel, e antes que eu pudesse responder ou o Dan reclamar, ele me puxou e começamos a dançar pelo salão.

Era ótimo dançarino, não errou uma única vez e me ergueu no ar com facilidade, sorrindo para mim de um jeito encantador.

— Você dança muito bem — elogiei.

— Obrigado, mas com uma parceira como você não é preciso muito esforço. O Dan escondeu você direitinho, muito esperto da parte dele.

— Como assim? — perguntei, curiosa.

— Bom, ele nunca mencionou você antes, pelo menos até hoje, e imagino que ele agiu assim porque sabia que, no momento que o pessoal a descobrisse, não ia largar do seu pé — respondeu, flertando descaradamente.

— Como você é exagerado! — comentei, sem graça.

— Não posso garantir pelos outros, mas da minha parte é o que eu faria, ou melhor, pretendo fazer. — disse, me apertando mais forte, como para reforçar o que dizia.

— Sempre ouvi dizer que os franceses são os homens mais conquistadores da Europa, agora começo a entender o porquê dessa fama. — Ele deu uma sonora risada.

— Que é isso, Marcel, monopolizando a garota mais bonita do salão? Não seja egoísta — disse Felipe, parado do nosso lado. — Vem, Marina, vamos ver se você tem mesmo sangue brasileiro nas veias — disse, tirando-me dos braços do Marcel, que pareceu não gostar nem um pouco, fuzilando o colega com o olhar.

Felipe fez um sinal para alguém que mexia no som, que de repente começou a tocar um samba, e ele saiu rodando comigo, fazendo-me sentir numa gafeira. Ele grudou o corpo musculoso no meu, enquanto requebrava, com uma de suas pernas entre as minhas. O pessoal começou a aplaudir, enquanto dançávamos e desenvolvíamos passos mais elaborados.

— Acho que por hoje é só Amante Latino — disse Dan, interrompendo e colocando a mão no ombro do Felipe. — Acabou. Agora vamos para casa.

— Ah, que pena! — Felipe falou me soltando. — Estava realmente me divertindo!

— É, deu para notar — Dan comentou, enquanto me puxava para longe, mal deixando me despedir.

— Precisava dar todo esse espetáculo? — disse, entredentes.

— Estou aqui te fazendo um favor, isso não significa que também não posso me divertir, com alguém que não pise nos meus pés! — respondi irritada.

— Com licença — disse Mônica, se aproximando. — Até logo, Marina, foi um prazer conhecer você, espero que possa vir sempre aos nossos ensaios. Parabéns, você é muito talentosa! — disse me dando um abraço, que eu retribuí. Ela já estava se afastando, quando voltou e disse rápido: — Ah, só mais coisa, se eu não soubesse quem vocês são, juraria que era um casal de namorados brigando. — E deu um sorrisinho malicioso antes de partir. Depois dessa, só me restou sair dali e trocar de roupa.

Frequentei os ensaios por uma semana, e acabei ajudando não somente ao Dan, como outros membros do elenco. Tirei fotos dançando com todos os atores principais, e quando levei as fotos para a escola todo mundo morreu de inveja.

Marcel e Felipe ficavam se revezando para chamar minha atenção. E, se antes o problema era arrumar um pretendente, agora era decidir quem seria o escolhido.

— Ué, na dúvida fica com os dois — aconselhou-me Shanti, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Olhei para ela chocada com a sugestão.

Durante essa semana, não deixei o Dan descansar, para garantir que ele realmente aprendesse corretamente. Quando chegávamos em casa, continuávamos ensaiando no meu quarto, enquanto ele reclamava muito, mas não me deixava comover com suas reclamações de cansaço ou desânimo, simplesmente o empurrava para a frente do espelho e o fazia dançar comigo até a exaustão. Por sempre ser tratada como sua irmã, tínhamos toda a intimidade e cumplicidade que envolvem uma relação fraterna, então era muito natural nos tocar, ter alguma proximidade física, pelo menos para mim os sentimentos e sensações que o toque dele

despertava não tinham nada de fraterno, mesmo numa situação tão corriqueira.

Então, certa noite, ele me pediu para aproveitarmos o treino e ensaiarmos uma cena do filme enquanto dançávamos. A princípio não vi problema e aceitei, mas ao pegar o roteiro e ler do que se tratava, amaldiçoei a mim mesma por ter dito sim cedo demais. Era uma cena escandalosamente romântica, com diálogos cheios de duplos sentidos entre o seu personagem e o da garota que fazia sua parceira de dança. Li horrorizada, imaginando como conseguiria sobreviver àquilo. Apesar do pavor, procurei memorizar o texto o melhor que pude, então dessa vez, quando ele me segurou pela cintura, estava tão tensa que resolvi não olhar para seu rosto, fixando minha visão em seu peito; olhar seus olhos seria demais para mim nesse momento.

— Pronta? — perguntou, enquanto começávamos a nos mexer.

— Sim — respondi, nervosa. — Mas não se esqueça, não sou atriz, então não espere nenhum desempenho digno de Oscar aqui.

— *OK*, isso é só um ensaio — respondeu, rindo do meu nervosismo, o que me deixou irritada.

— Então vamos começar logo!

Depois que ouvi mais uma de suas risadinhas implicantes, ele ficou em silêncio por um instante e então começou a cena comigo. Fiquei impressionada como a postura e o tom de voz dele mudaram, incorporando o personagem. Mais uma vez, ficava evidente para mim como ele era talentoso. Procurei fazer minha parte o melhor que pude, enquanto nosso diálogo prosseguia.

— “Por que não aceita isso de uma vez? Por que continua fugindo de mim?” — ele dizia no texto.

— “Você não entende, jamais vai entender.” — respondi.

— “Quando você vai entender que somos feitos um para o outro?” — ele continuou.

— “Você sabe que não podemos. Pode ser perigoso, muito perigoso.”

— “Olha pra mim.” — ele pediu.

Na verdade quem pedia era seu personagem, mas naquele momento eu não conseguia mais separar o real da ficção. Quando

Dan, com delicadeza, segurou o meu queixo, fazendo-me erguer o rosto e finalmente encará-lo, quase desfaleci com as emoções que ele representava ali, num olhar apaixonado e desesperado.

— “O que você quer de mim?” — ele prosseguiu sussurrante, enquanto parava de dançar, e me segurou com firmeza pelos braços. — “O quão mais vou conseguir suportar essa tortura?”

— “Eu... você...” — gaguejei, buscando pelas palavras, mas elas me faltaram.

O texto acabava de ir para o espaço, e eu tinha perdido completamente o pouco de concentração que me restava. Minha mente entrou em colapso, meu corpo estava trêmulo, aquele texto, a interpretação intensa e vibrante dele, somada à nossa proximidade física, me desarmaram, senti minhas barreiras ruírem e lágrimas começaram a escorrer por minha face, num choro sufocado.

— Marina? — Voltou a falar no seu tom normal, enquanto franzia a testa. — O que houve? Por que está chorando?

Não consegui dizer nada, apenas continuei chorando, diante de seu olhar preocupado, e depois ele tocou meus cabelos.

— O que foi? Vamos, me diz — insistiu.

— Você... você interpreta tão bem, me emocionei — consegui responder, tentando dizer algo coerente.

Seu olhar se suavizou, desfazendo a expressão preocupada.

— Tão sensível o meu *muffin* de baunilha — disse, sorrindo; sua voz era uma carícia suave em meus ouvidos.

Ele tocou carinhosamente a minha bochecha com a ponta dos dedos, como se fosse dizer algo mais, e eu fiquei ali esperando pelo que viria. Mas, quando dei por mim, me soltou, formando uma distância razoável entre nós.

— Acho que você está cansada, foi um dia difícil, melhor pararmos por hoje. Tudo bem?

Eu apenas assenti com a cabeça, e ele então se aproximou novamente, para me dar um beijo rápido na testa. Quando percebi, já tinha ido embora e eu estava sozinha.

No último dia de ensaio, Dan já estava dançando direitinho e sem erros. Claro que nunca seria um dançarino profissional, mas pelo menos não ia fazer feio.

Chegamos em casa aquela noite, e fui direto tomar um bom banho. Confesso que estava exausta, tinha sido uma semana muito puxada, tanto física como emocionalmente. Fiz um lanche rápido e fui direto para a cama. Mal havia começado a ler uma revista quando o Dan apareceu, já de banho tomado e de cabelo molhado.

— Estou atrapalhando? — perguntou, parado à porta.

— Não, pode entrar — respondi, enquanto continuava a ler a revista, distraída.

— Só queria agradecer o que você fez por mim essa semana — disse, caminhando em minha direção.

— Não foi nada, tenho certeza que se fosse o oposto você faria o mesmo por mim — falei ao fechar a revista, quando ele parou ao meu lado.

— Sim, mas eu queria te agradecer de alguma forma especial — disse, alegre, mostrando-me algo parecido com uma embalagem de creme dental.

— O que é isso?

— Creme corporal relaxante. Vou te presentear com uma massagem caprichada nos pés! — respondeu, já se sentando na minha cama.

— Quê?! — perguntei, constrangida. — Não precisa, Dan, de verdade!

— Deixa de ser boba, é o mínimo que eu posso fazer — insistiu, pegando meus pés e colocando-os em cima de suas pernas cruzadas. — Agora, relaxa e aproveita.

Relaxar? Eu estava mais tensa do que nunca!

Ele começou espalhando o creme pelo meu pé direito, depois iniciou uma massagem deliciosa, fazendo movimentos circulares com os dedos. Comecei a sentir arrepios, que me subiam pelas pernas e iam até o meu último fio de cabelo. Passei a respirar mais rápido, enquanto as sensações só aumentavam.

“Minha nossa, e ele ainda está no primeiro pé!”, pensei, respirando profundamente. “Que tortura!”

Quando ele começou a apertar mais forte, tive que morder o lábio para não gemer.

— Estou te machucando? — perguntou, de repente. — Você está com uma cara engraçada, parece que está sentindo dor.

— Não, estou ótima, é que eu tenho os pés muito sensíveis — tentei disfarçar. Ele sorriu e passou a massagear o outro pé, enquanto eu cobria os olhos com meu braço.

— Hum... — acabei murmurando, quando ele apertou um ponto especialmente sensível.

— Sabia que você ia gostar — comentou, sorrindo angelicamente.

— Ai, aperta mais aí... — pedi.

— Aqui?

— Isso, vai com força e não para! — pedi, completamente rendida.

— Deixa comigo!

— Ai, que delícia! — suspirei, e ele soltou uma risada.

— A gente falando desse jeito, não parece que estamos fazendo um monte de sacanagem? — Fui obrigada a rir também. — Já ouvi falar que para algumas pessoas os pés são zonas erógenas.

“Com certeza sou uma delas!”, pensei.

— Pronto, acabei. Foi bom para você?

— Foi ótimo, obrigada. — Se ele ao menos desconfiasse o quanto tinha sido bom para mim... de repente, tive uma ideia. — Agora é a minha vez.

— Como assim? — perguntou, surpreso.

— Quero retribuir a delicadeza — disse, me levantando. — Vem, tira a camiseta e deita aqui de costas — pedi, dando um tapinha no colchão. Ele pareceu meio na dúvida, mas acabou me atendendo.

Sentei-me com as pernas abertas em cima dele, peguei o tubo do creme de massagem, coloquei uma quantidade generosa nas mãos e comecei a espalhá-la nas suas costas. Comecei massageando seus ombros vigorosamente, sentindo os nódulos de tensão e me concentrando neles.

— Nossa, onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou.

— Digamos que isso é um talento natural.

— Você dança, faz massagem, me pergunto o que mais você sabe fazer bem... — ele disse rouco, e eu preferi não responder.

Continuei fazendo a massagem, baixando as mãos lentamente, até que me aproximei da sua calça e escutei um suspiro. Concentrei-me naquela região, só por mais um tempo, parei, dei um tapinha rápido no seu bumbum e disse:

— Prontinho, pode levantar. — E saí de cima dele.

Ao vê-lo sair cambaleante, comprovei que a segunda fase do plano essa noite tinha sido um sucesso.

## Capítulo 6

**A**s filmagens começaram a exigir todo o tempo do Dan, logo ele e todo o elenco viajaram para fazerem as cenas externas, mantendo-se distantes por cerca de um mês.

Enquanto isso, tive tempo suficiente para pensar nos meus sentimentos por ele, naquele plano maluco que havia seguido e nas escolhas que estava prestes a fazer. Eu amava o Dan, profundamente, desesperadamente, totalmente e tolamente. Sim, eu era uma tola por amá-lo tanto, há tanto tempo e sem a menor possibilidade de vê-lo concretizado, bastaria uma palavra dele para que jogasse tudo para o alto, daria qualquer coisa por um simples beijo, por uma simples carícia que demonstrasse claramente que eu significava algo mais para ele, que não fosse apenas a irmãzinha.

Mas, como Shanti me lembrou tão bem, até quando esperar, até quando deixar de ter minha própria vida, de experimentar algo concreto, real e parar de viver apenas de sonhos e fantasias?

Foi com dor no coração e na alma que decidi desistir dele, virar essa página, constantemente sem conclusão na minha vida. Shanti continuava me pressionando a acabar logo com aquilo, mas fui firme com ela ao esclarecer que o amor de uma vida inteira não se deixa assim, como se descarta um sapato velho; era necessário me despedir aos poucos, me despedir de todas as lembranças, de todos os momentos que passamos juntos, das risadas, dos sorrisos, das piadas, das lágrimas, das brigas, do toque, dos cheiros, tudo que o simbolizasse. Perguntava-me o que sobraria em mim, depois de todo aquele exorcismo, porque amá-lo era como estar possuída por uma força sobrenatural. Tudo o que sentia agora dentro de mim era um profundo e imenso vazio, se pudesse gritar por dentro só meu próprio eco me responderia.

Foi nesse clima sombrio que o recebi. Era com uma frieza cortante que respondia a ele quando falava comigo, e eu podia enxergar, em seu olhar, confusão, mágoa e ressentimento com

minha mudança de atitude. O tempo passava e eu fui me afastando, destruindo pontes e desfazendo laços.

Na noite anterior ao lançamento do filme, coloquei em cima da cama o *baby-doll* comprado com a Shanti, olhei-o indecisa, até que decidi não usar. Não senti necessidade nem motivação, e o deixaria reservado para outra ocasião.

Finalmente, chegou o dia tão aguardado, toda a família estaria presente no evento, era uma ocasião de gala. Arrumei-me com todo o cuidado, o melhor penteado e a melhor maquiagem, porque decidi que aquele seria o dia definitivo na minha transformação; meu futuro parceiro já estava definido.

Logo após a apresentação do filme, haveria um jantar comemorativo e em seguida uma festa fechada num famoso clube noturno, restrita a poucos convidados. Como irmã do Dan e amiga de quase todo o elenco, claro que havia sido incluída nessa comemoração. Decidi, então, que lá se daria o desfecho e eu iniciaria uma nova fase na minha vida. Dan também tinha avisado que, na manhã seguinte à estreia, ele e boa parte do elenco viajariam por duas semanas, percorrendo vários lugares para divulgação do filme.

Coloquei meu vestido de tafetá tomara que caia, num tom de verde-oliva, com bordados e detalhes em vinho, um pouco acima do joelho. Ainda bem que o sutiã que eu tinha comprado com Shanti tinha alças removíveis, e havia chegado o dia de usar a *lingerie*, que faria me sentir poderosa.

Prendi os cabelos num rabo de cavalo alto, coloquei brincos compridos para combinar, uma sandália de salto agulha, e fiz uma maquiagem leve, porém com os olhos bem realçados, dei uma boa borrifada de perfume e estava pronta.

Havia acabado de tirar a carteira de motorista e iria dirigindo o carro da mamãe, porque nossos pais voltariam para casa logo após o jantar e eu seguiria para a festa, infelizmente dando carona para o Dan. Peguei meu casaco e bolsa e descii a escada.

— Uau! Nossa princesa está linda! — papai disse assim que me viu, tirando uma foto e fazendo-me piscar com o *flash*.

A família estava toda reunida na sala, minhas irmãs também estavam presentes, todos elegantemente vestidos. Meu olhar percorreu o ambiente e, quando encontrei Dan, senti o familiar aperto na boca do estômago: ele estava lindo com aquele cabelo cuidadosamente despenteado, usando calça social, camisa cinza e paletó preto. Desviei rapidamente o olhar, evitaria olhá-lo o máximo possível essa noite, queria me concentrar totalmente no meu objetivo, o que não o incluía.

Tiramos várias fotos, todos juntos, evitei aquelas ao lado dele, mas isso foi impossível quando mamãe sugeriu, fazendo um gesto com a mão para nos aproximarmos.

— Vai, Dan, só ficou faltando uma foto sua com a Marina!

Olhei para Dan, que, sério, se aproximou de mim, e ficamos parados, de pé, retos, um ao lado do outro.

— Que caras são essas? Vamos, sorriam e se abracem! — encorajou mamãe.

Não tivemos alternativa. Obedecemos. Abraçamo-nos pela cintura e demos sorrisos forçados. Assim que papai tirou a foto, afastamo-nos rapidamente.

— *OK*, já está bom, não é? Não quero me atrasar! — Dan disse, em direção à porta.

Entrei no carro e, em seguida, ouvi a outra porta se abrindo. Também vi o Dan entrar, se sentar ao meu lado e colocar o cinto, e eu dei a partida. Andava devagar pelas ruas, nervosa por ser a primeira vez que dirigia oficialmente e por estar com ele ao meu lado.

— Nessa velocidade, vamos chegar amanhã! — comentou, impaciente.

— Quem sabe agora, que você ficou famoso, cheio da grana, compra um carro para você e aprende a dirigir — rebati.

— Não gosto de dirigir — disse, fazendo uma careta.

— Como você pode dizer que não gosta se nunca tentou?

— Você não precisa tomar veneno para saber que é perigoso, não é mesmo? Além disso, carros me deixam nervoso. — E encerrou o assunto, mexendo as mãos sem parar.

Era de conhecimento público que Dan tinha sérios problemas com ansiedade, motivo pelo qual não confiava em si mesmo atrás de um volante.

— Você está nervoso?

— Muito! Vai estar cheio de gente lá, olhando, tirando fotos, sabe como me sinto em multidões! — desabafou, rindo nervosamente.

— Fica tranquilo, tenho certeza de que o filme vai ser um sucesso — falei, tranquilizando-o. — Respire fundo, sorria e pense: “Sou talentoso, bonito, fiz um bom trabalho e minha roupa está arrasando!”

— Você realmente pensa isso? — perguntou, olhando fixamente meu rosto.

— Que você é talentoso? Claro, já te disse isso várias vezes — respondi, distraída.

— Não, a outra parte, você realmente me acha bonito? — Ele sorria cinicamente agora. — Gostou da minha roupa?

Tive vontade de morder a língua por ter dito aquilo. Droga! Agora não poderia voltar atrás.

— Olha, você sabe que tem boa aparência, certo? — perguntei, irônica. — E, sim, gostei da sua roupa, ficou muito elegante. — Senti que ele me olhava de alto a baixo.

— Também gostei muito da sua, você está muito sensual. — Quase bati o carro quando ele disse isso, freando abruptamente. — Ei, cuidado! Quero chegar vivo! — ele reclamou, nervoso, se segurando na porta.

— Então, para de me distrair e me deixa dirigir! — E ficamos em silêncio até chegarmos ao nosso destino.

O lugar estava uma loucura: atores, jornalistas, convidados, fãs, curiosos, gente gritando histericamente, seguranças, policiais. Guiei o carro com dificuldade até o estacionamento reservado, e assim que saímos do automóvel comecei a ouvir muitos gritos. Muitas pessoas falavam ao mesmo tempo. Chamavam o Dan com as mãos, diziam que adoravam o seu personagem, pediam autógrafos, gritavam que ele era lindo.

— O que eu faço agora? — perguntou, nervoso.

— Vai lá, fale meia dúzia de bobagens para os jornalistas, sorria muito, dê autógrafos, tire fotos e aproveite! Este é o seu momento! — respondi, começando a me afastar.

— Não! Fica comigo, por favor! — Ele estava realmente apavorado.

— Daniel, calma! — falei, parando à sua frente. — Vai dar tudo certo, respire fundo, vamos! — Tentei puxá-lo, mas ele não se mexeu.

— Espera, antes de ir você faria uma coisa por mim? — perguntou, segurando minha mão.

— O quê?

— Me dá um abraço de boa sorte.

Olhei seu rosto, coisa que estava evitando fazer até então, e vi um par de olhos muito azuis suplicantes, olhos de menino, os mesmos que vi tão curiosos, descendo a escada na primeira vez que cheguei a nossa casa, tantos anos atrás. E eu soube, mais uma vez, não importava que eu já tivesse desistido dele, não importava quantos homens passariam por minha vida no futuro, sempre amaria aqueles olhos, até meu último suspiro.

Aproximei-me dele, ergui os braços e o abracei pelo pescoço, ficando na ponta dos pés e sentindo o cheiro maravilhoso de perfume em seu pescoço. Ele retribuiu me abraçando pela cintura, me apertando contra seu peito e respirando profundamente.

— Obrigado, você sempre me acalma — sussurrou no meu ouvido.

— *OK*. Agora vamos, já estamos atrasados! — disse, me afastando e tentando conter a emoção.

Entramos juntos no tapete vermelho, mas logo ele foi parado pelos jornalistas e fotógrafos e eu continuei andando até entrar no cinema. Nossa família já estava sentada nos lugares reservados, nos aguardando.

— Vocês demoraram! — disse Cate, quando sentei ao seu lado.

— Lá fora está uma loucura, um monte de gente chamando pelo Dan!

— Imagino!

Depois de um bom tempo ele chegou, sorrindo e com os olhos brilhando, sentando-se ao meu lado.

— Consegui, ufa!

— Vá se acostumando, isso é só o início! — disse Cate.

As luzes finalmente se apagaram e o filme começou. Estávamos todos ansiosos, ele tinha um papel secundário, mas era inegável que, toda vez em que aparecia em cena, éramos imediatamente atraídos pelo magnetismo de sua interpretação. À hora da cena em que ele dançava, não resisti, me virei para ele e perguntei:

— Quantas vezes você pisou no pé da sua parceira?

— Só duas — respondeu, rindo.

Enfim, chegou uma parte muito dramática do filme, em que seu personagem era torturado. Tive vontade de esconder o rosto para não continuar vendo suas expressões de sofrimento e dor, que ele representava de forma espetacular, até que não me contive mais e chorei mesmo.

— Fala sério, Marina! — disse Dan, tirando um lenço do bolso.

— Ah, cala a boca! — respondi, embaraçada, pegando o lenço que ele estendia, assoando o nariz.

O filme terminou, as luzes voltaram a se acender, e começou a hora dos cumprimentos, todo mundo feliz e orgulhoso do resultado. Parabenizei todo o elenco e tirei um monte de fotos. Reparei que Felipe parecia um pouco mais contido essa noite ao falar comigo e entendi o motivo, quando percebi que tinha vindo acompanhado de uma bela morena.

Surpreendi-me quando senti uma mão na minha cintura, e uma voz macia com sotaque carregado falando no meu ouvido:

— Alguém já disse que você está linda esta noite?

— Oi, Marcel! Obrigada, você também está ótimo! — falei, observando suas roupas elegantes. — Parabéns pelo filme. Está maravilhoso!

— Obrigado — disse, sorrindo. — Você vai conosco na comemoração, mais tarde?

— Claro, não vejo a hora! — respondi, sorrindo.

— Ótimo, quero dançar com você a noite toda — disse claramente, demonstrando suas intenções ao apertar ainda mais minha cintura.

— Combinado, a gente se vê lá. — Ele me deu um beijo no rosto e saiu, sorrindo e insinuante.

— O que o francês queria? — perguntou Dan carrancudo, surgindo de repente.

— Não é da sua conta — respondi friamente, irritada com seu tom de voz, e o encarei, aborrecida.

— Então, vamos jantar? — perguntou mamãe, atrás de nós.

Seguimos para o espaço reservado para a ocasião, um salão imenso de um luxuoso hotel, que foi todo decorado com cartazes e imagens do filme, sentamo-nos a uma das várias mesas redondas dispostas no local. O diretor do filme chegou e todos o aplaudiram. Ele ergueu os braços, pedindo silêncio, e fez um breve discurso de agradecimento. No final, entraram vários garçons, servindo taças de champanhe, e brindamos a boa sorte do filme e de todos. Voltamos a nos sentar, não demorou muito a entrada foi servida, logo seguida pelo prato principal, e saboreamos felizes a deliciosa refeição. Durante todo esse tempo, a conversa animada rolou solta, mas continuei bravamente nos meus esforços de não fixar o olhar nele. Também tiramos mais algumas fotos em família e com os amigos.

Aos poucos, o salão começou a se esvaziar de convidados, sinal de que estava ficando tarde. Papai estava recostado em sua cadeira, parecendo sonolento, e mamãe, depois de disfarçar um bocejo, colocou a mão no ombro dele, dizendo que também já era hora de voltarem para casa. Infelizmente, nem Maggie ou Cate poderiam nos acompanhar à festa, já que ambas tinham compromissos bem cedo no dia seguinte. Olhei meu relógio de pulso e confirmei que tinha chegado a hora de partirmos.

— Está pronta? — perguntou Dan, já se levantando de sua cadeira.

— Sim, só vou colocar meu casaco — respondi, ao me erguer.

Voltamos calados para o carro e nos dirigimos ao clube noturno, que não era muito longe dali. Deixei o carro no estacionamento, saímos e fomos andando lado a lado em direção à

entrada do local da festa, onde um forte esquema de segurança foi montado.

Paramos próximos da pista e, ajeitando os ombros, ergui bem as costas e abri um grande sorriso, pronta para começar a colocar meu plano em prática.

— Dan, agora cada um por si — falei, me virando para ele.

— Como assim? — perguntou, desconfiado.

— Quero dizer que vou procurar minha turma e você procure a sua. Até mais! — respondi me afastando dele, rindo ao deixá-lo lá, mudo de espanto.

Passou um garçom servindo champanhe e peguei uma taça: essa era a minha noite e iria aproveitar cada momento dela.

— Finalmente, encontrei a minha dama — disse Marcel, aparecendo de surpresa. — Pronta para fazer dessa uma noite inesquecível? — girei meu rosto e sorri para ele, acabando de beber o champanhe.

— O que estamos esperando? — perguntei. Ele sorriu de volta, pegou meu copo vazio, colocando-o numa mesa próxima, e em seguida pegou minha mão e deu um beijo nela olhando-me fixamente, o que me fez arrepiar de expectativa. Em seguida, conduziu-me à pista de dança, onde tocava uma música bem agitada.

— Adoro essa música! — gritei para ele.

— Eu também! — respondeu, animado.

Começamos a dançar, rindo e brincando, nos requebrando com o ritmo alucinante. As músicas mudavam, e nos soltávamos completamente, cantando junto o que mais gostávamos, de vez em quando bebendo mais taças de champanhe gelado para refrescar. Aos poucos, fui me soltando completamente e comecei a remexer os quadris no ritmo insinuante da música. Marcel logo se animou, me segurando pela cintura e me puxando para perto do seu corpo, e ficamos bem próximos, nos movendo na mesma sintonia.

— Com certeza, você sabe como se mexer — disse em meu ouvido, e dei uma risada.

Começou a tocar uma música de batida forte, rápida e envolvente, nos obrigando a acelerar ainda mais os movimentos. Ele

me olhava nos olhos, parecendo estar gostando daquilo tanto quanto eu, e subitamente me pegou pelo quadril, me virando e grudando minhas costas em seu peito largo, enquanto nossos quadris se chocavam.

— Estava louco para dançar essa música com você! — falou, enquanto cheirava meu pescoço.

Nesse momento, ergui o rosto e vi o Dan do outro lado do salão, com uma bebida na mão, ao lado de algumas pessoas que conversavam, mas parecia não estar prestando nenhuma atenção, pois olhava disfarçadamente em minha direção; por um momento, nossos olhares se cruzaram, e senti o Marcel beijando levemente meu pescoço. Fiz questão de encarar o Dan fixamente nesse momento, adorando a sensação de vingança ao registrar o resultado da carícia que tinha acabado de receber e ver a expressão de seu rosto endurecer. Mais músicas se sucederam, estava um pouco suada e quis lavar o rosto para retocar a maquiagem, então pedi licença ao meu charmoso acompanhante e fui para o toalete.

Como todo o restante da casa, o banheiro era enorme e chique, decorado como se fosse um camarim de teatro, com muitas luzes ao redor do imenso espelho. Mármore negro cobria quase todo o lugar, inclusive a imensa bancada que ia de uma parede a outra. Depois de me refrescar um pouco, me olhei no espelho, refazendo a maquiagem, passei as mãos no cabelo, observei meu rosto afogueado com os olhos brilhando, me sentindo ótima e poderosa. Dessa vez, iria até o fim, um homem lindo e charmoso me aguardava lá fora, e eu não desperdiçaria mais meu tempo. Saí do banheiro praticamente já dançando novamente, cruzei com um garçom e peguei outra taça de champanhe, no entanto alguém a retirou rapidamente das minhas mãos.

— Chega. Você já bebeu muito — Dan disse, aparecendo ao meu lado.

— Quando você bebe, parece nunca ser demais! — falei, irritada com sua petulância.

— Você não está acostumada e isso não é suco! — rebateu.

Por que ele tinha que ser tão irritante? Mas eu não iria permitir que ele interferisse em nada.

— Vá cuidar da sua vida! — falei furiosa, me afastando dele.

Voltei para a beirada da pista de dança, onde Marcel me aguardava.

— Está tudo bem? — perguntou, tocando meu rosto e observando meus olhos tensos.

— Tudo bem, só o Dan com essa mania de tomar conta de mim que me irrita! — desabafei.

Ele segurou minha mão e deu um sorriso charmoso.

— Esquece o Dan, ele só está se comportando como o típico irmão mais velho e protetor. Às vezes, não é fácil entender que a irmãzinha cresceu. Bem, chega de falar no seu irmão, que tal voltarmos de onde paramos? — E eu sorri, voltando a relaxar, e me deixei guiar por suas mãos fortes.

De volta à pista, dançamos várias outras músicas, enquanto rolava mais champanhe. Agora nossos corpos se roçavam sugestivamente, e ao tocar uma sucessão de músicas vibrantes grudamos nossas pernas, enquanto ele me segurava pela cintura. Marcel sussurrou meu nome em meu ouvido, com aquele sotaque maravilhoso, suas mãos descendo e subindo por minhas costas. Seus lábios iam e voltavam perigosamente perto dos meus, e me senti ansiosa por ter essa experiência.

— O que você acha de irmos para um dos reservados lá em cima? — perguntou, enquanto roçava os lábios na minha orelha, provocando-me arrepios. Confirmei, fazendo um gesto com a cabeça, e ele sorriu, animado.

De mãos dadas saímos da pista, driblando os outros casais que encontrávamos pelo caminho, subimos a escada que dava acesso a um balcão onde várias pessoas dançavam, admirando a pista lá em baixo, algumas se abraçando ou beijando. Na parede oposta, vi também várias portas, e Marcel foi naquela direção, me levando junto com ele. Checando uma a uma, verificamos que a maioria já estava ocupada, até que encontramos vazia uma das últimas e entramos. A sala pequena estava iluminada por um abajur no canto, e um sofá imenso de couro preto cobria toda a parede, com uma mesa ao centro. Ele se sentou no sofá, comigo ao seu lado, me abraçou com carinho, e com uma das mãos segurou meu rosto.

— Você é tão linda — declarou, aproximando o rosto do meu.

“Ai, caramba, vai ser agora, meu primeiro beijo!”, pensei, ofegante, fechando os olhos e sentindo o calor do seu hálito na minha pele.

Inesperadamente, a porta se abriu com violência, fazendo-nos pular, surpresos.

— O que você pensa que está fazendo? — gritou um Dan furioso, entrando na sala.

— Saia já daqui! — gritei igualmente furiosa, pondo-me de pé.

— Chega desse espetáculo, você já foi longe demais! — gritou de volta.

— Calma, Dan... — disse Marcel, tentando acalmar a situação.

— Com você eu me acerto depois! — ameaçou Dan.

Cala a boca, Dan! Você não vai se acertar com ninguém, muito menos com o Marcel, você não manda na minha vida!

— Vem comigo agora, Marina!

— Nem pensar! Você não é nada meu para dizer o que faço ou aonde vou!

— Marina, esse é o último aviso, vem comigo agora! Ou você vem por bem, ou vem por mal!

— Nem amarrada! — gritei.

— Eu te avisei! — subitamente, Dan me agarrou pela cintura, me jogando em seu ombro, e foi para a porta.

Momentaneamente, fiquei sem fôlego, pela surpresa de ser arremessada sem aviso algum, e horrorizada por ele ter a audácia de agir como um troglodita, mas me recuperei rápido e comecei a socar suas costas com minhas mãos.

— Espera, Dan! Vamos conversar... — ouvi Marcel dizer.

Dan se virou para ele e disse, apontando-lhe o dedo:

— Você fica fora disso, isso é assunto de família! — Em seguida, saiu porta afora, comigo esperneando jogada em seu ombro, tentando chutá-lo com minhas pernas e xingando-o com todos os palavrões que eu conhecia – até inventei uns novos, enquanto as pessoas nos olhavam, assustadas.

Ele desceu a escada comigo em seu ombro e, como eu não parava de lutar, entrou comigo por uma porta e me colocou no chão.

Assim que voltei a ficar de pé, percebi que era o banheiro feminino, onde já havia estado. Completamente furiosa, observei-o trancar a porta e se virar pra mim.

— Você enlouqueceu? — gritei.

— Quem parece ter enlouquecido é você! — gritou de volta.

— Você não tinha esse direito! Você não é meu pai!

— Duvido que você fosse se comportar desse jeito na frente dele! Rebolando, se agarrando com um quase desconhecido na pista de dança, bebendo sem parar...

— Pode parar! — cortei. — Eu estava me divertindo, dançando como todo mundo, e o Marcel não é um desconhecido! Já vi você fazer coisa bem pior, nos bares que frequenta com suas “amiguinhas”!

— Isso é diferente, Marina!

— Não, não é diferente, estamos no século XXI, direitos iguais, lembra? Como ousa me humilhar dessa forma na frente de todos? Nunca vou te perdoar por me fazer passar essa vergonha, agora suma daqui! — disse, virando de costas para ele, tremendo de raiva.

— Nunca imaginei que um dia pudesse ver você fazendo papel de vadia! — O que ele disse foi a gota d’água, e sem pensar me virei rápido e dei um sonoro tapa em seu rosto.

Fiquei olhando para o rosto dele virado, depois do tapa que lhe dei. Seus olhos estavam fechados, vi as marcas vermelhas que os meus dedos fizeram em sua pele, e me dei conta de que tinha ido longe demais. Abrindo os olhos, virou o rosto pra mim, numa máscara de fúria que me fez gelar até os ossos, seu olhar fervendo numa raiva intensa. Já tinha aberto a boca para me desculpar, quando me agarrou pelos braços com força, quase me machucando:

— Você não sabe que só existe um castigo para a mulher que bate em um homem? — E, me puxando com violência de encontro a seu corpo, esmagou meus lábios com os dele.

Fui pega completamente de surpresa com aquele ataque repentino. Dan me apertava com força, sua boca obrigando a minha a se abrir, bati o quadril na bancada, enquanto ele me pressionava com seu corpo.

Estava tonta, sem conseguir pensar com clareza, muito menos conseguir assimilar que o que havia sonhado, imaginado e rezado para acontecer estava de fato se realizando.

Senti sua língua invadir a minha boca, me obrigando a uma rendição total, e literalmente me senti devorada por ele. Estava em choque com seu ataque, me segurei em seu pescoço para não cair, até que o beijo foi mudando de intensidade, indo da raiva para algo mais lento e sensual. Sentia sua língua se movendo dentro da minha boca, mas ele deve ter percebido minha inexperiência, porque se afastou por um momento e sussurrou:

— Relaxa os lábios e mexe sua língua junto com a minha — disse, respirando rápido.

Olhei rapidamente em seus olhos e não vi mais raiva, apenas desejo; eu tremia da cabeça aos pés pela forte emoção que me dominava. Não conseguia acreditar que, dessa vez, tinha o homem dos meus sonhos, não só pedindo meus beijos, como me ensinando a beijar. Como um símbolo de rendição, fechei os olhos e aguardei ansiosa, me entregando ao momento. Primeiro senti seu hálito, seu perfume natural deixando-me inebriada, depois senti o toque suave de seus lábios nos meus, tão delicadamente que pareciam de seda. Senti uma de suas mãos em minha nuca, enquanto a outra me segurava pela cintura, com firmeza e carinho, e seguindo sua orientação movi meus lábios com os dele, saboreando sua maciez e sabor tão masculinos. Abrimos nossos lábios um pouco mais e, quando nossas línguas se encontraram pela primeira vez, abracei-o fortemente junto a mim, enquanto nos beijávamos em completa harmonia.

O estouro de uma manada de búfalos furiosos, a explosão de uma bomba nuclear, o impacto de um meteoro, tudo isso era pouco ao tentar expressar as emoções liberadas naquele momento, sensações fortes e intensas demais que vinham em ondas cada vez maiores, como se estivesse me afogando em fogo líquido, se é que isso era possível. Perdi completamente o domínio sobre minhas ações, sentia como se tivesse me tornado uma marionete em suas mãos, à medida que o beijo prosseguia e ganhava força e calor, assim como seu abraço se tornava possessivo e exigente. Minha

boca não parecia mais suficiente para ele, pois desceu os lábios para meu queixo onde mordiscou levemente, antes de seguir para meu pescoço; arrepios de prazer percorriam meu corpo à medida que ele beijava e sugava bem atrás da minha orelha. Naquele sublime momento, éramos somente Daniel e Marina, nosso sobrenome em comum havia ficado para trás.

Tive a impressão de ouvir batidas na porta, mas não tinha certeza, pois Dan nessa hora voltou à atenção novamente para minha boca, me dando mais um beijo arrasador, me fazendo arder em chamas; abracei-o ainda mais forte, porém agora eu ouvia que estavam realmente esmurrando a porta e desgrudei a minha boca da dele.

— Dan... — falei, sem fôlego. — Tem gente batendo na porta, querendo entrar.

— Eles podem esperar — falou, enquanto mordia minha orelha.

— Abram essa porta, ou vamos arrombar! — ouvi uma voz de homem ameaçando.

— Dan! Por favor, vamos sair daqui! — implorei, criando coragem e empurrando-o com minhas mãos.

Ele olhou para o meu rosto, e vi tanto sentimento em seus olhos que senti minhas pernas ficarem moles, mas ele pareceu me ouvir dessa vez, pois se afastou um pouco.

— Já vamos! — disse, ajeitando suas roupas e seu cabelo. Fiz o mesmo me olhando rapidamente no espelho, alisando o vestido e passando a mão no cabelo.

Dan abriu a porta, e demos de cara com um segurança mal-encarado.

— Algum problema, senhorita? Esse cavalheiro a está molestando? — perguntou se dirigindo a mim, já se preparando para partir para cima do Dan.

— Não, está tudo bem, garanto! — respondi rapidamente.

— Tem certeza? — tornou a perguntar, e confirmei, afirmando com a cabeça. Depois de lançar mais um olhar ameaçador para o Dan, partiu.

— Vem! — Dan falou, me puxando pela mão.

— Aonde vamos? — Ainda estava atordoada e tropeçava sem parar.

— Você ainda não dançou comigo essa noite — respondeu, me conduzindo à pista de dança.

Ao chegarmos lá, tocava uma música muito alegre, com uma batida contagiante. Ele se agarrou comigo e começamos a dançar, mexendo os quadris de forma sensual no ritmo da música, se é que aquela ralação toda podia se chamar de dança. Eu não conseguia parar de olhar seu rosto vermelho, excitado, olhos brilhando e aquele meio sorriso, que acabava com as boas intenções de qualquer garota. A música mudou para uma melodia mais tranquila e romântica, o que ajudou a nos acalmar um pouco. Sentia um clima de encantamento no ar, entrelaçamos nossas mãos, pousei minha cabeça em seu peito, sentindo seus lábios em meu cabelo, enquanto nos movíamos de um lado para o outro. Reparei em vários casais se formando na pista. Ele me abraçou pela cintura, enquanto passava minhas mãos atrás de seu pescoço, e nos deixamos envolver pela melodia.

— Quero que todos vejam que você é minha — sussurrou no meu ouvido, e eu tremi de alegria ao ouvir aquelas palavras.

Olhávamos nos olhos um do outro, completamente esquecidos do que rolava ao redor. Senti seu rosto se aproximar cada vez mais do meu e, mais uma vez, fechei meus olhos; ele me beijou com tanta ternura que juro que, se ele não estivesse me segurando, tinha caído ali mesmo. Abracei-o firme, passando minhas mãos por seu cabelo, sentindo a textura de seus lábios quentes, macios e saborosos. Quando o beijo acabou, dei uma olhada rápida ao redor e pude perceber vários pares de olhos surpresos, algumas pessoas rindo discretamente, enquanto outras apontavam abertamente para a gente. Fiquei um pouco sem graça, afinal cheguei à festa como irmã dele, e agora estávamos nos agarrando daquela forma, para quem assistia devia ser, no mínimo, esquisito.

— Vamos embora? — sugeri.

— Vamos — respondi prontamente. Naquele momento, iria até o inferno, desde que fosse com ele. Fomos pegar meu casaco e minha bolsa.

— Melhor você me dar a chave do carro — ele pediu.

— Mas você não sabe dirigir — argumentei.

— E você não está em condição de dirigir, depois de tanto champanhe. Vou pedir para alguém da produção levar o carro pra gente, e nós vamos de táxi. — Fui obrigada a concordar com seus argumentos e entreguei a chave a ele.

Saímos de mãos dadas na noite fria.

— Aonde você quer ir? — perguntou, e pensei por um momento.

— Estou com fome — acabei por responder.

— Ótima pedida. Vamos comer alguma coisa — ele concordou sorrindo, parando um táxi.

Durante todo o trajeto, eu me perguntava se aquela noite não era um sonho, se o braço que envolvia meus ombros não era uma ilusão, se o brilho de seus olhos ao me olhar não era uma miragem.

Já era muito tarde, quase tudo estava fechado, então resolvemos parar na primeira lanchonete que encontramos aberta. Já passava das três horas da manhã quando nos aproximamos, de mãos dadas, da moça no caixa. Olhando para a parede ao lado, vi um quadro intitulado Funcionário do Mês, onde aparecia justamente uma foto da garota que nos atendia.

— Vou querer uma promoção completa e um *milk-shake* de chocolate — ele falou, logo de cara.

— E a sua namorada? — a moça perguntou, sorrindo.

Fui pega completamente desprevenida com aquela pergunta. Namorada? Até bem pouco tempo, era sua irmã, agora, ao ouvir ser chamada de “namorada” por uma desconhecida, fiquei sem fala. O que será que eu era para o Dan nesse momento? Não tinha certeza. Como eu continuava muda, a atendente se virou novamente para ele.

— Ah, eu já sei, para ela pode pedir a promoção *light*, com suco de laranja — respondeu por mim.

— Legal quando o namorado da gente conhece nossos gostos, não é? — comentou a garota sorridente, e eu quis sumir. Já Dan não parecia nem um pouco perturbado.

— Se você quiser, pode ir se sentar, que eu levo a bandeja — ele sugeriu, e saí dali na mesma hora, antes que pudesse ouvir outro comentário daqueles.

Escolhi uma mesa ao lado de um espelho, e pude dar uma boa olhada no meu rosto. Estava com as bochechas muito rosadas e um olhar estranho, parecendo que estava com febre. O cabelo um pouco despenteado, mas ainda no lugar, os lábios completamente sem batom, e sorri comigo mesma ao lembrar o motivo. Acabei por dar uma risadinha, achando graça do meu reflexo.

— O que é tão engraçado? — perguntou Dan ao se aproximar, sentando-se à minha frente.

— A vida — respondi, alegre. — Oba! Estou faminta! — falei, avançando no sanduíche.

Enquanto comia, continuei me olhando no espelho, analisando meu rosto, minhas expressões, me observando analiticamente, até que ouvi uma risadinha.

— Você fica muito engraçada, bêbada — ele disse, rindo.

— Bêbada? Estou bêbada? — perguntei, surpresa.

— Bem, não muito, só de pilequinho, na verdade. Mas você está muito engraçada, comendo e se olhando nesse espelho, com um olhar de quem está “toda se querendo” — Não tive como não rir do comentário dele.

— Espera aí, isso merece ser registrado, seu primeiro pileque...

— Ele pegou o celular e mirou na minha direção, e assim que fiz uma pose, segurando o sanduba, ele tirou a foto.

A gente continuou comendo, com aquela naturalidade de quem se conhece a vida toda, rindo, brincando, fazendo comentários bobos sobre alguém que entrava, e caindo na risada.

— Senti muita falta disso — disse, segurando minha mão por cima da mesa.

— Do quê?

— De estar assim, com você, conversando sem estresse, falando um monte de bobagem, sem julgamentos, sem brigas. Você tem estado muito diferente de uns tempos para cá. — Baixei os olhos e dei um suspiro. — Por quê? Por que você mudou tanto? — ele perguntou, com um olhar triste.

— Você não desconfia? — questionei, olhando para nossas mãos unidas.

Ele segurou meu queixo com sua outra mão, me obrigando a encará-lo.

— Nós? — ele perguntou, me olhando nos olhos. — É esse o motivo?

— Sempre foi — confirmei. Não precisava dizer mais nada por enquanto, sabia que ele tinha entendido.

Dan se levantou e se sentou ao meu lado, passando o braço por trás do meu ombro.

— Mas agora, esse motivo não existe mais — ele disse, carinhosamente.

— Não? — perguntei, insegura.

— Não — respondeu, mexendo no meu cabelo. — Você acha que, agora que eu provei o gosto da sua boca, vou te deixar fugir? — Senti várias borboletas voando pelo meu estômago, quando o ouvi dizer aquilo.

— Quem disse que quero ir embora?

— Não sei. Nunca se sabe quando pode aparecer um gavião na área.

Fui até seu ouvido e sussurrei:

— Nunca houve outro, só você. — Já ia afastar meu rosto, mas ele me segurou pela nuca, impedindo que me afastasse.

— Você não espera dizer uma coisa dessas no meu ouvido e sair ilesa, não é? — falou, com um sorriso na voz, beijando-me apaixonadamente em seguida.

Quando paramos o beijo, ele estava tão sem fôlego quanto eu, encostando sua testa na minha.

— Deixa eu tirar uma foto da gente junto. — Ele colocou o rosto ao lado do meu, ergueu o celular, e sorrimos.

— Vamos, namorada? — perguntou, ao se levantar. Olhei para ele ainda sem acreditar que tudo aquilo estava acontecendo.

— Namorada? Tem certeza? — quis saber, abraçando-o pela cintura.

— Longe de mim contrariar a Funcionária do Mês — disse, rindo e me dando um beijo rápido no nariz.

Pegamos um táxi e fomos para casa. O carro da mamãe já estava estacionado bem em frente ao local.

— Puxa, esse pessoal da produção do filme é realmente eficiente — comentei, já na calçada.

— Com certeza. É melhor a gente colocar logo o carro dentro da garagem, não é?

— Sim, é melhor. Cadê a chave?

— Está aqui, no lugar que eu combinei — disse, pegando-a embaixo do capacho, e me entregando. — Você está bem para guiar o carro lá para dentro?

— Tranquilo, pode deixar. — Ele se sentou ao meu lado no carro e o manobrei sem problema, abrindo a garagem com o controle-remoto.

Entramos. Parei o carro e ficamos em silêncio, vendo o portão da garagem se fechar atrás de nós, só as luzes do painel nos iluminando.

— Já quer subir? — perguntou.

— Qual é sua sugestão?

— Hum, podia colocar uma música aqui para gente — disse, já mexendo no som, e em seguida comecei a ouvir uma música suave — estava rolando o maior clima. Olhei para o relógio, passava um pouco das quatro horas da manhã.

— Que horas eles vêm buscar você? — perguntei.

— Às seis e meia da manhã — respondeu, desanimado.

— Você não vai dormir nada! — falei, preocupada.

— Não vai ser a primeira vez.

— Então... a gente não tem muito tempo, não é?

— Não.

Primeiro, olhamo-nos assim, meio de lado, quase com timidez, e no segundo seguinte nos atiramos um nos braços do outro, nos beijando com avidez. Eu sentia uma urgência diferente no Dan, talvez por causa do pouco tempo que tínhamos antes dele viajar. Ele parou de me beijar, virando-me e, inesperadamente, me puxou, colocando-me sentada de lado em seu colo, encostando minhas costas na porta ao lado dele. Ele começou a beijar e sugar meu pescoço, provocando-me sensações desconhecidas e intensas. Movi

minhas mãos para sua camisa e comecei a passá-las por seu peito, mas estava meio torta e me senti desconfortável naquela posição, o que ele logo percebeu.

— Espera aí, tenho uma ideia — disse, abrindo a porta do nosso lado e, saindo do carro, deu a volta e abriu a outra porta, onde no momento estavam meus pés. Observei-o arrancar o paletó rapidamente e jogá-lo no banco de trás, e em seguida me puxou pelos tornozelos, de maneira que fiquei deitada nos dois bancos da frente, a cabeça numa porta, os pés na outra. Ele entrou no carro, ficando exatamente em cima de mim, pressionando minhas pernas com a dele, sustentando-se em seus braços.

— Melhor? — perguntou, sorrindo.

— Muito melhor — respondi, puxando-o para mim pela camisa.

Beijávamo-nos completamente entregues ao momento. Passava minhas mãos sem parar pelos seus cabelos, descendo por seu pescoço e seguindo por suas costas. Ele soltou minha boca, percorrendo meu pescoço com seus lábios, brincando com minha orelha, mordendo-a de leve e voltando para o meu pescoço. Minhas mãos passaram para a frente da sua camisa, e ousei desabotoar dois botões para poder fazer algo que eu ansiava, sentir seu peito com minhas mãos. Assim que as introduzi pela abertura, ele parou o que fazia e as segurou.

— Marina. Acho que isso não é uma boa ideia — comentou, tentando controlar a respiração.

— Como assim? — perguntei, confusa.

— Você não está acostumada com isso, não quero ir... longe demais com você — respondeu, me encarando.

Não sabia o porquê, mas aquela rejeição fez aflorar em mim todos os meus complexos reais e imaginários. Será que ele não me queria por não me achar bonita, ou por não me achar experiente o suficiente para ele? Dan me conhecia muito bem, ele logo viu no meu rosto que havia alguma coisa errada.

— O que foi? Por que essa ruga aqui? — interpelou, tocando minha testa com a ponta dos dedos.

— Nada.

— Desembucha, Marina! Se você não disser, vou ficar maluco, tentando adivinhar. — Permaneci em silêncio, e ele analisou meu rosto mais um pouco. — Te magoei, não foi? — Neguei com a cabeça, mas na mesma hora meus olhos se encheram de lágrimas traidoras.

— Marina... você está chorando? — Ele parecia apavorado. — Por favor, não faz isso, anda, fala pra mim o que você está pensando, não importa o que seja!

Era muito difícil falar sobre isso, e eu não sabia como começar.

— Você...

— Sim? — disse, me encorajando.

— Você me acha atraente? — perguntei, num fio de voz.

Ele me olhou com uma expressão que eu não soube decifrar e, para meu espanto, em seguida caiu na risada.

— Sua bobinha, é isso que você está pensando? Que eu não te acho atraente só porque pedi para você parar? — Ele segurou meu rosto em suas mãos, com delicadeza. — Você é a coisa mais linda do meu mundo! — E, para me provar o que disse, me deu um beijo arrebatador.

— Pensei que talvez não soubesse fazer você se sentir atraído o suficiente por mim — confessei, quando nossos lábios se separaram.

— O que mais desejo no momento é te ter aqui e agora, mas não posso fazer isso, não seria certo nem justo com você. Você merece algo belo e especial, não apenas sexo corrido, dentro de um carro, pensando unicamente na minha satisfação. — Ele me segurou forte em seus braços e sussurrou em meu ouvido: — Quando fizermos amor pela primeira vez, quero ouvir você gemer de prazer em meus braços. Quero sentir você tremer sob meu toque, e quero estar olhando dentro de seus olhos quando te fizer minha. — Ele voltou a olhar meu rosto com ternura. — Fui claro?

— Como água — respondi, ainda surpresa com sua declaração.

— Bem, isso não significa que não podemos brincar um pouco até lá — disse, insinuante.

— Adoro aprender brincadeiras novas — disse, me fingindo de ingênua. — Você quer ser meu professor?

— Só se me prometer ser uma aluna aplicada — respondeu, aproximando os lábios dos meus.

Começamos a nos beijar, ao mesmo tempo com carinho e desejo, e quando ele sugou mansamente meu lábio inferior me senti envolta em chamas invisíveis. Finalmente, fiz aquilo que ansiei por tanto tempo: corri minhas mãos livremente por seu peito, sentindo seus músculos em minha palma, seus pelos nas pontas de meus dedos. Percebi que, enquanto ele me beijava, corria as mãos por todo o meu vestido, como se procurasse por algo, até que o ouvi suspirar, frustrado:

— O que foi?

— Onde fica o zíper do seu vestido? — perguntou, afastando-se para me olhar melhor.

— Aqui, do lado — respondi, apontando para a lateral do meu vestido. — Pensei que você tivesse dito que queria ir devagar.

Ele me deu um olhar maroto, enquanto sorria levemente.

— Bem, mas olhar não tira pedaço, tira? — disse, colocando sua mão onde eu tinha indicado. — Se você não quiser... — Ele parecia um pouco inseguro se devia continuar.

— Quero — falei, sem titubear, e o vi dar um largo sorriso.

Ele foi abrindo devagar, quase com medo, descendo o zíper lentamente. Depois de aberto, senti a ponta de seus dedos na lateral do meu sutiã e vi seus olhos se arregalarem.

— Renda? Você que me matar? — perguntou, desesperado.

— Algum problema? — perguntei também, confusa com sua reação. — Você é alérgico?

— Não! Sou fissurado por *lingerie* com renda! — Dei uma risada gostosa com sua resposta.

Ele foi puxando devagar o meu vestido, e quando meu sutiã começou a aparecer percebi que ele parou de respirar.

— Ai, meu santinho... — murmurou, com a voz carregada. — É melhor do que eu imaginava. É perfeito! — Corei violentamente ao ouvir o elogio.

Ele me olhava com tanta veneração que fiquei comovida. Aproximou devagar a sua mão e tocou a borda do sutiã delicadamente com a ponta de seus dedos, quase com reverência.

Mas, antes que continuasse a baixar meu vestido e acabasse por revelar o restante, fomos interrompidos.

— Dan, é você? — Ouvimos uma voz ainda distante, e nos olhamos, apavorados.

— É o papai! — falei, pulando imediatamente.

— Caramba! — ele disse, me soltando.

— O que vamos fazer? — perguntei, assustada.

Estávamos num estado difícil de disfarçar, completamente despenteados, Dan com a camisa desabotoada, eu com o vestido aberto, aparecendo parte do sutiã. Dan deu um puxão no meu vestido, tentando colocá-lo no lugar, mas ouvimos os passos se aproximando.

— Se abaixa e fica completamente imóvel — ordenou, saindo do carro, passando as mãos no cabelo e abotoando rápido alguns botões. Vi que ele fechou os olhos, se concentrando, e quando os abriu sua feição estava completamente relaxada e casual. Nossa, realmente, ele era um ótimo ator!

— Sou eu, papai! — Dan disse se afastando, e ouvi uma porta se abrir.

— Ouvi o barulho do carro entrando na garagem e vim ver se está tudo bem — ouvi papai dizer.

— Está tudo perfeitamente bem.

— Onde está sua irmã? — Fiz uma careta ao ouvir aquilo.

— Já foi se deitar — mentiu Dan, com a maior cara de pau.

— E o que você ainda faz aqui?

— Vim procurar meu celular, acho que deixei no carro.

— Ah, então está bem. Vou voltar para a cama. Daqui a pouco você viaja, não é mesmo?

— Sim, em poucas horas — confirmou.

— Certo, se não voltar a vê-lo pela manhã, boa viagem, filho!

— Obrigado!

Ouvi os passos do papai se afastando e continuei sem me mexer, até o Dan se aproximar me fazendo um sinal para que saísse do carro. Fiquei de pé ao seu lado, colocando o vestido no lugar e fechando o zíper.

— Essa foi por muito pouco! — falei bem baixinho, ainda nervosa.

— Nem me fale, ainda estou em choque! — falou, no mesmo tom.

— Você merecia um Oscar por sua atuação, não deu para perceber nada!

— Deixa os elogios para depois, agora vamos subir antes que mais alguém apareça!

Tiramos os sapatos, saímos da garagem e subimos na ponta dos pés.

— Vá para seu quarto, vou tomar um banho e terminar de arrumar minhas coisas, passo lá antes de sair — sussurrou.

— Tá bom — murmurei em resposta, ficando na ponta dos pés para conseguir beijar seu queixo.

— Tentação! — ele disse, se aproximando.

— Vai, vai logo! — falei, rindo e empurrando-o para a porta do quarto dele.

— A aula foi suspensa, mas ainda não terminou! — sussurrou para mim, dando aquele sorriso que eu amava, antes de fechar a porta do seu quarto.

## Capítulo 7

**A** cordei devagar, de um sono muito profundo, e me mexi pensando que horas seriam. Sentia a cabeça um pouco pesada e a língua seca; realmente tinha exagerado na noite passada, não estava acostumada a beber, e tinha entornado muito champanhe, pelo que me lembrava.

Apesar do desconforto físico, me sentia leve, satisfeita, e tentei organizar meus pensamentos, procurando o motivo de estar me sentindo tão bem. Imagens sucessivas começaram a inundar minha mente, e quando as últimas lembranças da madrugada me atingiram abri os olhos e sentei na cama quase ao mesmo tempo.

— Oh... — senti minha cabeça rodar por causa do movimento brusco que fizera.

Olhei para a janela e, pela claridade que entrava no quarto, já devia ser bem tarde. Olhei para o relógio ao meu lado e confirmei minhas suspeitas: passava das três horas da tarde.

— Droga! — falei baixinho.

Tinha caído no sono esperando pelo Dan, e não havia conseguido me despedir dele. Voltei a deitar frustrada, pois teria adorado dar-lhe um beijo de despedida.

Ainda não estava muito certa de que tudo aquilo tinha acontecido, a noite passada parecia um sonho fantástico, ainda assim passei os dedos nos lábios, lembrando os beijos que trocamos, as carícias, o seu toque aveludado, o jeito carinhoso e meio desesperado com que ele me olhou, as suas palavras gentis e ao mesmo tempo cheias de más intenções. Só de pensar em tudo aquilo, sentia meu corpo vibrar e ansiar por ele. Meu coração cantava em meu peito uma música alegre, me sentia tão ridiculamente feliz!

Espreguicei-me com um sorriso nos lábios, levantei e fui dançando até o banheiro. Despi-me sem pressa, liguei a água quente e entrei de cabeça. Ao ensaboar meu corpo, lembrei-me do

Dan, do jeito intenso como ele me fitou o tempo todo, e ri embarçada, ao pensar na sua reação. Ele disse me achar bonita, ele disse que me queria, minha nossa, ele disse que queria fazer amor comigo! Só podia ser um sonho, uma ilusão criada pela minha mente, cheia de bebida e fantasia.

Mas, ao me olhar nua no espelho do banheiro, pela primeira vez, encontrei as primeiras provas de que a noite passada tinha sido bem real. Meu pescoço tinha algumas manchas roxas e vermelhas, provas mais do que concretas de que certa boquinha tinha passado um bom tempo ali. Imaginei a mamãe e o papai vendo aquilo e gelei; teria que usar alguma coisa para esconder as provas do crime. Enxuguei-me e corri para o quarto antes que alguém me visse. Abri o guarda-roupa, decidindo o que usar. Encontrei um lenço comprido, enrolei-o no pescoço, conferi o resultado no espelho e fiquei satisfeita com o que vi: disfarçava perfeitamente. Fui para a cozinha, colocar alguma coisa no estômago, e encontrei a mamãe, que me encheu de perguntas, querendo saber como tinha sido a comemoração. Falei animada sobre quase tudo, menos, é claro, as partes em que envolvia o ataque de certo rapaz de olhos azuis e cabelos bagunçados. Estava acabando de comer quando ouvi a campainha, fui atender e, assim que abri a porta, uma Shanti sorridente entrou sem esperar convite.

— Marina, anda! Conta, como foi? Quem estava lá? Tinha muito gato? Que músicas tocaram? Dançou com alguém? Quero saber tudo e... — Coloquei minha mão em sua boca, fazendo parar aquela metralhadora verbal.

— Calma, uma pergunta de cada vez, prometo responder a todas, mas primeiro vamos pro meu quarto — falei, rindo.

Assim que entramos, fechei a porta e sentamos na minha cama, de frente uma para outra. Comecei a descrever tudo, desde que saí de casa brigando com o Dan no carro, nossa chegada ao cinema, o tapete vermelho, a exibição do filme. Nesse ponto da minha narração, Shanti me fez descrever várias cenas, quis saber o que cada ator vestia e com quem falei.

— Você tirou várias fotos, não foi? — perguntou, ameaçadoramente.

— Sim, Shanti, de tudo! Agora, pare de interromper e me deixa continuar! — Ela pareceu satisfeita com minha resposta e ficou quieta.

Quando cheguei à parte da festa, comecei a falar do lugar, de como as pessoas estavam vestidas, e ela me interrompeu, estendendo as mãos:

— Certo, já entendi, tudo lindo, todo mundo muito chique, mas vamos para a pergunta que não quer calar. Você beijou alguém? — perguntou, ansiosa.

— Sim — respondi, sem consegui deixar de sorrir.

— Ah, milagres existem! — disse rindo, jogando as mãos para o alto e olhando para o teto. — Quem foi o príncipe encantado que quebrou o feitiço? Já sei, deixe-me adivinhar, Felipe, o atleta brasileiro!

— Ih, está muito fria, Shanti! — disse, rindo com vontade.

— Não? Então só nos resta o charmoso francês no páreo! Acertei?

— Hum... esse aí realmente quase conseguiu, esteve muito perto, mas no último segundo alguém passou na frente — respondi, fazendo suspense.

— Outro? — falou, arregalando os olhos, surpresa. — Minha nossa, Marina, não vai me dizer que você ficou com o Antony! — sugeri quase gritando, e eu caí na gargalhada.

— Não, Shanti, também não foi ele. Olha, deixa eu te mostrar primeiro uma coisa, antes de revelar quem foi o príncipe. — Tirei o lenço e aguardei a reação dela.

— Isso é o que estou pensando? — perguntou, incrédula. — Cruzes! Então, não foi um príncipe, e sim um vampiro! Ai, Marina, acaba logo com essa agonia e me conta, por favor!

— Você realmente não consegue adivinhar? Acho que agora ficou tão óbvio!

— Tão óbvio... — repetiu, apertando os olhos e pensando. — Espera aí! Não vai me dizer que o chupa-cabra que te fez isso foi o... Dan?!

Sorrindo de orelha a orelha, confirmei.

— Sim, foi ele!

Ela começou a gritar, animada, e tive que tampar sua boca novamente.

— Calma, Shanti! Daqui a pouco, a mamãe vai vir aqui, saber o que está acontecendo, se você continuar histérica desse jeito!

— Caramba, mais essa foi demais, Marina! O porquinho finalmente agiu? Anda, “cospe” tudo agora! Quero todos os detalhes!

Contei, então, um resumo do que havia acontecido. Da minha quase pegação com o Marcel – deixando a Shanti inconformada com o “quase” –, do surpreendente ataque de fúria do Dan e do desenrolar da briga até o momento culminante do beijo.

— E aí, como foi o beijo?

— Bom, eu nunca beijei outra pessoa pra comparar, então não sei se é sempre assim que a gente se sente, mas... — Fechei os olhos, lembrando a sensação ao ser beijada por ele. — Foi incrível! Ele foi tão carinhoso e sedutor ao mesmo tempo, e o gosto da boca dele, hum... — falei, dando a entender.

— Ai, amiga! Estou tão feliz por você! Depois desse lance no banheiro, parou por aí? — perguntou, desconfiada.

— Nem te conto! — E relatei todo o restante da história, até a hora do quase flagrante do papai.

— Que noite alucinante, Marina! Então, vamos recapitular a noite passada: quase amassos com o Marcel, ainda não me conformo! Você não é mais “boca virgem”, obra do porquinho vampiresco chupa-cabra; você tomou seu primeiro porre com classe, de champanhe; escutou um monte de confissões românticas; agarramentos em alto nível no carro da sua mãe; momento quase terror com a chegada do seu pai e a promessa de mais agarração no futuro — disse tudo isso num fôlego só, de tão rápido. — Esqueci alguma coisa?

— Só uma. Ele me chamou de namorada — disse isso fechando os olhos e me jogando na cama.

— Realmente esse foi um ponto alto da noite — concordou, sorrindo.

— Ah, Shanti, sou louca por ele! — confessei, ainda de olhos fechados.

— Eu sei. Você está radiante, sabia? Nunca te vi tão feliz, e você merece essa felicidade. Depois de esperar tanto tempo por aquele boçal. — Abri os olhos e fiz uma careta pra ela. — Mas... sem querer jogar água na fervura, ontem, para um primeiro encontro, vocês foram bem longe, não? — Fiquei pensando um tempo antes de responder.

— Não sei, talvez — respondi, ainda refletindo. — Mas é que é tão diferente esse lance com a gente.

— Diferente, como assim?

— Bom, por exemplo, se eu tivesse ficado com o Marcel em vez do Dan, com certeza a coisa não teria ido tão longe, porque eu ainda não o conhecia direito, a gente se beijaria, mas pararia por aí. — Sentei novamente antes de continuar. — Já com o Dan, é muito diferente, eu conheço completamente aquela cabeça desmiolada, conheço seus gostos, manias, qualidades e defeitos. Vejo-o acordar e ir dormir todos os dias há anos, já brigamos, já fizemos as pazes, rimos e choramos juntos, se duvidar eu o conheço melhor do que ele mesmo — e terminei minha análise.

— Te ouvir falar assim soa quase como se vocês já fossem casados! — brincou Shanti.

— A gente convive na mesma casa há quase nove anos, como não conhecer uma pessoa depois desse tempo todo? Então, quando ficamos juntos, a gente não tinha aquela insegurança que dá, quando num relacionamento você ainda está na fase de “se conhecer melhor”, simplesmente porque já ultrapassamos tudo isso, a única coisa que falta mesmo entre nós é a intimidade física — completei, pensativa.

— E, pelo jeito que a coisa vai, em breve essa também vai ser uma etapa concluída — comentou, sorrindo maliciosamente.

— Ah, não sei, vamos ver... — falei, sem graça. — Agora estou mesmo é com saudade dele.

— Ah, qual é? Faz só algumas horas que ele partiu!

— Eu sei, mas queria tanto que ele estivesse aqui! — suspirei, tristonha.

— Fica assim não! Pensa que, quando ele voltar, vocês estarão mortos de saudades um do outro, e com bastante tempo para ficar

juntos! — ela disse, animada.

— Tomara, Shanti!

Já fazia um tempo que Shanti tinha ido embora, quando resolvi navegar um pouco na internet. Abri minha caixa de *e-mails*, procurando alguma novidade, quando o título de uma mensagem chamou minha atenção: “Toda se querendo”. Abri ansiosa e li o seguinte conteúdo:

*"Bom dia, Namorada!*

*Ou será boa tarde, talvez boa noite? Sonhou comigo?*

*Não importa, estou aqui escrevendo rapidinho no aeroporto, pensando em você.*

*Opa! Estão me avisando que o avião já vai partir, tenho que ir. Estou enviando nossas fotos para você não se esquecer da nossa noite.*

*Sinta-se beijada da cabeça aos pés.*

*Namorado."*

Terminei de ler o *e-mail* rindo, chorando, tudo ao mesmo tempo, lia e relia sem parar. Abri o anexo, e lá estavam as fotos. Na primeira eu estava rindo pra ele, fazendo um olhar de “toda se querendo”, como ele chamou, e na outra foto, nós dois juntos, num momento perfeito.

Respondi o seguinte:

*"Boa tarde, Namorado!*

*Obrigada, adorei a surpresa!*

*Já comecei a contagem regressiva pro seu retorno, volta logo!*

*Saudade, saudade, saudade...*

*Beijos de baunilha,*

*Namorada."*

Usei nossa foto como proteção de tela no meu computador e fiquei olhando para ela um tempão. Beije um dedo da minha mão e encostei o mesmo dedo em cima da imagem dele.

— Por favor, não demora, Namorado — sussurrei.

Foram as duas semanas mais longas da História! Procurava acompanhar, pela internet, todos os lugares por onde ele passava, via as fotos, lia os comentários e as críticas, e sempre via o Dan cercado de fãs e admiradoras. Bateu uma insegurança, com tanta garota rodeando ele o tempo todo, será que ele tinha se segurado? Será que tinha pensado em mim?

Para meu azar, nossos horários se desencontraram, quase todas as vezes que ele ligou infelizmente eu não estava em casa, estava em aula, ensaiando ou já estava dormindo, então pouco nos falamos.

O tempo parecia se arrastar, eu estava enlouquecendo de saudade, até que um dia à noite recebi o seguinte *e-mail*:

*"Namorada,  
Voltando pra você!  
Chego amanhã à tarde, faça um bom uso da sua habilitação e esteja no aeroporto pra me pegar.  
Sentiu a exploração?  
Beijos molhados,  
Namorado."*

— Aaaahh!!! — gritei, e saí pulando pelo quarto.

A manhã seguinte parecia não ter fim, quase não comi de tanta ansiedade. À tarde, já estava quase enfartando, olhando o relógio a cada cinco minutos. Peguei o carro e cheguei ao aeroporto com quase uma hora de antecedência. Andava de um lado para o outro, sentava, levantava, não conseguia ficar parada. Finalmente, foi anunciado que o voo dele tinha chegado, corri para o portão de desembarque e fiquei aguardando, torcendo as mãos.

O portão finalmente foi aberto, começaram a sair algumas pessoas, e nada dele aparecer. Já estava achando que estava no lugar errado quando alguém alto, desengonçado e usando óculos escuros apareceu.

Senti-me numa cena de filme. Assim que ele me viu abriu um largo sorriso, esquecendo quem eu era e onde estava; corri e pulei

no colo dele, abraçando-o com minhas pernas em volta de sua cintura e segurando-o pelo pescoço com minhas mãos.

— Bem-vindo! — disse, alegremente.

— Uau! — ele exclamou surpreso e feliz, antes de me beijar.

Foi um beijo com gosto de saudade, forte e intenso, cheio de promessas. Fomos interrompidos por uma voz bem do nosso lado:

— Por favor, procurem um lugar reservado — olhei, surpresa, e vi o Antony, passando pela gente com um sorriso malicioso.

— Acho que exagerei, não é? — perguntei sem graça, colocando os pés no chão.

— Não, foi apenas você mesma — disse, me abraçando e me beijando rapidamente. — Nunca tenha vergonha de mostrar o que sente — ouvir aquilo me fez quase levitar de contentamento.

Pegamos sua bagagem e fomos para o estacionamento, e assim que sentamos, lado a lado no carro, ele pegou minha mão e a beijou ternamente.

— Senti sua falta — disse, inclinando-se na minha direção.

— O tempo não passava nunca! — confessei, observando-o beijar as pontas dos meus dedos.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer — respondeu, enquanto mordiscava minha mão, provocando-me arrepios pelo braço.

Ele começou a beijar novamente meus dedos, seus lábios foram subindo pelo meu braço, como se seguissem minhas veias, e os arrepios foram se intensificando. Parou um pouco na dobra do meu cotovelo, chegando ao meu ombro, concentrou-se no meu pescoço, enchendo-o de beijos, descobriu um lugar sensível bem atrás da minha orelha, e se manteve ali, fazendo-me fechar os olhos e suspirar. Com a outra mão, pegou-me pela cintura, me virando para ele. Senti sua boca se abrindo, e seus lábios mordiscaram mansamente a região.

— Não, assim não — falei, recuando.

— Por que não? — perguntou, surpreso, erguendo o rosto, mas ainda sem me soltar. — Não está bom pra você?

— Não é isso, muito pelo contrário. — Ao me ouvir dizer aquilo, ele sorriu, avançando novamente, mas o parei com um gesto. — É

que estamos indo pra casa, papai e mamãe estão lá, e vai ser muito suspeito se eu chegar com o pescoço marcado. — falei, tentando explicar racionalmente.

Ele me olhou longamente antes de responder.

— Está bem — disse, se afastando.

Dei a partida no carro e saímos dali; um silêncio estranho se instalou entre nós. Olhei pra ele de esguelha, e reparei que estava sério. Quase carrancudo.

— Está zangado comigo? — tomei a coragem de perguntar.

— Não — respondeu sem olhar pra mim. — Só muito irritado.

— Comigo? — quis saber, nervosa.

— Não — respondeu, dando um suspiro alto. — Estou irritado por ter que manter essa situação ridícula para os nossos pais. — Então, se virou para mim e continuou, exaltado: — Odeio quando eles nos chamam de irmãos, odeio ter que voltar pra casa e ver que as coisas continuam as mesmas, odeio não poder curtir você do jeito que gostamos, porque eles podem descobrir!

— Odeio isso tanto quanto você — falei, baixinho. — Mas seja sincero, o que você acha que eles iriam fazer, se chegássemos agora e confessássemos tudo? Você os conhece tão bem quanto eu, como você acha que eles iriam reagir?

Ele ficou calado, passando nervosamente a mão pelo cabelo, e parecia mais calmo quando respondeu:

— Nada bem.

— Sim, nada bem — concordei. — Olha, minha sugestão é que, por algum tempo, mantenhamos nosso relacionamento em segredo, apenas o tempo suficiente para que eu possa me tornar mais independente, ganhar maior idade, depois disso ninguém mais pode mandar em mim.

— O quê? — ele quase gritou. — Marina, você ainda vai completar 17 mês que vem! Isso significa termos que ficar mais de um ano nessa farsa!

— Eu sei — disse, ao entrar na nossa rua. — Não consegui pensar em nada melhor.

Entrei com o carro na garagem da nossa casa, e ficamos ali, sentados em silêncio, olhando para a frente.

— Se você achar que isso tudo não vale o sacrifício, vou entender, não vou culpá-lo por querer algo diferente, ou melhor — falei, com a voz trêmula. Tudo o que eu mais queria era ficar com ele, para mim nenhum sacrifício seria grande o bastante, nenhum obstáculo era difícil o suficiente, mas não poderia obrigá-lo a se sentir como eu, ou tomar as mesmas decisões.

— Melhor? Do que você está falando, enlouqueceu? — Ele parecia alucinado. — Quando você diz “isso tudo”, significa nós, Marina? Olha pra mim! — Virei meu rosto pra ele, mordendo a boca, nervosa.

— Quero deixar uma coisa bem clara, não vou desistir de nós! Não depois de passar nove anos quase enlouquecendo nessa casa! — Ele me segurou firme pelos ombros. — Vendo você todo dia, sem poder te ter, sentindo seu cheiro e querendo você, sem poder te tocar! Eu quero você, Marina! Quero você na minha vida, na minha cama e na minha alma! Eu te amo!

Olhei pra ele só por um segundo, antes de nos atirmos nos braços um do outro. Sua boca se movendo urgente junto à minha, cada célula do meu corpo clamava por ele, por suas mãos habilidosas, por seu toque, por seu olhar cheio de carinho, por seu abraço aconchegante. Mas não era só isso, era muito mais que apenas desejo físico, mais que satisfação, era a necessidade da sua presença, da sua personalidade sensível e inteligente, do seu senso de humor único e de tantas outras características que admirava nele.

— Eu te amo há tanto tempo! — consegui dizer, quando nossos lábios se separaram. — Mas tinha medo que não fosse correspondida — completei, olhando em seus olhos.

— Ah, meu amor! — sussurrou, antes de encher meu rosto de beijos. — Ainda não sei bem como, mas vamos fazer “isso tudo” dar certo, de alguma forma. Vamos conseguir!

— Eu sei! — falei, confiante. — Agora que eu sei como você me ama, tudo se torna possível.

Ficamos ali, abraçados por algum tempo, como que temerosos de nos afastarmos. Sabíamos que, ao sair dali, teríamos que voltar a usar nossas máscaras, tínhamos consciência de que seria doloroso,

porém sabíamos que valeria a pena. E foi essa certeza que nos deu força para sair do carro e enfrentar o que viesse pela frente. Juntos.

\*\*\*

— Para, Dan! Faz cócegas! — disse, deitada no tapete do seu quarto.

Ouvi sua risada baixa – tinha acabado de lamber meu umbigo – e olhei para baixo: minha camiseta estava um pouco erguida, vi-o tirando os lábios da minha barriga e levantando a cabeça para olhar meu rosto. Eu acariciava seus cabelos com uma de minhas mãos e sorri para ele.

Fazia uma semana que estávamos naquele clima gostoso de namoro, completamente à vontade um com o outro, ao mesmo tempo nos descobrindo em outros aspectos, ainda maravilhados de poder finalmente nos tocar livremente. Na verdade, nem tão livremente assim. Quando nossos pais estavam em casa, fazíamos todo o teatro de bons irmãozinhos, mas quando conseguíamos ficar sozinhos, como agora, aproveitávamos cada segundo.

— Quando penso em quanto tempo perdi — ele disse. — Quanto tempo eu fiquei, sonhando em estar assim com você, sentindo o calor da sua pele, seu cheiro de baunilha, seu sabor. — Enquanto falava passava o nariz na minha barriga, dava leves mordidinhas. — Você me perdoa por ser tão tolo?

— Não há o que perdoar — respondi. — Tudo tem sua hora, e a nossa chegou. Agora, temos todo o tempo do mundo, não é? Mas só não vou te perdoar de uma coisa.

— De quê? — perguntou, desconfiado.

— Se não vir aqui me beijar agora. — Ao ouvir aquilo, automaticamente ficou em cima de mim, com os nossos rostos muito próximos.

— Hum, que namorada ressentida que eu arrumei!

— Você não viu nada! — falei, puxando-o para mim.

Não me cansava de beijá-lo. A sensação era como ter estado muito tempo perdida num deserto e finalmente tivesse encontrado um oásis, um lugar onde pudesse matar minha sede. Eu tinha sede

dele e, quanto mais bebia, mais sede sentia, mais queria me embriagar dele. Se Dan fosse uma bebida, eu seria uma séria candidata ao vício, uma dependente incurável.

O corpo dele foi baixando sobre o meu, nossas pernas se entrelaçaram, abracei-o com mais força, adorando sentir seu peito forte me pressionando, passei minhas mãos por suas costas, subindo e descendo, ele soltou minha boca, e seus lábios escorregaram para o meu colo, dando vários beijos úmidos. Ele pressionou o quadril contra o meu, me deixando ao mesmo tempo constrangida e excitada ao perceber que era a causadora de tamanha empolgação. Minhas mãos pareciam ter vida própria, deslizavam por suas costas e, depois de um momento de hesitação, descii ainda mais, chegando próximo à sua cintura, indecisa se prosseguia ou não, porém, quando ele deu uma mordida mais forte no meu pescoço, elas deslizaram rapidamente e apertaram aquela região tentadora.

— Fica muito difícil manter meu autocontrole quando você faz essas coisas, sabia? — ele falou, rouco.

— E quem disse que eu quero facilitar? — perguntei, debochando.

— Você é meu fruto proibido, sabia?

— Dizem que são os mais doces.

— E o mais fatais, também — disse, rindo.

— Você acha cedo demais para gente... — dei uma pausa sugestiva.

— Nada é cedo demais para gente, Marina — respondeu, pressionando meu corpo ainda mais. — Nós estamos atrasados! Pelo menos é como me sinto em relação a isso. E você, acha que estamos sendo precipitados?

— Se você fosse outro rapaz qualquer, com o pouco tempo de namoro que nós temos, com certeza nem estaria aqui nessa situação. Mas, como é você, parece tudo tão certo. É como se fosse o curso natural das coisas, entende?

— Entendo. Também sinto a mesma coisa, não vejo a hora de a gente se entregar totalmente.

— Por que não agora? Se eu me sinto bem com a ideia e você concorda comigo, o que nos impede?

— Nada. Nada me impede de ficar com você. Mas quero fazer do nosso primeiro momento algo muito especial — disse, dando um beijo suave nos meus lábios. — Tenho algumas ideias, mas ainda não decidi realmente o que fazer.

— E você não vai me contar que ideias são essas? — perguntei, curiosa.

— Oh, não! — respondeu, dando aquele sorriso de quem está aprontando uma travessura. — Vai ser uma surpresa!

— Surpresa? — perguntei, apertando os olhos. — Você não vai aprontar nenhuma esquisitice, não é?

— O que você chama de esquisitice? — perguntou, mordendo os lábios, como se estivesse controlando o riso.

— Ah, sei lá! — falei, ficando vermelha. — Algo constrangedor ou anormal.

— Tolinha! — disse, tocando meu nariz com o seu, enquanto ria. — Para sua informação, sou o cara mais normal que conheço quando o assunto é esse. Então, pode ficar tranquila.

Olhei para ele ainda rindo, rolamos nossos corpos até eu ficar por cima, e ele me abraçou forte pela cintura.

— Gosto tanto quando estamos juntos assim!

— Eu também, você não faz nem ideia de como é bom te tocar, Marina. Sentir você. Estar com você me faz sentir tão vivo! — declarou, tocando carinhosamente meus cabelos.

Aproximei meu rosto do dele e segurei sua face em minhas mãos.

— Te amo.

— Te amo mais — retribuiu, me beijando em seguida.

O beijo começou suave, gentil, doce, nossas bocas se encontrando em perfeita sintonia. Aos poucos, o beijo foi ficando mais impetuoso, exigindo movimentos mais rápidos, quase desesperados. Senti suas mãos descendo da minha cintura, indo parar no meu bumbum, dando um aperto suave gostoso e me fazendo pressionar ainda mais o meu quadril contra o dele, levando-o a suspirar. Ele rolou comigo sem me soltar, ficando sobre mim.

Trocamos mais beijos urgentes, molhados, minhas mãos começaram a se aventurar por dentro da sua camiseta, ansiava por sentir a pele dele em minhas mãos.

— Me ajuda a tirar — pediu, respirando profundamente.

Peguei a barra de sua camiseta, puxando pelo seu tronco e passando pela sua cabeça, e ele a jogou longe, voltando imediatamente a atenção para mim.

— Me toca, Marina. — Ele não precisava pedir duas vezes.

Toquei, fascinada, cada centímetro do peito dele, observando os pelos se eriçarem à medida que eu avançava, ouvindo-o gemer baixinho, parecendo aprovar meu toque inexperiente.

— Quero te tocar também — disse, me olhando de um jeito que me fez sentir como algo muito precioso para ele.

Em seguida, Dan fez um movimento tão rápido que, quando me dei conta, tinha puxado minha blusa, passando pelo meu pescoço, deixando-a presa em meus braços, que estavam erguidos ao lado da minha cabeça. Ele abaixou o rosto, olhando fascinado para os meus seios, cobertos pelo sutiã de algodão.

Senti minha face ruborizar imediatamente, apesar de nos conhecermos praticamente a vida toda e de eu estar adorando descobrir que conseguia fazê-lo reagir dessa forma; ainda estava me acostumando a me expor diante de seus olhos famintos.

— Desistiu de esperar? — perguntei, indecisa, sobre o que ele iria fazer em seguida.

Ele sorriu, mas não disse nada, continuou apenas admirando silenciosamente, parecendo enfrentar algum conflito interno.

— Eu quero que saiba — começou a responder, com a voz carregada de sentimento —, que nunca, em minha vida, pensei que um dia estaria diante de tamanha beleza. Sinto-me fraco diante de você, todas as minhas decisões estremecem, minhas certezas tornam-se dúvidas, nem sei mais quem sou.

Fiquei completamente sem palavras diante dessa declaração, mas preni a respiração quando vi sua mão se erguer, parar bem diante do bojo de meu sutiã e tremer. Ele ergueu o rosto e me fitou, com olhos cheios de desejo e com respiração irregular.

— Nunca quis outra além de você — sussurrou. — Não quero precipitar nada entre nós, mas...

Ele voltou a olhar para meu busto, completamente assolado pela dúvida.

— Tenho medo de que, se te tocar um pouco mais, eu não tenha o autocontrole necessário para parar.

— Está tudo bem — eu disse, calmamente. — Eu também te quero.

— Quer? — perguntou, como se estivesse ouvindo algo surreal.

— Com todo o meu coração.

— Quero que seja belo, quero que seja único.

— Vai ser — eu disse, sorrindo levemente.

Ele passou nervoso a língua em seus lábios e respirou profundamente.

— Eu posso me controlar — disse, como se estivesse falando consigo mesmo. — Só quero sentir. Você permite?

Diante de tão doce pedido, quem diria não?

Tomei sua mão e, delicadamente, a descii até o lugar que ele tanto almejava, percebendo quando prendeu a respiração assim que o tecido macio roçou seus dedos.

— Tão suave — sussurrou.

Ele continuou nesse passeio delicado e gentil, parecendo fascinado com o que estava fazendo, e, embora seu toque fosse apenas um leve roçar, senti meu corpo se aquecer como se fosse subitamente exposto ao sol.

Entretidos como estávamos, não ouvimos os passos na escada, nem a porta que se abriu devagar.

— “Subam para as colinas, é o Apocalipse!” — alguém falou da porta, nos fazendo pular, apavorados.

\*\*\*

Já era a terceira vez que batia na porta e ninguém atendia, tinha marcado com o Dan de aparecer naquele horário, mas tudo estava muito silencioso. Talvez ele tivesse caído no sono, resolvi então arriscar a maçaneta, que abriu com um estalo.

Passei para a sala e avisei, em voz alta, que estava entrando, mas continuei sem resposta. Resolvi subir as escadas, fui pro quarto do Dan, rindo comigo mesmo, imaginando que ele devesse estar dormindo e já planejando acordá-lo com um susto. Abri a porta devagar e fiquei pasmo com a cena que se desenrolava bem diante de meus olhos.

Marina estava deitada no chão, os braços erguidos, presos com algo enrolado neles, devia ser sua blusa, que o Dan mantinha ali segurando com uma de suas mãos, enquanto a outra tocava o sutiã dela com a ponta dos dedos. Surpreso, pisquei os olhos e soltei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Subam para as colinas, é o Apocalipse!

Eles pararam na hora o que faziam. Marina olhou para mim de olhos arregalados, soltou rápido os braços da sua blusa e cobriu o busto, mordendo os lábios parecendo muito envergonhada. Dan ficou na frente da Marina, tentando escondê-la com seu corpo, olhando para mim com raiva.

— Saia daqui, agora Lance! — disse, enfurecido.

Eu estava tão sem ação que demorei a entender o que ele pediu.

— Sai agora, já vou falar contigo! — E finalmente a compreensão me atingiu. Saí dali rapidinho.

Desci a escada aos pulos, ainda atordoado, olhei ao redor tentando decidir aonde ir, e optei pelo quintal. Lá fora, sentei nos degraus e fiquei aguardando, nervoso.

Não me considerava um cara preconceituoso, alguns até achavam que era liberal demais, mas fui pego desprevenido com aquela situação. Sempre tinha visto Dan e Marina como irmãos, bem como a Maggie e a Cate. Apesar da grande diferença física entre eles, todos se davam muito bem, claro que com as implicâncias naturais que existem entre irmãos, mas “nada” que me fizesse pensar na possibilidade de algo desse tipo acontecer. Nada? Pensando melhor, às vezes sentia uma espécie de tensão entre eles, algo muito sutil, mas sempre pensei ser superproteção do Dan com a irmã caçula ou ciúme entre irmãos, o que é muito comum.

Mas aquilo tinha se intensificado nos últimos anos. Lembrei que uma vez, de brincadeira, olhei pra Marina e perguntei pro Dan o que ele achava de me ter como cunhado; lembro dele me olhar muito sério e dizer que só por cima do seu cadáver. Na verdade, ele se comportava assim com quase todo cara que desconfiava estar a fim dela.

Dan sempre foi um cara boa-pinta, brincalhão, talentoso, mas quando o assunto era mulher era um trapalhão, muito inseguro sobre como agir e o que falar. Quando queria sair com alguma garota, dava mil voltas, a menina até cansava de tanta enrolação. Então, na maioria das vezes, quando ele ficava com alguém era porque a garota praticamente se atirava em cima dele.

Há quanto tempo aquilo podia estar acontecendo? Pelo que tinha acabado de ver, já estavam bem íntimos, talvez até já tivesse rolado tudo. Ah, não podia culpar o Dan por não resistir à Marina, a garota era uma gata e ultimamente andava com cada roupa, que fazia qualquer um perder o juízo.

Ouvi a porta se abrindo. Dan se aproximava, acabando de colocar a camiseta, e se sentou ao meu lado, passando a mão nos cabelos.

Ficamos um tempo em silêncio, olhei pra ele e vi um rosto preocupado.

— Há quanto tempo isso está rolando?

Ele suspirou, parecendo decidir o que dizer:

— Há pouco tempo — disse, por fim.

— Seus pais não sabem de nada, não é? — E ele deu um sorriso amarelo.

— Nem desconfiam. Só vão descobrir se alguém der com a língua nos dentes — falou, em tom de ameaça.

— Está me estranhando? — perguntei, ofendido. — Nunca traí um amigo!

Ele fez cara de culpado e depois sacudiu a cabeça, muito nervoso.

— Eu sei, desculpa, mas é que manter esse segredo é muito importante. — E dei uma risadinha.

— Claro que é importante, pois se teu pai descobrir que você anda agarrando a Marina, acaba contigo! — Fez uma careta ao ouvir aquilo.

— Eu sei — concordou. — Mas vale a pena o risco.

Diante dessa frase, tive que sorrir.

— Cara, você é meu herói!

— Como assim? — perguntou, cismado.

— Você é tão bom pegador, que nem a irmã adotiva você perdoa, garanhão! — Ele revirou os olhos. — Precisa me ensinar seu truque!

Subitamente, ficou todo agitado e quase gaguejou ao começar a falar de tanta raiva, que parecia estar sentindo.

— Quer me fazer o favor de parar de falar bobagem? — perguntou, impaciente. — A coisa entre a gente não é assim.

— Não entendi, e como é? — perguntei, franzindo a testa.

— A gente não está só se agarrando. — Ele parecia meio constrangido de revelar tudo. — A gente está namorando de verdade.

Dan olhou para o céu, enquanto esfregava sem parar as mãos em sua calça e eu arregalava os olhos, diante do impacto daquela revelação.

— Vocês estão namorando? — quis saber, de queixo caído. — Quando você diz namorando, é tipo aquele negócio de andar de mão dada, abrir porta do carro, ir ao cinema e comprar pipoca antes de levar pro motel? — Dan soltou uma risada nervosa.

— Ainda estamos na parte do cinema e da pipoca — respondeu, quase quicando de onde estava sentado. — Na verdade, desde que a gente está junto, não fomos ao cinema, não é uma má ideia.

— Não mude de assunto! Quer dizer que ainda não transaram?

— Será que você podia parar de usar esses termos quando falar dela? — Não me aguentei e soltei uma risada.

— Ai, que bonitinho o namoradinho ofendidinho, defendendo a namoradinha — disse fazendo gozação.

Ele rolou os olhos e grunhiu, aborrecido.

— Droga, Lance! Você só fala besteira! — falou irritado, enquanto eu continuava rindo.

— Está bem. Então vou perguntar com classe, você ainda não deflorou a linda donzela?

Dan me olhou duro, com certeza se olhar matasse eu já estava a sete palmos abaixo da terra.

— Olha — disse, entredentes. — Eu só vou te responder para não ouvir mais suas asneiras. Não, ainda não chegamos lá.

— Ainda? Mas então a possibilidade existe! — afirmei, empolgado.

Ele esfregou o rosto com as mãos e por fim soltou os ombros, tentando relaxar.

— Sim, existe uma boa chance — confessou, sorrindo levemente. — Na verdade, isso é algo que anda me preocupando um pouco — disse, ficando sério.

— Preocupando, por quê? — Não conseguia imaginar o motivo.

— Porque nunca tive esse momento com uma garota virgem e queria que fosse perfeito na primeira vez dela — respondeu, de olhos baixos. — Você já fez, com uma virgem?

— Já — respondi, lembrando as experiências.

— Acho que vou me arrepender de perguntar, mas vou perguntar assim mesmo. Alguma dica?

— Vou te dizer o conselho que meu pai me deu — comecei a falar, imitando a voz do meu pai. — “Filho, transar com garota virgem é que nem andar pela primeira vez num carro zero quilômetro! Você olha para o carro admirando os faróis, a lanternagem, entra e se senta todo orgulhoso, segura no volante de forma gentil e firme ao mesmo tempo, gira a chave, dá a partida, acelera um pouquinho, só para sentir a potência do motor, pisa na embreagem, coloca a mão na marcha e engata a primeira; você sente que o carro pede mais marcha e engata a segunda, ele vai pedir mais velocidade e você engata a terceira, e assim até chegar à quinta marcha, nesse ponto você pode enfiar o pé no acelerador e ir a 200 km por hora. Mas nesse processo, entre a primeira e a quinta marcha, pode ser que você passe em algum obstáculo, nesse caso

“você volta à marcha anterior e começa tudo de novo.” Pronto, foi isso que ele me disse, o que achou?

Dan fez uma cara estranha e coçou o queixo, parecendo meio confuso.

— Parece um bom conselho, só tem um probleminha.

— Qual?

— Não sei dirigir — disse rindo, de gozação.

— Droga, Harrison! Sabia que às vezes você é um cara muito estranho? — falei, irritado. — Olha. Eu vou lhe dar uns conselhos à minha moda. — Dan cruzou os braços e me olhou com atenção: — Primeiro: pense que você é um soldado com uma longa missão a cumprir e por isso, não pode gastar toda a munição de uma vez só.

— Como é? — perguntou, piscando os olhos repetidas vezes.

— Eu sabia que devia ter insistido pra você participar de alguns jogos de *paintball*! — falei, exasperado. — Já vi que com você não usar adianta metáforas, então o negócio é o seguinte: vai demorar, então, se você ficar muito animadinho durante o processo, pode acabar rápido demais, e a garota no final vai ficar te olhando com cara de “é só isso?”. E, pelo que estou percebendo, acho que não é o que você quer que aconteça com a Marina. Conselho: toda vez que sentir que está perdendo o controle, pense em alguma coisa que o desestimule um pouco, tipo Segunda Guerra Mundial, nazismo, holocausto ou qualquer outra lembrança que o tire do foco; isso vai te dar o tempo que precisa. — Dan me olhava de boca aberta. — Acha que entendeu agora?

— Creio que sim — respondeu, um pouco inseguro.

De repente, veio-me à mente uma recordação engraçada, sorri e falei, em seguida:

— Quando elas começam a miar, também é outro sinal de que você pode entrar com a quinta marcha. — Dan me olhou, incrédulo.

— Você fez uma garota miar? — perguntou, começando a rir.

— Juro, palavra de escoteiro! Quando começou a ficar animada, ela gemia assim: “Miauuu!” — Dan jogou a cabeça para trás, dando uma risada, e começamos a gargalhar até ficarmos com falta de ar.

— Só contigo mesmo, Lance! — disse Dan, recuperando o fôlego. — Valeu pelas dicas.

— Para que servem os amigos?

\*\*\*

Nas semanas que se seguiram, sentíamos nossa relação amadurecer e ganhar intensidade. Devido a isso, manter nossa fachada para o mundo tornou-se um grande desafio.

Aos poucos, chegamos à conclusão de que conduziríamos aquela situação fraternal a nosso favor, afinal, dentro de certos limites, era permitido carinho entre irmãos, correto?

Então, se assistíamos à TV na sala, o fazíamos de mãos dadas, o que a princípio parecia algo bem inocente. Se à tarde chegava em casa anunciando que tinha tirado boa nota na escola, ele aproveitava para me dar um forte abraço ao me parabenizar. Quando, certa noite, fui ver um filme com ele, em seu quarto, ficamos deitados em sua cama, abraçados o tempo todo, nos beijando disfarçadamente no rosto ou nas mãos. E, como era tudo tão aparentemente normal, o fazíamos de portas abertas, para quem quisesse ver, e na verdade aquilo ajudava a não gerar suspeitas. Somente ao despertar pela manhã foi que me dei conta de que tínhamos adormecido juntos.

Levantei o rosto de seu peito e, ao olhar seu rosto calmo, adormecido profundamente, me perguntei se realmente estava acordada, pois, depois de passar boa parte de minha vida sonhando com algo assim, viver essa inesperada realidade era ainda surpreendente.

— Eu te amo — murmurei em seu ouvido.

Sorri ao perceber que, pelo sono tão pesado, ele nem se moveu, mas não importava. Minha felicidade era saber que meu sentimento era correspondido, estando ele consciente ou não.

Ao descer para o café da manhã, encontrei papai, que como sempre lia seu jornal, nos cumprimentamos como de costume, e ele me estendeu a parte que eu costumava ler.

— Você e Dan parecem estar numa boa fase agora — comentou.

— Como assim? — perguntei, imediatamente alerta.

Ele deu uma risadinha antes de começar a falar.

— Bem, de uns tempos prá cá, vocês pareciam que andavam se estranhando, quase até que se evitando. Você sempre de cara fechada quando Dan estava por perto, enquanto ele vivia resmungando pela casa, impaciente e agitado. Já estava quase a ponto de chamar vocês dois para bater um papo e chegar a algum entendimento, pois pareciam duas bombas-relógios, prontas a explodir. E o mais curioso, sem fazer a mínima ideia de como essa esquisitice de vocês começou.

— Foi só uma fase, papai. Tudo passa, não é mesmo? — disse, enquanto dava uma mordida em uma torrada, tentando manter o rosto tranquilo.

Ele me observou por um momento, antes de responder:

— Sim, tudo passa — concordou, sorrindo com serenidade. — Agora há pouco, quando passei em frente ao quarto do Dan e os vi adormecidos, fiquei muito feliz ao ver que estão tão unidos. Seu irmão e você.

Correspondi ao seu sorriso, tentando não parecer cínica, porque aquela situação era muito estranha. Eu podia ver o sincero alívio que meu pai sentia ao interpretar as demonstrações de carinho entre mim e Daniel como algo sem maiores consequências.

Baixei os olhos, me sentindo um pouco culpada. Se ele soubesse que, quando estávamos sozinhos em casa, nos comportávamos como qualquer outro casal apaixonado, faria um escândalo. Não conseguíamos ficar separados, e nosso amor se expandia à medida que ficávamos cada vez mais próximos.

Certo dia, enquanto eu lavava a louça e ele secava, Dan sugeriu que saíssemos juntos publicamente.

Certo dia, enquanto eu lavava a louça e ele secava, Dan sugeriu que saíssemos juntos publicamente.

— Como assim? — sussurrei, olhando ao redor para conferir se estávamos sozinhos.

— Nós ainda não tivemos a oportunidade de fazer um programa normal de casal — ele sussurrou de volta. — E eu queria sair com você, te exhibir um pouco. Você é tão gata!

Olhei para seu rosto, que transparecia um enorme orgulho por me ter como namorada, e não tive como não sorrir e ficar um pouco embaraçada. Ele baixou rapidamente o rosto e deu um suave beijo perto da minha orelha.

— Quero ir para um lugar onde possa te beijar até perder o fôlego — disse baixinho, e fazendo-me arrepiar com seu hálito em meu pescoço.

— Qual é a sua sugestão? — perguntei, ao encarar seu olhar quente.

Ele olhou para minha boca, tão próxima da dele, e passou a língua em seus lábios. Seria tão fácil nos beijar agora, mas também muito imprudente, por isso, mesmo querendo muito, me afastei um pouco, enquanto ele suspirou, frustrado.

— Pensei em algo básico, um cinema talvez — disse, enquanto voltava a olhar para os pratos.

— Parece uma boa ideia — concordei, enquanto continuava ensaboando e enxaguando.

Mais tarde, chegamos à conclusão de que assistirmos a um filme seria um bom primeiro passo para um encontro oficial como um casal de verdade. Mas, para que isso ocorresse, preparamos um verdadeiro esquema à prova de suspeitas.

O local escolhido foi um *drive-in*, que ficava num bairro distante o suficiente para não sermos pegos em flagrante. Combinei que iria de carro com Shanti, enquanto Dan iria de carro com Lance. E assim desviamos o foco sobre nós, pois quando mamãe perguntou por que não iríamos os quatro juntos, usamos minha conhecida relação tempestuosa com Lance como motivo para não querer ficar em sua companhia.

No final da tarde daquele sábado, saí com Shanti pouco tempo depois de Dan e Lance terem partido. Eles foram na frente para poder guardar lugar para nós. Foi com certa dose de nostalgia que me aproximei daquele antigo *drive-in*, que embora tivesse sido recentemente reformado tinha um estilo bem retrô. Quando

crianças, fomos ali algumas vezes com nossos pais, mas já fazia alguns anos que não voltávamos, realmente Dan tinha tido uma ótima ideia em querer rever esse lugar, sabia que eu adorava aquela sensação de estar ao ar livre e ao mesmo tempo poder assistir a um bom filme, numa tela gigantesca.

Depois que compramos nossas entradas, não foi muito difícil localizá-los, já que Dan estava parado ao lado do carro do Lance, que era de um vermelho berrante. Vi seu sorriso aliviado e satisfeito ao nos ver, mesmo a uma boa distância, e meu coração deu pulos no peito diante da alegria desse encontro.

— Por que todo homem fica com esse olhar idiota, quando está apaixonado? — perguntou Shanti, quando nos aproximamos, e eu tive que rir, diante de seu humor ácido.

Assim que estacionei bem ao seu lado, ele se inclinou na minha janela aberta e deu-me um beijo estalado nos lábios.

— Vocês demoraram.

— Minha culpa! — eu disse, erguendo a mão. — Estava tão ansiosa que demorei a decidir o que usar.

Ele baixou os olhos para conferir minha roupa, que nada mais era do que *jeans*, camiseta e sapatilhas, mas que havia me custado horas de muita dúvida e indecisão, pois queria estar perfeita para o momento. Até que finalmente tinha desistido de fazer uma superprodução, optando então pelo meu visual básico, que era como eu me sentia à vontade.

— Você está incrível — ele comentou, me beijando novamente.

— Alô! Estou aqui! — Era Shanti, tentando chamar a atenção.

— Desculpe, amiga. Não pretendia ignorar você — falei, ao me soltar dele e me virar para ela.

— Foi mal — disse Dan, olhando pra ela também.

— Não esquentar. Sei que vocês estão doidos para ficar juntos, então vamos logo trocar de lugar aqui. Vem, Dan. Assuma seu posto!

Arregalei os olhos ao ver o que ia acontecer. Tentei avisá-la, mas foi tarde demais. Shanti abriu a porta sem olhar para o lado de fora, sem reparar que Lance tinha acabado de parar bem ao seu lado. Então, ao escancarar a porta com força, esta bateu

violentamente no pobre do garoto, que foi ao chão soltando uma imprecação.

Ela olhou assustada para a figura ali caída, e assim que viu o que tinha acabado de acontecer, seu rosto corou de embaraço.

— Desculpe! — ela disse, imediatamente saindo do carro e agachando ao lado dele.

— Caramba! — ele soltou, olhando a mão estendida que ela oferecia para ajudá-lo a se levantar. — Você realmente sabe como deixar um cara no chinelo.

Ela sorriu sem graça, mas ficou mais aliviada quando ele aceitou sua oferta e lhe segurou a mão. Eu sabia que Shanti tinha uma quedinha pelo Lance, mas não deixava de ser engraçado ver que foi ela quem providenciou a queda, de forma literal. Foi impossível não rir ao ver o boa-pinta do Lance batendo com a mão no traseiro, para tirar a terra de sua calça de marca.

Depois daquela pequena confusão inicial, cada casal se posicionou em seu lugar combinado, Daniel se sentando ao meu lado, enquanto Lance e Shanti foram para o outro carro.

Ele colocou os braços ao redor de meus ombros, me puxando possessivamente, ficando assim bem próximos. Encostei minha cabeça em seu peito e me senti no paraíso. Olhávamos para a enorme tela, que a distância mostrava alguns comerciais, e depois olhamos um para outro.

— Feliz? — perguntou.

— Nas nuvens.

— Já disse que te amo?

— Não o suficiente — respondi em tom de reclamação, e ele deu uma risadinha.

— Às vezes as palavras são desnecessárias — murmurou, próximo da minha orelha.

Ele começou a baixar o rosto em minha direção, e meu coração disparou, percebendo o que iria acontecer a seguir. Desde a ocasião na festa de lançamento do filme que não nos beijávamos em público, então, foi numa mistura de sentimentos entre emoção e nervosismo, que senti seus lábios tocarem nos meus.

O gesto foi tão delicado, quase como ter os lábios tocados por plumas, e ele não parecia ter nenhuma pressa, pois permaneceu algum tempo acariciando-me dessa forma gentil. Aos poucos, seus lábios começaram a se demorar mais sobre os meus, movendo-se deliciosamente, e eu acompanhei seu ritmo, fazendo o mesmo com os meus. Mas foi quando ergui minha mão, segurando sua nuca e abrindo ligeiramente mais a boca, que ele aprofundou o beijo e imediatamente senti um calor delicioso se espalhar por meu corpo.

Senti sua mão rodear minha cintura, puxando-me para me aproximar um pouco mais. Coloquei uma mão em seu peito, enquanto a outra continuava a segurá-lo pelo pescoço. O beijo foi ficando cada vez mais apaixonado e intenso. De repente, ele parou e me olhou firme.

— Você me deixa de cabeça pra baixo — declarou com a voz rouca, antes de vir com tudo.

Como se sabia quando finalmente havíamos encontrado o verdadeiro amor? Aquele que nos estava reservado desde a aurora dos tempos? Aquele que nos completava de tal forma que se tornava tão essencial como o ar que eu respirava, como o sangue que circulava em minhas veias, como o espírito que em mim habitava? Para os outros eu não sei dizer, mas para mim ele existia, e isso já era resposta suficiente.

Eu estava em outro planeta, quando escutei uma voz ao meu lado:

— Marina, você que ir ao banheiro co... ai, gente! Foi mal!

Paramos imediatamente o que fazíamos, enquanto eu me forçava a aterrissar.

— Tudo bem, Shanti — disse, enquanto ela nos olhava sem graça. — Eu te acompanho.

— O quê? — Dan perguntou, um pouco surpreso.

— Calma, não demoro — falei, com um sorriso. — Posso aproveitar e passo também na lanchonete. Que tal um *milk-shake* de morango?

Ele me olhou meio emburrado.

— Então, tá — respondeu, fuzilando Shanti com o olhar. — Não é uma troca muito justa, mas já que você vai de qualquer jeito, por

favor, traga o copo extragrande.

Tive de rir com seu evidente mau humor e lhe dei um beijinho rápido antes de sair.

\*\*\*

Observei-as se afastar e passei a mão no rosto, tentando diminuir a excitação. Quando o assunto era Marina, sempre tive atitudes extremas, e com ela me tocando não era diferente, meu coração imediatamente começava a bater mais rápido, simplesmente surtava.

Fiquei olhando-a se afastar, admirando como seus quadris se moviam ao andar, rebolando ligeiramente. Era de dar água na boca. Se eu fosse um personagem de desenho animado, seria aquele lobo esfomeado que fica uivando e salivando quando passa uma garota atraente.

Eu estava tão feliz por estarmos ali juntos, que era até ridículo estar bobo desse jeito, por algo banal como levar a namorada para um primeiro encontro, mas a questão é que não havia nada de banal nela ou em nossa situação, então me permiti ser tão idiota o quanto permitia a ocasião.

“Ridículo é quem nunca amou”, pensei, ao dar um longo suspiro.

Não via a hora de ficar sozinho com ela novamente, tinha uma surpresa muito especial reservada para o dia seguinte, e me perguntava qual seria a reação dela, quando revelasse tudo que tinha planejado.

Estava distraído com meus pensamentos quando ouvi uma voz feminina, bem ao meu lado.

— Dan, é você? — Olhei surpreso pela janela e gelei. — Lembra de mim, não é? Karen!

Isso não podia estar acontecendo, tinha que ser uma piada. E de muito mau gosto.

— Claro. Tudo bem? — disse, tentando ser educado.

— Tudo ótimo, melhor agora que te encontrei aqui — declarou, com voz insinuante, sorrindo largamente.

Olhei para o rosto do Lance, sentado no carro ao lado, de olhos arregalados, visivelmente segurando o riso, como se dissesse: “Não queria estar na tua pele!”

Olhei para a Karen de novo, que estava usando um vestido branco e justo e jogava os longos cabelos loiros de um lado para o outro, fazendo charme.

Qual a chance de alguém encontrar uma “ex-ficante” no primeiro dia que você sai oficialmente com sua namorada? Pode estar certo de que essa pessoa seria eu!

— Assisti a seu novo filme. Você ficou ótimo no personagem!

— Obrigado — agradei apenas, tentando não prolongar o assunto.

— Você veio sozinho? — perguntou, olhando para dentro do carro.

— Não, vim com a Marina e mais dois amigos. Lembra do Lance? — disse, apontando para ele.

Ela se virou, viu o Lance e o cumprimentou brevemente. Lance apenas acenou em resposta.

— E você, veio acompanhada? — perguntei, torcendo para ela dizer que sim.

— Sim, com algumas amigas, estamos um pouco mais pra trás. Você disse ter vindo com a Marina? — perguntou, pensativa. — Ah, lembrei! Aquela sua irmãzinha que você levou naquele dia no bar. Onde ela está? — perguntou, olhando ao redor.

— Foi buscar um lanche.

— Tive uma ideia — disse, feliz.

Para meu espanto, Karen deu a volta e parou do outro lado do carro.

— Bem, já que é a sua irmã, acho que não se importará se eu me sentar um pouquinho com você, não é? — disse, já abrindo a porta, sentando do meu lado e fechando a porta atrás de si. — Assim, podemos colocar a conversa em dia. — Deu uma piscadela, sorrindo cheia de malícia e colocou a mão na minha perna.

Olhei para o Lance, que agora tinha parado completamente de rir, e me lançava um olhar apavorado.

“Estou frito!”, pensei, colocando a mão na testa.

\*\*\*

Estava dando uma última olhada no espelho, enquanto Shanti lavava as mãos.

— Desculpe mesmo, Marina! Eu estava tão distraída, acho que a ficha ainda não caiu direito, que agora você e o Dan são um casal e que precisam de mais privacidade.

— Não esquentá, Shanti. Tem horas que nem eu acredito que estamos juntos.

— Ele gosta mesmo de você — afirmou, ao enxugar as mãos.

— Por que diz isso?

— O jeito como ele te olha. Sempre tão intenso, é de assustar, viu?

— Que exagero! — falei rindo.

— Sério, ele é muito obsessivo com você! Não sei se aguentaria um namorado tão chiclete.

— Eu te disse que as coisas entre a gente são diferentes. Foram vários anos de espera dolorosa, pensei que era só comigo, mas ele me confessou que foi muito difícil para ele também.

— Deve ser por isso então — ela disse, mais conformada.

Saímos do banheiro e fomos para a lanchonete, onde fizemos os pedidos e ficamos aguardando.

— O que você acha do Lance? — perguntou, como quem não quer nada.

— Uma “mala” sem alça — respondi na hora.

— Ah, mas ele é bonitinho e tem bom papo. Quer dizer, bonitinho é pouco, ele é todo-poderoso! — disse, com os olhos brilhando.

— Ai, ai, ai! Conheço essa cara — comentei, séria. — Não vai me dizer que está a fim do Lance?

Ela esticou as costas e ergueu o queixo altivamente, num gesto que era tipicamente dela, quando queria aparentar neutralidade.

— Assim, tipo que nem você e o Dan? Não. Nada tão sério, mas não seria nada mal dar uns beijinhos — E piscou um olho.

Diante disso, me senti na obrigação de ser sincera com ela.

— Shanti, você já é bem crescidinha para fazer suas próprias escolhas, mas só te dou um aviso. Lance é um dos caras mais mulherengos que conheço, não espere ficar com ele hoje e receber uma ligação dele no dia seguinte, não rola.

— Eu sei, já deu para perceber — disse, rindo. — Pode deixar. Não me iludo a respeito, sei que o que rolar com ele é só no momento.

— Se para você assim está tudo bem, então fico tranquila.

Chegaram nossos pedidos, peguei as bebidas e Shanti a pipoca. Voltamos conversando calmamente. Estava olhando para ela, quando de repente parou, arregalando os olhos.

— O que foi? — perguntei, preocupada.

Como ela não me respondeu, resolvi olhar na mesma direção, e foi quando vi. Meus olhos se arregalaram mais do que os de Shanti ao ver a loira escultural sentada no carro ao lado do Dan.

Primeiro fiquei imóvel, como se tivesse subitamente entrado num lago de água gelada, depois comecei a sentir uma raiva dentro do peito, que foi incendiando todo o meu corpo; quando chegou aos meus olhos, vi tudo ficar vermelho. Aquele sentimento tomou conta das minhas pernas, me fazendo andar decidida até o carro, com a Shanti me seguindo pelos calcanhares.

— O que está acontecendo? — perguntei ríspida, ao lado de onde a loira estava.

A garota olhou para mim, parecendo falsamente surpresa com a minha chegada, e observei que ela estava com a mão na perna do Dan e que a tirou quando me viu.

— Oh, desculpe! Esse “era” o seu lugar? — perguntou, enquanto abria a porta e saía do carro.

— Sim, esse “é” o meu lugar — falei, mal contendo a fúria.

Observando melhor, lembrei que ela que era a mesma garota com quem o Dan tinha ficado naquela fatídica noite, a loira vulgar e bonitona.

— Meu nome é Karen, e sou “muito” amiga do Dan, o encontrei aqui por acaso — disse, cínica. — Você é a Marina, não é? O Dan me disse que tinha vindo com a “irmãzinha”.

— Ele disse isso, é? — perguntei, fulminando Daniel com o olhar.

— Sim, e disse também que vocês tinham saído para comprar o lanche — continuou, olhando para minhas mãos. — Tenho uma ideia. Adoraria continuar a conversa com ele, então, se não for incômodo, poderíamos trocar de lugar, você poderia sentar atrás e eu continuaria na frente — propôs, sorrindo.

— Ah, você quer sentar na frente? — inquiri, irônica. — Então, poderia me fazer um favor?

— Claro! — respondeu a Barbie oxigenada.

— Já que você vai ficar, entrega o pedido dele! — peguei os 700 ml de *milk-shake* de morango e os virei na cabeça platinada.

Foi com imenso prazer que assisti à bebida rosa e gelada escorrer pelo cabelo e pelo rosto dela.

— Ai! — gritou Karen, pulando como uma perereca — Você é louca?

— Ah! E diz para ele que esse aqui é por conta da casa! — Tirei o saco de pipoca tamanho gigante das mãos da Shanti e virei na cabeça dela, grudando tudo naquela bebida cremosa, fazendo a loira gritar ainda mais.

— Para seu governo, não sou a “irmãzinha” dele! Sou a “namorada”, ou melhor, era! Faça bom proveito! — Dei meia-volta e saí dali, pisando duro.

\*\*\*

Já era a segunda vez que eu tirava a mão da Karen da minha perna, mas a mulher parecia ter mais tentáculos que um polvo.

Ela não parava de falar do filme a que havia assistido, de como tinha gostado, como me achou maravilhoso e por aí ia, falava, falava e falava. Toda vez que eu tentava dizer alguma coisa ela me atropelava.

À medida que o tempo passava meu pavor só aumentou, e quando vi a Marina e a Shanti voltando entrei em pânico.

— Karen, olha, foi muito bom te rever, mas acho melhor você sair agora, está ficando tarde — disse, apressado.

— Sair? Mas eu acabei de chegar, e ainda é cedo, tolinho! — retrucou, colocando novamente a mão na minha perna.

Foi nesse momento que a Marina chegou, fazendo a fatídica pergunta:

— O que está acontecendo?

Assisti horrorizado àquela loira safada colocar palavras na minha boca, senti o olhar irado da Marina em cima de mim e, para completar, a vi chocado virar o *milk-shake* inteiro na cabeça da Karen, seguido pelo saco de pipoca. Porém, nada me deixou mais alarmado do que ouvir as últimas palavras dela:

— Para seu governo, não sou a “irmãzinha” dele! Sou a “namorada”, ou melhor, era! Faça bom proveito!

Fiquei ali sentado, sem acreditar no que tinha acontecido, visto e ouvido. Marina estava indo embora! Saltei do carro, deixando tudo para trás, e fui atrás dela.

— Marina! — gritei.

— Me deixe em paz! — disse, sem se virar e começando a correr.

— Volta aqui, a gente precisa conversar! — Mas ela não parou, e comecei a correr atrás dela. — Marina!

Caramba, como ela era rápida, podia ser baixinha, mas parecia uma flecha, me deixando para trás, mesmo tendo pernas bem maiores que as dela. Passamos correndo por metade do *drive-in*, o pessoal nos carros nos olhando com curiosidade ao passarmos. Já estava ficando sem fôlego, quando fiz uma promessa mental de praticar mais atividade física. Marina fez uma curva e vi minha chance de interceptá-la: entrei no meio dos carros, cortando caminho, conseguindo finalmente ultrapassá-la.

— Desculpe! Isso é uma emergência! — avisei para um casal sentado num carro, enquanto eu subia no capô e pulava na frente dela.

— Ah! — gritou assustada, quando surgiu na sua frente.

— Agora... vamos... conversar... — falei, lutando para respirar.

— Não temos nada... para conversar! — Ela também respirava com dificuldade.

— Temos sim! — disse, curvado com as mãos no joelho. — Você vai me ouvir!

— Me deixa passar!

— Não. Você não vai passar sem me ouvir primeiro!

— E o que você vai me dizer? Que a mão dela foi parar na sua perna por engano? Que ela entendeu errado quando você disse que eu era sua irmãzinha? Que ela entrou no carro obrigada?

— Não — respondi nervoso, passando as mãos pelos cabelos.

— Não foi assim, ela estava se oferecendo e...

— E você não resistiu! — disse, me cortando com os olhos cheios de lágrimas. — Chega, estou saindo! — E, dando a volta, saiu correndo pelo caminho que tinha vindo.

— Eu não acredito! — disse, correndo atrás dela de novo, passando pelos mesmos carros, com os mesmos rostos nos olhando novamente de boca aberta.

Eu estava no meu limite físico, e quando vi que ela ia passar por nosso carro, gritei para o Lance:

— Segura ela! — disse de uma vez só, torcendo para que ele me ouvisse.

Deu certo, quando ela tentou passar ele a impediu, segurando-a com firmeza, enquanto Shanti pedia calma.

— Me solta, como se atreve?! — gritou Marina com ele.

— Obrigado, deixa comigo! — eu disse, tirando-a das mãos dele e jogando-a por sobre meu ombro.

— Daniel, me solta, me põe no chão! — dizia ela, batendo nas minhas costas, no entanto ignorei.

Andei decidido, passei pela lanchonete, cheguei aos sanitários e entrei no banheiro feminino, onde estavam duas garotas que nos olharam surpresas.

— Por favor, poderiam nos dar licença? — pedi, com cara de poucos amigos.

Assim que elas saíram, fechei a porta, tranquei, tirei a chave e a coloquei no meu bolso, então devolvi a Marina ao chão.

— Agora, vamos conversar.

\*\*\*

Olhava para o Dan, arrasada, cansada física e emocionalmente. Aquela noite de sonho tinha se transformado num pesadelo!

— Agora você vai me ouvir — ele disse.

— Banheiro de novo? Nada original! Mas tudo bem. Quer falar, então fale — rebati, tentando controlar a voz.

— Aquela garota surgiu do nada, não parou de falar desde o momento que apareceu e praticamente invadiu o carro! — ele começou a explicar.

— Por que você não a colocou para fora? — perguntei, ríspida.

— Tentei. Juro que tentei, mas nas poucas vezes que consegui falar ela não me ouvia!

— E a questão da “irmãzinha”?

— Ela me perguntou com quem eu estava, respondi: Marina. Ela apenas concluiu que você era a minha irmã, porque eu tinha comentado naquele dia no bar.

Olhei para ele, as lágrimas correndo livremente por meu rosto. Queria muito acreditar nas suas palavras, mas as imagens da garota no carro e as palavras dela não me saíam da cabeça.

— Você ainda não acredita, não é? — perguntou com as mãos na cintura, mas não consegui falar, apenas confirmei com a cabeça.

— Por quê? — perguntou arrasado, mas continuei em silêncio. — Droga! Responde, por quê? — berrou.

— Porque, se você pode ter alguém como ela, porque continuaria com alguém como eu? — gritei em resposta.

A primeira emoção que vi, no rosto do Dan, foi de choque com o que eu tinha dito. Em seguida, seu rosto foi se fechando numa máscara de ira, fazendo-me ficar com medo do que viria a seguir.

Ele se aproximou de mim com fogo saindo pelos olhos, me agarrou com força pelos ombros e me sacudiu um pouco, enquanto falava:

— Essa é a primeira e última vez que quero ouvir isso! Está me ouvindo?! — disse, falando entredentes. — Como tem coragem de se valorizar tão pouco, se achar inferior àquela cadela? Vou te provar de uma vez por todas que sou somente seu! — completou, partindo para cima de mim.

Ele me beijou com fúria, paixão e desespero. Não me sentia beijada, e sim invadida. O beijo não terminava nunca, estava ficando tonta, e com muita dificuldade consegui soltar meus lábios por alguns segundos, mas ele não permitiu que me afastasse, grudando sua boca na minha novamente. Fui sendo empurrada contra a parede, sentindo o mármore frio nas minhas costas, e ele soltou minha boca brevemente.

— Estou sem ar... — falei fracamente, antes do novo ataque dele.

— Você foi feita para isso, para ser beijada por mim até perder o fôlego, para desmaiar nos meus braços de tanta paixão — disse, agarrando-me pelos braços. — Agora, repete o que vou dizer: “Daniel Harrison, você é meu!” — olhei para ele, atordoada. — Repete!

Engoli em seco.

— Daniel Harrison, você é meu — murmurei.

— Quero ouvir alto e claro, repete!

— Daniel Harrison, você é meu — falei, com um pouco mais de firmeza.

Ele voltou a me beijar intensamente, pressionando seu corpo no meu, e estremeci da cabeça aos pés. Quando já estava ficando tonta novamente, ele me soltou.

— Quem é seu, Marina? — perguntou, com a voz carregada de desejo.

— Você! — respondi, rouca.

Sua boca começou a correr pelo meu pescoço, beijando em lugares sensíveis que me deixavam sem ação.

— Marina... repete quem é seu — disse novamente, me pegando pela cintura e me fazendo pular e abraçar seus quadris com minhas pernas.

— Daniel Harrison. Você é meu! — gritei afinal, deixando a paixão me tomar por completo.

Ele voltou a me beijar os lábios, o desejo nos açoitando com suas labaredas invisíveis. Mas aos poucos senti o Dan se acalmar, o beijo foi se tornando mais lento, menos desesperado, por fim soltou

minha boca, encostou sua testa na minha, acalmando a respiração devagar.

— Você quase acaba comigo hoje. Você me perdoa? — perguntou. — Me perdoa por ser tão covarde, tonto e atrapalhado?

— Só se você me perdoar por ser tão insegura — devolvi, sorrindo timidamente.

— Então, temos um trato, eu te perdoo e você me perdoa. Ficamos empatados.

— Feito! — respondi, beijando-o mais uma vez.

Eu esperava que ele fosse prosseguir da mesma forma apaixonada que antes, mas me surpreendi com sua ternura. O beijo acabou tranquilamente, e com cuidado ele me ajudou a colocar os pés no chão, mas o olhei interrogativamente.

— Sei que parece estranho, já que é a segunda vez que a gente se agarra num banheiro público, mas meus planos não mudaram e com certeza esse não é o lugar e essa nem a hora para fazermos algo mais — afirmou, colocando delicadamente uma mecha de cabelo atrás de minha orelha.

Andei até o espelho e me assustei com minha aparência, completamente desarrumada; preni os cabelos com minha presilha e alisei um pouco a roupa. Virei para o Dan, que tirava a chave do bolso e abriu a porta.

Saímos do banheiro de mãos dadas e procurei andar com a maior dignidade que pude até o carro, me sentindo o alvo de todos os olhares.

Ao passar por nossos carros, reparei que o do Lance estava todo fechado, as janelas embaçadas, com sombras se movendo em seu interior, sem sinal da loira.

— Incrível como esse pessoal não perde tempo — ele disse, rindo ao olhar o carro ao lado, e eu ri também.

## Capítulo 8

**N**a manhã seguinte, acordei mais animada que o normal, pois seria a Apresentação Anual da Companhia de Dança de que eu fazia parte. Estava superempolgada, e o resto da família também.

Levantei cedo e fui para a cozinha preparar o desjejum. Queria algo diferente, e resolvi fazer panquecas. Peguei os ingredientes, comecei a preparar a massa e liguei o rádio, cantarolando baixinho a música que tocava, enquanto preparava a receita.

— Bom dia — disse inesperadamente uma voz de sono no meu ouvido.

— Ah! — exclamei, colocando a mão no pescoço, tentando me recuperar do susto.

Senti Dan me abraçando pela cintura, enquanto dava um beijo no meu pescoço.

— Assustei você?

— Você chegou muito sorrateiro — respondi, sem me virar. — Por que acordou tão cedo?

— Senti o cheiro das suas panquecas lá do quarto e minha barriga começou a roncar. — Dei uma risadinha.

— Vocês homens são todos iguais, se prendem a nós pelo estômago.

— Hum... entre outras coisas — disse, enquanto afastava o cabelo do meu pescoço e beijava minha nuca.

— Dan, aqui não! — avisei, tentando me afastar. — Eles podem chegar a qualquer momento — sussurrei, referindo-me a nossos pais.

Ele se afastou, rindo da minha cara preocupada, e se sentou de frente para a mesa da cozinha.

— Bem, tem outro motivo para eu ter levantado cedo.

— Qual? — perguntei, enquanto servia as panquecas em dois pratos e os colocava na mesa para comermos.

— Quero combinar algo com você para hoje à noite, após sua apresentação.

— O que exatamente? — perguntei, enquanto colocava mel e manteiga nas minhas panquecas.

Ele pareceu meio indeciso antes de responder, enquanto colocava geleia nas suas.

— Quero levar você para jantar, sabe. Para podermos comemorar a noite de hoje.

— Ótima ideia! Quer chamar mais alguém?

— Não, chega de gente abelhuda! Dessa vez, quero apenas nós dois — respondeu, baixando os olhos para seu prato e colocando um bom pedaço de panqueca na boca.

Quando ele disse aquilo, daquele jeito, meu coração deu um salto. Será que seria hoje à noite, que ele revelaria a surpresa que estava escondendo?

— Então, como vamos combinar?

— Avisamos aos nossos pais que, depois da apresentação, vamos sair para jantar com alguns amigos. Assim eles não desconfiam dos meus planos de raptá-la essa noite. — E piscou o olho.

— Aonde vamos? — perguntei, curiosa.

— Surpresa! — disse, olhando para minha cara desconfiada. — Mas fique tranquila, prometo não ser nada esquisito!

Não sei o motivo, mas aquele sorriso me deixou com uma pulga atrás da orelha.

— Como vai ser a apresentação hoje à noite? — perguntou, mudando de assunto.

— Vou participar de algumas coreografias em grupo, tanto clássico quanto moderno. A última apresentação será de dança moderna, um duo, com um bailarino, a música é vibrante — expliquei. — Por falar nisso, preste atenção nessa hora, acho que você vai gostar.

— É mesmo? Posso saber por quê?

— Não, senhor! — respondi, sorrindo. — Você não é o único a ter segredos, sabia?

O restante do dia passou rápido. No início da tarde, fui para o teatro, pois tinha que chegar cedo para me arrumar. Fazer aquecimento, maquiagem, arrumar os figurinos e toda a preparação necessária.

No camarim, todos estavam elétricos, corríamos de um lado para o outro, mal contendo a agitação. Eu estava ansiosa por dois motivos, primeiro por estar a poucos minutos de entrar no palco, segundo por não conseguir tirar da cabeça o encontro com Dan naquela noite. Ouvi a coreógrafa nos chamando e procurei me concentrar.

\*\*\*

Chegamos com antecedência ao teatro. O *foyer* estava cheio de pais, parentes, familiares e amigos dos alunos. Todos conversavam animadamente. Pegamos o programa do espetáculo com uma recepcionista na entrada e fomos procurar nossos lugares.

Sentamo-nos e comecei a ler a programação, procurando o nome da Marina, e ao encontrá-lo mostrei a papai, que estava do meu lado. Ali dizia que ela iria dançar uma parte de O Lago dos Cisnes, duas danças contemporâneas de grupo e um duo. Papai e mamãe ficaram mais empolgados, demonstrando todo o orgulho que sentiam por ela.

— Bendita a hora que nossa princesa entrou na família — disse papai, olhando a foto dela no programa. — Lembra, Dan, quando ela chegou lá em casa? Tímida e assustada? Agora a vemos desabrochar nessa linda moça!

Olhei também para a foto e concordei plenamente. Passei o dedo pela imagem de seu cabelo, vendo aqueles olhos cor de mel, que eu amava sorrirem para mim. Fiquei pensativo, lembrando aquele dia, o qual nunca esqueci, marcado a fogo na minha memória. Lembro-me de descer as escadas, atrás das meninas, cheio de curiosidade e também um pouco enciumado. Mas, assim que coloquei os olhos nela, tudo mudou, era tão diferente, tão linda. Para mim, foi como se um personagem dos contos de fada tivesse se materializado na minha frente. Tudo nela parecia mais vivo e

colorido, desde o cabelo espetacular, que me custou acreditar ser real, até os olhos, grandes, emotivos, de cílios longos e escuros e a boca carnuda e rosada. Aquela boca que parecia pedir para ser beijada.

Enquanto éramos crianças, sentia que meus sentimentos por ela não eram os mesmos que sentia por minhas outras irmãs, mas pensava que era assim por ela ser adotada. Porém as coisas realmente se esclareceram na adolescência, quando tive meu primeiro sonho romântico com ela. Lembro-me de acordar de madrugada assustado, com uma sensação enorme de culpa. Pela manhã, mal tinha conseguido encará-la. E as coisas só foram piorando, porque ela também crescia, acrescentando outros atributos, que somados aos já revelados faziam uma combinação fatal.

Mas não era só fisicamente que ela me atraía, era a garota mais inteligente que eu conhecia. Sempre tão mais sensata e tranquila que o restante da família. Geralmente, quando falava dizia frases interessantes ou fazia comentários apropriados e bem humorados. Adorava conversar com ela, era sempre tão equilibrada, em momentos de tensão só de ouvir sua voz eu já relaxava.

Tudo nela me encantava, quando estava com ela me sentia inteiro, em paz comigo mesmo. E agora, que finalmente estávamos conseguindo viver nossos sentimentos, nada me faria desistir dela, absolutamente nada.

Comecei a me lembrar do beijo roubado, que tinha dado nela essa manhã, pouco antes de nossos pais entrarem na cozinha. Ficava ainda mais atraente me pedindo para parar, quando seus olhos me pediam para continuar.

Estava assim, imerso em lembranças, quando chegou um grupo de rapazes e se sentou na nossa frente. Pouco depois um sinal soou três vezes, informando que o espetáculo já ia começar. As luzes se apagaram e o *show* iniciou.

Seguiu-se uma sucessão de apresentações, algumas muito bem elaboradas, outras um tanto enfadonhas. Até que surgiu Marina trajada de Cisne Branco, rodopiando com leveza enquanto sorria como um anjo. Suspirei completamente enfeitiçado por seus

movimentos. Meu pai estava quase quicando na cadeira, de tão empolgado com a apresentação dela. Minha mãe chorava de emoção.

— Nossa! Quem será aquela gata, de pernas incríveis? — ouvi um rapaz sentado à minha frente comentar de alguma das bailarinas no palco, mas não dei muita atenção.

O próximo número da Marina mudou de estilo completamente, foi com um *rock* bem animado. Estava toda de preto, numa roupa colante, junto às outras dançarinas.

— Cara, mas aquela garota é muito gostosa! — ouvi de novo o mesmo cara na minha frente comentando.

— De quem você está falando? — o outro ao lado perguntou.

— Daquela ali, que está do lado direito, a morena, de cabelão.

— Ah, essa é amiga da minha irmã. Acho que o nome dela é Marina.

Na mesma hora, comecei a prestar atenção na conversa.

— Fantástica! Que traseiro! — o idiota soltou. — Será que sua irmã me arruma o telefone dela?

— Podemos tentar — o outro imbecil respondeu.

Ainda bem que pararam de comentar, eu tinha pouquíssimo autocontrole quando o assunto eram outros caras se referindo a Marina daquela forma. Percebi que meu pai também tinha ouvido, no entanto continuava calado.

Veio a penúltima apresentação dela em grupo, com outra música animada, e aí a macacada na minha frente surtou de vez.

— Ai, me segura! Ela é toda boa!

— Concordo, reparou como ela se mexe? — o imbecil completou.

— Vem, neném! Vem se mover comigo! — ele disse, fazendo um movimento sugestivo com os quadris, e os dois riram.

Agora era demais, levantei o pé, mirando na cabeça do indivíduo, pronto pra chutar, quando senti a mão do meu pai no meu braço.

— Calma, Dan! Não sejamos violentos.

— Ai, Marina! Vai lá para casa, que eu te mostro como se faz um *pas de deux*! — disse o infeliz, com outro movimento vulgar.

Senti papai estremecer ao meu lado. Ele pegou o programa dele, juntou com o meu, enrolou-os num canudo grosso e deu uma cacetada na cabeça de cada um.

— Lavem a boca quando falar da minha filha, seus moleques!  
— esbravejou, para total constrangimento dos idiotas, que se desculparam imediatamente, permanecendo mudos dali em diante.

— Pai, você é meu herói! — falei, dando um tapinha no peito dele.

Finalmente a última apresentação. Marina entrou no palco com uma roupa maravilhosa, naquele tom de vermelho-escuro que ela sabia ser minha cor favorita e que combinava perfeitamente com ela. A música começou e, como ela havia me pedido, prestei bastante atenção.

Fiquei completamente hipnotizado, a letra da música, a melodia, os movimentos do casal no palco, demonstrando desespero, busca, paixão e entrega, me deixaram sem palavras. Aquela não era uma simples coreografia, era uma declaração de amor. Era como se ela tentasse transmitir através daquela apresentação tudo o que significávamos um para o outro, todos os desafios que enfrentávamos e teríamos que enfrentar, ao mesmo tempo um símbolo de esperança e coragem, de que, apesar de tudo, se estivéssemos juntos, qualquer sacrifício valeria a pena.

Quando a coreografia terminou, com o bailarino segurando a Marina no ar, parecendo um pássaro, o teatro veio abaixo de tantos aplausos; todos ficaram de pé, ovacionando sem parar e pedindo bis.

As luzes se acenderam e toda a companhia veio ao palco, recebendo os aplausos da plateia. Depois de um bom tempo, as pessoas começaram a sair, e eu levantei-me doido para encontrá-la. Peguei o buquê de flores das mãos da mamãe e corri na frente.

\*\*\*

Várias pessoas me cumprimentavam, todo mundo procurando seus parentes e amigos, e eu olhava de um lado para o outro, até que Dan surgiu no meio da multidão.

Andei ao seu encontro com dificuldade. Esticou o braço, tentando me alcançar, estiquei o meu também, até que consegui agarrar suas mãos e ele me puxou de encontro a si. Dan me estendeu um lindo buquê de flores, que segurei emocionada.

— Obrigada, são lindas!

— Não tenho palavras para descrever como você foi maravilhosa essa noite! — ele disse, me olhando com olhos amorosos.

— Sério? Você gostou mesmo?

— Muito! — respondeu, me abraçando apertado.

Tudo o que mais queria era fugir com ele agora, mas assim que tive esse pensamento nossos pais surgiram, me parabenizando entusiasticamente. Todos estavam eufóricos, fui envolta por muitos beijos, abraços e fotos. Depois dessa carinhosa confraternização, despedi-me para trocar de roupa.

Fui ao vestiário e tomei uma chuveirada rápida. Como não sabia aonde o Dan me levaria, optei por um vestido tubinho preto, bonito, elegante, sem ser demais. Coloquei sandálias de salto alto, no cabelo fiz um coque, deixando alguns fios soltos, completei com brincos e colar dourados, uma boa borrifada de perfume e batom vinho, pronto!

Encontrei-o lá fora, me esperando encostado no carro. Quando me viu, assoviou alto, me olhando de alto a baixo.

— Demorei? — perguntei.

— Sim, mas valeu a pena cada segundo. — E segurou minha mão. — Vamos?

— Aonde?

— Vamos entrar no carro primeiro — respondeu, fazendo mistério.

Sentei no meu lugar, aguardei-o colocar o cinto de segurança e olhar para mim, e quando me encarou e disse o nome do restaurante me surpreendi: um dos mais sofisticados da cidade.

— Tem certeza?

— Tenho reservas — falou, com um leve sorriso.

— Então vamos — eu disse, dando partida no carro.

Durante o trajeto, comentei sobre alguns detalhes do espetáculo. Daniel ouvia a tudo, mas parecia meio distraído, fazendo pouco ou nenhum comentário. Ficou a maior parte do tempo olhando pela janela, com expressão pensativa.

Ao chegarmos ao restaurante, um manobrista abriu a porta para mim e passei-lhe a direção. Entramos de mãos dadas, nos aproximando da jovem recepcionista vestida com um discreto *tailleur* escuro.

— Harrison, mesa para dois, por favor.

Ela confirmou a informação num enorme caderno preto e chamou o *maître*, que nos indicou a mesa.

Enquanto o seguíamos, aproveitei para olhar ao redor, admirando o ambiente refinado, os arranjos florais delicados sobre as mesas, a iluminação suave e aconchegante, assim como as pessoas que estavam ali, todas vestidas de forma elegante.

Nossa mesa ficava num canto discreto do salão. Daniel galantemente puxou a cadeira para que eu sentasse, o que fiz agradecendo e apreciando imensamente o gesto tão educado.

— O que desejam beber? — perguntou o *maître*, nos estendendo o cardápio.

— Bottle Green? — sugeri.

— Está ótimo, bem apropriado — confirmou Dan, um pouco nervoso.

— Está tudo bem? — perguntei, depois que o *maître* saiu, estendendo a mão sobre a mesa.

— Claro que está — disse, pegando minha mão.

O *maître* voltou com a bebida e nos serviu em taças de cristal.

— Vamos brindar.

— A quê? — perguntei, sorrindo.

— Hum... a nós — respondeu, erguendo a taça.

— E ao amor — completei.

Fizemos o brinde, Dan bebeu todo o conteúdo de uma vez só, fazendo um sinal para que servissem mais. Ele parecia agitado, reparei que estava suando em bicas, passava a mão na testa, tentando disfarçar.

— Prontos para pedirem? — perguntou o *maître*.

Trouxeram-nos uma cesta com deliciosos pãezinhos, e fizemos então os nossos pedidos. Percebi que Dan pediu a primeira coisa que leu no cardápio.

— Alguma coisa errada? — insisti.

— Não, tudo está ótimo! — respondeu rápido, enfiando um pãezinho na boca.

Conversamos amenidades, comentando a beleza do lugar, as apresentações de dança, mas a conversa começava a parecer meio forçada.

Serviram-nos nossos pratos; estava tudo delicioso e comi com prazer. Estava terminando, quando reparei que ele mal tinha tocado a comida.

— Seu cordeiro não estava bom? — perguntei, curiosa.

— Está muito bom, é que estou meio sem apetite — respondeu, franzindo a testa.

Alguma coisa estava errada, muito errada, comecei a ficar realmente preocupada quando ele recusou a sobremesa, por isso recusei também, querendo acabar logo aquilo.

— Dan, se você não me disser agora o que está acontecendo, juro que vou embora! — ameacei.

Ele olhou para mim por um momento; parecia muito pálido.

— *OK!* — disse, respirando fundo. — Marina. Antes de falar, quero que saiba que te amo muito, de verdade.

“Ai, minha nossa!”, pensei. “Ele vai terminar comigo!” — fiquei em pânico.

Ele enfiou a mão no bolso do paletó, retirou dois envelopes brancos e os estendeu para mim por cima da mesa.

— Por favor, leia com atenção, primeiro esse. — E apontou para um deles.

Peguei o envelope com as mãos trêmulas, com medo de abrir e descobrir que minhas suspeitas se confirmassem. Olhei para seu rosto sério, mordendo meu lábio, respirei fundo e retirei o conteúdo: meus olhos se arregalaram de surpresa ao ver do que se tratava. Eram duas passagens aéreas, uma em nome dele e outra em meu nome, e no destino estava escrito: Bora Bora – Taiti – Polinésia Francesa.

— Não diga nada ainda — pediu, muito sério. — Antes, leia o outro envelope.

Peguei o outro envelope, menos apavorada; afinal, se tinha comprado passagens aéreas para nós, não ia terminar comigo, não é mesmo? Pelo menos eu achava.

Abri rápido o envelope, querendo acabar logo com aquilo, retirei o cartão que estava no seu interior e vi que era um convite, onde se lia:

**“Temos a imensa honra de convidá-lo (a) para a Cerimônia de Casamento Taitiano de DANIEL e MARINA, a ser realizada no dia..., hora...”**

Li e reli. Uma, duas, três, dez vezes, nossos nomes saltando do papel, assim como as palavras CERIMÔNIA DE CASAMENTO. Verifiquei a data, marcada para dali a exatamente uma semana, bem no dia do meu aniversário! Com direito a uma semana de LUA-DE-MEL!

— Olha, se você achar que é muito cedo para algo assim, vou entender. Juro que vou! — disse, atropelando as palavras. — É que eu procurei uma maneira de tornar nossa relação mais oficial, não quero que você tenha nenhuma dúvida de que quero mesmo ficar com você. Eu sei que, por ser menor de idade, não poderia ainda se casar legalmente, sem autorização de nossos pais, mas encontrei uma maneira de contornar esse problema. — Eu ainda não conseguia falar. — Então, a cerimônia será realmente válida em todos os aspectos.

De todas as coisas que podiam passar por minha cabeça, nunca imaginei que pudesse ser isso. Continuei fitando o convite, sem conseguir emitir uma só palavra.

— Você odiou, não é? — perguntou, fazendo uma careta. Apenas sacudi a cabeça, meus olhos se enchendo automaticamente de lágrimas. — Olha, esquece tudo, você não deve estar preparada ainda e...

— Dan, isso é um pedido de casamento? — cortei o que ele dizia, perguntando, com a voz embargada.

— Co... como? — foi a vez dele de gaguejar.

— Isso é um pedido de casamento? — repeti.

— Sim? — A resposta parecia uma pergunta, percebi-o com muito medo.

— Então faça o pedido — pedi, baixinho.

Ele olhou para mim, depois fechou os olhos, respirou fundo e disse pausadamente, com a voz crivada de emoção e me encarando:

— Marina Harrison, aceita se casar comigo?

— Sim! — respondi, com toda a doçura.

## Capítulo 9

Não existiam palavras fortes o suficiente que pudessem demonstrar o grau de felicidade em que me encontrava.

Planejei todo o esquema do pedido de casamento acreditando no amor que Marina afirmava sentir por mim, mas mesmo assim tinha sérias dúvidas se ela aceitaria assumir um compromisso definitivo e oficial como aquele. Afinal, ainda éramos muito jovens, e apesar disso eu sabia que não havia e nunca haveria outra mulher que eu gostaria de ter ao meu lado pelo resto de minha vida. E, por uma incrível sorte, ela parecia se sentir da mesma forma a meu respeito.

Depois de enfrentar todo aquele jantar numa ansiedade que beirava o pânico, sem conseguir nem ser um pouco sutil nas minhas reações, tive finalmente que me abrir, ao ser confrontado por ela. Ao ver seu rosto tenso e olhar desconfiado, quase tinha desistido de prosseguir com meus planos, mas felizmente escolhi a primeira opção.

Nunca vou esquecer o brilho de seu olhar e mãos trêmulas ao abrir os envelopes, nem de sua reação ao ler com o olhar fixo o conteúdo. Por alguns minutos o mundo pareceu parar, mal conseguia respirar, como ela demorava a dizer algo, acabei enfiando os pés pelas mãos, dizendo a primeira bobagem que me passou pela cabeça. Porém tudo se definiu, com sua pergunta feita de forma tranquila e emocionada, respondida covardemente por mim. Será que as mulheres tinham alguma ideia do quanto é difícil para nós, homens, enfrentarmos essa situação? Ao ter nossos corações em suas mãos?

E então veio o alívio, a glória, a doce recompensa, ao ouvir a palavra mágica: sim! Após o susto inicial, tive vontade de me levantar e subir na mesa, gritando aos quatro ventos qual tinha sido a sua resposta. Marina Harrison ia se casar comigo!

Voltando pra nossa vida prática, agora tínhamos o desafio de anunciar a viagem para nossos pais, justificá-la e pedir a autorização deles para que Marina viajasse comigo para fora do país. E não somente isso, tive que fazer um estratagema, para que ela pudesse ser legalmente minha esposa. E essa foi a parte mais difícil.

No dia seguinte, numa conversa informal, durante o jantar, conversei com meus pais sobre o desejo de fazer uma viagem a fim de descansar do longo período de filmagens, lançamento e eventos promocionais que eu tinha enfrentado. Mostrei os folhetos turísticos que mostravam a ilha e o hotel, onde pretendia me hospedar, e ficaram impressionados pelas fotos belíssimas do local. Eles aceitaram minha ideia, aproveitei então para pedir que me acompanhassem.

— Sinto muito, querido — disse mamãe. — Mas nem eu nem seu pai poderemos nos ausentar do trabalho, assim, sem mais nem menos.

— Puxa, mas sozinho não tem graça — falei, chateado.

Olhei rapidamente para Marina sentada do outro lado da mesa. Aparentava estar distraída, se ocupando com seu prato de comida.

— Por que não convida suas irmãs? — sugeriu papai.

— Já sondei as duas, Maggie e Cate também estão ocupadas e não podem viajar. — disse, desanimado.

Ficamos um momento em silêncio, até que mamãe voltou a falar:

— Marina, já acabou seu período de provas na escola?

Bingo! Procurei manter o rosto impassível, mas não foi fácil.

— Finalmente terminou — ela respondeu, com expressão cansada. — Foi muito puxado. Por quê?

Todos nós olhamos para minha mãe, que voltou a comer enquanto respondia:

— Por quanto tempo pretende ficar fora? — ela me perguntou.

— Uma semana.

— Você acha que perderia alguma matéria importante se faltasse por uma semana à escola? — ela perguntou para Marina.

— Acredito que não, e Shanti depois poderia me passar o que eu tivesse perdido.

— Já que é assim, por que então não leva a Marina? Ela também poderia aproveitar e descansar um pouco. E, se não estou enganada, ela estará fazendo aniversário na mesma data, seria um excelente presente! O que você acha?

Foi quase impossível não demonstrar minha euforia, tive que usar toda a minha experiência como ator para mascarar meus sentimentos.

— Se ela quiser, não vejo problema. Você que ir comigo?

Ela ergueu o rosto, e nossos olhares se encontraram por sobre a mesa. A não ser por suas bochechas que se tingiram de vermelho, parecia tão calma quanto eu.

— Parece uma boa ideia. Você já tem tudo programado?

Ela não fazia ideia.

— Quase tudo. Só vou precisar que papai e mamãe assinem uma autorização especial, já que você é menor, mas não é nada demais.

— Então, acho que vou — ela concordou. — O que você acha, papai?

Ele nos olhou, enquanto acabava de mastigar, e limpou a boca com um guardanapo antes de responder.

— Se sua mãe está de acordo e seu irmão prometer tomar conta de você com responsabilidade, não vejo problema. — Ele me encarou firme.

— Papai, não sou mais criança — reclamou Marina, fazendo bico.

— Mas também ainda não é adulta e, se não estivermos por perto, Daniel terá que ser o responsável por você nessa viagem — retrucou, e depois se virou novamente pra mim. — Promete cuidar da sua irmã?

— Não vou tirar os olhos dela — “Nem as mãos”, pensei.

Mais tarde, naquela mesma noite, nos sentamos todos na sala, e eu trouxe a papelada para que eles assinassem. Esse foi outro momento de tensão, porque entre aquelas folhas estava o documento que autorizaria o nosso matrimônio. Porém, deixei para o final, antes procurei distraí-los, mostrando a programação que o

*resort* oferecia e mais fotos fantásticas do material publicitário, o que os empolgou, gerando comentários animados e boas risadas.

Entreguei primeiramente os formulários de autorização da viagem em si, o qual leram por alto e assinaram. Quando já estavam se levantando para irem descansar, comecei então a juntar tudo que estava espalhado pela mesa. Fingindo distração, mostrei uma folha que aparentemente tinham se esquecido de assinar, e o fizeram de forma quase automática. Rapidamente recolhi o documento juntando aos demais.

— Marina — eu a chamei. — Vamos lá ao meu quarto, pra gente combinar alguns detalhes.

Ela fez sinal afirmativo com a cabeça, levantou-se do sofá, e juntos subimos a escada.

Assim que entramos e fechamos a porta, nos abraçamos; ela tremia ligeiramente.

— Conseguimos — falei baixinho. — Você está bem?

— Sim — respondeu, com a voz trêmula. — Mas fiquei tão nervosa. Não gosto de mentir para eles.

— Eu sei. Também não gosto. — Afastei-me para olhá-la um pouco. — Tem certeza que quer fazer isso? Ainda pode desistir, vou entender.

Ela me olhou séria, depois aproximou o rosto do meu e me beijou levemente nos lábios.

— Quero ser sua mulher — murmurou. — Nada mudou.

Por mais que eu quisesse, não queria obrigá-la a nada. Por um momento, pensei que Marina pudesse ter dúvidas sobre o que estávamos prestes a fazer, mas agora ela voltava a demonstrar decisão. Segurei seu rosto entre minhas mãos e beijei-lhe a testa.

— É tudo o que mais quero. Estamos em contagem regressiva.

\*\*\*

— Vocês vão o quê? — Shanti perguntou, chocada.

— Isso mesmo que você ouviu — falei nervosa e torcendo as mãos.

Estávamos sentadas na cama de Shanti, enquanto conversávamos em seu quarto.

— Casar? — Ela estava estupefata. — Olha, você sabe que sou uma pessoa de cabeça aberta, mas, casar? Isso não é brincadeira! Você tem certeza?

Eu sabia que a notícia era de certa forma surpreendente, mas ao ver a reação exagerada de Shanti pensei como meus pais se comportariam se descobrissem a verdade.

— Nunca tive dúvida de que o Dan é o homem da minha vida, então por que não? Uma vez você disse que parecíamos casados, e na verdade já é assim que eu me sinto. Como ele mesmo disse, agora vamos apenas formalizar nossos sentimentos. Não consigo imaginar minha vida sem ele! — desabafei, e ficamos por um momento em silêncio.

— Bom, se você tem certeza de que é isso que quer, então não está mais aqui quem falou — ela disse, preocupada.

— Obrigada por entender, Shanti! — falei, pegando sua mão. — Na verdade, gostaria de te pedir uma coisa.

— O quê? — perguntou, surpresa.

— Quer ser minha madrinha? E não precisa se preocupar com nada, o Dan está bancando tudo.

Felizmente, o lucro do trabalho dele no filme tinha sido proveitosamente rendoso.

— Madrinha? — perguntou, perplexa, e em seguida me abraçou apertado. — Nada me daria mais prazer, obrigada! — sorri, abraçando-a também.

— Mas... espere aí... — ela disse, me soltando e de olhos apertados. — Isso quer dizer que temos menos de uma semana para nos preparar e comprar tudo que precisamos! — completou, fazendo uma expressão horrorizada.

— Calma, Shanti! Vai ser um casamento na praia, não vamos precisar de nada complicado — expliquei.

— Isso é o que você pensa! Temos que escolher um vestido perfeito para você e outro para mim, porque como madrinha quero arrasar! — rebateu, animada. — E você precisa de um estoque de biquínis novos e outros utensílios que combinem. Temos que marcar

uma hora na depilação! Minha nossa, precisamos pensar na LUA-DE-MEL! Teremos uma parada obrigatória na Victoria's Secret, precisamos comprar muita, *lingerie sexy* pra você!

— Nossa, Shanti! Como você conseguiu se lembrar de tantos detalhes de uma vez só? — perguntei, impressionada.

— Já vi um monte de primas se preparando para casar, conheço o processo de cor!

— Mas agora me lembrei de uma coisa, como você vai justificar a viagem pra sua mãe? — perguntei, preocupada.

Ela sorriu daquele jeito que sempre fazia quando ia aprontar alguma coisa.

— Isso é fácil, quer ver? — falou despreocupadamente, indo até a porta do seu quarto e chamando sua mãe.

No minuto seguinte, Shakti Khan, a mãe dela, apareceu. Sempre me impressionava com sua aparência, fisicamente ela e Shanti tinham uma enorme semelhança: o mesmo olhar inteligente e sorriso franco e aberto.

— O que foi?

— Tudo bem se acompanhasse a Marina numa viagem para o Taiti, esse final de semana? Só vou ficar uns dois dias fora.

A mãe dela nos olhou desconfiada, antes de perguntar:

— Qual o motivo da viagem?

— Ela vai fugir com o namorado pra casar escondido! — respondeu, fazendo uma cara falsamente apavorada. Eu quase tive um ataque ouvindo a Shanti falar aquilo, mas para minha surpresa a mãe dela deu uma boa risada.

— Vocês, meninas, são tão engraçadas! Que imaginação!

Eu e Shanti nos olhamos, enquanto acompanhávamos sua mãe, rindo junto com ela.

— Na verdade, vai ser o presente de aniversário da Marina, o Dan vai junto, mas ela gostaria de ter uma companhia feminina, pra ficar mais divertido — Shanti explicou. — E, como convidada, já está tudo pago. — A mãe dela ficou pensativa por um tempo.

— Sua mãe já concordou com isso? — ela me perguntou.

— Sim, a ideia da viagem, inclusive, foi dela.

— Bem, sendo assim, não vejo problema. Só espero que se comportem e não façam nada imprudente — disse, beijando Shanti na testa, antes de sair.

— Você ficou maluca? — falei, dando uma pancadinha em seu braço. — Como você foi falar uma coisa daquelas para sua mãe?

— Calma, eu conheço a minha mãe, sabia que ela não ia levar a sério — declarou, tranquila. — E, no futuro, se ela descobrir alguma coisa, não vai poder jogar na minha cara que eu não falei a verdade.

Quando pensava que nada mais me espantava em Shanti, ela logo provava que eu estava enganada.

— Você é incrível, sabia?

— Sei, sim, por isso sou sua amiga! — disse, convencida, e fui obrigada a rir. — Você está feliz mesmo, não é?

— Sim, estou ridiculamente feliz! — respondi, segurando alegremente suas mãos. — Nervosa também!

— Ah, isso é normal! Toda noiva fica nervosa antes do casamento.

— Sim, já ouvi dizerem isso. Mas agora, fico pensando nas coisas que temos que preparar antes da viagem, na cerimônia, na lua-de-mel...

— Você está nervosa pensando na lua-de-mel? — perguntou maliciosamente.

— Apavorada! — respondi, fechando os olhos. Era um alívio poder dizer aquilo em voz alta. — Sou tão inexperiente, Shanti! E se eu não souber fazer as coisas direito?

— Marina Harrison! — ela disse, séria. — Você sabe o básico, não é?

— Bem, teoricamente sim — concordei. — Será que vai ser o bastante?

— Marina, vocês se amam. Tenho certeza de que o Dan vai te tratar com carinho, se deixe conduzir por ele. Essas coisas fluem naturalmente, não adianta ficar planejando, você tem que apenas seguir seus instintos. O Dan é bom dançarino?

— Razoável. Por quê?

— Porque, para que você fique mais tranquila, imagine apenas que esta será mais uma nova coreografia que terá de aprender e, como sei a excelente bailarina que é, tenho certeza de que tudo vai dar certo — falou calmamente, depois abriu um sorriso malicioso. — Afinal, pelo que você me disse, o Dan parece ser habilidoso o suficiente.

Lembrei-me de um detalhe e não tive como não soltar uma risada.

— O que foi?

— Sorte a minha que essa “dança” é feita na horizontal — respondi, corando.

— Por quê? — ela perguntou, sorrindo também.

— Porque pelo menos nessa modalidade creio que não terei os pés massacrados!

\*\*\*

— Vocês vão o quê? — Lance perguntou, apavorado.

— Calma, Lance! — disse, agitado.

Estávamos sentados na varanda da casa dele.

— Você enlouqueceu? — ele perguntou, energicamente. — Desde quando, hoje em dia, se precisa casar com uma garota para poder levá-la pra cama?

Às vezes, ter paciência com ele era um grande desafio, por isso respirei fundo.

— Não tem nada a ver! Não é esse o motivo por que quero casar com ela.

— Então, qual é o motivo? — perguntou Lance, e revirei os olhos.

— Dã... já ouviu falar em amor? — respondi, irônico.

— Fala sério, Dan! — ele, disse rindo. — Sei que você é louco pela gata, até entendo que queira uma relação monogâmica, mas casar? Não consigo mesmo entender.

— Olha, vou tentar explicar — falei, suspirando. — Eu quero mesmo a Marina só para mim, não quero que ela tenha nenhuma dúvida disso. Se você soubesse o que tem de gavião rondando. Lá

no teatro ontem à noite, você tinha que ver os comentários dos caras sobre ela! Quase parto pra cima! Assim, com a gente casando ela saberá que nosso compromisso é definitivo e não precisa dar ouvidos a mais ninguém — falei, decidido.

— Você é, sem sombra de dúvida, o cara mais possessivo que eu conheço! — ele disse, ainda rindo. — Bom, mas se é isso que vocês querem mesmo, só me resta desejar felicidades! — completou, dando tapinhas no meu ombro.

O bom de ter Lance como amigo é que era um cara muito flexível, não tinha tempo feio com ele.

— Valeu! — falei, relaxando. — E aí, o que acha de ser meu padrinho?

Ao ouvir o pedido, seu rosto se abriu num sorriso satisfeito.

— Claro, conta comigo. Quando foi que eu não estive dentro de seus planos malucos, não ia ser agora que eu ia ficar de fora, não é?

— Obrigado, estou contando as horas! — falei empolgado.

— Uma semana de lua-de-mel, hein, meu chapa? Isso é o que eu chamo de tirar o atraso! — disse, rindo maliciosamente.

— Nem me fale! — concordei.

\*\*\*

O restante da semana passou muito rápido. Fiquei exausta, saindo quase diariamente para fazer compras com a Shanti, mas o resultado foi positivo. Achamos tudo o que precisávamos, depois de muito pensar e andar. Shanti decidiu usar um sári, roupa tradicional indiana, num tom azul que combinou perfeitamente com sua pele. Já escolher meu vestido foi um suplício, queria algo simples, romântico, mas de bom gosto, afinal me casaria numa cerimônia na praia, não precisava de nada cheio de brilho, volumoso ou sofisticado. Encontrei no último minuto um vestido branco, de tecido fino e leve, decote redondo, manga curta, que acompanhava com perfeição minha cintura e se abria numa saia com várias pregas, até um pouco abaixo do meu joelho. Combinaria perfeitamente com o estilo de roupa que o Dan ia usar: camisa branca de manga curta e

calça branca, bem estilo praiano. Tinha certeza de que aquela cerimônia ia ser a nossa cara, nada chique demais, algo despretensioso e simples.

Finalmente, chegou a noite da viagem. Eu estava com os nervos à flor da pele, morrendo de medo de ter esquecido alguma coisa. Chequei mil vezes a bagagem, os documentos, passaporte, as passagens estavam todas com o Dan, então não precisava me preocupar com aquilo.

— O táxi já chegou — Dan avisou, entrando no meu quarto.

— Vou descer em um minuto.

— *OK*. Já vou levando suas malas. — disse ao sair, carregando-as.

Peguei minha bolsa de mão e dei uma última olhada no meu quarto – era a última vez que eu estaria nele como solteira e virgem; ao voltar, seria uma mulher casada e plena. Suspirei ao lembrar todos os sonhos, planos e fantasias que tivera ali, naquele cômodo, mas não senti saudade de nada, lá tinha sido muito feliz, porém tinha certeza de que o futuro e a realidade poderiam ser muito melhores. Decidida, saí e fechei a porta, sem olhar para trás.

Encontramo-nos todos no aeroporto. Viajaríamos a noite toda, programados para chegar pela manhã bem cedo ao nosso destino. Shanti foi à última a chegar e, quando vimos a quantidade de coisas que ela levava, ficou claro por que tinha demorado tanto.

— Pra que você precisa de quatro malas para uma viagem de dois dias? — perguntou Lance, implicando.

— Nunca se sabe do que se pode precisar, prefiro pecar pelo excesso que pela falta — ela explicou, fazendo pose.

— Uh! Meu tipo de garota, pecar pelo excesso é comigo mesmo! — disse o Don Juan.

Encaminhamos nossa bagagem, depois fomos ao setor de espera. Sentei em uma das cadeiras disponíveis, aguardando liberarem o embarque.

— Você está muito silenciosa. — disse Dan no meu ouvido, se sentando ao meu lado. — Ainda dá tempo de desistir — falou, brincando.

— Deixa de ser bobo — disse, sorrindo. — É só ansiedade.

— Eu sei, também estou me sentindo assim — disse, me abraçando.

Anunciaram nosso voo e abriram o portão. Olhamos um para o outro e nos demos as mãos, deixando para trás todas as dúvidas e embarcando rumo à maior aventura de nossas vidas.

Por incrível que pareça, dormi a noite toda, vencida pelo cansaço. Acordei com o Dan tocando meu cabelo, me avisando que já íamos pousar. Descemos na capital do Taiti e lá pegamos um avião pequeno, que nos deixaria na ilha de Bora Bora. Tinha acabado de amanhecer quando avistamos a praia maravilhosa, numa vista de tirar o fôlego. Pousamos na água e, ao descer no pequeno cais, me senti como se estivesse naquele seriado antigo A Ilha da Fantasia ou no filme A Lagoa Azul.

Funcionários do hotel nos aguardavam dando boas-vindas, e colocavam colares de flores em nosso pescoço.

— Quem são os noivos? — perguntou um rapaz.

— Somos nós — respondeu Dan, pegando minha mão.

— Ótimo! Então, por favor, queiram o noivo e seu padrinho me acompanhar. A noiva e sua madrinha devem acompanhar nossa outra funcionária. — E apontou para uma moça sorridente. — Vamos prepará-los o dia todo, agora vocês só vão se reencontrar para a cerimônia no final da tarde.

Olhamos um para o outro, numa mistura de dor por termos que nos separar, expectativa pelo que viria e ansiedade pela espera. Ele me beijou rápido, mas com intensidade, segurando-me pela cintura.

— Te vejo no altar — disse, ao me soltar.

— Não se atrase — adverti, e ele sorriu antes de se virar e partir.

\*\*\*

O funcionário nos levou até outro cais, onde um pequeno barco nos aguardava. Dali, seguimos para uma casa flutuante, onde estava preparado um maravilhoso café da manhã. Comemos sentados na imensa varanda, assistindo ao mar calmo e azul a nossos pés.

— Isso é que é vida! — disse Lance, passando a mão na barriga estufada. — Que lugar incrível!

— Um paraíso! — concordei.

— Qual é a programação de hoje? — perguntou, curioso.

— Bem, pelo que me lembro, a manhã é livre, depois do almoço vamos ser paparicados o tempo todo, sauna, massagem e tudo que for relaxante.

— Hum, isso parece muito bom. Então, o que estamos esperando? — disse, animado. — Vamos trocar de roupa e dar um mergulho.

— Só se for agora! — respondi, me levantando.

\*\*\*

Depois de uma manhã relaxante na praia com a Shanti, foi servido um almoço delicioso. Mais tarde, fomos conduzidas por duas gentis nativas a um *spa*, ficamos algum tempo na sauna, em seguida fomos massageadas da cabeça aos pés com óleos perfumados, até fazer nossa pele cintilar, cheguei a cochilar, de tão relaxada que fiquei. Depois de um banho maravilhoso na hidromassagem, passamos pelos serviços de manicure, pedicure, esteticista, maquiador e cabeleireiro; terminamos à tarde, nos sentindo como rainhas.

— Marina, estou começando a querer arrumar um noivo e casar também! — Shanti comentou, sorridente.

— Por quê? — perguntei.

— Só pra poder fazer tudo isso de novo! — Ri junto com ela.

Finalmente, chegou a hora de nos aprontar. Coloquei meu vestido e me olhei no espelho. Gostei do que vi, esperava que o Dan também gostasse.

— Você está linda! — afirmou Shanti. — Dan vai gamar ainda mais!

— Estou tão nervosa! — disse, começando a hiperventilar.

— Calma, é o seu amor que está te esperando, não é mesmo? Tenho certeza que ele vai estar tão ansioso quanto você, se não estiver mais! — garantiu.

Ouvimos uma batidinha na porta; tinha chegado a hora. Ao sairmos, uma moça entregou uma coroa de flores a Shanti, explicando que seria sua responsabilidade segurá-la até o início da cerimônia.

Dirigimo-nos a uma praia magnífica; uma brisa suave balançava as folhas das árvores, o ar estava perfumado com o cheiro das flores locais, e suspirei ao admirar tanta beleza. Mas nada podia se comparar à próxima visão: uma canoa típica se aproximava, apenas com três ocupantes, mas apenas um deles prendeu meu olhar imediatamente à medida que se aproximava.

De longe, via seu sorriso largo ao me avistar e também sorri, incapaz de me conter. Quando a embarcação chegou à areia, ele saltou com agilidade, com o Lance logo atrás. Quase perdi o fôlego. Quem era esse homem maravilhoso, que se aproximava num andar decidido, com o rosto de um deus e com olhos que me aqueciam só de vislumbrar? Esse homem era o Dan, e ele era meu, só meu. Estendi minhas mãos e ele as segurou com firmeza, ficamos ali, de mãos dadas, deslumbrados um com o outro. Os fotógrafos contratados não paravam de tirar fotos.

Dirigimo-nos então ao local da cerimônia. Num altar de pedras o sacerdote nos aguardava, cercado por nativos em roupas típicas, usando colares de flores, cantando músicas religiosas tradicionais da região. Paramos em frente ao altar, com Shanti ao meu lado, e Lance ao lado do Dan.

O sacerdote nos deu as boas-vindas, pediu que Shanti me entregasse a coroa de flores e orientou-me para que a colocasse na cabeça do Dan. Depois Lance fez o mesmo, e Dan colocou a coroa em minha cabeça; a cerimônia enfim começou.

O sacerdote falou de forma poética sobre o amor e o casamento, explicando suas responsabilidades, bênçãos e deveres.

— Daniel e Marina, vocês estão preparados para se comprometer um para com o outro? — perguntou em determinado momento.

— Sim — respondemos juntos.

— Daniel, você aceita Marina para ser sua esposa, promete amá-la, honrá-la, respeitá-la e cuidá-la por todos os dias de sua

vida? — perguntou o sacerdote a Dan.

— Sim — ele respondeu com firmeza.

— Marina, você aceita Daniel para ser seu marido, promete amá-lo, honrá-lo, respeitá-lo e cuidá-lo por todos os dias de sua vida?

— Sim — respondi, com a voz trêmula de emoção.

— Por todo o mundo, as alianças são sinais da eternidade, pois os círculos não têm início nem fim. Essas alianças são o símbolo de seu puro amor e das promessas que vocês compartilharão juntos, como marido e mulher.

Dan se virou para Lance, que entregou a aliança a ele, depois pegou minha mão esquerda e repetiu as palavras do sacerdote, enquanto colocava o anel em meu dedo.

— Coloco esta aliança com todo o meu amor, para que todo o mundo veja que escolhi você como minha esposa. É o desejo de meu coração estar contigo por toda a minha vida. E eu te amarei para sempre.

Depois chegou a minha vez. Shanti me entregou a aliança, peguei a mão esquerda de Dan e a coloquei em seu dedo, repetindo as mesmas palavras:

— Coloco esta aliança com todo o meu amor, para que todo o mundo veja que escolhi você como meu marido. É o desejo de meu coração estar contigo por toda a minha vida. E eu te amarei para sempre.

— Vocês desejam falar algo neste momento? — perguntou o sacerdote.

Estendi o braço e coloquei a mão direita sobre o peito dele, em cima do seu coração, e disse:

— Enquanto meu coração bater, enquanto eu respirar, vou amar você. E saiba que nunca esquecerei este dia, porque agora nossos corações são um — declarei, emocionada, e vi os olhos dele se encherem de lágrimas.

Em seguida, ele fez o mesmo gesto e repetiu as mesmas palavras. Então, o sacerdote continuou a cerimônia.

— Vocês nasceram para estar juntos, e juntos deverão estar para sempre. É nosso desejo que seu puro amor nunca diminua

pelos problemas que possam surgir. Que vocês possam sempre acreditar nos votos que fizeram aqui hoje, através de suas vidas. Neste momento sagrado, agora os presenteio com seus novos nomes. Daniel, nas ilhas da Polinésia você agora será conhecido como “Kaleo”, que significa “o som, a voz”. E você, Marina, passará a ser conhecida como “Kanani”, que significa “a beleza”. Podem envolver o casal com o Manto do Amor.

Duas jovens se aproximaram com um lindo cobertor, feito à mão, com motivos florais, todo em tecido colorido, e nos cobriu com ele.

— Agora, é minha honra proclamar, Daniel e Marina, parceiros na vida, almas gêmeas, marido e mulher. Você pode beijar sua noiva, e você pode beijar seu noivo.

Viramos um para o outro, as lágrimas agora rolavam livremente por minha face. Ele segurou meu rosto entre suas mãos e beijou meus lábios com toda a ternura que sentia, e eu respondi ao seu beijo com a mesma intensidade.

A cerimônia terminou exatamente ao pôr-do-sol. Viramo-nos para cumprimentar nossos amigos, e não sabia quem estava chorando mais, eu ou Shanti, quando ela me abraçou, dando os parabéns.

Fomos todos para um salão reservado, onde, numa mesa ricamente decorada, nos aguardava um lindo bolo. Tiramos várias fotos, nos beijando sem parar. Depois nos dirigimos a um restaurante com música ao vivo e uma pista de dança. Assim que entramos, a banda parou de tocar, e alguém no microfone anunciou nossa chegada como recém-casados. Escutamos uma rodada de aplausos de todos no salão. Em seguida, foi anunciado que teríamos nossa primeira dança como marido e mulher, Dan me conduziu ao meio da pista e começamos a dançar, ao som de uma linda música romântica. Não cansava de olhar seu rosto, seus olhos, me sentia atraída por uma força magnética que parecia sair de seus poros.

— Já disse que você está linda? — ele perguntou, sorrindo.

— Na verdade já, mas pode continuar repetindo, quem sabe até o final da noite eu acredite.

— Até o final da noite pretendo falar e... fazer muitas outras coisas com você. — ele disse, me apertando mais forte e fazendo meu coração disparar.

— Hum, você me deixou curiosa, que tipo de coisas? — perguntei ingenuamente.

— Digamos que pretendo cumprir cada compromisso marital — disse insinuante.

— Que marido responsável fui arrumar!

— Deixa eu te mostrar o quanto sou responsável. — E me deu um beijo que não restou a menor dúvida.

Voltamos para a mesa, fizemos nossos pedidos e tivemos um último bate-papo animado com Shanti e Lance, já que eles voltariam para casa no dia seguinte.

O jantar chegava ao fim, estava preguiçosa, relaxada e feliz. Tinha passado pela experiência mais emocionante da minha vida, ao lado do meu grande amor, e tínhamos compartilhado tudo com nossos melhores amigos. Claro que o ideal seria se nossa família pudesse estar presente, mas sabia que no momento não seria possível. Porém, do fundo do meu coração, esperava que um dia nossa relação fosse compreendida e aceita.

Lance tirou de debaixo da mesa uma caixa de presente, muito bem decorada, com um enorme laço de fita, e a estendeu para nós.

— Puxa, não precisava!

— Ah, não é nada demais! — Já íamos abrir, quando ele nos impediu. — Mas, me façam um favor, abram assim que entrarem no quarto.

— Isso não vai explodir. Certo? — perguntei, desconfiada.

— Não, prometo ser completamente inofensivo! — garantiu, sorrindo.

Um funcionário do hotel se aproximou e disse:

— Senhor e senhora Harrison, seu barco já está pronto, podemos partir.

Foi meio estranho sermos chamados daquele jeito, quase olhei pros lados, esperando ver o papai e a mamãe. Pelo olhar que o Dan me deu, acho que pensou a mesma coisa.

Shanti e Lance nos acompanharam até o lado de fora. Dei um abraço bem apertado nela.

— “Que Deus, o melhor Criador de todos os casamentos, combine vossos corações em um” — Shanti falou em meu ouvido com voz embargada.

— Amém — respondi muito emocionada — Hamlet?

— Não. Henrique V, ato 5, cena 2.

Impossível não rir e o fizemos juntas.

— Obrigada por ser minha amiga e minha madrinha.

— Ah, não! Você não vai me fazer chorar de novo! Anda, vai logo! Nos veremos em casa — disse, me empurrando carinhosamente.

A noite estava linda, a lua cheia, muito branca, brilhava sobre nós, e tochas fincadas no chão indicavam o caminho que tínhamos de seguir pela praia. Uma enorme canoa nativa nos aguardava, Dan entrou primeiro, me estendendo a mão e me ajudando a subir. Sentamos lado a lado, o mar estava sereno e tranquilo, e começamos a nos mover no suave balanço das ondas. Embora a paisagem fosse de tirar o fôlego, estava superconsciente de sua presença, de como seu braço estava ao redor dos meus ombros, do calor que sentia do seu peito na palma da minha mão, dos seus lábios na minha testa.

Foi uma viagem curta. Logo avistamos a casa flutuante reservada só para nós, toda iluminada. Saltamos da canoa, agradecemos o romântico passeio, ficamos ali na varanda e subitamente nos vimos completamente sozinhos.

— Vamos conhecer a casa — sugeri, ao abrir a porta.

— Boa ideia!

Num gesto muito à moda antiga, Dan sem aviso me pegou no colo e soltei um gritinho abafado, logo seguido por sua risada. Segurei-me em seu pescoço, enquanto ele me carregava, e, de forma exagerada, deu um passo à frente.

Entramos numa sala linda, decorada como uma casa típica taitiana. Ele me pôs no chão e logo começamos a percorrer o ambiente. Encontramos uma pequena cozinha, com frigobar e micro-ondas. Continuamos a explorar, cheios de expectativa,

atravessamos uma porta e entramos no quarto. Olhei para Dan, que observava a tudo com alegria; seus olhos cintilavam, e meu coração vibrou ao ver que, em sua tão evidente felicidade, tinha conseguido a proeza de ficar ainda mais bonito. Num canto, vi nossas malas e o violão do Dan, mas o que mais me chamou a atenção foi a enorme cama *king-size*, com uma coluna de metal saindo de cada extremidade e um enorme mosquiteiro branco suspenso sobre a cama. Respirei fundo e fui até a outra porta, no lado oposto: verifiquei que era o banheiro, impecavelmente limpo e equipado com produtos de higiene pessoal.

— Gostou? — perguntou, sorrindo ao meu lado.

— Muito, parece um sonho! — respondi, com sinceridade.

Voltamos pro quarto e de repente ficamos ali, olhando um para o outro, com expressões que misturavam ansiedade e constrangimento, então subitamente caímos na gargalhada. Rimos tanto que tivemos que nos apoiar um no outro. Aquilo foi muito bom, liberou toda a tensão e criou um clima mais descontraído e natural.

— Acho que vou me trocar — disse, quando finalmente serenei.

— Certo.

Abri minha mala, peguei uma sacola e a levei para o banheiro. Tirei o vestido e vesti a camisola de cetim longa, branca, de alcinha, que tinha um decote enorme nas costas, e por cima coloquei o penhoar comprido que fazia parte do conjunto. Penteei o cabelo diversas vezes, procurando me acalmar, escovei os dentes duas vezes e dei uma última olhada no meu reflexo.

OK. Estava pronta, chegou o grande dia, mas por mais que estivesse consciente de tudo ainda sentia um friozinho na barriga.

“Calma, Marina! Vai dar tudo certo!”, pensei comigo mesma e abri a porta.

Saí do banheiro e vi o Dan de peito nu, usando uma calça de pijama branca, sentado na cadeira olhando o presente que o Lance tinha nos dado; já tinha até me esquecido daquilo.

— Nada explosivo, espero! — falei, brincando.

— Não, você nem vai acreditar no... — Ele levantou o rosto para me olhar, e assim que me viu parou de falar.

Ele colocou a caixa na mesinha a seu lado e se levantou, me olhando de cima a baixo. Começou a andar na minha direção, me olhando intensamente, e nunca tive tanta consciência de que ele era um macho e eu uma fêmea.

— Você me deixou sem palavras, estava preparado para cobri-la de elogios, mas agora todos parecem fracos perto de você. — Dei um sorriso tímido, um pouco encabulada. — “Kanani”, a beleza, o sacerdote não poderia ter dado nome mais apropriado.

Ele me abraçou devagar, me puxando em sua direção; podia sentir as batidas rápidas de seu coração em minhas mãos.

— Eu te amo — disse-lhe, pois nenhuma outra palavra parecia adequada naquele momento.

Ele aproximou bem devagar o rosto dele do meu, olhando-me nos olhos, nossas bocas se encontraram, e fechei meus olhos procurando apenas sentir. Sentia tudo, a boca que se movia delicadamente sobre a minha, seu hálito, os braços que me apertavam. Nossas bocas se abriram e nossas línguas se encontraram, e o beijo foi-se aprofundando e ficando mais urgente. Senti suas mãos correndo por minhas costas, subindo e descendo, e senti que pararam nos meus ombros, puxando o penhoar que caiu delicadamente aos meus pés. Ele soltou minha boca e cobriu meu rosto de beijos, beijou meus olhos, minhas bochechas, minha testa, desceu para minha orelha, onde mordiscou delicadamente. Voltou a procurar minha boca, me beijando profundamente, e eu o segurava firmemente com uma mão em seu pescoço, enquanto a outra segurava seu cabelo.

Parou de me beijar e me surpreendeu, pegando-me no colo e me levando para a cama, onde me deitou bem devagar. Fiquei ali deitada, observando-o, e ele se abaixou e beijou meus pés.

— Quero conhecer cada pedacinho de você. Fazer de você minha mulher. Confia em mim? — murmurou e perguntou.

— Confio, sempre confiei — respondi e suspirei.

Ele foi me beijando, subindo pela minha perna, levantando a camisola no caminho. Eu respirava profundamente e devagar.

Percebi uma parada estratégica e, no momento seguinte, subiu a minha camisola, expondo minha calcinha de renda.

— Ai, meu santinho! — exclamou, me fazendo rir de prazer.

Ele segurou minha camisola com ambas as mãos e a puxou pela minha cabeça, passando por meus braços, em seguida a colocou de lado.

Senti suas mãos em meus quadris, e seus dedos se enrolaram nas alças da minha calcinha e a puxaram de uma vez só, jogando-a longe. Ele se afastou um pouco, o que achei estranho, contudo logo descobri o motivo ao me ver completamente nua, sendo observada da cabeça aos pés por seus olhos.

— Há anos sonho em vê-la assim — confessou, com a voz sussurrante. — Há anos sonho em sentir sua pele macia na minha, seu cheiro, seu sabor. — À medida que falava, deitava-se por cima de mim, entrelaçando nossas pernas. — Quero te fazer minha — completou, olhando em meus olhos.

Beijamo-nos em seguida, com paixão e desespero. Ele me tocava, eu o tocava, começando a perder minha inibição inicial.

— Sinto-me em desvantagem aqui — sussurrei, entre beijos. — Não era só você que sonhava.

Ele sorriu e se afastou apenas o suficiente para retirar rapidamente sua calça, brindando-me com a linda visão da totalidade de seu corpo masculino. Era tão lindo.

— Melhor assim? — perguntou, voltando a se deitar sobre mim.

— Muito melhor! — respondi, antes de puxá-lo novamente pelo pescoço para beijá-lo apaixonadamente.

Tudo era tão novo e surpreendente, mas ao mesmo tempo maravilhoso! As sensações eram arrebatadoras, nunca tinha visto tanta pele exposta antes, nunca tinha sido tocada de forma tão íntima, então, apesar do meu constrangimento, me permiti viver essa primeira experiência, sentindo, em cada gesto do Daniel, seu infinito amor, doçura e paciência.

Foi um despertar lento, mas poderoso, com sensações que cresciam e se avolumavam, beirando o insuportável. Ao mesmo tempo, fiquei envaidecida ao ver que não era a única que estava

sendo possuída por tantas emoções. Daniel parecia estar arrebatado, dividido entre profunda concentração e agonia delirante.

Ele sussurrou uma palavra baixinho, não consegui entender muito bem, aos meus ouvidos parecia algo como “Hitler”, mas devia ter entendido errado, afinal, por que ele diria algo assim, a uma hora daquelas?

À medida que prosseguimos em nossas carícias, uma urgência começou a se apossar de mim, uma necessidade tão antiga quanto o tempo me tomou por inteiro. Era como se uma parte de mim estivesse faltando e exigisse ser completada.

— Ah, Dan... — sussurrei, gemendo. — Preciso... preciso... — não conseguia achar as palavras certas.

— Do quê? — perguntou intensamente.

— De você.

Para meu desapontamento, ele me soltou, e quase gemi de frustração ao ver ele se afastar, mas só quando o vi pegar um pacotinho da caixa com que o Lance havia nos presenteado entendi o motivo: proteção.

Fechei os olhos, aguardando com ansiedade; sabia o que viria a seguir e me sentia pronta, mais que isso, precisava daquilo com cada fibra do meu ser. Abri os olhos ao senti-lo, deitar-se suavemente sobre mim, e minhas pernas se abriram para recebê-lo, que olhou profundamente em meus olhos.

— Eu te amo — disse e veio.

Mesmo sabendo que a dor faria parte do processo, foi espantoso senti-la, perceber que, por mais que eu o quisesse, meu corpo tinha uma barreira natural à sua invasão. Foi quase com alívio, depois de cuidadosa insistência, sentir algo finalmente se romper e ser capaz de recebê-lo.

Agora éramos um, não mais somente em espírito, mas também fisicamente.

— Oh, Marina! Você foi feita pra mim... — ele disse, no auge da paixão.

Shanti estava certa, era como se fôssemos dois bailarinos em perfeita sincronia, sendo que dessa vez era Dan quem me guiava na nova coreografia. Instintivamente eu o seguia, enquanto ele me

conduzia num ritmo próprio, e nossos corpos sendo os instrumentos da maior dança de nossas vidas, através da doce melodia formada por nossos beijos, sussurros e gemidos.

Comecei a sentir uma espécie de frenesi, algo que estava se aproximando, se apossando de mim. Olhava bem dentro de seus olhos quando me senti explodir, estremecendo violentamente. Foi como se por um momento eu tivesse deixado de existir, me desintegrado, para no momento seguinte surgir renascida, com plena consciência de que, depois dessa experiência, eu nunca mais seria a mesma.

Pouco depois, senti-o estremecer da mesma forma, respirando pesado em meu pescoço.

Ele desabou seu corpo sobre o meu, e continuei a abraçá-lo com braços e pernas, sem conseguir nem querer me mover. Aos poucos, sua respiração foi-se acalmando, e ele se sustentou sobre seus braços, voltando a me olhar.

— Eu devo estar pensando sobre você — comentou.

— Não me incomodo, na verdade eu te prenderia aqui pra sempre.

— Então, sou seu prisioneiro — declarou.

— Prisão perpétua — disse, rindo junto com ele.

Fazendo um movimento inesperado, ele girou o corpo, me levando junto, ficando então por baixo, e me deixando por cima.

— Pronto, agora continuo seu prisioneiro e você pode respirar.

Abracei-o pelo pescoço, deitando minha cabeça em seu peito, sentindo suas mãos subirem e descerem devagar por minhas costas.

— É sempre assim? — perguntei. — Tão intenso?

— Não. Acredito que tenha sido assim, porque fomos nós — respondeu. — Doeu muito?

— Não, passou rapidinho — garanti.

Vi o pacotinho do preservativo aberto em cima da cama, peguei-o com a ponta dos dedos.

— Então esse foi o presente do Lance? — perguntei.

— Não só esse, uma centena deles. Lembre-me depois de agradecê-lo — disse, rindo.

— Com certeza!

Sentia-me plena, como se estivesse esperado sempre por isso, por estar assim, sem barreiras, sem preconceitos, só eu, ele e o nosso amor.

Mais uma vez, suas mãos desceram por minhas costas, parando no meu bumbum, apertando com firmeza e pressionando meu quadril sobre o dele. Ele gemeu baixinho.

— Nunca me senti assim com ninguém — confessou. — Algo em você tem esse efeito sobre mim, sempre teve. Você me tira completamente do sério! — dizendo isso, rolou o corpo, deixando-me novamente por baixo.

Olhei pra ele, sentindo sua animação evidente e vendo seus olhos brilharem excitados.

— Já? — perguntei, surpresa, e ele deu uma risadinha antes de responder.

— Meu amor, do jeito que eu me preparei, posso te amar a noite inteira. — Aproximei meu rosto do dele, sentindo o perfume de sua pele, e disse:

— Prove!

E ele provou.

\*\*\*

Acordei sentindo na pele a brisa fresca que entrava pela janela e o cheiro de maresia que impregnava o quarto. Estava com muita preguiça, mas não estava reclamando, muito pelo contrário, esperava ter muitas noites iguais àquela pela frente e muitas manhãs me sentindo exausto por motivos como aquele.

Abri os olhos, sentindo o calor do corpo da Marina ao lado do meu, aproximei meu rosto do seu cabelo e respirei profundamente.

— Baunilha — sussurrei, beijando-lhe a testa.

Olhei em seu rosto; ela dormia profundamente, também devia estar cansada. Eu tinha ficado meio na dúvida se deveria exigir tanto dela logo na primeira noite, mas ela me surpreendeu, me acompanhando no mesmo ritmo, impaciente, vibrante e apaixonada. Nada me foi mais gratificante do que fazê-la minha, sentir seu corpo ondular sob o meu toque, enquanto nos amávamos repetidas vezes.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo ronco da minha barriga. Claro que agora o corpo cobrava seu preço, sentia uma fome animal.

Levantei me espreguiçando, peguei a calça do pijama e me vesti. Fui para a varanda, lembrando que o café da manhã seria entregue de barco. Encontrei em cima da mesa uma maravilhosa cesta de café da manhã e peguei uma maçã, dando logo uma mordida. Depois completei com pão, queijo, geleia, bolo e suco de laranja. Passei a mão na barriga me sentindo satisfeito.

Voltei pro quarto e vi que Marina ainda dormia, então peguei meu violão e fui pra sala.

Fiquei dedilhando as cordas do violão, para passar o tempo, até que me lembrei de uma música antiga do Peter Frampton, que parecia combinar bem com esse momento, e comecei a tocar e cantar.

A letra dizia tudo o que sentia no momento. Seu título já trazia o que eu queria dizer, *I'm in you*.

Estava acabando de tocar os últimos acordes quando vi certa pessoa despenteada, sonolenta, enrolada no lençol e completamente adorável aparecer na porta.

— Bom dia — ela disse, bocejando.

Coloquei o violão de lado e estendi os braços pra ela, colocando-a sentada no meu colo, abraçando-a e ninando-a como a um bebê.

— Desculpe se te acordei com a música.

— Queria sempre poder acordar assim, com você cantando pra mim — ela disse, me abraçando pelo pescoço. — Por sinal, adorei essa canção.

— Estava pensando na gente quando me lembrei dela, achei a nossa cara.

— Concordo, agora sempre que ouvi-la vou me lembrar da gente e desse lugar — afirmou, com o rosto em meu peito.

Continuamos assim, aconchegados um no outro, sentindo sua mão fazendo um cafuné gostoso na minha nuca.

— Ah, antes que eu esqueça — falei, sorrindo. — Feliz Aniversário atrasado! — Ela me olhou surpresa.

— É mesmo! Ontem fiz 17! Com tanta coisa acontecendo esqueci completamente.

— Espere aqui — falei, sentando-a no sofá.

Fui ao quarto, peguei duas caixas aveludadas e voltei para sala.

— Seu presente — disse, estendendo uma caixa pra ela.

— Dan, não precisava!

— Vamos, abra! Quero ver se vai gostar — pedi, ansioso.

Ela pegou a caixa e abriu.

— Uau! É lindo, tão delicado! — declarou, examinando a corrente de ouro que eu havia comprado.

— Gostou mesmo?

— Claro! Obrigada, amor! — disse, me beijando suavemente.

— Coloca em mim?

Peguei o colar, ela levantou o cabelo e o coloquei em seu pescoço.

— Existe mais um motivo para ter lhe dado essa corrente — expliquei.

— Qual?

— Quando voltarmos pra casa, não poderemos continuar usando as alianças, então pensei em usá-las como pingentes no colar, comprei uma pra mim também — contei, mostrando a outra caixa.

Vi seu olhar se entristecer ligeiramente com a minha explicação.

— Não gostou da ideia?

— Não, na verdade é muito boa — disse, pensativa. — É que... vou ficar muito triste de ter que tirar minha aliança do dedo, queria deixá-la aqui pra sempre — explicou, olhando carinhosamente a aliança em sua mão.

— Desculpe, não queria te deixar triste — falei, segurando-lhe a mão. — Ainda é cedo para pensarmos nessas coisas, temos uma semana, para curtir ao máximo!

— Certo — ela concordou, sorrindo.

— Está com fome?

— Estou faminta!

— Já imaginava, tem uma cesta maravilhosa de café da manhã lá fora.

— Oba! — Sorri ao vê-la disparar para a varanda.

Sentei do seu lado, vendo-a devorar tudo com vontade. Gostava muito disso nela, sempre achei um saco aquelas mulheres que vivem fazendo regime alimentar.

— Que tal darmos um mergulho? — sugeri quando ela terminou.

— Ótima ideia! — disse, alegre. — Mas primeiro vou entrar no chuveiro, já volto! — me deu um selinho e foi pro banheiro.

Fiquei ali, olhando o mar azul e me sentindo o homem mais feliz do mundo.

Voltei pro quarto, procurando minha sunga na mala, e ouvi a Marina cantarolando, lá do chuveiro, a música que eu tinha tocado aquela manhã.

“Você e eu não fingimos, nós fazemos amor.”

Ao escutá-la cantar parte da melodia, que havia tocado mais cedo, foi igual a ouvir o canto da sereia, completamente irresistível! Fui pro banheiro, tirei a calça, abri a porta do boxe e entrei no chuveiro.

— Dan! — disse, levando um susto. — O que você está fazendo aqui?

— A mesma coisa que você — respondi, devorando-a com os olhos. — Será que não posso tomar banho com a minha esposa?

— Sim, não, quer dizer... — respondeu, com o rosto vermelho.

— Sabia que você fica mais linda ainda toda encabulada? — Peguei o pote de sabonete líquido de suas mãos. — Deixa eu te dar banho — disse, para espanto dela.

Não posso garantir, mas acredito que aquele tenha sido um dos banhos mais longos de nossas vidas.

— Agora, deixa eu te enxugar — falei, ao sairmos do boxe.

Peguei a toalha e esfreguei vigorosamente seu corpo. Ela pegou outra toalha e fez o mesmo comigo.

Fomos para o quarto, vesti minha sunga preta, enquanto ela colocou um biquíni branco que ficou perfeito em seu corpo moreno. Só de olhá-la vestida daquele jeito já me dava água na boca. Estava

surpreso comigo mesmo, nunca tinha amado tanto e nunca tinha querido tanto. Até esse dia eu não fazia ideia do quanto podia ser poderoso o sexo com alguém a quem realmente se ama, tornando nossos laços e sentimentos ainda mais profundos.

— Pronta? — perguntei, estendendo-lhe a mão.

— Vamos logo! — disse, sorrindo.

Na varanda, olhamos o oceano maravilhoso e transparente a nossos pés, peguei-a no colo, ouvindo-a rir com vontade, e saltamos juntos no límpido mar azul.

## Capítulo 10

Nos dias paradisíacos que se seguiram, começamos a explorar o que a ilha nos oferecia, além, é claro, da descoberta contínua de nossos corpos.

O quanto uma pessoa pode precisar fisicamente da outra? Será que existiam regras? Limites? Como se fazia para parar quando se está jovem, apaixonados e plenamente saudáveis? Às vezes, a gente começava com um beijinho de nada na varanda e, quando eu ia me dar conta, já estávamos nos embolando no sofá da sala, porque não deu tempo de chegar ao quarto. Estávamos simplesmente maravilhados um com o outro, impressionados como nossa sintonia era tão plena e prazerosa.

De todas essas experiências, só podia concluir uma coisa: unir amor e sexo era como um vendaval atingindo uma floresta em chamas, propagando e intensificando o fogo, tornando o incêndio completamente explosivo e imprevisível.

A ilha tinha todo tipo de lazer náutico, e entre tantas opções diferentes optamos pelo mergulho submarino, esqui aquático e *jet ski*. Ao mergulhar, ficamos maravilhados com o mar de águas muito azuis e claras, onde se podia admirar todo tipo de vida marinha e o espetacular recife de coral. Dan adorou o esqui aquático, ele sempre esquiou muito bem na neve, então não teve muita dificuldade de se adaptar àquela outra modalidade. Enquanto que eu levei tanto tombo que desisti, com medo de quebrar uma perna. Mas nós dois adoramos andar de *jet ski*, sentindo a velocidade e o vento batendo no rosto, cada um montado no seu, guiando livremente, brincando e inventando manobras.

— E aí, vamos apostar uma corrida? — perguntou, com aquele olhar malicioso que eu conhecia tão bem.

— Até onde?

— Até nossa casa flutuante — ele estipulou.

— Topo! — disse, desafiadora. — Qual vai ser o prêmio do vencedor?

— Hum... — Ele se aproximou do meu ouvido e sussurrou o que queria. Dei uma risada, pois sempre me surpreendia.

— Certo. Bem, só vou contar o que eu quero se ganhar. Está bom pra você?

— Sem problema!

Preparamo-nos, ficando lado a lado, ambos acelerando seu *jet ski*, e olhamos um para o outro, sorrindo.

— Pronta? — ele perguntou, e afirmei com a cabeça. — Então... largar!

Disparamos velozes pela água. Passei a frente dele, me virei e dei um tchauzinho, estranhando por ele não acelerar mais. Já estava me aproximando, feliz da vida que seria a campeã, quando meu *jet ski* começou a desacelerar sozinho. Dan passou voando na minha frente, me dando a língua, o motor parou totalmente e fiquei ali, a poucos metros da nossa casa, sem entender nada. Vi Dan chegar lá primeiro e dar um grito de vitória, depois fez a volta e parou do meu lado.

— Meu *jet ski* parou — avisei.

— Se você tivesse prestado atenção aqui — disse, apontando para o painel de controle —, saberia que estava com pouco combustível e que se acelerasse demais, logo no início, ia queimar tudo de uma vez.

— Daniel Harrison, isso é trapaça! — falei, indignada. — Confesse que você tramou tudo! — Ele caiu na gargalhada.

— Não tenho culpa de você ser tão distraída! — Ele continuava rindo. — Como dizem por aí, no amor e na guerra, vale tudo! — Como não rir, quando alguém sorria pra você daquele jeito tão sedutor? — Vem, sobe aqui, vou te dar uma carona. — E pulei na garupa dele.

Estar ali, sentindo o vento jogando meu cabelo pra trás, colada nele, segurando com força na sua cintura, encostando meu rosto em suas costas, sentindo nossas pernas se roçando, sem dúvida foi um dos momentos mais românticos e perfeitos da minha vida.

Passei o resto da tarde pensando e planejando como iria cumprir minha parte na aposta. Podia ver, pelos olhares que o Dan me lançava, que ele estava pensando a mesma coisa, me olhando cheio de curiosidade e provavelmente tentando antecipar meus planos. Eu apenas sorria e me fazia de desentendida. Pedi apenas que ele esperasse na varanda e só entrasse no quarto quando eu chamasse.

\*\*\*

— Dan, pode vir! — ouvi me chamar.

Entrei na sala, e a casa estava toda escura. Fui pro quarto, abri a porta e me surpreendi ao ver o ambiente iluminado apenas por várias e pequenas velas perfumadas espalhadas em cantos estratégicos. O aroma de flores e baunilha impregnava o ar.

— Deite-se na cama, que já vou sair — ela disse do banheiro.

Fiz o que ela mandou, já me sentindo empolgado e impaciente. “Será que ela vai demorar muito?”, pensei, cheio de expectativa.

Tinha acabado de pensar nisso quando ela saiu do banheiro, o cabelo preso num coque e vestindo um grosso roupão. Marina parou bem longe da cama, sorrindo calmamente, mas com um olhar travesso que encheu minha mente de segundas intenções.

— Vou fazer o que você pediu — disse, e sorri, todo empolgado. — Mas como você trapaceou, também vai receber uma punição.

— Punição? De que tipo? — perguntei, franzindo a testa.

— Você vai poder olhar à vontade — começou a explicar, enquanto abria o roupão —, mas não vai poder tocar. — E, dizendo isso, tirou o roupão e o jogou numa cadeira.

Meu queixo caiu! Ela usava um conjunto de *lingerie* em renda preta, que deixava sobrar muito pouco para a imaginação. Nunca tinha visto a Marina tão sensual, minha vontade era saltar, agarrá-la, jogá-la na cama e começar a tirar toda aquela produção maravilhosa. Mas respirei fundo para me concentrar e tentar seguir suas regras, talvez ainda me desse bem de alguma forma. Ela foi até

o aparelho de som, que estava numa mesa ao seu lado. Desconfiei que a tortura mal estava começando.

— Espero que aprecie — disse, enquanto apertava um botão e a música começava.

“Ai, meu santinho, me segura aqui nessa cama, para não fazer uma besteira!”, pensei, agitado.

Ela começou a dançar, e a letra da música... não restava a menor dúvida. Eu ia sofrer, ia sofrer muito.

Rodopiou soltando o cabelo, dançando toda insinuante. Comecei literalmente a babar. Seus movimentos eram perfeitos, logo se percebia que eu estava diante de uma profissional, seus passos tinham total sincronia com o ritmo da música, seus braços se moviam lânguidos, com leveza, como as asas de um pássaro ao vento. Marina era pura poesia em movimento. Ela se aproximou devagar da cama, mexendo os quadris. Depois se afastou novamente, pegou uma cadeira, colocando-a no meio do quarto, e começou a desenvolver elaborados passos de dança se apoiando nela.

— Respira, Daniel! — falei comigo mesmo.

Fazendo movimentos provocantes, ficou de costas, ainda mexendo os quadris no ritmo. Eu estava surtando com aquela visão. Se a intenção era essa, torturar-me, estava conseguindo.

Quando eu tinha feito o pedido para que ela dançasse só pra mim, nunca imaginei que o feitiço poderia virar contra o feiticeiro, pois agora, de acordo com suas regras, estava limitado a admirar. Droga! Isso não era justo!

“Eu não esperei nove anos da minha vida para casar com ela, para depois ficar aqui, chupando o dedo!” pensei, decidido.

Então, aguardei pelo seu primeiro deslize. Assim que ela se aproximou um pouco mais da cama, me fingi de desinteressado, apenas olhando-a discretamente. Dessa forma, senti segurança para aproximar-se ainda mais. Juntando todo o meu autocontrole, permaneci impassível, e ela rodopiou bem ao meu lado, então tal qual um animal indefeso e desatento caiu em minha armadilha. De forma inesperada, agarrei-a pela cintura e a puxei para a cama.

— Daniel! Isso não vale!

Porém, não deixei as reclamações prosseguirem, cobri sua boca com a minha e começamos a fazer um dueto no nosso palco particular.

— Nossa! Isso foi... incrível! — disse, algum tempo depois, quando finalmente consegui falar.

Deitei de lado, apoiando minha cabeça no braço para poder olhá-la melhor. Ela sorria travessa e ergueu uma mão tocando meus cabelos, fazendo um carinho gostoso.

— Aposta cumprida? — perguntou.

— Você merece uma medalha de Honra ao Mérito! — E rimos juntos.

Fechei os olhos, aproveitando o clima gostoso e relaxante, lembrando cada cena do que tínhamos acabado de fazer.

\*\*\*

Ele me abraçou, deitando a cabeça em meu ombro, e aproveitei para fazer uma das coisas de que eu mais gostava; mexer no seu cabelo à vontade.

— Quando nos conhecemos, você pensou que alguma vez estaríamos juntos dessa forma, fazendo coisas assim? — perguntei, curiosa.

— Não exatamente quando te conheci, você lembra, ainda éramos muito crianças. Quando te vi pela primeira vez, me custou acreditar que você era real, tinha acabado de ler um livro sobre lendas da floresta, onde tinha a gravura de uma fada de cabelo preto e cheio, igual ao seu, então quando te vi parecia que tinha saltado direto das páginas do meu livro e se materializado na minha frente. — Ele levantou o rosto para me olhar nos olhos. — Te achei a garota mais bonita do mundo e ainda acho — completou, me beijando suavemente e me emocionando ainda mais com sua linda declaração.

— E você, o que pensou quando me conheceu?

— Lembro, como se fosse hoje, você descendo as escadas todo afobado, despenteado como sempre, e os olhos brilhando de curiosidade. Achei a coisa mais fofa do mundo! — Ele riu com meu

comentário. — Você parecia um pequeno príncipe, daqueles de contos de fada, e quando vi seus olhos azuis fiquei completamente apaixonada! — confessei corando, enquanto ele me beijava ternamente mais uma vez.

— Agora a atração — disse, enquanto acariciava minha cintura.  
— Essa surgiu um pouco mais tarde.

— Quando?

— É um pouco engraçado — ele disse, sorrindo. — Você se lembra do seu primeiro sutiã?

— Sim, claro — franzi a testa, estranhando a pergunta.

— Eu também, rosinha e de lacinho na frente — ele disse, rindo.

— Como você sabe como era meu primeiro sutiã? — perguntei espantada, e ele deu uma risada gostosa.

— Porque mamãe e eu compramos juntos — respondeu, me deixando de boca aberta.

— Eu nunca soube disso!

— Claro que não, mamãe jamais ia te constranger contando essa história — explicou. — Na verdade, a coisa aconteceu meio por acaso, eu estava precisando comprar umas cuecas e meias, então fomos ao *shopping*, entramos numa loja de departamentos, passamos primeiro no setor masculino, onde peguei o que precisava. Depois mamãe me levou para o departamento de *lingerie* e não me incomodei, já estava acostumado com tudo aquilo, tanta mulher em casa. Mas me surpreendi quando ela disse que estava procurando algo especial pra você, estranhei a princípio, e perguntei do que se tratava. Foi quando ela confessou que ia comprar seu primeiro sutiã, mas que era uma surpresa e que eu tinha que manter segredo. Ela começou a olhar alguns modelos, até que ficou entre um branco e um rosa-claro, e me perguntou o que eu achava. Olhei, a princípio, sem saber o que responder, e resolvi apontar pro rosa, afinal meninas sempre gostam de rosa. Lembro que ela pediu pra segurar o sutiã um momento, enquanto pegava algo na bolsa, e foi ali, naquele momento, que eu senti algo muito diferente.

— Diferente? — perguntei, curiosa com a revelação dessa história, sem poder imaginar.

— Sim, comecei a passar os dedos naquele tecido macio e imaginei você usando o sutiã. — Ele riu, parecendo meio encabulado. — Comecei a sentir algo intenso e irresistível, as sensações me pegaram completamente desprevenido! Lá estava eu, no *shopping*, com a minha mãe, comprando sutiã e pensando em você o usando, era surreal! — Não tive como deixar de dar uma boa risada, imaginando a cena.

— Foi aí que eu comprovei que o que eu sentia por você não tinha nada a ver com o que eu sentia por minhas outras irmãs. Foi um período muito confuso pra mim, tendo que me comportar o tempo todo, como se fôssemos irmãos e sentindo uma atração proibida por você. — Ele esfregou o rosto com as mãos. — E aí, pra piorar, começaram os sonhos. Acho que, por eu não poder me aproximar de você e tendo que estar tão perto diariamente, meu subconsciente liberava toda a minha frustração nos sonhos.

— E com o que você sonhava?

— Basicamente, sonhava estar fazendo tudo o que temos feito até agora, como o que acabamos de fazer — respondeu, me olhando intensamente.

— E foram tantos sonhos assim?

— Muitos, incontáveis! — disse, rindo. — Nada se compara com a realidade — falou, tocando meu rosto. — E você, quando foi que sentiu que me queria mesmo?

— Eu sempre te amei — disse, pensativa. — Mas te querer como homem tem dois momentos cruciais.

— Quais? — perguntou, cheio de curiosidade.

— Bem, o primeiro você vai logo lembrar, foi quando fiquei menstruada pela primeira vez, lembra?

— Impossível esquecer! Paguei um dos maiores micos da minha vida, indo comprar absorvente pra você! — ele disse, fazendo ambos rir.

— Pois é, e você lembra que, mais tarde, naquele mesmo dia, passamos a tarde dormindo juntos? — Ele levou a mão à testa.

— Claro! Caí no sono, estávamos coladinhos um no outro, e você tinha acabado de tomar banho, cheirava tão gostoso! — Ele

fechou os olhos, lembrando prazerosamente. — Comecei a ter um sonho daqueles!

— Quando acordei, vi que você estava sorrindo e senti outra coisa também — ri, maliciosa, vendo Dan ficar vermelho.

— Caramba! Foi uma das situações mais constrangedoras que passei!

— Foi realmente embaraçoso, para ambos! — eu disse, rindo. — Mas também foi naquele momento que percebi como era boa a sensação de tocá-lo e ser tocada por você. — E passei minha mão por seu braço.

— Você falou que tem dois momentos, qual é o outro? — perguntou.

— Bem... — mordi a boca, olhando-o. — Uma vez, você estava no chuveiro e deixou a porta do banheiro entreaberta.

— Hum... — murmurou, maliciosamente. — E o que aconteceu?

— Eu passei pelo corredor na hora em que você saía do chuveiro e te vi pelo reflexo do espelho do banheiro. Passei rápido, meio constrangida, mas aquela visão momentânea foi o suficiente para mim. Nunca consegui esquecer.

— E gostou? — perguntou, se aproximando mais.

— Preciso responder? — disse, irônica.

Ele riu.

— E depois?

— Depois eu imaginava como seria bom se você me quisesse também.

— Imaginava, é? — disse, aproximando o rosto do meu. — Então, que tal se eu transformasse agora tudo em realidade?

— Você já transformou — respondi, beijando seu pescoço. — Mas você podia fazer de novo, só pra eu não esquecer — completei, rindo baixinho.

— Então, me deixa caprichar pra gravar isso bem na sua memória — falou, antes de beijar meus lábios apaixonadamente.

No dia seguinte, resolvemos fazer algo diferente. Decidimos explorar a ilha de bicicleta, conhecendo os arredores, a população e a cultura local.

Sáímos, cada um com uma mochila nas costas, e procuramos vestir roupas frescas e confortáveis: camiseta, bermuda e um bom tênis nos pés.

— Pegou tudo? — perguntou Dan, quando já estávamos em terra firme.

— Sim, acho que está tudo aqui — respondi, dando uma última olhada dentro da mochila. — Lembrou de passar o protetor solar? Hoje vamos pegar muito sol.

— Esqueci — respondeu, distraído.

Peguei o protetor, andei até ele e coloquei uma pequena quantidade na mão.

— Feche os olhos — pedi, e ele obedeceu.

— Você sabe que, se não fizer isso, vai ficar todo vermelho e ardido — expliquei, enquanto espalhava o protetor suavemente em seu rosto.

— Será que você ainda não descobriu que esse era meu motivo secreto, para casar com você? — ele disse rindo, abrindo os olhos e me segurando pela cintura.

— Pra ter alguém para te passar protetor solar? — perguntei, rindo. — Qual será o próximo motivo, trabalhos forçados? — Ele riu com o comentário.

— Acho que já dei uma boa ideia dos meus outros motivos, na noite passada. — disse, me beijando rápido. — Assim como hoje, no chuveiro — completou, me beijando novamente, só que mais demorado.

— Acho que está na hora de nós sairmos — consegui falar, depois de empurrar seu peito gentilmente. Sabia que, se aqueles beijos continuassem, íamos voltar pra casa mais rápido do que um raio. Sorri ao ouvir seu gemido frustrado.

— Já estou começando a me arrepender desse passeio — disse, fazendo bico.

— A ideia foi sua — falei, ao me afastar para montar na minha *bike*. — Além disso, quem sabe as surpresas que nos aguardam no caminho? — falei, enquanto colocava meus óculos escuros e vendo-o sorrir enquanto colocava seu boné.

Conferimos no mapa a direção que seguiríamos e saímos pedalando por Bora Bora.

Fomos contornando a orla, conhecendo outras praias, todas de águas transparentes e lindíssimas, e parávamos ocasionalmente, tirando fotos, brincando com as crianças que pareciam vir de todos os lados, correndo ao nosso lado, e alguns moradores acenavam e sorriam simpáticos quando passávamos e retribuíamos da mesma forma. De vez em quando, também parávamos para beber água do cantil que levamos. Tínhamos planejado parar numa cascata que o mapa indicava, pedimos informações algumas vezes, mas estávamos com dificuldade de encontrá-la, pois ficava dentro da mata. Já estávamos quase desistindo, quando algumas crianças disseram que conheciam o lugar e nos levariam até lá. Sorrimos e agradecemos, aliviados.

O caminho começou a ficar mais acidentado, tivemos de desmontar e fazer o restante do percurso a pé, empurrando as bicicletas. Depois de passar por um caminho apertado entre as árvores, saímos numa pequena clareira e vislumbramos a linda cascata.

O lugar era deslumbrante, rodeado de vegetação nativa, com belas flores tropicais e pássaros coloridos ao redor da pequena lagoa azul formada pela queda d'água.

Andamos até a beira d'água completamente encantados, tirei uma toalha da bolsa e a coloquei na areia, para podermos sentar.

— Que lugar incrível! — ele murmurou.

— Não podíamos ter escolhido melhor local para descansarmos — concordei.

Estava faminta. Já passava um pouco do meio-dia, tirei da mochila os sanduíches que tínhamos levado, entreguei dois pra ele e começamos a comer com vontade, enquanto assistíamos a algumas crianças nadarem na lagoa.

Depois de comer, deitamos juntos na toalha, sentindo a brisa suave nos refrescando e vendo o céu muito azul sobre nossas cabeças.

— Às vezes, ainda não acredito que estamos juntos aqui.

— Parece um sonho — ele concordou.

— Só você e eu, sem ninguém para atrapalhar, cobrar ou vigiar — desabafei.

— Bem, quase ninguém — ele disse, sorrindo e apontando para as crianças.

— Elas não me incomodam — sorri em resposta. — Gosto de crianças.

Ele ficou me olhando por um tempo, parecendo pensativo, depois me puxou para que eu colocasse minha cabeça em seu ombro, enquanto me abraçava.

— Você pensa em ter filhos? — perguntou de repente, me surpreendendo.

— Sim, claro que sim — respondi, cautelosa. — Mas não agora.

— Também quero ter filhos, mas, concordo com você, é muito cedo. Temos um longo caminho pela frente. Quantos você quer?

— Ah, não sei. Não parei pra pensar nisso ainda — disse, distraída. — Por quê? Quantos você quer ter? — Ele riu.

— Quero ter uma ninhada! — virei a cabeça para olhar seu rosto risonho.

— Ninhada? Por acaso somos gatos? — falei de boca aberta.

— Ah, maneira de dizer! — ele disse, rindo. — Mas eu gosto de casa cheia, pelo menos três nossos, e talvez possamos adotar mais dois.

— Desse jeito, não vamos parecer gatos, e sim coelhos! — falei, rindo. — Nunca pensei que você tivesse essa vontade toda de ter filhos.

— Tenho sim, mas como falei, são planos pro futuro, depois que trabalhar bastante, tiver uma carreira mais segura para sustentar uma família — explicou. — Quero todos com o seu cabelo.

— Ah, não vai ter graça! Quero um que seja sua cópia! — disse, brincando.

— Então, tá bom, combinamos assim: vamos ter um, igual a você, outro igual a mim, e o terceiro vai ser uma mistura, pode ser?

— Perfeito!

— Sabia que te amo muito, senhora Harrison? — disse, aproximando o rosto dele do meu.

— Não mais do que eu te amo, senhor Harrison — respondi, completamente enternecida.

Viramos de frente um para o outro, nos abraçando, e olhei aquele rosto tão amado, memorizando cada detalhe, sua testa pequena, seus olhos azuis que, dependendo da luz, ficavam esverdeados, como agora, seu nariz afilado, sua boca rosada, pequena, perfeita. Ele me olhava e parecia estar fazendo o mesmo. Aproximei mais meu rosto e beijei sua testa, corri os lábios por sua têmpora, fui para seus olhos, passei por suas bochechas, e ele ficou o tempo todo de olhos fechados, aproveitando cada carinho. Segui para seu queixo, parei em frente à sua boca entreaberta, e aspirei seu hálito antes de cobrir com os meus lábios os dele, que aguardavam ansiosos.

Beijamo-nos com suavidade e carinho, brinquei com sua boca, passando minha língua por seu lábio superior antes de sugar o inferior, prendendo-o entre meus lábios. Ele fazia o mesmo comigo, nossas línguas se encontrando sem pressa, numa dança lenta, enquanto o sentia me abraçar mais forte.

Fomos interrompidos por várias risadinhas, paramos de nos beijar, mas continuamos abraçados e olhamos para as crianças que olhavam pra nós. Elas estavam rindo e apontando, e rimos com elas.

— Já tinha até esquecido que não estávamos completamente sozinhos — ele disse.

— Vamos nadar? — sugeri.

— Vamos! — aceitou, alegre.

Já tínhamos vindo com nossas roupas de banho por baixo da roupa, então foi só tirar as camisetas e bermudas e cair na água. Nadamos tranquilamente naquela piscina natural, e senti como se fôssemos Adão e Eva no Jardim do Éden. Passamos várias horas ali, nadando, brincando, tirando muitas fotos, minhas, dele, com as crianças, subindo até o topo da cascata e nos atirando lá de cima, pura diversão.

Mais tarde, as crianças se despediram, agradecemos sua ajuda, e ficamos completamente sozinhos naquele pedaço de paraíso.

Continuamos na lagoa, fiquei boiando, enquanto ele me apoiava com suas mãos, gentilmente me rodopiando ou me

carregando de cá para lá sobre a água. Nunca fui tão feliz, nunca me senti tão relaxada, tranquila, completa. Ele me puxou, pegando-me no colo, eu o segurei pelo pescoço, encostando minha cabeça em seu ombro, suspirando de puro contentamento. Ele soltou minhas pernas para que eu ficasse de pé, numa parte rasa da lagoa, a água batendo um pouco abaixo do meu busto. Eu o abracei apertado, enquanto ele tirava o cabelo molhado do meu rosto, antes de me segurar pela cintura. Lentamente nossos lábios se aproximaram e continuamos o beijo interrompido, um beijo lento, gostoso, nossas línguas se explorando demoradamente, enquanto o abraçava mais apertado.

Sentia suas mãos subindo e descendo por minhas costas, e minhas mãos também não ficaram paradas e acariciavam seu peito. O beijo mudou de intensidade, se tornando mais urgente e rápido. Ele parou o beijo, arfando pesadamente.

— Marina, você me deixa maluco! — murmurou, antes de voltar a me beijar.

Senti suas mãos se tornarem mais audaciosas e me preocupei. Não devíamos continuar com aquilo por mais tempo, se continuássemos assim sabia aonde aquilo nos levaria e não tinha vindo preparada. Quando senti suas mãos em minhas costas, tentando abrir o laço que prendia a parte de cima do meu biquíni, parei de beijá-lo na hora.

— Espera, amor — falei, com a respiração irregular. — Acho melhor a gente parar.

— Mas está tão gostoso — insistiu, beijando-me rapidamente.

— Também estou achando uma delícia, mas não vim preparada — expliquei.

— Você não veio, mas eu vim — disse, piscando um olho.

— Como assim? — com um sorriso maroto, observei-o levar a mão ao bolso de trás da bermuda, tirar um pacotinho bem conhecido e sacudi-lo na minha frente. Meu queixo caiu.

— Meu amor, de agora em diante, sempre que eu sair com você, vou estar prevenido — ele disse, sorrindo.

— E se aparecer alguém? — falei, olhando pros lados.

— Vem, vamos mais para o fundo — disse, me puxando.

Foi a coisa mais louca que eu fiz com o Dan. Era um tal de entra na água, sai da água, puxa, sobe, desce, terminei completamente exausta.

Catei meu biquíni, que estava boiando na água, vesti e me joguei na toalha, fechando os olhos. Logo em seguida ele fez a mesma coisa, deitando-se do meu lado. Ficamos um bom tempo em silêncio, descansando.

— Acabamos de realizar uma das minhas maiores fantasias, sabia?

— Sério? — perguntei, abrindo os olhos. E ele apenas sorriu.

— Você tem alguma fantasia? — perguntou, ainda de olhos fechados.

Fiquei pensando, tentando decidir o que responder, até que uma ideia me veio à mente.

— Acho que sim — respondi.

— Me conta — ele pediu.

— Lembra a aposta que fizemos e que você trapaceou para ganhar? — Ele abriu os olhos e riu.

— E não me arrependo.

— Pois é, se eu tivesse ganhado, ia te pedir para fazer algo pra mim.

— O quê?

— Você já assistiu ao filme Negócio Arriscado, com o Tom Cruise?

— Já.

— Lembra aquela parte que ele está sozinho em casa, e ele dança na sala? — Dan arregalou os olhos, finalmente compreendendo aonde eu queria chegar. — Pois é. Minha fantasia era ver você dançando igualzinho. Só pra mim.

— Nossa, do jeito que eu danço “bem”, você não ia ficar empolgada, ia cair na gargalhada!

— Seu bobo! — falei rindo, voltando a fechar os olhos.

— Espera aí! — ouvi-o dizer, me fazendo abrir os olhos novamente. — Você tem fantasias com o Tom Cruise?

— Ai, caramba! — falei, virando os olhos. — Não são fantasias com o Tom Cruise, são fantasias com VOCÊ no lugar dele, entendeu?

— Ah, bom! Eu não quero nem saber da mínima possibilidade e você pensar em outro cara que não seja eu! — declarou, apontando o próprio peito.

— Nossa, que maridinho ciumento fui arrumar! — disse, me erguendo para beijá-lo rapidamente nos lábios.

— Vai se acostumando, sou possessivo, não divido você com ninguém — disse, me puxando forte pelos braços, de encontro a seu peito. — Você é minha, Marina Harrison, só minha — disse, me beijando de um jeito que confirmava o que tinha dito.

Pouco tempo depois, resolvemos sair dali, agora que conhecíamos o caminho voltaríamos pra casa mais rápido.

Empurramos nossas bicicletas até sair da mata e chegamos à praia. Já íamos montá-las quando um menino se aproximou de nós, com uma senhora idosa segurando seu braço.

Falando com um forte sotaque, o menino nos pediu dinheiro, explicando que em troca sua avó, que era adivinha, nos diria nosso futuro. Dan fez sinal para que os ignorasse e fôssemos embora, mas, ao olhar a pobre senhora cega, de cabelos brancos e pele enrugada, me comovi. Tirei do bolso uns trocados e estendi para o menino, que agradeceu sorrindo, dizendo que a avó precisava tocar minha mão para fazer a previsão, e que como ela não falava nosso idioma ele faria a tradução.

Estendi minha mão. O menino pegou a mão de sua avó e guiou-a até encostá-la na minha. Embora fosse muito idosa, segurou minha mão com firmeza. Ela ficou por um tempo em silêncio, até que começou a falar, em sua própria língua nativa:

— “Muito cedo de ti tudo foi retirado” — o menino traduzia. — “Mas o Destino a recompensou logo depois, repondo aquilo que havia sido perdido” — Eu e Dan nos olhamos, surpresos.

— “O Destino também muito cedo lhe trouxe o amor verdadeiro” — o menino continuou. — “Sua alma gêmea sempre estará ao seu lado” — Eu e Dan sorrimos um para o outro.

— “Você agora vive os dias de glória, do auge desse amor” — ele continuava. — “Viva intensamente cada um desses dias de luz e sol, pois se aproxima a tempestade, vejo uma tormenta se formar

no horizonte e depois dela virá a escuridão, tão densa que parecerá que o sol deixou de existir.” — Senti Dan segurar minha mão.

— Vem, vamos embora — ele disse, preocupado.

— Não, espera, quero acabar de ouvir — O menino nos olhava assustado, nos pedindo desculpas. — Termine, por favor.

— “Só o amor, a fé e a esperança poderão resgatá-la da escuridão, o destino lhe dará uma oportunidade de encontrar a saída, mas preste atenção aos sinais, pois se não estiver atenta poderá ser tarde demais e ficará perdida para sempre. Ouça seu coração, e o sol nascerá novamente!”

Eu mal conseguia respirar, de tão tensa. Perguntei se havia algo mais, e o menino perguntou à sua avó, que negou com a cabeça. Em seguida, ele se desculpou novamente e se afastaram. Eu tremia.

— Você está bem? — perguntou Dan, me abraçando. — Não acreditou, não é mesmo?

— Não sei, ela não me conhecia e no início disse coisas que realmente aconteceram comigo — falei, assustada.

— Esqueça, está bem? — pediu, enquanto me abraçava apertado. — Nada vai acontecer, vamos continuar juntos e felizes. — E apertei meu rosto em seu peito.

— Promete?

— Não há força no Universo que me faça desistir de você — prometeu solenemente, e segurou meu rosto em suas mãos, olhando-me nos olhos. — Não há escuridão capaz de afastar você de mim, somos um, esqueceu?

— Sim, somos um — disse, me acalmando.

— Vamos, não fique assim, isso é só um truque para impressionar turistas ingênuos como nós — declarou, segurando meu queixo.

— Você está certo, estou sendo tola, não é mesmo? — falei, sorrindo levemente.

— Só esqueça e vamos viver um dia de cada vez — disse, me beijando suavemente.

Voltamos a montar em nossas bicicletas e pedalamos rápido ao cais, onde um barco nos levaria de volta pra casa.

\*\*\*

Chegamos à nossa casa flutuante no final da tarde, e embora ainda sorríssemos e brincássemos um com o outro, podia sentir Marina tensa o restante da noite.

Procurei manter o clima descontraído de sempre, mas às vezes eu a pegava olhando para o vazio, a expressão séria e preocupada. Aquele episódio com o menino e a vidente tinha mexido mais com ela do que eu gostaria, porém confesso que também tinha ficado impressionado. Fiquei todo arrepiado conforme a mulher idosa falava e o final trágico foi assustador, parecia que, dito naquele idioma estranho, ganhara um tom de veracidade sobrenatural.

Mas, é claro que, ao sair dali, procurei apagar tudo da mente e voltei a me concentrar em nós.

Tinha sido um longo dia e estávamos cansados. Fomos cedo pra cama, e resolvi pegar o violão e tocar pra ela até que dormisse. Observei Marina relaxar deitada ao meu lado, ela bocejou e seus olhos se fecharam devagar, logo ouvi sua respiração tranquila revelar que estava adormecida. Coloquei o violão de lado, apaguei a luz e deitei a seu lado, abraçando-a. Ao tê-la segura e protegida em meus braços, senti que nada poderia nos separar, não permitiria que nada ficasse entre nós. Vencido pelo cansaço, também caí num sono profundo.

Acordei com seus gritos; ela estava agitada, com os braços estendidos como se tentasse agarrar alguma coisa, estava tendo um pesadelo.

— Marina, acorda — chamei devagar.

Segurei seus braços, esfregando de cima a baixo, tentando acordá-la.

— Acorda, meu amor — insisti.

Aos poucos ela abriu os olhos, respirando rápido, olhando ao redor assustada e imediatamente começando a chorar. Segurou-se em mim, parecendo desesperada.

— Por favor, não me deixe ir — dizia, entre soluços.

— Ir? Nunca vou te deixar sair de perto de mim — garanti.

Sentei-me na cama e ela se sentou em cima de mim, me abraçando pelo pescoço com seus braços e na cintura com suas pernas.

— Não me deixe entrar lá — ela repetia sem parar.

— Entrar onde?

— Na caverna — disse, com dificuldade. — Estava perdida numa caverna, tão escura, chamava por você, ouvia sua voz, mas não te encontrava.

— Está tudo bem agora, foi só um pesadelo — disse, esfregando suas costas.

— Não me deixe entrar lá — repetiu.

— Não vou deixar — prometi.

Ela me abraçou com força, enterrando o rosto em meu peito, e segurei-a forte junto a mim.

— Me abrace mais forte — ela pediu. — Me faça esquecer.

Continuei abraçando-a apertado, até que senti seus lábios correndo por meu peito, e suas mãos se tornando frenéticas por meu corpo.

— Calma, amor. Está tudo bem agora, está segura — disse, tranquilizando-a.

— Me faça esquecer.

Senti seus lábios em meu pescoço, beijando com ardor e desespero. Talvez aquilo não fosse boa ideia, parecia tão abalada, não parecia certo fazer aquilo, parecia que estava me aproveitando de sua fraqueza.

— Espera, amor — disse. — Não acho uma boa ideia agora.

— Não — rebateu, firme. — Me faça esquecer.

— Não é melhor a gente conversar primeiro?

— Não, preciso de você, agora! — E me calou, com um beijo arrebatador.

E, para demonstrar claramente a que se referia, começou a mover os quadris sugestivamente em cima do meu.

— Oh... — gemi. — Espera, amor...

— Me faça esquecer — insistiu, pressionando ainda mais seu quadril no meu, movendo-se sinuosamente em cima de mim.

— Hum... — gemi de novo. — Não quer mesmo conversar?

— Não! — respondeu decidida, antes de voltar a me beijar de forma voraz.

Não consegui mais me controlar, correspondi ao seu beijo ardente e nos entregamos intensamente. Apesar da forma apaixonada e voraz como nos amamos, Marina ainda parecia transtornada, me segurava com força, como se temesse que a qualquer momento pudesse me perder, que fôssemos de algum jeito misteriosamente separados e quisesse dessa forma provar a si mesma que isso era impossível. Seus gritos de júbilo pareceram ressoar como um desafio a qualquer força que ousasse cumprir a sina fatal.

Passei o restante da noite deitado a seu lado e ficamos ali, abraçados por um bom tempo, acariciando seus cabelos, até que adormecemos de novo.

Acordei na manhã seguinte sentindo suas mãos em minhas costas, olhei seu rosto e ela parecia tranquila.

— Quer conversar agora? — perguntei.

— Desculpe por ter te atacado ontem à noite — disse, ficando vermelha.

— Não precisa pedir desculpas por isso — falei sorrindo. — Pode me atacar, quantas vezes quiser. Você está bem?

— Sim, agora estou — respondeu, de forma serena.

— Você teve um pesadelo, parecia tão assustada.

— Fiquei mesmo — confessou. — Mas agora, na luz da manhã, tudo passou.

— Mesmo?

— Mesmo — afirmou, olhando-me nos olhos. — Não quero mais pensar nisso, hoje é nosso último dia e quero aproveitar ao máximo com você.

— Sim, nosso último dia — falei, pensativo.

— Vamos prometer uma coisa um pro outro?

— O quê? — perguntei.

— Vamos fazer desse um dia inesquecível! — ela sugeriu, feliz.

— Vamos! — concordei, sorrindo diante da sua animação. — E qual a primeira coisa que você quer fazer para começarmos esse dia inesquecível?

— Te atacar! — disse, antes de pular em cima de mim.

## Capítulo 11

**P**assamos o restante do dia em casa mesmo, se curtindo, e mergulhando por ali. Embora tentássemos disfarçar, rindo e brincando, sentíamos um clima melancólico no ar, afinal era nosso último dia, na manhã seguinte partia o avião, rumo à nossa casa e à realidade.

Estava bastante preocupada quanto a esse ponto. Se antes já era tão difícil esconder nosso segredo, mantendo aquela fachada, agora tudo se tornava muito pior. Nosso relacionamento tinha se desenvolvido e fortalecido. Não somente na intimidade física, pois agora emocionalmente estávamos conectados de uma forma ainda mais profunda e permanente.

Eu necessitava dele como precisava do ar para respirar, ele era meu oxigênio, meu combustível para continuar prosseguindo, meu sol em dias nublados, garoa em dias quentes, e o que me mantinha aquecida em noites solitárias.

E o sexo?! Oh! Minha nossa! Às vezes, me perguntava se eu era normal ou se não tinha algum desvio de personalidade. Como podia uma pessoa querer a outra tanto quanto eu? Era só ele me tocar que eu já sentia minha respiração acelerar, o coração começava a bater mais rápido, as mãos suavam, não conseguia pensar direito quando olhava naqueles olhos, e quando sua boca me tocava eu ficava em chamas. Tornei-me completamente viciada nele e sem chance de reabilitação.

Então, como ia ser? Continuar morando na mesma casa, mas sem poder demonstrar tudo isso? Tendo que nos controlar o tempo todo, cada gesto, cada toque, cada palavra, cada olhar, eu estava na dúvida por quanto tempo conseguiria me refrear, pois amá-lo e expressar esse amor era vital para continuar existindo, sem ele minha vida agora não faria o menor sentido.

Decidimos fazer algo diferente aquela noite, observando a programação que o *resort* nos oferecia. Vimos que havia uma

enorme casa noturna na sede do hotel e naquela noite a pedida era caraoquê – fiquei logo animada, eu adorava caraoquê!

A noite estava linda, soprava uma brisa deliciosa impregnada com o doce perfume das flores noturnas. A brisa fazia rodopiar levemente o vestido rosa-claro que eu usava, a cor valorizava maravilhosamente o bronzeado que eu tinha adquirido e Dan não parava de me elogiar. Ele também estava irresistível com aquela camisa azul-clara e calça bege, tão diferente do que costumava usar em Londres, sempre de preto, mas aquele clima tropical realmente pedia cores mais suaves e ele conseguiu ficar ainda mais irresistível com aquela mudança no vestuário.

Assim que chegamos, reparamos que o local estava cheio, por casais de todas as idades, o que não era surpresa, afinal num lugar romântico como aquele o que não faltava eram casais em lua-de-mel, como era o nosso caso.

Encontramos uma mesa vazia, num canto, e ficamos ali, de mãos dadas, observando ao redor, até que se aproximou um garçom perguntando o que queríamos. Fizemos nossos pedidos e ficamos aguardando.

Algumas pessoas já cantavam no caraoquê, se revezando, a maioria nos fazendo rir, quando desafinavam ou erravam a música, ao passo que alguns poucos, mais talentosos, ganhavam o aplauso de todos.

Depois que o garçom trouxe nossos pedidos, me virei pra ele e propus sermos os próximos.

— Cantar? Está falando sério? — perguntou arregalando os olhos.

— Claro que estou! Você não imaginou que eu viria a um caraoquê só pra ficar olhando, não é? — Pude ver pela cara que ele fez que era exatamente isso que ele tinha pensado.

— Não sei, acho que todo mundo vai rir da gente — disse, meio sem graça.

— E daí? — desafiei. — Todo mundo que vai num caraoquê vai pra isso mesmo, rir uns dos outros, cantar juntos, isso é uma brincadeira, ninguém aqui está pensando em ganhar um Grammy!

Ele ficou pensativo, ainda na dúvida.

— Ah, vamos, amor! — insisti. — Só uma musiquinha, vai! — E ele me olhou, indeciso.

— Por favor — pedi, fazendo biquinho e olhando suplicante, e ele suspirou, se rendendo.

— Ai, você sabe que quando faz essa carinha não consigo dizer não — falou, antes de me beijar rapidamente.

Sorri, feliz com sua resposta, e me preparei para levantar.

— Espera aí! Deixa eu respirar fundo, pra criar coragem — ele pediu.

Aguardei um pouco, rindo da sua expressão insegura.

— Pronto? — perguntei, me levantando.

— Droga! Vamos logo, antes que eu mude de ideia! — disse, me acompanhando.

Andamos até o pequeno palco, que ficava no centro do enorme salão, e pedi a lista de músicas disponíveis ao responsável. Comecei a ler, procurando algo legal para cantarmos, até que uma música me chamou a atenção e me decidi.

— Essa aqui — falei, mostrando pro Dan.

— Logo essa? — perguntou, fazendo uma careta de desagrado. — Essa é muito brega!

— Qual a graça de ir num caraoquê e não cantar música brega? Pra isso que existem os caraoquês, *baby!* Para cantar toneladas de música brega e pagar muito mico — disse, beijando-o levemente na bochecha e rindo de sua cara desamparada.

Virei pro DJ, indicando o que queríamos, e ele selecionou a música no equipamento e fez sinal para que nos posicionássemos em frente ao enorme telão.

— Preparado? — perguntei, pegando meu microfone.

— Nem um pouco — respondeu, temeroso.

— Nervoso?

— Apavorado! — confessou. — Ai, Marina, as coisas que eu faço por você... só te amando muito mesmo pra me fazer subir aqui!

— Deixa de fazer drama! Quer apostar quanto que, no final, vai até gostar? — disse, mas ele não respondeu, se limitando e segurar seu microfone com força e olhando fixamente para a tela à nossa frente.

Ouvi a melodia familiar começando e logo se seguiram aplausos do pessoal nas mesas, aprovando a escolha. Sorri e cantei sozinha a primeira estrofe da música.

Como aquela canção era muito popular, o pessoal que assistia estava superanimado.

Quando chegou a vez de o Dan cantar, estava vermelho, passou a mão na testa suada, porém começou cantando meio inseguro a sua parte.

Então, chegou a estrofe em que cantávamos juntos, e para nosso espanto todo mundo no salão cantou junto conosco.

Voltei a cantar sozinha novamente. Cantei com entusiasmo, sentindo tudo que a letra da musica dizia. Ela podia até parecer brega aos ouvidos de algumas pessoas, mas traduzia muito bem os sentimentos que estava vivendo.

E o pessoal não parava de acompanhar, batendo palmas no mesmo ritmo. Olhei pro Dan e ele tinha se descontraído, mexendo o corpo na batida da música. Quando voltou a cantar sozinho a estrofe seguinte, soltou completamente o gogó, todo entusiasmado, me surpreendendo, e a plateia delirou.

Cantamos juntos a estrofe seguinte de mãos dadas, e todo mundo no salão ergueu os celulares abertos, mexendo os braços de um lado para o outro, cantando conosco.

Foi um final apoteótico, a plateia nos cobriu de aplausos e gritou animada, quando Dan, para encerrar com “chave de ouro”, me agarrou, dando um beijo apaixonado na frente de todos.

— É isso aí! — ouvi alguém gritar.

Voltamos para nossa mesa recebendo tapinhas nas costas e agradecemos animadamente.

— Foi demais! — falou, assim que nos sentamos.

— Eu não disse? — perguntei, percebendo o brilho em seus olhos.

Ele pegou minha mão, beijando-a carinhosamente, e ficamos assim por um bom tempo, olhando um nos olhos do outro, aproveitando aqueles últimos momentos de felicidade.

Ficamos ouvindo outras pessoas cantando, alguns em duplas, como nós, outras sozinhas. Enquanto isso, pedimos alguns petiscos

e mais algumas bebidas. De repente, ele se virou pra mim e disse, apontando para o palco:

— Vou voltar, lá! — Quase engasguei ao vê-lo levantar, já estava me levantando também quando ele me segurou pelos ombros, me mantendo na cadeira.

— Não. Essa eu quero cantar sozinho — disse, piscando um olho.

Assisti a ele se dirigir firme até o DJ, dizer alguma coisa no ouvido dele e, em seguida, fazer um sinal afirmativo com a cabeça pro Dan, que deu um largo sorriso.

“O que será que ele está tramando?”, pensei, muito surpresa.

Acompanhei o Dan subir no palco, pegar o microfone e, no segundo seguinte, todos o observavam. Ele pigarreou e disse, em seguida:

— Dedico essa música à minha esposa linda e perfeita, que está sentada bem ali! — E apontou na minha direção. Espantada, senti um holofote imenso, bem sobre mim.

Fui pega totalmente desprevenida, mas em momento algum pude imaginar a música que ele havia escolhido para cantar, até ouvir os primeiros acordes da melodia. Ele tinha achado a música que escolhi brega, porém a que ele escolheu era a rainha das músicas bregas. Mas eu não estava nem aí, era meu marido e ia cantar aquela música escandalosamente romântica e ridícula pra mim. Nada mais importava!

Para meu espanto, nem precisou acompanhar a música pelo telão, pois começou a cantar de olhos fechados, sabendo a letra de cor! Quem diria? Ele cantava todo romântico e entusiasmado, e eu estava envaidecida, quase flutuando de emoção.

— Agora, quero ver todo macho apaixonado nesse salão cantando junto comigo! — Dan gritou para a galera, e o salão veio abaixo, com as inúmeras vozes masculinas cantando com força o refrão da música.

— Eu te amo, Marina Harrison! — gritou no final, para delírio de todos que aplaudiam sem parar.

Eu chorava de boca aberta, completamente emocionada, olhando aquele homem lindo, charmoso e sensível, que caminhava

em minha direção sorrindo pra mim, me fazendo sentir especial só de olhar em seus olhos, e esse homem era meu!

Algum tempo depois, o caraoquê foi encerrado, e agora todos dançavam animados na pista de dança, com a música bombando. Totalmente descontraídos, nos juntamos aos outros dançarinos.

Já era muito tarde quando voltamos para casa, totalmente animados. Especialmente o Dan, que, completamente elétrico, veio cantando o tempo todo pelo caminho.

Ao entrarmos em casa, ele me pegou nos braços, rodopiando comigo pela sala, cantando alegremente, eu ria junto com ele, agradavelmente surpresa com essa nova faceta que ele revelava.

— A noite ainda não terminou, senhora Harrison. Agora, você vai sentar ali — disse, apontando para o sofá. — E vai me esperar só um pouquinho, tenho algo para você.

Olhei desconfiada, mas ele simplesmente me levou até o sofá, me fazendo sentar.

— Agora, seja uma boa menina e me aguarde.

— *OK*, senhor Harrison — disse, concordando e fingindo bater uma continência.

Ele foi pro quarto, me deixando doida de curiosidade. O que será que ele estava aprontando?

A noite estava sendo tão perfeita, não podia desejar nada mais enquanto lembrava a gente lá no caraoquê, cantando, rindo, nos divertindo pra valer.

— Está pronta? — Ouvi sua voz lá do quarto.

— Pode vir! — respondi, ansiosa.

No segundo seguinte, comecei a escutar uma música contagiante e, em seguida, vejo Dan sair do quarto deslizando, de óculos escuros, usando apenas uma camisa social branca, cueca e meias. Parou de costas pra mim, fazendo pose, segurando minha escova de cabelo próximo à boca, como se fosse um microfone. Minha nossa, ele vai imitar o Tom Cruise em Negócio Arriscado! Abri a boca e não consegui mais fechar.

Ele deslizou pela sala, fazendo movimentos decididos, mexendo os quadris e passando a mão no peito em círculos. Veio dançando, até ficar na minha frente, e se ajoelhou enquanto cantava,

acompanhando a letra da música. Depois, se jogou no chão, de costas no tapete, sacudindo braços e pernas. A cena era completamente hilária!

Comecei a rir, batendo palmas no ritmo, e isso pareceu animá-lo ainda mais. E ele se levantou, dançando e rebolando sem parar, ao estilo “Elvis Presley”.

Devagar e cheio de charme, se aproximou de mim, ajoelhando-se na minha frente, pegou minhas mãos, levando-as até seu peito, e comecei a acariciá-lo por cima da camisa de cima a baixo, enquanto dançava e continuava cantando. Passando a língua nos lábios sugestivamente pegou novamente minhas mãos e as guiou até os botões da sua camisa; entendi o recado e comecei a abrir botão por botão.

Continuei abrindo-os devagar, as mãos trêmulas. No final, vim puxando sua camisa pelos braços, até parar no meio das costas. Ele acabou de tirá-la, puxando, até ficar só de roupa íntima. Depois se levantou e caminhou dançando, em direção ao quarto.

Foi terminando a música, e ele acenava com a mão se despedindo, jogando beijos para um público imaginário, e entrou novamente no quarto. E agora, qual será o próximo passo?

— Marininha... — ouvi-o me chamar.

Marininha? Ele nunca me chamou assim antes.

— Dan-Dan quer Marininha... — voltou a me chamar.

Eu não fazia a menor ideia do que me aguardava. Ou fazia?

— *OK*. Lá vou eu! — pensei, me levantando.

Parei na porta do quarto, respirei fundo e entrei. Que os céus me ajudem!

\*\*\*

— Daniel! Já é a quinta vez que te chamo! — reclamou Marina.

Estava com tanta preguiça, mal consegui erguer a cabeça do travesseiro. Sempre detestei acordar cedo, diferente de Marina, que sempre levantava pela manhã com a corda toda.

— E o nosso voo? — perguntei, preocupado.

— Sai daqui a uma hora, então é melhor você tomar um bom banho, antes de a gente começar a se arrumar.

Fechei os olhos, voltando a deitar, e depois de algum tempo finalmente criei coragem de me levantar e fui para o chuveiro. Após um banho revigorante e um café da manhã caprichado, me senti melhor. Enquanto isso, minha esposinha linda e perfeita tinha arrumado tudo, as coisas dela e as minhas.

Acabei de me vestir, envolvido num clima de melancolia. Realmente, tudo que era bom durava pouco, os últimos dias tinham passado num piscar de olhos, e agora estava diante do inevitável, retornar para casa, continuando nossa farsa. Só de pensar nisso, tinha vontade de vomitar.

O barco já nos esperava lá fora e demos juntos uma última olhada em nosso refúgio. Olhei em seus olhos e os vi brilharem, cheios de lágrimas. Seus lábios tremeram, e ela me deu um sorriso triste. Abracei-a apertado.

— A gente volta um dia, te prometo. E, quando a gente voltar, não estaremos mais nos escondendo de ninguém — sussurrei em seu ouvido.

Ela concordou, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. Beije-a rapidamente nos lábios e, de mãos dadas, deixamos pra trás Bora Bora e a semana mais importante de nossas vidas.

O retorno pra casa foi feito num clima tristonho. Voamos durante todo o dia, dormia, acordava, dormia e continuava viajando. Quando estávamos próximos de pousar, tiramos as alianças do dedo e as colocamos nos cordões em nossos pescoços. Podia ver as mãos da Marina tremendo o tempo todo.

Chegamos a Londres numa noite chuvosa; nada podia combinar mais com o nosso humor do que aquele clima escuro e sombrio. Pegamos um táxi e chegamos a nossa casa, onde fomos recebidos alegremente por nossos pais, que nos abraçaram, nos enchendo de perguntas.

— Espero que seu irmão tenha cuidado bem de você! — disse papai, e trinquei os dentes.

Aquilo era horrível, se antes sermos chamados de irmãos me incomodava, agora então era insuportável. Marina era minha mulher,

e ouvir alguém a chamá-la de minha irmã me soava como uma blasfêmia.

Claro que eu estava feliz por estar em casa, revendo nossa família; sentir o amor, a preocupação, a saudade e o carinho que nossos pais tinham por nós diminuía um pouco o choque do retorno. Marina abriu uma mala, pegando os presentes que tínhamos comprado pra eles na loja do hotel, e agradeceram, entusiasmados.

Tinha sido um longo dia, e eu estava realmente cansado pela viagem e pelo estresse. Despedi-me de todos, subi as escadas sem conseguir olhar pra Marina, entrei no meu quarto respirando fundo, fechei a porta, sentei na minha cama e o olhei ao redor.

Droga! Tudo o que eu queria agora era poder entrar num quarto com a minha esposa e poder descansar com ela numa cama de casal, sentindo seu corpo macio se moldando ao meu, cheirando seus cabelos ao fechar os olhos. Mas aqui estava eu, no meu antigo quarto, numa porcaria de cama de solteiro e, pior de tudo, sozinho.

Arranquei minhas roupas, jogando-as num canto qualquer, coloquei minha calça preta de moletom e deitei na cama.

As horas passavam lentamente e, apesar do cansaço, o sono não vinha. Rolava de um lado para o outro, ouvindo a chuva cair incessantemente. Olhei para o relógio e vi que já eram duas da manhã; não dava mais, me levantei decidido e fui ao encontro de quem eu queria.

Saí do quarto, o corredor escuro, a casa silenciosa, andei devagar e, na ponta dos pés, fui até sua porta, girei a maçaneta devagar, entrando furtivamente e fechando rápido a porta atrás de mim.

O quarto estava escuro, mas podia vê-la deitada de costas pra mim. A princípio pensei que estava dormindo, mas observando melhor vi que ela tremia ligeiramente e me aproximei. Parei bem atrás dela, e então pude ouvir seus soluços: estava chorando, e meu coração se partiu ao ver aquela cena.

Levantei a coberta e me deitei a seu lado, ouvindo-a suspirar, surpresa, puxei-a, apertando suas costas de encontro a meu peito. Ela segurou meu braço com suas mãos, e ficamos assim, abraçados,

sentindo suas lágrimas silenciosas molharem meu pulso, enquanto acariciava levemente seus cabelos com minha outra mão. Resolvi ficar ali, até que ela se acalmasse e adormecesse. Finalmente, ali deitado com ela em meus braços, sentindo seu corpo morno junto ao meu, me sentia em casa, ela era minha casa. Olhei para a janela, observando a chuva batendo no vidro, e senti meus olhos ficarem pesados.

Acordei sentindo uma perna entre as minhas e sorri de olhos fechados. Estávamos embaixo das cobertas naquela manhã fria e a sensação era muito boa, mas arregalei os olhos imediatamente ao ouvir uma voz:

— O que está acontecendo aqui?!

Sentamo-nos rapidamente juntos na cama, e encaramos os olhos surpresos de minha mãe na nossa frente.

\*\*\*

Meu coração quase saiu pela boca quando ouvi a voz da mamãe. Ainda estava meio adormecida, mas despertei completamente ao ouvi-la.

Eu e Dan sentamos ao mesmo tempo na cama, e avaliei rapidamente a situação em que nos encontrávamos: estávamos ambos vestidos, isso era bom, e quando mamãe entrou o edredom nos cobria completamente, impedindo que ela visse qualquer tipo de contato físico da nossa parte. Pelo canto do olho, vi que o Dan estava tão em choque quanto eu, se não até mais, e como ele não falava nada resolvi tomar a iniciativa. Mamãe nos olhava desconfiada, aguardando uma resposta.

— Tive um pesadelo na noite passada — expliquei. — Dan me ouviu gritando, e veio ver como eu estava.

— Você dormiu aqui com sua irmã? — perguntou, se dirigindo a ele.

— Sim, ela estava muito assustada e achei melhor ficar com ela até que se acalmasse — respondeu, entrando no jogo. — Só que eu estava muito cansado e acabei pegando no sono também.

— Sei — ela disse franzindo a testa. Percebi que ela nos olhava avaliando toda a cena. — Bem, ao que parece agora, a Marina já está bem, não é mesmo? Não existe mais necessidade de continuar aqui, Dan.

Ele olhou-a surpreso, e então se viu obrigado a levantar e sair da cama. Retirou-se em silêncio, sem ousar levantar os olhos para mim, e me deixou sozinha com a mamãe.

Por mais que ela aparentemente tivesse engolido aquela história, mamãe não era boba, senti pelo seu olhar que havia ficado com uma pulga atrás da orelha, e por sua próxima pergunta deixou bem claras suas suspeitas.

— Essa situação se repetiu muito no Taiti?

— Que situação?

— Você e Dan partilhando a mesma cama? — Ela foi bem direta.

Odeio ter que mentir pra minha mãe, não fazia parte da minha índole gostar de mentir, mas me vi completamente obrigada a isso nesse momento.

— Muito raramente — foi tudo o que consegui dizer, achei que se falasse “nunca” ia ser uma negação muito forte e ela ficaria mais desconfiada.

— Marina, vou ser bem clara — disse, suspirando. — Enquanto vocês eram crianças, não via nenhum mal em fazerem isso, mas agora Dan já é homem, e você, embora só tenha 17 anos, já tem corpo de mulher. Então vou pedir, não quero que isso se repita — concluiu, firme.

— Tudo bem — eu disse, num fio de voz.

— Não sei, posso estar enganada — falou, sorrindo. — Ao vê-los aí, dormindo juntos, Dan me lembrou seu pai, ao me abraçar quando dormimos. Exatamente igual.

Eu não sabia o que dizer. Mamãe, com sua costumeira perspicácia, viu mais longe do que eu imaginava. Talvez seu sexto sentido feminino a alertara, e embora ela não tivesse visto nada realmente comprometedor e não tivesse provas, não podia fazer acusações, mas alguma coisa me dizia que sua confiança ficara definitivamente abalada.

Nos dias que se seguiram, seu comportamento comprovou o que imaginava; disfarçadamente nos vigiava e observava, provavelmente buscando por pistas.

Isso só tornou ainda mais difícil nossa já tão terrível situação, controlava cada olhar, gesto ou palavra, me sentia analisada o tempo todo, isso estava acabando comigo. Depois de alguns dias, estava com os nervos à flor da pele.

\*\*\*

Ao andar, seu corpo ondula num ritmo só dela, sinuoso e feminino, atraindo-me imediatamente. Seu sorriso meigo e doce parece música, enche de magia e luz qualquer ambiente. Quando ela passa por mim, sinto seu doce perfume de baunilha, e algo em mim desperta uma mistura de saudade e desejo, temperado com uma pitada de nostalgia, pelo que vivi com ela e agora sou impossibilitado de ter.

Sou um homem faminto por seu contato, ansioso por sua atenção exclusiva, e essa distância entre nós estava acabando comigo, sentia-me completamente fora do eixo.

Cruzávamo-nos dentro de casa, mas agora a naturalidade que havíamos tentado transparecer antes de viajarmos, agindo como aparentes irmãos, estava ameaçada. Cada vez que tentávamos nos tocar e minha mãe aparecia, seu olhar avaliativo era carregado de desconfiança, e isso nos fez recuar, reduzindo ainda mais nosso contato.

Além disso, ao voltarmos, reiniciamos nossas ocupações, Marina com os estudos e aulas de dança, enquanto fui aprovado num teste para uma nova série de televisão e tinha começado um ritmo acelerado de gravações.

Nosso tempo juntos reduziu ainda mais, e passamos a nos ver geralmente à noite, sob a vigilância disfarçada de minha mãe, que passou a incluir passeios de madrugada pela casa.

A primeira vez que cruzei com ela, no meio da noite, foi numa tentativa frustrada de ir para o quarto da Marina. Tinha acabado de sair do meu quarto e já estava quase em frente à porta quando

minha mãe surgiu do nada, saindo do banheiro. Fui obrigado a disfarçar, descendo as escadas e indo para a cozinha como quem fosse beber água.

Depois desse episódio, passou a levantar toda noite, e disfarçadamente visitava meu quarto ou o da Marina. Comecei a me sentir como um rato, cercado de ratoeiras por todos os lados.

\*\*\*

— Eu não acredito! — disse Shanti.

— Essa é a triste verdade — falei, desanimada. — Continuamos morando na mesma casa, só que agora constantemente vigiados.

Estávamos no quarto de Shanti, sentadas em sua cama, de pernas cruzadas, de frente uma para a outra. Ela me olhava visivelmente preocupada, enquanto eu mexia nervosa em meu cabelo.

Ficamos em silêncio por um tempo, e Shanti parecia estar refletindo seriamente o que acontecia, até que, respirando fundo, começou a falar:

— Acho que essa situação não tem como durar muito tempo, a coisa só vai piorar, por mais que tomem cuidado e tentem disfarçar vocês estão profundamente apaixonados, e a gente sente no ar que existe algo muito forte e intenso rolando.

— Nossa, está assim tão visível? — perguntei, espantada.

— Bem evidente, em minha opinião. Você tem que ver a forma como vocês se olham, o Dan te secando, daquele jeito obsessivo-possessivo, com uma mistura de adoração e atração fatal — disse, sorrindo maliciosamente. — E você, olhando como se ele fosse um Deus ou qualquer outro objeto de idolatria. Não tem como uma pessoa, no caso sua mãe, uma mulher inteligente e sensível, não perceber esses pequenos sinais.

— Então o que você me sugere? — perguntei, desamparada.

Ela me fitou profundamente, antes de responder.

— Contar a verdade, Marina — respondeu, tranquila.

— O quê? — falei, atônita.

— Em curto e médio prazo, é a única alternativa possível em minha opinião. — Mordi os lábios, apavorada diante da alternativa.

— Mas, mas... — eu gaguejava, amedrontada diante dessa ideia. — Eles não vão entender ou aceitar, Shanti! Papai pode até expulsar o Dan de casa se souber o que acontece entre nós, e eu te digo uma coisa, se o Dan sair de casa, o sigo pra qualquer lugar!

Shanti deu um longo suspiro antes de continuar.

— Querida, toda família tem seus problemas e desafios. Concordo com você, não acredito que eles aceitariam no início, mas depois que vocês se abrirem, provando que estão juntos, que se amam, que até se casaram por causa desse amor, o que mais eles poderão fazer? Com certeza, não vai ser fácil, com certeza será muito difícil e doloroso para ambos os lados, envolvidos nessa história, mas o tempo cura tudo, e acredito que um dia essa tempestade passa e o sol aparece de novo.

Congelei quando Shanti disse aquilo, com aquelas palavras, e ela reparou meu espanto.

— O que foi?

— Quando você disse a última frase, me lembrou algo que aconteceu lá na ilha.

— O que aconteceu? — perguntou, e contei a história sinistra com a idosa vidente.

— Nossa, fiquei toda arrepiada! Então, você acha que o que eu te disse pode ser um dos sinais que ela te avisou pra prestar atenção?

— Pode ser. Ela disse que eu deveria estar muito atenta e que eu deveria seguir esses sinais se quisesse sair da tempestade — falei, pensativa. — Ao mesmo tempo, penso que tudo isso pode ser tolice e que não devo esquentar muito.

— Olha, não me considero muito supersticiosa, mas fui criada para respeitar algumas mensagens, principalmente quando dita pelos mais velhos. Se eu fosse você, não trataria desse assunto levemente — exortou. — Aconselho você a aproveitar suas atuais noites solitárias, para refletir sobre o que conversamos, depois fale com Dan, pergunte a opinião dele, isso é algo que vocês têm que decidir juntos.

Voltei pra casa muito pensativa e preocupada. Tudo o que Shanti disse tinha me apavorado, mas ao mesmo tempo tinha lógica e bom senso.

Peguei minha chave, enfiei na fechadura, girei, abri a porta e mal tinha entrado quando senti duas mãos me segurando pelos braços, me puxando com firmeza. Em seguida, lábios gulosos estavam sobre os meus.

— Dan, você está louco! — disse, tentando me livrar do seu ataque inesperado. — Você não sabe que pode chegar alguém?

— Mamãe acabou de ligar dizendo que vai fazer uma hora extra no trabalho — contou, afobado.

Em seguida, para meu espanto, me pegou no colo e subiu a escada pulando de dois em dois degraus.

Comigo ainda no colo, entrou no seu quarto e, antes de fechar a porta com um chute, disse:

— E eu não vou desperdiçar um segundo que seja!

Mentalmente, fiz uma prece agradecendo por ter um marido tão decidido!

\*\*\*

Deitei ao seu lado ainda trêmulo do amor que tínhamos acabado de fazer. Como tinha sentido saudade dessa intimidade e cumplicidade.

Ela estava nua, de olhos fechados, respirando ainda meio apressada, se acalmando aos poucos, e observei o suor que escorria pela sua barriga e fazia uma pequena pocinha no seu umbigo. Baixei minha cabeça e o lambi, sentindo seu sabor salgado na minha língua. Deitei minha cabeça ali, sentindo suas mãos em meus cabelos, enquanto acariciava sem pressa seus quadris com a ponta dos meus dedos.

— É assim que sonho estar com você todas as noites.

— Eu também — falou entrelaçando nossas mãos. — Só me sinto completa quando estou com você.

— Está muito difícil continuar fingindo — murmurei.

— Eu sei — disse baixinho. — Às vezes é quase insuportável.

— Não quero mais agir como se fosse errado nos amar. Como se o que sentimos fosse algo sujo, feio e vergonhoso! — eu disse, irritado.

— Não conheço nada mais puro e verdadeiro do que o que sentimos um pelo outro.

— Parece até que cometemos um crime ou algo parecido! — falei, passando a mão nervosamente pelos cabelos. — Será um crime nos amarmos e consumarmos esse amor?

Ela se ergueu um pouco e tocou meu rosto com suas mãos.

— Se amar é nosso crime, quero ser condenada a passar o resto da vida a seu lado. Nada me separa de você, enquanto você me quiser.

— Te quero pra sempre — respondi, antes de beijá-la suavemente.

— Então, que alternativas nos restam? — perguntou, suspirando.

Pensei por um momento antes de responder, ia propor assumirmos, mas e depois, quais seriam as consequências? Se fôssemos expulsos de casa, o que eu poderia oferecer a ela, além do meu amor? Estava começando a minha carreira agora, o filme tinha me deixado com uma boa reserva, mas não ia durar pra sempre e o seriado ainda era algo recente, poderia ou não prosseguir, dependeria da aceitação do público e da crítica. Ou seja, meu futuro profissional e financeiro ainda era incerto. Então, seria justo condená-la a sair de uma casa boa e confortável e oferecer uma vida instável e cheia de privações? Eu queria dar coisas a ela e não tirar. Ou eu tinha medo de propor isso e ser rejeitado? E se eu tivesse medo de o amor dela vacilar diante do sacrifício que eu estaria propondo? Sim, esse era o meu maior medo, vê-la desistir de nós.

— Não temos que decidir isso agora — disse, covardemente. — Proponho voltarmos a falar sobre isso outra hora, está bem?

Ela concordou, acenando afirmativamente com a cabeça, e ficamos calados, apenas desfrutando da companhia um do outro.

Voltei a me concentrar nela, na suavidade da sua pele, na doçura do seu contato, no seu olhar amoroso e no seu sorriso cativante.

Seu cheiro em meu nariz era inebriante, suas mãos gentis em meu pescoço eram sedutoras, seu corpo inteiro era um instrumento musical delicado à espera de um músico competente para saber vibrar no tom certo. Sorri ao pensar nisso, e ela percebeu.

— Do que está rindo?

— Você e um piano têm muito em comum, ambos são instrumentos belos, afinados, de timbre perfeito, capazes de fazer soarem as mais incríveis sinfonias — respondi, enquanto passava meus dedos por sua coxa, como se estivesse tocando as teclas do meu piano. — Tudo depende da habilidade e sensibilidade do músico, mas também do repertório escolhido, de saber seguir o ritmo certo da partitura, para só então poder se ouvir uma música celestial. — Olhei para seu rosto. — Quer que eu seja seu músico?

— Seja meu maestro — respondeu, olhando para o relógio ao lado. — Temos 20 minutos.

— Tempo suficiente para checar sua afinação — disse, enquanto voltava a rolar sobre ela.

## Capítulo 12

**E**u andava rápido pelo parque com o Lance. Estava muito agitado, com uma angústia dentro do peito que estava me esmagando. Eu era uma bomba prestes a explodir.

— Cara, eu vou pirar! Juro que vou pirar! — desabafei.

Lance me olhou, ele estava com as mãos no bolso da calça jeans e balançou a cabeça antes de falar alguma coisa.

— Pelo que você me disse, a coisa está realmente complicada. Fiz uma careta.

— Complicada? Você está sendo gentil — falei, antes de ver um banco e me jogar ali. — Eu amei uma garota durante toda a minha vida, quis o destino que na infância essa garota fosse a escolhida para ocupar o lugar de minha irmã. Então moramos juntos em baixo do mesmo teto, por cada bendito e torturante ano que tivemos pela frente. Com o passar do tempo, a vi se transformar de doce menina em uma linda e cativante mulher, o que só fez meus sentimentos e conflitos aumentarem.

— Eu sei, cara. Eu sei — ele disse, solidário, batendo com a mão em meu ombro.

— E então, ela cresceu, começaram a surgir candidatos a seu coração, e tive que assistir impassível aos flertes, atender aos telefonemas de cada pretendente, abrir a porta para receber todo idiota que marcava de sair com ela.

Fechei os olhos, ante a força das lembranças.

— Você não sabe o que foi saber que uma boca, que não era a minha, lhe daria o primeiro beijo. Eu tinha que me segurar para não voar em cima dos garotos.

Esfreguei o rosto, tentando afugentar as imagens, mas mesmo sem querer elas estavam lá. Marina tinha cerca de 14 anos, continuava tímida, porém sua beleza e charme começavam a chamar a atenção dos garotos com quem se relacionava. Ela saía algumas vezes com os amigos aos finais de semana, cinema, passeios no

*shopping*, lanches, festinhas, entre outras atividades. Não demorou muito para que surgisse a situação, que eu fingia que nunca fosse acontecer.

Numa, tarde Marina tinha ido assistir a um filme, com Shanti e mais meia dúzia de colegas da escola. À noite, quando ela chegou a casa, estava com a carinha mais sonhadora do que o normal. Assim que entrou, fechou a porta e ficou encostada nela, sorridente e com os olhos brilhando. Eu estava assistindo à TV na sala com Cate, que assim que a viu pulou do sofá, parecendo muito animada.

— Aconteceu? — disse Cate.

Marina respondeu, acenando afirmativamente com a cabeça, sorrindo ainda mais, Cate então bateu palmas e foi até ela lhe dar um abraço apertado.

— Parabéns! Isso merece uma comemoração!

As duas se deram as mãos, enquanto pulavam alegres no mesmo lugar, dando pequenos gritinhos. Eu estava achando aquilo ridículo, toda aquela esquisitice tipicamente feminina. Tentei me segurar, especulando comigo mesmo qual poderia ser o motivo de tanta euforia. Mesmo sendo um cara curioso, tentei me conter, e armei minha melhor cara de tédio antes de começar a falar.

— Vamos diminuir o volume aí! Estão atrapalhando — reclamei, fingindo estar prestando atenção à televisão.

— Deixa de ser chato — disse Cate, me olhando irritada e depois se virando sorridente para Marina. — Vamos até a cozinha, lá a gente conversa com mais liberdade e sem correr o risco de “atrapalhar” os incomodados. E, pela ocasião, vamos fazer um brinde com sorvete!

Marina riu feliz, enquanto Cate lhe dava o braço e iam juntas, rindo e cochichando pelo caminho.

— Quero saber todos os detalhes! — escutei Cate falar um pouco mais alto.

Olhei as duas desaparecerem pela porta de cozinha e comecei a roer as unhas, louco para saber o que tinha acontecido de tão fantástico com a Marina, que fez Cate ficar eufórica daquele jeito. Continuei olhando a televisão, fingindo que ainda prestava atenção.

Na verdade, sem assistir a mais nada, peguei o controle-remoto, mudando os canais sem parar, não conseguia me concentrar.

Se eu fosse lá, naquele momento, perceberiam que eu estava querendo descobrir o segredo, então me forcei a continuar sentado naquele sofá, esperando por um pouco mais de tempo. Eu ficava olhando da TV para a porta da cozinha, sem parar, até que escutei risadas vindas de lá e pulei do sofá – não dava mais continuar fingindo que nada estava acontecendo.

Marchei naquela direção, parei em frente à porta, respirando fundo, tentando aparentar calma, depois estiquei a mão, girei a maçaneta e fiz minha melhor cara de paisagem.

Assim que entrei, vi as duas sentadas à mesa da copa, cada uma comendo doses maciças de sorvete de baunilha com calda de caramelo. Elas estavam rindo e, me vendo entrar, tentaram segurar uma risada. Caminhei até a geladeira o mais lentamente possível, indo me servir de alguma coisa. Enquanto pegava o leite e procurava um copo, tentei prestar atenção ao que falavam.

— Mas você gostou? — Cate perguntou, enquanto lambia a colher.

— Para uma primeira vez, acho que foi legal — Marina respondeu, depois de engolir um pouco do sorvete.

— Foi com o loirinho ou com o moreno?

— O loiro — ela disse baixinho. — Seu nome é Adam.

— Ah! Já sei qual é. — disse Cate pulando na cadeira. — Aquele garoto alto, de corpo atlético, não é?

— Esse mesmo.

— Ele é um gato. Você tem bom gosto! — E as duas riram.

Eu estava tentando assimilar as novas informações, e pelo que tinha entendido Marina tinha feito alguma coisa, pela primeira vez, com um cara loiro, alto, de corpo atlético, chamado Adam e que, a partir daquele momento, tinha se tornado meu maior inimigo.

Acabei de beber o leite e, para ganhar tempo, voltei a encher lentamente o meu copo e recomecei a beber mais lento ainda. Eu tinha de descobrir o que tinha acontecido, estava nervoso ao imaginar as possibilidades, cada uma mais tenebrosa que a outra, porém, apesar do sofrimento que seria descobrir a verdade, preferia

saber de tudo a ser ignorante dos acontecimentos. Tudo que envolvia Marina era importante pra mim, especialmente algo sussurrado, cheio de segredinhos e risinhos bobos. Não seria boa coisa, com certeza.

— Foi antes, durante ou depois do filme? — Cate perguntou, animada.

— Durante — respondeu Marina, com uma risadinha. — Ele fez aquela famosa manobra do braço ao redor do ombro.

— Antiquado, mas eficaz, sou obrigada a concordar. E depois?

— Bem, depois você já deve imaginar, passou um tempo e coloquei a cabeça no ombro dele, ele me olhou e aí...

Pausa sugestiva, seguida de mais risadas. Eu já estava imaginando o que tinha acontecido e sentia o estômago torcer de aflição, dividido entre a ânsia de sair correndo e ir vomitar no banheiro e a vontade de continuar ali, ouvindo cada palavra. Eu devia ser masoquista, pois preferi a segunda opção.

Estava acabando de beber meu leite, quando recomeçaram a falar:

— Ficou num só? — Cate perguntou, maliciosa.

Olhei discretamente e vi que Marina baixou os olhos, parecendo realmente envergonhada, pois sua face ficou rosada.

— Essa coloração já me deu a resposta — riu Cate, e Marina sorriu, encabulada.

Mas Cate não perdoou, e a próxima pergunta foi implacável:

— Rolou língua?

Enquanto Marina ficava roxa, eu me engasgava com o leite, começando a tossir sem parar. Ela prontamente se levantou, para me bater nas costas. Quando consegui finalmente respirar, olhei pra Cate, furioso.

— Você tem a mente muito suja, sabia?

Ela deu uma risada.

— Quem te chamou pra conversa?

— Você é mais velha, e fica incentivando a Marina a fazer... essas coisas! — eu disse, zangado.

— Deixa de ser hipócrita! Vai dizer que você nunca beijou de língua antes?

— Acho que não sou eu que estou sendo levado pro mau caminho aqui — rebati. — Marina é só uma menina!

— Com quantos anos você beijou, “Santo Daniel”? E não venha querer me convencer que, tendo amigos tão “puros” como o Lance, ainda não o fez e muito!

— O assunto aqui não sou eu, ou o que fiz, ou o que deixei de fazer. Estou querendo apenas defender a Marina.

Cate virou os olhos.

— Defender contra o que ou contra quem? Você só está tendo um comportamento completamente machista e antiquado. Só quero orientá-la. Deixa de ser ciumento, Dan!

— Ciumento? Não sei do que você está falando — disse, tentando desconversar.

— Sabe sim! — rebateu. — Você é o irmão mais ciumento que conheço. Larga um pouco do pé da Marina! Deixa a garota respirar!

Eu já tinha aberto a boca pra responder, quando Marina se enfiou no meio.

— Parem, agora mesmo! — ela disse, zangada. — Essa discussão é completamente sem cabimento!

— Concordo! Vem comigo, Marina — disse, pegando sua mão. — Vou te livrar das más influências.

Arrastei Marina dali, passando por uma Cate que me olhava de olhos arregalados e boca aberta. Abri a porta que dava para o quintal e escapamos por ali.

Já do lado de fora, descemos os poucos degraus, atravessamos o gramado e paramos em baixo de uma árvore. Estava escuro e achei aquilo bom, não queria que ela visse a expressão de meu rosto, que com certeza poderia revelar mais do que eu gostaria.

Ficamos a princípio em silêncio, como se nenhum dos dois soubesse bem o que estava fazendo ali, muito menos o que falar. Ela cruzou os braços, e eu apoiei a mão no tronco da árvore, enquanto colocava a outra na cintura.

— Então, é verdade? — perguntei finalmente, engolindo em seco.

Ela olhou para seus pés, que se remexiam impacientes. Parecia acuada, mas eu insisti:

— É verdade que você beijou esse cara hoje?

Ela parou de mexer os pés, respirou fundo e ergueu o rosto. Estava escuro, ainda assim podia ver seus olhos, aqueles olhos que mexiam comigo desde a primeira vez que os vi, grandes, expressivos. Sua alma se derramava por eles, transmitiam toda sua personalidade doce e sensível. Eu amava esses olhos, sempre amaria. E agora eles me olhavam envergonhados, quase constrangidos.

— Talvez — respondeu, insegura.

O ciúme me cortou como uma lança.

— Talvez? O que isso quer dizer? Ou você beija ou não beija alguém, não existe meio termo — disse, confuso, e depois outro pensamento me apavorou. — Espera aí! Vocês fizeram mais coisas, é isso? Ele se aproveitou de você? Ele te forçou a fazer alguma coisa? Você...

— Chega! — ela disse, me interrompendo bruscamente. — Eu não beijei! Não aconteceu nada!

Eu a encarei surpreso.

— Como assim? Mas eu escutei você contando pra Cate...

— Eu menti — respondeu, cortando-me novamente, me olhando envergonhada.

— Por quê? — perguntei, entre espantado e aliviado.

— Porque Cate não parava de insistir nesse assunto, e eu estava cansada de viver inventando desculpas, daí achei melhor dizer que já tinha acontecido e acabar de vez com essa história — respondeu, chateada.

Eu não sabia se ria ou chorava de felicidade, mas me segurei e tentei manter uma pose indiferente.

— Mas você queria? — perguntei, e ela apenas afirmou com a cabeça.

O ciúme latejou dentro de mim e acabei explodindo.

— Marina, você ainda é muito nova, pode esperar e não precisa ficar aceitando as investidas de qualquer desclassificado! — falei, imitando o jeito como papai falava. — Afinal de contas, pra que você quer tanto beijar alguém?

Ela colocou as mãos na cintura, e seu rosto agora demonstrava irritação.

— Que tipo de pergunta é essa? Responda-me você! Por que você beija alguém?

Por aquela eu não esperava.

— Porque... porque não tive escolha — disse, sabendo que minha resposta era péssima.

Ela me olhou com a testa franzida.

— Como assim? Todo mundo tem uma escolha.

“Não. Eu não tenho”, pensei, enquanto a olhava amargurado. “Porque, se eu tivesse, só beijaria você.”

Ela continuava me olhando, esperando uma resposta. Toquei seu rosto com minha mão, sentindo os sentimentos queimando dentro de mim. O que aconteceria, se eu baixasse o rosto e tocasse seus lábios com os meus? Ela estava tão perto, tão convidativa, sem testemunhas, era tentador demais.

— O que foi, Dan? — perguntou, colocando sua mão em cima da minha, parecendo preocupada. — Por que está tão triste?

“Porque amo você e nunca vou poder te ter”, meu coração gritou.

Eu nunca saberia como seria sua pele suave junto à minha, como seria a sensação de enterrar o meu rosto em seus cabelos, quão macios deviam ser aqueles lábios carnudos, qual seria o sabor de sua boca. Ela não podia ser minha.

— Porque eu sou um tolo — eu disse, afinal. — E, talvez, a Cate esteja certa, realmente eu seja um... irmão muito ciumento.

Ela me olhava de forma estranha, inexplicavelmente parecia decepcionada. Na época, não compreendi o motivo.

— Você não é mais criança, tenho que aprender a conviver com isso — falei, enquanto tirava minha mão do seu rosto. — Acho que só aconteceu rápido demais e não acompanhei o ritmo. Sou ou não sou um cara muito desatento?

Tentei fazer piada, mas até eu sabia que não tinha dado muito certo. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, porém achei melhor me afastar enquanto ainda conseguia. Baixei meu rosto e beijei rapidamente sua testa.

— Vou entrar e tomar um banho.

Dando-lhe as costas, deixei-a sozinha no quintal, dividido entre a sensação de ter feito a coisa certa, cumprindo com o meu papel, e a impressão de que tinha feito a escolha mais estúpida da minha vida.

Fixei meu olhar na paisagem à minha volta, forçando-me a voltar ao presente.

— Não quero mais continuar a viver daquele jeito, Lance — eu disse, de forma áspera. — Temendo a verdade e envergonhado de meus sentimentos.

— E o que você pensa fazer? — ele perguntou preocupado, parado à minha frente.

Bufei como um cão raivoso, enquanto sentia uma revolta gelada percorrer meu corpo.

— Não sei, cara. Mas nunca mais fico sem a Marina. Nunca mais.

— Quando você diz que não fica mais sem a Marina — Lance falava, enquanto coçava o queixo —, você quer dizer em qual sentido? Tipo assim, sem vê-la, estar perto dela, ou sem fazer aquilo que o pequeno John faz escondido com a Mary atrás da moita?

Era impossível não rir das maneiras inusitadas que o Lance inventava para se referir a sexo.

— Não fico mais sem meu *muffin* em todos os sentidos — respondi, sorrindo. — E é isso que está duro de aguentar, ela passou a assumir um papel multifacetado em minha vida, irmã, mulher, esposa, amante, tudo. E agora, ser obrigado a me comportar como se ela fosse apenas a irmã, é quase insuportável. É uma regressão, pois evoluímos para muito mais. Quando deito à noite em meu quarto e sei que ela está no mesmo corredor, apenas a duas portas de distância, fico quase louco, rolando na cama e pensando em tudo que faríamos se ela estivesse comigo. Em como, depois de nos amarmos, a aconchegaria junto a mim, com o rosto afundado em seus cabelos, sentindo seu cheiro de baunilha a noite toda. E feliz ao pensar que, pela manhã, ela seria a primeira coisa que eu veria ao abrir os olhos.

Ao parar de falar, estava quase murmurando, de tão concentrado que estava ao imaginar aquelas cenas, vivendo e interagindo, como se estivesse num cinema 3D. Em seguida, reparei que Lance me observava com um olhar espantado.

— Amigo, não sei se te parabenizo ou dou os pêsames, pois essa foi a declaração de amor mais bizarramente melosa e honesta que já ouvi — falou, daquele jeito exagerado que era típico dele. — Se a coisa é assim, talvez eu possa ajudar a aplacar a saudade e a libido dos recém-casados.

Lance cruzou as mãos atrás da cabeça, parecendo muito confortável e orgulhoso de si mesmo.

— Como assim? — perguntei, desconfiado.

Ele deu um largo sorriso.

— O que você acha de ter um lugar confortável e seguro, onde pudesse se encontrar periodicamente com a Marina?

Fiquei imediatamente curioso.

— Um lugar para me encontrar com ela? Escondido?

— Exatamente — respondeu.

— E onde seria?

— Na minha casa — ele disse, abrindo os braços. — Onde mais?

Fiquei um tempo olhando para Lance, surpreso.

— Mas, tipo assim, lá não é só o seu espaço, não íamos incomodar?

— De jeito nenhum! — respondeu, sacudindo a cabeça. — Você sabe que divido o apartamento com meu irmão, mas ele quase nunca está lá, fica o dia todo fora, entre faculdade e estágio. Converse com a Marina, veja o que ela acha, depois é só você me avisar o dia que vocês querem e pronto, saio de fininho e a casa é de vocês.

Fiquei olhando para ele, sem saber se o beijava ou sacudia.

— Lance, eu te amo.

— Eu sei, cara. Não sou monogâmico, te divido com a Marina. Felizmente, Lance era completamente hétero.

## Capítulo 13

**M**eu celular tocou de novo, e sorri antes mesmo de atender, pois já imaginava quem seria. Olhei o visor e sorri ainda mais. Os homens são tão impacientes...

— Estou na porta — falei, assim que atendi.

— Já estou indo abrir — ele disse, afobado e desligando em seguida.

Enquanto olhava a porta do apartamento do Lance, aguardando, pensei no que estávamos prestes a fazer. De novo.

Já fazia cerca de um mês que tínhamos aqueles encontros secretos, mas desde a primeira vez uma sensação estranha me incomodava. Claro que estarmos juntos era maravilhoso, com tardes cheias de amor, carinho e deliciosa paixão. Contudo, sempre na hora da chegada ou da partida eu sentia um tipo de tensão, que aumentava pouco a pouco, se transformando em aflição e que ameaçava me dominar.

No mês anterior, saí com Dan para comermos uma pizza, e lá ele comentou sobre a proposta do Lance de ficarmos nos encontrando na casa dele. Fiquei insegura desde o início, porque na verdade não estava acostumada a mentir para meus pais e, para que tudo desse certo, sabia que teria que enganar mais do que já o fazíamos. E isso acabava comigo. Eu sabia que a situação também não era confortável para ele, mas Dan parecia mais empolgado com a possibilidade do que eu.

— Não vai ser por muito tempo. Só até decidirmos o que fazer.

Esse era o problema. Decidir o que fazer. Porque, na verdade, eu tinha a impressão de que só estávamos adiando o inevitável. Mas, como bons covardes que éramos, preferimos continuar nos ocultando. Que vergonha!

A porta à minha frente se abriu, e fui recebida por um sorriso de matar e por um par de braços, os quais me puxaram, ansiosos, além de uma boca que me beijou imediatamente.

— Isso é o que chamo de boas-vindas! — eu disse, depois que consegui respirar.

— Você demorou hoje — ele disse, entre beijos.

— Tive que inventar uma desculpa para sair mais cedo do balé.

Aquele era outro fator que estava me preocupando, as mentiras que eu era obrigada a contar a outras pessoas, para que conseguíssemos manter a farsa. E eu não sabia por quanto tempo mais poderíamos sustentar nossa situação.

Era complicado encaixar nossos horários, ele com suas gravações e eu com minhas ocupações escolares e extracurriculares. Na maioria das vezes era eu quem cedia, largando tudo, porque o ritmo do trabalho dele estava tão intenso que, quando aparecia alguma brecha, ele me ligava e eu driblava a tudo e a todos para ficarmos juntos. Como hoje, inventei uma desculpa esfarrapada para minha professora, que me olhou desconfiada, mas não disse nada e me dispensou. Por enquanto.

— Não vai trabalhar mais hoje? — perguntei, tocando seu rosto.

— Só à noite — ele respondeu, afagando meu cabelo.

Ele beijou minha bochecha e devagar deslizou os lábios para meu pescoço, deixando-me arrepiada. Nesses momentos os problemas e receios começavam a se apagar da minha mente.

— Tenho que estar em casa antes do jantar — falei, abraçada a ele.

Ele se afastou um pouco para me olhar, e meu coração triplicou os batimentos ao ver seu olhar intenso. Senti suas mãos deslizarem das minhas costas para minha cintura e depois pararem em meus quadris.

— Pula, bailarina! — ele disse.

Eu pulei para dar impulso, e ele me ergueu com facilidade, encaixando-se entre minhas pernas, enquanto eu o abraçava com elas. O beijo que veio a seguir me fez esquecer definitivamente qualquer temor e preocupação, tudo que importava era estar com ele, sentindo nosso amor se expandindo, como ondas de energia ao nosso redor. Quando paramos de nos beijar, foi que percebi que

tínhamos nos movido, ou melhor, ele tinha andado comigo no colo em direção ao quarto.

Outro fator que me incomodava: fazermos aquilo no quarto do Lance era tão estranho, estando rodeada das coisas dele, do cheiro dele, na cama e nos lençóis dele. Mas isso era eu analisando depois, friamente, porque nesse exato momento, quando tudo o que sentia era o Dan, suas mãos, seu toque, seus lábios, seu perfume, eu esquecia todo o resto, enquanto nossas roupas saíam e o colchão afundava com nosso peso.

Ele parou para me admirar de cima a baixo.

— Quando será que eu vou parar de olhar pra você e me sentir como um garoto, que vê uma mulher nua pela primeira vez? — ele disse, sorrindo.

— Espero que nunca — respondi com doçura, estendendo os braços pra ele. — Você sabe o quanto eu te amo, Daniel Harrison?

— Fala — ele disse, com a voz rouca.

— Te amo tanto, que às vezes acho que um coração é pouco para carregar tanto sentimento — sussurrei, encostando minha testa na dele. — Às vezes acho que meu corpo não é forte o suficiente para suportar tanto amor. Quando você me segura assim, sinto como se eu fosse me desmanchar, diante da força do sentimento que transborda pela minha pele, por meus poros. Eu te quero, te quero agora! — disse, segurando-o pelo pescoço e o beijando pra valer.

Logo não éramos mais Marina e Daniel, eu não saberia dizer onde eu terminava e ele começava, nos completávamos de forma plena, o amor físico sendo um símbolo do sentimento maior que nos unia, o equilíbrio perfeito entre suavidade e força, espírito e carne, liberdade e prisão. O que fomos, o que éramos, o que seríamos. Sempre.

Cheguei a nossa casa já quase na hora do jantar. Subi a escada com minha mãe avisando que a comida estava pronta. Corri para meu quarto, peguei roupa limpa e fui direto tomar um banho rápido.

Pouco depois, enquanto jantávamos, mamãe começou a fazer suas perguntas habituais de como tinha sido o meu dia. Respondi como de costume, comentando sobre o que achei mais interessante. Depois fiquei olhando para meu prato, minha mente cheia de imagens da minha tarde com Daniel. Estava completamente imersa em doces lembranças e, sem perceber, dei um longo suspiro. Mas despertei completamente com a frase que ouvi a seguir:

— Acho que temos alguém apaixonada — disse meu pai.

Ergui os olhos e olhei para meus pais, que trocaram olhares e sorrisos cúmplices entre si.

— Não sei do que vocês estão falando — falei, tentando disfarçar, porém sentindo o rosto queimar de embaraço.

— Ah, não adianta me enganar! — disse minha mãe, rindo. — Essas bochechas rosadas são toda a resposta de que preciso.

— Ai, mãe! — falei sem graça.

— Hum, então quer dizer que tem alguém mexendo com esse coraçõzinho? — brincou meu pai.

— Pai, você também? — reclamei.

— Não precisa ficar encabulada, nada mais natural na sua idade! — disse mamãe.

— Quando vamos conhecer o sortudo? — perguntou papai, sorridente.

Nesse mesmo momento, Dan entrou na cozinha. Olhei surpresa, pois eu sabia que ele deveria estar trabalhando.

— Boa noite! — ele disse sorridente, e aproveitando para pegar uma batata frita do prato da mamãe e enfiar guloso na boca.

— Chegou cedo — ela disse, dando uma palmadinha na mão dele.

— A gravação foi cancelada, remarcam para amanhã — explicou. — Peguei a conversa pela metade, mas a qual sortudo vocês estavam se referindo?

— Ora, o namorado misterioso da sua irmã — respondeu papai, brincalhão.

— Pai! — eu disse, nervosa. — Não falei nada, vocês é que estão fazendo suposições demais!

— Como assim, namorado misterioso? — perguntou Dan, parecendo muito interessado.

— Sua irmã chegou em casa com essa cara de quem viu um passarinho verde — contou mamãe, rindo. — E é claro que não podíamos deixar de notar os olhinhos brilhando e os suspiros, seu pai e eu já vivemos o bastante para saber qual deve ser o motivo dessas reações.

Eu queria sumir, olhei pra cara do Dan, e ele parecia estar achando tudo muito divertido.

— Passarinho verde, é? — perguntou, cinicamente. — Depois, quero saber o nome desse passarinho. — E virei os olhos.

— *OK*, agora que todos já se divertiram às minhas custas, se me dão licença, me retiro com o pouco de dignidade que me resta — disse, me levantando, enquanto ouvia mais risadinhas.

Fui para o meu quarto, liguei o som, colocando uma música suave, deitei na cama e fiquei me lembrando da última conversa que tinha tido com Dan naquela tarde, enquanto estávamos deitados no quarto do Lance. Ficamos pensando na possibilidade de contar a verdade a nossos pais e na melhor forma de abordar o assunto. Era difícil decidir, afinal como revelar para seus amorosos pais uma notícia dessas? Se existisse um manual de autoajuda intitulado Como contar para seus pais que seus “filhos” estão apaixonados, juntos, casados e cheios de amor pra dar, eu seria a primeira a comprar.

— Já pensou se eu chegasse pro papai e falasse: “Pai, sabia que o senhor é o primeiro pai-sogro do mundo?” — disse, rindo, levantando os polegares e fazendo sinal positivo com as duas mãos.

— Cruzes! Pior que isso, só se você falasse que ele estava prestes a se tornar pai-sogro-avô! Aí, primeiro ele te matava e depois morria pelo choque! — comentei, rindo junto.

— Que nada, o velhinho é duro na queda! — comentou, animado. — Ele morreria mesmo só se eu chegasse falando assim: “Pai, me empresta sua cama? Sabe como é, acho que eu e Marina precisaremos de mais espaço essa noite” — completou, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Aí, não ia ser o papai que ia te matar, eu mesma faria o serviço!

— Agora magoei! — disse, colocando a mão no peito se fingindo mortalmente atingido. — Isso é que dá me empenhar tanto!

— Dan! — falei, muito vermelha.

\*\*\*

Parada na frente da porta do apartamento do Lance, eu, Shanti me perguntava o que estava fazendo ali. Eu sabia quem ele era, minhas amigas sabiam, os vizinhos sabiam, o bairro todo sabia, se duvidar até o entregador de pizza sabia quem era o Lance. O maior e notório conquistador de quem eu já tinha ouvido falar nas redondezas. E também o mais bonito, charmoso, atraente e cafajeste, que eu tinha tido a duvidosa honra de conhecer. Sem falar a fama de que nenhuma garota que tinha estado com ele tinha se arrependido. Na escola o tinham apelidado de Todo-poderoso. Ele era uma lenda. Então, se era assim tão perigoso, não no sentido real de perigo, pois tenho certeza que ele não fazia mal a uma mosca, mas no sentido de que era capaz de destroçar a alma de uma garota, o que eu estava fazendo ali, na boca do lobo? Em resposta, lembrei-me da frase de Oscar Wilde: “Eu posso resistir a tudo, menos à tentação”.

Respirei fundo e resolvi ir em frente. Nunca fui covarde, e agora não era a hora de começar a ser.

“Mas com certeza sou uma idiota!”, pensei, ao tocar a campainha.

Apreensiva, ouvi passos e logo depois a porta se abriu. Ele apareceu e ficou parado, me olhando, com aquele sorriso que matava meus neurônios, pois eu parecia emburrecer toda vez que testemunhava esse pequeno milagre da natureza humana.

Procurei esquecer a fascinação que a presença dele me causava e tratei de me lembrar quem eu era. Ele podia ser irresistível, mas eu não era nenhuma garotinha fácil e manipulável. Sabia me defender. Entrar ali era como estar no centro de um picadeiro cheio de animais ferozes, então, assim como um tratador

de animais se protege com seu chicote, fui munida de minhas armas e me pus em guarda.

— Oi — falei, sorridente.

— Oi. Entre, por favor — ele disse, simpático e me dando passagem.

— Obrigada — agradei, num tom descontraído.

Passei por ele, sentindo a porta ser fechada logo atrás, e depois me vi dentro de uma sala decorada de forma simples, as paredes pintadas de branco, sem nenhum quadro; de móveis, vi apenas dois sofás escuros de couro, uma estante pequena de madeira onde havia alguns livros, uma grande TV tela plana, um *Blu-ray* e um pequeno aparelho de som. Apesar da aparente simplicidade do ambiente, percebia que tudo ali era moderno e de bom gosto. Eu não sei bem o que esperava encontrar, talvez paredes espelhadas, um ambiente escuro, tocando uma sugestiva música de fundo, mas não era nada disso. O lugar era bem comum.

— Você foi pontual — ele disse, parando ao meu lado.

— Tendo ser. Sabe o que dizem por aí, faça aquilo que gostariam que fizesse com você. Como eu detesto que me façam esperar, também não gosto de deixar ninguém esperando.

Ele deu uma risadinha.

— Sábias palavras — comentou, como se tivesse achado muito divertido o meu comentário. — Sente-se e fique à vontade. Vou pegar alguma coisa pra gente beber.

— Certo — disse, enquanto me sentava no sofá bem de frente para a TV e ele ia para a pequena cozinha americana.

— Água, refrigerante ou algo mais forte? — perguntou, ao abrir a geladeira.

— Refrigerante — respondi, tirando o meu casaco.

Lance já era perturbação suficiente no meu sistema imunológico, não precisava acrescentar álcool a isso.

— O que achou? — perguntou, ao me entregar a lata de refrigerante e olhando ao redor.

— Muito... — disse, olhando o ambiente e procurando a palavra certa. — Monocromático.

Rimos juntos, e ele se sentou ao meu lado, segurando sua bebida.

— Não gosto de muita frescura, aprecio o básico, preto e branco — comentou, sobre as únicas duas cores presentes no cômodo.

— Que nem você — falei, distraída.

— Como assim?

— Você tem esse cabelo preto e pele branca, estilo Branca de Neve — expliquei, e ele pareceu ainda não entender e fiquei sem graça. — Que são as mesmas cores da sala. Deixa pra lá, foi uma comparação estúpida.

— Não, foi só inesperado. Eu nunca tinha pensado nisso antes. — E me dirigiu um olhar divertido.

Mesmo ele parecendo ter achado meu comentário engraçado, continuei me sentindo desconfortável com o que tinha acabado de falar e resolvi disfarçar.

— Quem sabe você não poderia incluir alguma cor, para que destoasse um pouco, talvez colocando ali um vaso azul ou vermelho? — falei, apontando para a estante.

— Azul como meus olhos ou vermelho como meus lábios? — perguntou, de forma maliciosa. — Posso ser um pouco egocêntrico, mas não chego a tanto.

Quase engasguei com a comparação ridícula.

— Então, que tal marrom? Masculino o suficiente pra você?

Ele deu um meio sorriso, esticou o braço e passou um único dedo suavemente no meu pulso.

— Gosto de marrom, mas discordo que seja uma cor masculina, principalmente em você.

Senti a pele formigar onde ele tinha me tocado, especialmente no ponto onde seu dedo ainda estava parado. Puxei meu braço, desfazendo o contato.

— Que filme você pegou? — perguntei, procurando um assunto seguro.

— Como não sabia bem o que você gostava, aluguei três gêneros diferentes. — E, dizendo isso, se levantou e pegou os filmes

que estavam ao lado do aparelho *Blu-ray*, entregando-me em seguida.

Olhei para os títulos: Tarzan, Peter Pan e Uma Família do Futuro. Só tinha desenhos Disney. Não poderia estar mais espantada.

— Como você classifica três desenhos Disney, como gêneros diferentes? — perguntei, sem conseguir deixar de rir.

— Simples — respondeu, como se fosse uma coisa muito óbvia, apontando para cada filme. — Tarzan é drama, Peter Pan é aventura, e Uma Família do Futuro é ficção científica.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas descobri que nada saía, tinha perdido a fala.

— O que foi? — perguntou, franzindo a testa.

Tive que parar para pensar cuidadosamente no que iria responder, por isso fiquei abrindo e fechando a boca, até que consegui falar alguma coisa.

— Desculpe, mas eu nunca imaginei que você era fã da Disney — acabei confessando. — Quando você me convidou para ver um filme na sua casa, imaginei muita coisa, menos isso.

Ele soltou uma risadinha e tomou mais um gole, me olhando com humor.

— Como o quê?

— Honestamente?

— Claro — respondeu, como se estivesse segurando o riso.

— Algo como American Pie ou Velozes e Furiosos. — Ele soltou uma gargalhada.

— Ou seja — ele disse, depois que conseguiu voltar a falar —, muita sacanagem ou muita adrenalina e nenhum cérebro.

Agora nós dois rimos juntos, quebrando todo o gelo, o que foi ótimo.

— Desculpe, Lance. Mas você tem que concordar, esses filmes parecem mais seu estilo.

— Culpado — ele disse, erguendo as mãos. — Eu me rendo, mas como dizem por aí, “não se deve julgar um livro pela capa”.

Eu o olhei, achando incrível essa nova faceta que ele me revelava, um lado sensível e muito pouco explorado.

— Você está me saindo uma caixinha de surpresas, senhor Brown.

Ele apenas sorriu, fitando-me com atenção.

— Escolha — sugeriu, subitamente.

Voltei a olhar para os filmes e fiquei bem séria, como se estivesse prestes a tomar uma decisão importantíssima.

— Este — falei, afinal, e ao ver minha escolha ele sorriu.

— Tarzan. Você é uma mulher de bom gosto.

“Claro que sou. Afinal, estou aqui com você”, pensei, observando-o colocar o filme para assistirmos.

Enquanto o filme começava, ele preparou pipoca de micro-ondas e trouxe para nós. Sentamos lado a lado no sofá, e o clima não podia ser mais gostoso.

Olhei novamente as caixas dos filmes, e não sei o motivo, mas alguma coisa me chamou a atenção ali. Além, é claro, de todos serem desenhos animados, percebi um padrão entre eles. Lance havia escolhido três filmes cujos personagens principais eram órfãos, ou seria apenas coincidência? Eu nunca tinha ouvido falar dos pais dele.

— Seus pais moram por perto? — perguntei.

— Não, minha mãe vive em outro país e meu pai num bairro mais afastado, são divorciados — respondeu, calmamente. — Mas vim morar aqui depois que meus avós faleceram e deixaram esse apartamento como herança para meu irmão e eu, nós dividimos o espaço.

— Ele está em casa?

— Não, saiu com alguns amigos — respondeu, distraído.

Balancei a cabeça, bebendo um pouco mais do refrigerante, continuando pensativa. Ele tinha falado de sua família com um toque de indiferença, que não passou despercebido. Voltei a olhar ao redor e tive a impressão de que Lance tinha uma vida bem solitária. Seria sua preferência por desenhos animados um indicativo de uma infância perdida, um retorno à inocência? Céus! De onde eu estava tirando toda essa análise freudiana? Obriguei-me a encerrar esse curso de pensamentos, me concentrando apenas em me divertir e aproveitar o momento.

À medida que o filme prosseguia, fui ficando intrigada; ele não tinha feito nenhum movimento que sugerisse aproximação, na verdade estava confortavelmente esparramado no sofá, comendo pipoca de forma bem relaxada. Será que todas as histórias que eu tinha ouvido eram falsas? Então lembrei quando havíamos ficado juntos no *drive-in*. Lembrei as sensações despertadas por sua boca e por seu corpo colado ao meu. Do jeito que ele me tocou, não tínhamos feito nada demais, mesmo assim foi mágico. Após semanas de ansiosa espera, finalmente me ligou e agora eu estava ali.

Eu não sei o motivo, mas comecei a achar a imobilidade dele insultante. Por que ele não tomava uma atitude? Será que, por acaso, eu não era boa o suficiente para o famoso Lance Brown?

Comecei a me sentir ansiosa, não conseguia continuar me concentrando no desenho, então parei de olhar para a TV, virei o rosto pra ele e o observei fixamente. Seu perfil másculo era tão atraente, não sei o que me impressionava mais, o jeito como seu cabelo cheio estava tão perfeitamente arrumado, como a pele barbeada de seu rosto parecia tão macia, ou ainda se era a luz refletida em seus olhos que me fazia lembrar estrelas num céu noturno. Tudo o que sei foi que, de repente, ele também olhou pra mim, a princípio com um leve sorriso, mas aos poucos ficando sério; ele voltou a olhar brevemente para a TV, logo em seguida me encarou novamente e não fugiu mais. E o que vi em seus olhos me fez sentir contrações no estomago. Um alarme disparou no meu cérebro, sinalizando a palavra “perigo” em letras néon, mas eu ignorei, estava fascinada demais para me importar. Há anos Lance era meu secreto objeto de desejo e, mesmo não querendo dar o braço a torcer, sendo apenas mais uma em sua lista, não consegui resistir. Eu não queria resistir.

Vieram-me à mente as sugestivas palavras de Shakespeare: “Não é digno de saborear o mel aquele que se afasta da colmeia com medo das picadas das abelhas”. Suspirei. Sim, com certeza eu estava disposta a provar desse mel, mesmo sabendo que provavelmente o preço a pagar seria uma bela ferroadada.

Como num filme em câmera lenta, nossos rostos se aproximaram, fechei os olhos, eu sabia que ia ser perfeito e foi. Tínhamos ficado juntos no *drive-in*, então já sabia que sabor tinha sua boca, uma mistura de hortelã com tabaco que tinha me deixado inebriada. E agora eu sentia de novo esse mesmo gosto, que era tão a sua cara e me fazia desejar estar mais perto e muito rápido.

Ele não hesitou nem por um segundo, muito menos eu. O beijo foi intenso, longo, molhado e sem pretensões de terminar. Então, muito tempo depois, quando eu já estava deitada no sofá, com Lance totalmente debruçado sobre mim, enquanto nos abraçávamos com força, consegui finalmente afastar um pouco minha boca da dele, respirando rápido.

— O que estamos fazendo, Lance?

— O que você acha que estamos fazendo? — perguntou num tom irônico, enquanto beijava meu pescoço.

Eu o queria, isso era óbvio, e não iria ser hipócrita de não admitir isso a mim mesma, mas eu queria saber onde estava me enfiando.

— Vou mudar minha pergunta, o que nós vamos fazer? Quais são as regras aqui?

Ele parou o que fazia e posicionou o rosto bem perto do meu.

— Você quer saber quais são as regras do jogo?

— E estamos jogando? — perguntei, de testa franzida.

— Existem muitos nomes para o que estamos fazendo, mas por enquanto chamaremos de jogo e, como toda boa prática esportiva, existem regras.

— Regras? — perguntei, olhando-o desconfiada. — De que tipo?

— São simples, a primeira e mais importante delas, não obrigo ninguém a fazer nada, então, se você me disser pare, será o que farei. Só faço de comum acordo — respondeu com calma, e tocando levemente meu cabelo.

— E quais são as seguintes?

— Não sou exclusivo de ninguém, o que rolar, rolou e a coisa para aí. Sem compromissos, obrigações e cobranças. Se por acaso a gente achar que vale a pena se encontrar de novo, pode acontecer,

mas isso não equivale a namoro. Por sinal, essa é minha outra regra de ouro, eu não namoro.

— Por que não? — perguntei, achando aquilo meio estranho.

— Não tenho nada contra quem namora, só que simplesmente isso não é pra mim — asseverou, balançando a cabeça.

Eu o olhei pensativa por um momento.

— Mais alguma regra, que preciso ficar sabendo?

— Existe a mais óbvia de todas, sexo seguro sempre — falou, enquanto tirava uma embalagem de preservativo do bolso de trás da calça e me mostrava.

Eu olhei para o pacotinho colorido e brilhante em sua mão, depois voltei a olhar para ele.

— Planejou tudo?

— Não, mas sempre existe a possibilidade — respondeu, com naturalidade. — Você não pensa assim?

Em vez de responder, enfiei a mão no bolso da frente da minha calça, tirei de lá outra embalagem de preservativo e a estendi pra ele.

— Isso responde a sua pergunta?

Ele olhou surpreso pra minha mão e em seguida soltou uma risada.

— Isso significa um sim?

Olhei para seu rosto bonito, tão perto do meu, e me perguntei se podia lidar com o que estávamos prestes a fazer e com as possíveis perdas. Mas não haveria só perdas, não é mesmo? Também haveria ganhos, a realização de um antigo sonho. Resolvi parar de racionalizar. Sim, estava disposta a correr o risco. Sim, eu podia lidar com isso. Tomei minha decisão.

Eu sorri, insinuante, e devagar aproximei minha boca de seu ouvido.

— Você acha que consegue dar conta?

Ele afastou o rosto para me encarar, com a sobrancelha erguida.

— Isso é um desafio? — perguntou, com uma suavidade perigosa.

— E se for? — disse, atrevida.

Os olhos dele cintilaram.

— Gata, essa máquina aqui não tem câmbio automático, você escolhe a marcha.

— E se nós testássemos todas elas? — propus, tocando seu peito com minhas mãos abertas.

— Você gosta de velocidade? Por que eu aviso, adoro percorrer curvas perigosas. — disse, passeando suas mãos pela lateral do meu corpo.

Ergui os braços e o abracei pelo pescoço.

— Vem aqui, motorista, e faça jus a essa carteira de habilitação.

— Aperte o cinto! — avisou.

Beijamo-nos novamente, e a viagem começou.

## Capítulo 14

N aquele final de tarde, eu e Dan, saímos juntos do apartamento do Lance, ainda envoltos no clima de romance e paixão que tínhamos acabado de viver nas duas últimas horas. Já fazia dois meses que tínhamos aqueles encontros secretos, e a cada dia se tornava mais difícil continuar escondendo nossos sentimentos.

No princípio, costumávamos ser muito cuidadosos, nos desviando de situações ameaçadoras, sendo discretos em público e evitando qualquer tipo de contato físico suspeito.

Saímos do prédio tentando não transparecer o quanto estávamos felizes, mas nossa felicidade era tão gritante que foi ficando impossível nos controlar. Trocávamos olhares cheios de cumplicidade, sorríamos como bobos um para o outro, e nossas mãos se roçavam discretamente à medida que andávamos.

Anoitecia quando nos aproximamos de casa e, assim que lembrei que teríamos que voltar a encenar nossos personagens para nossos pais, senti a melancolia invadir meu coração. Mentir e fingir para os outros era uma coisa, fazer o mesmo com nossos pais era completamente diferente. A culpa estava me corroendo, e eu não sabia por quanto tempo mais conseguiria manter nossa farsa e essa distância forçada entre nós.

Quando faltavam poucas quadras para chegarmos, inesperadamente Daniel segurou firme minha mão, fazendo-nos parar. Surpresa, olhei seu rosto, e ele me fitou com um olhar perturbado, como se estivesse brigando consigo mesmo, até que, com um pequeno grunhido que demonstrava uma clara rendição, ele me puxou de encontro a seu corpo, me abraçando sem reservas.

— Dan, o que é isso? — perguntei confusa, tentando me afastar, o que ele não permitiu, me segurando com firmeza.

— Beije-me, Marina. Para que eu não enlouqueça em mais outra noite insuportável sem você — respondeu com desespero, e

depois grudou seus lábios nos meus e eu não tive mais como lutar, correspondendo com a mesma intensidade.

As precauções foram esquecidas e tudo que queríamos e precisávamos era disso, estar perdidos nos braços um do outro. Nunca o errado pareceu tão certo.

A doçura de seu beijo me fez esquecer completamente que estávamos parados em plena calçada e completamente expostos.

— Não aguento mais! — declarou, quando nossos lábios se separaram um pouco. — É tortura demais ficar longe de você. Chega de mentiras! Você é minha mulher! — disse, segurando-me ainda mais forte. — Vamos dormir juntos hoje à noite!

— Mas, Dan, e se formos pegos? O que vamos falar? Mamãe não vai aceitar mais outra desculpa qualquer como justificativa — falei, tocando seu rosto.

— Então vamos contar a verdade a todos — disse, decidido.

— Você sabe que, ao revelarmos tudo, com certeza à reação por parte de nossos pais não será suave. Não sei até que ponto eles iriam, mas temos que estar preparados para o pior.

Ele fechou os olhos, com visível sofrimento.

— Você está certa, não posso fazer isso com você, arriscando o seu bem-estar dessa forma.

— Como assim? — perguntei, sem entender.

— Como você disse. Se contarmos a verdade, temos que estar preparados para o pior, talvez até mesmo sermos expulsos de casa, e eu realmente não posso fazer isso com você, arriscando seu futuro desse jeito.

— Mas meu futuro é você — falei, com firmeza.

— Amor, escute com atenção, se eu for expulso, eu não posso pedir que você me acompanhe, afinal o que posso te oferecer no momento, além de uma vida simples, talvez até miserável? Como posso te tirar de um estilo de vida seguro, estável, e oferecer algo incerto e difícil? Como posso te tirar de uma casa confortável e bonita, te levando pra, sei lá, um canto qualquer?

Fiquei muito surpresa por suas palavras, não fazia ideia de que era isso que ele pensava sobre essa situação. Ao ver seu rosto

demonstrando tantas dúvidas e incertezas, eu sabia que era a hora de esclarecer de uma vez por todas minha posição.

— Por que tipo de garota fútil você me toma? — perguntei, zangada. — Será que você ainda não sabe que pra mim só você importa? Do que me adiantam casa, carro, posição social, sem você ao meu lado? Você disse que pode me oferecer uma vida miserável, mas está enganado, miserável eu seria sem você — disse segurando seu rosto em minhas mãos. — Miserável eu seria longe de você.

Olhei em seus olhos e vi um brilho diferente, quase como que de alívio ao ouvir minha afirmação.

Ele me abraçou apertado, pousando a cabeça em meu ombro, e segurei-o com firmeza.

— Você tem certeza mesmo? Está pronta para arriscar tudo?

— Por você, arrisco qualquer coisa e nada mais importa — falei, com voz firme.

Ele se afastou um pouco, olhando meu rosto como se estivesse procurando por algo e, ao olhar dentro de meus olhos, esperava que visse neles espelhado todo o imenso amor que eu sentia, felizmente pareceu ter encontrado o que buscava.

— Então vamos contar.

Olhamo-nos longamente, então nossos lábios se encontraram num beijo apaixonado e intenso, como o nosso amor.

Estávamos assim, envolvidos pelo momento, quando ouvimos uma exclamação abafada. Olhamos na direção do som e deparamos com a figura idosa da senhora Johnson, a vizinha viúva que morava na casa ao lado da nossa, parada de pé, bem próxima a nós. Seu rosto enrugado estava congelado numa expressão de espanto; parecia muito chocada, a sacola de compras que ela trazia tinha se soltado de sua mão e estava caída no chão.

Daniel me soltou com rapidez e se abaixou para ajudá-la, colocando algumas compras que haviam rolado novamente para dentro da sacola e devolvendo a ela.

— Boa noite, senhora Johnson — cumprimentou, tentando disfarçar.

Antes que ela pegasse a sacola, olhou para ele e para mim, com evidente reprovação.

— Este mundo está perdido — murmurou.

— Com licença, já temos que ir, senhora Johnson. Ou vamos nos atrasar para o jantar e nossos pais não vão gostar — falei, puxando Daniel pelo braço.

— E esta não será a maior das decepções que terão — disse, estreitando os olhos.

Sem querer prolongar mais a situação, nos despedimos rapidamente e seguimos para casa. Assim que entramos corremos escada acima e nos trancamos no meu quarto.

— Não podemos esperar nem mais um dia, a senhora Johnson já nos viu e com certeza vai contar pra mamãe — eu disse, nervosa.

Ele se aproximou e segurou minhas mãos. Ao ver seu semblante calmo e seguro, me tranquilizei um pouco.

— Contaremos hoje à noite depois do jantar, pensarei numa forma de introduzir o assunto com delicadeza. Voltaremos a nos falar aqui, assim que acabarmos de comer, e combinaremos como vamos fazer. O que acha?

— Concordo.

Em seguida, nos despedimos cheios de ansiedade e fomos nos preparar para o que a noite nos reservava.

Quando o momento chegou, fiquei totalmente diferente do que imaginei que estaria, pois me imaginei ficando histérica. Contudo, me encontrava serena, e eu sabia por quê. A decisão de ficar com Dan não era algo novo em minha vida, sempre escolhi ser dele. Na verdade, não era bem uma escolha, era quase como uma compulsão, eu precisava ser dele, não tinha meio-termo. Ver meu amor correspondido me deu toda a confiança de que precisava para enfrentar qualquer obstáculo.

Naquela noite, no horário combinado, encontrei com o Dan no alto da escada. Ele estendeu as mãos para mim, pegando as minhas e levando-as aos lábios, beijando docemente.

— Pronta?

— Sim — respondi, segura dos meus sentimentos por ele e pronta pro que desse e viesse.

Descemos as escadas de mãos dadas, sabendo que nunca mais as soltaríamos.

Entramos na sala, onde papai e mamãe se encontravam vendo TV, sentados lado a lado.

— Pai, mãe, será que podemos conversar um pouco com vocês? — iniciou Dan.

— Claro que sim — disse mamãe, olhando rapidamente para as nossas mãos entrelaçadas.

Papai pegou o controle-remoto, desligando a TV, virando em seguida em nossa direção.

— Qual é o assunto?

— Gostaríamos de conversar na outra sala, se possível — eu disse.

Reparei que se olharam, achando tudo meio estranho, mas se levantaram, fazendo o que pedimos. Fomos à frente e sentamos lado a lado na banqueta do piano e os aguardamos se sentarem nas poltronas à nossa frente, nos fitando muito curiosos.

— Antes de começarmos, eu e Marina gostaríamos que soubessem que os amamos e que em nenhum momento fizemos nada com a intenção de magoá-los — disse Dan, abrindo o piano e removendo a proteção das teclas.

Olhei para mamãe, que agora parecia visivelmente preocupada, já papai nos olhava confuso.

— Pensamos muito como seria a melhor maneira de dizer isso a vocês e, como nos faltavam palavras, decidimos dizer através da música. Então, por favor, gostaríamos que prestassem muita atenção na letra e sinceramente esperamos que entendam — eu disse, carinhosamente.

Olhei pro Dan, que aguardava, fiz um sinal afirmativo com a cabeça, ele começou a tocar e em seguida cantamos juntos.

Foi ideia dele usarmos a música como uma maneira sutil de abordarmos um assunto tão delicado. Escolhemos uma canção leve e romântica, cuja letra era um resumo de nossos sentimentos. Dessa forma, declaramos aquilo que estava em nossos corações, revelando o quanto nossa vida havia sido vazia, sem sentido, e o quanto o mundo era cinza até ficarmos juntos. E afirmava a maravilhosa

sensação de que, agora, sim, os planetas e o Universo finalmente tinham se alinhado em órbitas perfeitas, porque encontramos no outro aquilo de que necessitávamos. Nossa vida não seria mais desperdiçada numa busca inútil, porque finalmente nos pertencíamos. De agora em diante, nada nem ninguém poderiam destruir o que sentíamos. Um amor perfeito.

A melodia foi chegando ao fim e continuamos perdidos nos olhos um do outro. Tínhamos cantado com todo o sentimento que conseguimos, e as mãos mágicas dele, como sempre, tinham transformado aquela linda canção em algo sublime.

Finalmente, me virei para olhar para nossos pais. Mamãe tinha uma mão cobrindo a boca aberta e a outra levada ao peito, e papai nos olhava de um jeito que eu fiquei sem saber se realmente não tinha entendido nossa mensagem ou se não queria entender. O silêncio na sala era total depois de ressoarem os últimos acordes.

Por fim, alguém falou, e já estava ansiosa aguardando uma reação. Ainda que fossem gritos, eu precisava de alguma reação!

— Eu... eu... não sei se entendi — disse papai.

Olhei pro Dan, que me devolveu o mesmo olhar constrangido.

— Não está claro? — disse mamãe, logo depois. — Charles, eles estão apaixonados! — disse, parecendo horrorizada.

— Como? Apaixonados? — Ele parecia completamente confuso. — Isso é impossível, são irmãos!

— Não, não somos — disse, Dan firmemente.

Papai se virou pro Dan completamente surpreso e fiquei com pena da dor que vi estampada em seus olhos.

— Claro que são! Sempre os tratamos como irmãos! Nunca fizemos diferença entre vocês, procuramos tratá-los igualmente — declarou, na defensiva. — Querida, alguma vez você não se sentiu parte da família?

— Não, papai, claro que não! — respondi, tentando tranquilizá-lo. — Vocês sempre fizeram que eu me sentisse sua filha, mas isso não significa que me fizesse sentir irmã do Dan.

— O quê? — Ele parecia chocado com minha afirmação.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntou mamãe, de voz baixa.

— Nos amamos desde crianças — explicou Dan. — Na verdade, nunca tivemos um sentimento fraterno um pelo outro, apenas... — Ele olhou pra mim, parecendo procurar as palavras. — Apenas nos sentíamos obrigados a nos comportar como tal.

— Obrigados? — disse mamãe, tensa. — Desde crianças? Oh, meu Deus! Vocês estão juntos todos esses anos?

— Não! — respondi rápido. — Só nos confessamos recentemente.

— Sim, estamos juntos há pouco tempo, mas nunca tivemos dúvidas dos nossos sentimentos — afirmou Dan.

— Juntos? — perguntou papai, estreitando os olhos. — Como assim, juntos? Juntos como? — Foi a vez de Dan suspirar e, em seguida, segurar minha mão por cima do piano.

— De todas as maneiras que um homem e uma mulher podem ficar juntos — respondeu, pausadamente.

Agora não tinha mais como papai dizer que não havia entendido. Ele olhou pra mim, com tristeza, e em seguida, com um misto de horror e nojo, para Dan.

— Incesto! — disse por fim, se pondo de pé. — Minha casa foi profanada por incesto!

— Não! — disse Dan desesperado, também se levantando. — Papai, por favor, será que não entende? Não somos parentes de verdade, não temos nenhum vínculo sanguíneo, então não é incesto!

— Você é um Harrison! — disse, apontando pro Dan. — Ela é uma Harrison! — disse, apontando pra mim. — Isso pra mim faz de vocês irmãos, sim, senhor, e o que você fez com ela é incesto!

— Papai, com certeza sou uma Harrison — falei calmamente, ficando ao lado de Dan. — Mas agora, não mais por adoção. — Papai e mamãe prestavam muita atenção ao que eu falava, fechei os olhos, respirei fundo e concluí: — E sim por matrimônio.

Ouvi mamãe soltar um gritinho, enquanto papai ficou roxo.

— Matrimônio? — papai disse, rindo nervoso. — Vocês estão brincando, não é?

— Não, papai — respondeu Dan, sério. — Nós realmente nos casamos.

— Onde? Quando? — perguntou mamãe, arrasada.

— No Taiti — Dan respondeu.

— Impossível! Marina é menor de idade, seria necessária nossa autorização — papai disse, com firmeza.

— Nós conseguimos a autorização — Dan esclareceu. — No dia que vocês assinaram a autorização da viagem, também assinaram o documento que permitia o casamento. Eu e Marina somos legalmente marido e mulher.

Mamãe cruzou os braços, baixou a cabeça e começou a chorar em silêncio. Meu coração estava partido ao vê-la sofrer tanto.

— Fomos enganados! Quero saber tudo e quero saber agora! — disse papai, indignado. — Daniel, você e eu, no meu escritório agora!

— Quero ir também! — falei rápido.

— Não! — papai disse firme. — Vai ser uma conversa só entre homens!

Olhei pro Dan, ele sacudiu a cabeça e tocou meu rosto.

— Fique aqui, amor — disse, tranquilo. — Ficarei bem.

Notei que, ao agir assim comigo e me chamar de amor, papai fez cara de asco. Dan se levantou, e os dois seguiram para o escritório ao lado, fechando as portas ao entrar. Fiquei ali, apreensiva, torcendo as mãos, imaginando como estava a conversa e o que estariam falando.

Levantei, me aproximei da porta e escutava algumas coisas.

— Vocês estão juntos desde o lançamento do seu filme? — papai gritava, enquanto Dan falava alguma coisa que não conseguia entender.

— Você a seduziu! — ouvi papai declarar, encolerizado.

— Não foi bem assim! — disse Dan, se defendendo.

Eles voltaram a conversar num tom mais baixo.

— Casamento no Taiti? Que palhaçada é essa? — papai voltou a gritar, e percebi que Dan respondia com calma.

— Lua-de-mel? — Me encolhi de medo dessa vez, ao ouvir o berro do papai. — Você fornicou com sua irmã por uma semana no Taiti?

— Pela última vez, ela não é minha irmã! — gritou Dan em resposta.

— Que tipo de pervertido eu criei debaixo do meu próprio teto?  
— Nunca olhei a Marina como irmã, vocês nos impuseram essa condição, nunca nos deram escolha! — Dan disse, se defendendo.

— E por que resolveram nos revelar tudo agora?

— Porque não queríamos mais mentir, não queríamos mais enganar ninguém — disse Dan. — Queremos viver nosso amor com liberdade, mas também com responsabilidade.

— Responsabilidade? Ela está grávida? — papai berrou mais uma vez.

— Não! — respondeu Dan, energicamente.

— Oh, graças a Deus que não! — disse papai, aliviado. — Nem quero pensar no pecado que seria você engravidar sua própria irmã!

— Droga, pai! — rebateu Dan, perdendo a paciência. — Pela milésima vez, ela não é minha irmã!

— Olha a linguagem que usa comigo, rapaz! — papai disse, irritado.

— Desculpa! Mas vocês não sabem como me tira do sério sermos chamados de irmãos.

Agora novamente o silêncio. Fiquei ainda mais apavorada com essa súbita falta de gritos.

— Psiquiatra? — gritou Dan, furioso. — Por que precisaríamos ir a um psiquiatra?

— Para tratar essa anomalia! — respondeu papai, igualmente zangado.

Fiquei furiosa. Aquilo tinha ido longe demais, abri a porta e entrei, ouvindo a repreensão da minha mãe.

— Chega! — disse assim que entrei. — O que sentimos não é um distúrbio psiquiátrico, mas amor, pai! Apenas amor! Será que não pode entender algo tão simples e puro como amor? Não se trata de libertinagem ou anormalidade! Nós nos amamos há anos, como homem e mulher, mas só recentemente tivemos a coragem de viver esse sentimento! Eu sou mulher do Dan agora, pai! Sou esposa dele!

— Filha, você está confusa...

— Não! — falei com firmeza. — Eu estava confusa antes, quando olhava o Dan todo dia, com medo de demonstrar tudo o que sentia por respeito a vocês! Eu estava confusa antes, quando queria

tanto tocá-lo, mas com medo de não ser correspondida! Eu estava confusa, quando não sabia o quanto me faria feliz me tornar mulher por ele!

— Chega, Marina! — gritou mamãe, entrando na sala e segurando meu braço.

— Não! — falei, me virando pra ela. — Vocês não querem ouvir toda a verdade, então agora vou até o final. — Virei-me pro papai e disse: — Pai, eu amo vocês de verdade, mas não posso mais continuar fingindo ser alguém que não sou. Sei que vocês devem estar magoados com nosso casamento escondido, mas quando Dan me propôs o casamento, estava tentando agir o mais honradamente possível, demonstrando todo o respeito e amor que sentia por mim. Por favor, pai! Sei que isso está sendo um choque pra vocês e entendo sua reação até certo ponto, mas não deixe que o preconceito o impeça de ver a verdade.

Papai me lançou um olhar incrédulo, por fim baixou os olhos, colocando as mãos na cintura. Olhei pro Dan, que continuava olhando pro papai, aguardando, e mamãe passou por nós, ficando ao lado do marido.

— Vou procurar um advogado, deve existir um meio de anular o que vocês fizeram — ele disse nervoso, e passando a mão nos cabelos.

— Nosso casamento é real e foi consumado, não há nada que possa ser feito — afirmou Daniel, taxativo.

— Então, não me resta alternativa — disse papai, de cabeça baixa. — Dan, você hoje sai desta casa — falou, por fim, encarando-o.

— Não! — disse mamãe.

— Se ele for eu também vou! — ameacei.

— Você não ousaria! — papai disse.

— Experimente! — desafiei. — Se Dan passar por aquela porta essa noite, não sairá sozinho, pode estar certo!

— Charles, por favor! Não posso perder dois filhos de uma única vez! — implorou mamãe, aos prantos.

Papai olhou pra mamãe e suspirou, enquanto ela segurava seu braço.

— Deixem-nos por um momento — ele disse, pouco depois. — Esperem lá fora.

\*\*\*

Fomos pra sala e sentamos juntos no sofá. Demos as mãos, cheios de nervosismo.

— Vou lá em cima fazer minhas malas — Marina disse, trêmula.

— Meu amor, não faça isso! — falei preocupado. — Se eu sair de casa hoje, me deixe ir sozinho. Não quero você comigo na rua, no meio da noite.

— Para com isso! — ela disse, cortante. — Sou sua esposa, pro que der e vier! Prometemos cuidar um do outro, lembra? — ela disse, tocando meu rosto com doçura. — Como vou cuidar de você se ficarmos separados?

Oh, meu Deus, como eu amava essa corajosa e linda mulher! Ela era tudo pra mim, abracei-a apertado.

— Me promete uma coisa? — perguntou, com o rosto em meu peito.

— O quê?

— Que nunca ficaremos separados, não importa o que aconteça, não importa para onde formos você me leva junto?

— Marina... — falei indeciso, acariciando seus cabelos.

— Prometa! — insistiu, segurando meu rosto, e pude ver seus olhos brilhando, cheios de lágrimas.

Eu estava no meu limite, queria protegê-la de todo e qualquer mal, de qualquer coisa no mundo lá fora que pudesse fazê-la infeliz, queria ser altruísta e pensar somente nela. Mas eu sabia que não conseguiria mais viver sem ela, sem aquele sorriso radiante, sem sua voz aveludada, sem sua presença marcante e inteligente, sem sua paixão e seu amor. Dane-se o altruísmo!

— Prometo! — falei, plenamente ciente da minha atitude egoísta, e a vi sorrir aliviada. — Como posso ficar longe de você? Você é meu sol durante o dia, minha lua à noite, é minha bússola me mostrando o caminho a seguir quando me sinto perdido, você é meu eterno norte.

Estávamos assim, abraçados, quando ouvimos a porta do escritório se abrir; olhamos tensos naquela direção.

Papai parou ali, nos observando, e mamãe ainda segurava em seu braço, no entanto parecia mais calma.

— Conversei com sua mãe — ele disse, se dirigindo a nós. — E somente por amor a ela, por não querer vê-la sofrer, mais do que já está sofrendo, permito que ambos fiquem. — Respiramos aliviados. — Mas com uma única condição. — Olhei, desconfiado.

— A partir de hoje — disse, me olhando nos olhos —, não tenho mais filho, nunca mais fale comigo novamente, nunca mais volte a me chamar de pai.

## Capítulo 15

**A**s últimas palavras de papai ainda ecoavam em meus ouvidos, mesmo depois de termos saído da sala e ido para meu quarto. Dan não disse mais nada, permanecia completamente mudo, com o olhar parado e fixo, só não dizia que ele estava catatônico porque ele piscava os olhos ocasionalmente.

Estávamos sentados na beirada da minha cama, lado a lado, e passei minha mão em seu rosto, tentando adivinhar o que estava passando em sua mente e coração. Eu sentia que não deveria dizer nada, naquela noite já haviam sido ditas coisas demais, fortes demais, tudo o que precisávamos agora era um pouco de paz e silêncio.

Continuei observando sua imobilidade e suspirei, talvez fosse melhor deitarmos e tentar dormir um pouco.

— Já volto. — eu disse.

Fui até seu quarto, peguei sua calça de moletom preta, voltei e ele continuava na mesma posição.

— Vou cuidar de você. — falei.

Aproximei-me dele, pegando na barra da sua camiseta e puxei. Ele levantou os braços automaticamente, para que eu a retirasse, e acabei de passar por sua cabeça, colocando-a de lado. Olhei seu rosto e vi que seus olhos continuavam desfocados, olhando para o nada. Abaixei-me, desamarrei seus sapatos, retirei-os e em seguida tirei as meias, deixando-o descalço. Depois peguei suas mãos e o puxei para que ficasse de pé, abri seu cinto, desabotoei sua calça, abri o zíper e puxei. Ele levantou os pés ligeiramente, facilitando a retirada, aproveitei e enfiei neles as pernas da sua calça de moletom, subindo-a e puxando-a no caminho, ajeitando na sua cintura. Peguei suas roupas, dobrei-as cuidadosamente e coloquei em cima da cadeira. Virei-me pra ele novamente, continuava de pé, agora focalizando o olhar em mim, os olhos vazios. Fui até ele e o empurrei carinhosamente para a cama, fazendo-o se deitar.

— Vou me trocar. — avisei, beijando sua testa.

Fui até o banheiro, tirei minha roupa, colocando minha camisola e, como de hábito, comecei a escovar os dentes. Enquanto isso, continuava a pensar em Dan e no que ele estaria sentindo. Será que ele estaria arrependido do que tínhamos feito, ao se deparar com as terríveis consequências de nossos atos? Será que, ao ficar frente a frente com esse terrível obstáculo, desistiria de tudo? Será que voltaria atrás? Fechei os olhos e sacudi a cabeça, tinha que parar de pensar nisso ou ia ficar maluca. Não adiantava tentar adivinhar, agora eu só tinha que me concentrar em ajudá-lo da melhor maneira possível. Saí do banheiro, apaguei a luz e fui pra cama, onde ele me esperava.

Estava deitado de lado, de frente para a janela, de uma maneira que não podia ver seu rosto. Deitei de lado, ficando bem atrás dele, abracei-o com um braço, grudando meu peito em suas costas, enquanto minha outra mão acariciava suavemente seus cabelos. Não sei quanto tempo ficamos assim, até que, ao passar minha mão em seu rosto, ela ficou molhada, ele estava chorando silenciosamente. Meu coração se partiu ao vê-lo assim, abracei-o com mais firmeza e então o ouvi respirar pesadamente; começou a soluçar baixinho, tremendo ligeiramente.

— Chora meu amor — disse, com doçura. — Não guarde essa dor dentro de você.

E, com aquelas palavras, as comportas se abriram, ele se virou de frente para mim e vi seu rosto transfigurado pela dor, agora chorando abertamente. Ele se agarrou em mim, enfiando seu rosto no meu colo, e chorou pesadamente. Seu corpo inteiro tremia, sacudido pelos soluços cada vez mais altos.

— Ah, meu querido! — disse enquanto o abraçava, tentando consolá-lo.

Naquele momento, senti que Dan voltava a ser menino, aquele homem enorme, agora frágil pela dor, me abraçava em busca de apoio e compreensão.

Então, me lembrei da única vez, além desse momento, que Dan tinha chorado assim. Foi quando nossa cachorrinha Poppy morreu atropelada, ele tinha cerca de onze anos e eu estava com

nove. Lembro que depois de enterrá-la no quintal, ele sumiu; procurei-o pela casa toda e, depois de muito tempo, encontrei-o no sótão, sentado no chão, com a cabeça nos joelhos, chorando forte. Lembro que ele ergueu o rosto ao ouvir meus passos, surpreso de me ver ali, os olhos muito vermelhos e a face coberta de lágrimas.

— Você vai contar que me viu chorando? — perguntou, com dificuldade.

— Nunca! — prometi, me aproximando e sentando a seu lado, cruzando as pernas.

Ele olhou pra mim, desamparado como agora, e me surpreendeu ao deitar a cabeça na minha coxa, me abraçando pela cintura, chorando mais ainda, comecei a acariciar seus cabelos, assim como fazia agora, deixando-o desabafar sua tristeza.

Então, a compreensão me atingiu. Claro que o Dan não estava arrependido de nossa decisão, eu confiava totalmente nele e na veracidade de seus sentimentos, afinal ele já tinha me dado provas mais que suficientes do que sentia por mim.

Assim como ele tinha um dia chorado pela perda de um ser querido, agora ele chorava novamente por outra perda, a perda de um pai. Dan era o único filho homem numa família cheia de mulheres, papai sempre foi sua referência de masculinidade, seu confidente para assuntos que mamãe não tinha como entender ou aconselhar, parceiro de várias atividades esportivas, eles compartilhavam de muitos gostos, o que até aquele momento tinha tornado o relacionamento dos dois amoroso e sincero. Além disso, depois de mim, papai sempre foi o maior incentivador da carreira do Dan, foi ideia dele colocá-lo para fazer teatro, percebendo logo seu inegável talento. Eu entendia agora seu lamento e, mais uma vez, me perguntava como papai tinha tido coragem de ir tão longe, rompendo de forma absoluta uma ligação que sempre foi natural e sólida. Meu coração não queria acreditar que aquela situação fosse permanente, ainda tinha esperança que talvez no futuro isso se resolvesse.

Ficamos juntos assim por um longo tempo, até que ele se acalmou e o choro cessou. Eu continuava a passar minhas mãos por

seus cabelos, por suas costas, até que no silêncio que se seguiu, o ouvi ressonando tranquilo em meu peito.

— Durma, meu amor — disse, beijando o topo de sua cabeça.

Fechei os olhos, desejando ardentemente que, quando a manhã chegasse, trouxesse o alívio que necessitávamos.

Acordei e tentei me mexer, mas estava completamente presa entre tantos braços e pernas, que não parecia que estava dormindo com uma pessoa, mas com dez. Dan, com aquele tamanho, ocupava praticamente toda a minha cama de solteiro, e agora me encontrava presa na armadilha formada por seus membros compridos.

Mas não estava reclamando, sorri ao pensar que nunca mais precisaríamos dormir separados, mas talvez fosse uma boa ideia pensar em trocar nossa cama por uma de casal. Iria propor isso depois que ele acordasse. Olhei seu rosto, ele estava tranquilo, os olhos um pouco inchados, a boca ligeiramente aberta e a respiração serena. Fiquei um bom tempo só contemplando-o; poderia ficar assim por horas, sem cansar, eu me sentia uma mariposa diante da luz, voando incansavelmente ao redor de uma chama, terrivelmente atraída mesmo diante do fogo e do perigo, totalmente hipnotizada por essa beleza irresistível.

Não resisti e aproximei meus lábios dos dele. Primeiro toquei seu nariz com o meu, sentindo seu cheiro, que era uma mistura de colônia e do aroma da sua própria pele. Aspirei profundamente satisfeita, querendo preencher meus pulmões com o máximo que eu pudesse dele. Olhei sua boca mais uma vez antes de tocá-la, rosada e tão bem feita, rocei ligeiramente meus lábios nos dele, com medo de acordá-lo, mas ele continuava imóvel e sorri — que coisa maravilhosa era tê-lo assim, só pra mim. Aproximei novamente meus lábios e lhe dei o mais casto dos beijos, sentindo o calor morno de seus lábios passar para os meus. Afastei-me novamente, e ele tinha apenas movido ligeiramente a boca, abrindo-a um pouco mais — agora eu podia ver a ponta da sua língua vermelha, não resisti e toquei novamente sua boca com a minha, ficando imóvel por um momento, apenas apreciando a maciez e suavidade do contato. Abri ligeiramente os lábios, e foi então que, totalmente pega de surpresa, senti a língua dele tocar a minha. Tentei me afastar, não tinha sido

minha intenção acordá-lo, mas ele enfiou a mão em meus cabelos segurando-me ali, e sua língua fazia brincadeiras de esconde-esconde, numa carícia doce e lenta, apenas curtindo o prazer daquele carinho. Abracei-o, sentindo a firmeza de seu peito de encontro ao meu corpo, suas mãos começaram a descer e subir por minhas costas vagarosamente, seus dedos fazendo trilhas imaginárias em minha pele. Ele aproximou mais ainda seu corpo do meu, e senti sua mão descer por minha perna, até alcançar a panturrilha. Em seguida, segurando ali, suspendeu minha perna, envolvendo seu quadril. A língua dele continuava a brincar calmamente com a minha, numa dança deliciosa e convidativa, mas quando ele pressionou mais seu corpo no meu, me senti culpada. Em momento algum tinha sido minha intenção atirá-lo naquela manhã; depois da experiência traumática da noite passada jamais passaria pela minha cabeça procurá-lo para algo mais, queria dar-lhe tempo para curar suas feridas, respeitando seus sentimentos de perda, e quando me aproximei agora há pouco, tinha sido com a mais inocente das intenções, apenas para dar-lhe carinho e ternura. Com delicadeza tentei me afastar, mas ele não permitiu, segurando-me pelas nádegas e me apertando ainda mais firmemente, de encontro a seu quadril.

Agora era tarde demais para voltar atrás, foi impossível parar, e fiquei de olhos fechados o tempo todo, constrangida ao imaginar o que ele poderia estar pensando de mim. Amamo-nos sem pressa e foi como um bálsamo na alma — senti-me mergulhar numa luz dourada, uma mariposa ao encontro ao sol.

Ao final, levantei meu rosto de seu ombro e ousei abrir os olhos: seu rosto estava de frente ao meu, e deparei com um par de olhos azuis que me olhavam carinhosamente e, nos lábios um sorriso gentil.

— Bom dia — murmurei timidamente.

— Isso é o que eu chamo de um bom dia completo — respondeu, sorrindo e me fazendo corar violentamente.

— Desculpa — falei rápido. — Não tinha a menor intenção de me aproveitar de você esta manhã.

— Não? Puxa, agora estou decepcionado! — ele disse, se fingindo de ofendido.

— Não que eu não tenha gostado! — falei, tentando me corrigir. — Foi muito bom, de verdade, só quis dizer que não era pra ter acontecido agora, isto é, era pra ter acontecido, mas numa hora melhor, isto é, não que o momento fosse errado... — Ele tapou minha boca com sua mão.

— Já entendi. Mas quer saber de uma coisa, senhora Harrison? Nada pode me deixar mais feliz do que acordar a seu lado, sentindo seus beijos roubados e te fazendo acreditar que você estava se aproveitando de mim, quando na verdade o aproveitador o tempo todo era eu.

— Sério? — perguntei surpresa.

— Sério! — respondeu, com aquele sorriso maroto. — Você estava tão gostosinha me beijando que não resisti — disse, roçando suavemente os lábios nos meus. — Prepare-se, senhora Harrison, esse é só o primeiro dia do resto de nossas vidas.

— Sabe, deveria ficar zangada por ter sido enganada por você, senhor Harrison. — falei, fingindo indignação. — Como você me acena com a possibilidade de muitas manhãs iguais a essa, posso abrir uma exceção e perdoar-lhe. — Ouvi-o rir baixinho.

— Ah, o que nós, pobres maridos, não temos que fazer pra sermos perdoados pelas esposas! — Não resisti e ri junto com ele.

— Está mais calmo agora? — perguntei, passando a mão em seu rosto.

— Sim. Ontem foi só um desabafo, liberei as emoções e agora estou mais conformado — respondeu com tranquilidade.

— Fiquei preocupada com você.

— Eu sei, desculpa — pediu, sem graça.

— Não precisa se desculpar, você agiu como qualquer ser humano diante de uma crise.

— Eu sei, mas tomei uma decisão — disse, confiante. — A partir de hoje não vou mais gastar energia com nada que não sejam você e minha carreira. O resto pode esperar.

Ele abaixou os olhos e não disse mais nada, mas senti suas mãos em meu pescoço.

— Ah, antes que eu esqueça! — disse, abrindo meu colar. — Agora não temos mais necessidade de usar isso.

Ele pegou minha mão esquerda e, estufando o peito de orgulho, colocou a aliança novamente em meu dedo, de onde eu não tiraria nunca mais. Sorri radiante e fiz o mesmo: abri seu colar, colocando a aliança em seu dedo. Erguemos nossas mãos e ficamos olhando o brilho dourado das joias na luz da manhã, nos olhamos felizes, sentindo que momentos como esse compensavam tudo que passamos e teríamos que passar.

Depois do banho, resolvemos tomar o café da manhã numa lanchonete que tinha na rua de baixo. Ao andarmos até a porta de casa, notamos pelo silêncio que nossos pais deveriam ter saído.

Colocamos nossos casacos e saímos na manhã fria. Andamos de mãos dadas, vendo a fumaça que se formava com nossa respiração. Entramos na loja e procuramos logo fazer nossos pedidos.

Assim que fomos servidos, sentamos a uma mesa. Apreciando silenciosamente o nosso desjejum, sorria despreocupadamente, leve e em paz, como há muito não me sentia. Apesar da dor, revelar toda a verdade tinha sido realmente libertador.

— Enquanto você ainda estava dormindo essa manhã, tive uma ideia — disse, mordendo meu pãozinho.

— Qual?

— Já que agora dividimos o mesmo quarto, talvez fosse interessante fazer algumas alterações.

— De que tipo? — perguntou curioso.

— Que tal comprarmos uma cama maior? — sugeri, e ele abriu um largo sorriso.

— Claro! — Podemos ir agora mesmo!

— Agora? — perguntei, surpresa com sua empolgação.

— Sim, por que não? O *shopping* está aberto e tem uma enorme loja de móveis lá.

— Está certo, então vamos.

Pegamos um táxi e fomos para o *shopping*. Entramos na loja e fiquei boquiaberta com o tamanho do estabelecimento: Dan estava certo, a loja era imensa. Fomos diretamente ao departamento

desejado e, de repente, nos vimos rodeados dos mais diversos modelos, tamanhos e variedades de camas.

— Quero uma enorme! — ele foi logo dizendo.

Começamos a passar por fileiras e mais fileiras de camas, até que no final deparamos com uma colossal.

— Que tal essa aqui? — perguntou empolgado.

— Nossa! Isso não é uma cama, parece mais um tablado para prática de ginástica olímpica! — falei, impressionada.

— Bem... — disse, me abraçando pela cintura. — Se você pensar que o que vamos praticar sobre aquela cama seja uma modalidade esportiva, o tamanho é justificado.

— Hum... — disse abraçando-o pelo pescoço. — Está planejando muito treinamento?

— Intensivo! — respondeu, sorrindo maliciosamente. — Nunca ouviu falar que a prática leva à perfeição?

— E que nota você me dá pelo meu desempenho atual?

— Ainda não estou muito certo — ele disse, cinicamente. — Acho que vou precisar de mais tempo avaliando, profundamente.

— Boa ideia — respondi, com a voz sedutora. — Tenho algumas sugestões que talvez possam ajudar a tornar a *performance* mais, digamos, Olímpica!

— Vou perguntar se eles têm pra pronta-entrega! — disse, me soltando e procurando um vendedor rapidamente.

Dan voltou com o vendedor, que, muito solícito, respondia a todas as nossas perguntas.

— E o colchão? Já escolheram?

Olhamos pro rosto um do outro. Não tínhamos lembrado aquele detalhe importantíssimo. O vendedor então nos levou a um local onde tinham os mais variados tipos. Ele começou a explicar sobre a importância de escolher o colchão certo baseado no nosso peso por pessoa.

— Quantos vocês pesam?

— Oitenta e cinco — respondeu Dan.

— Cinquenta e cinco — disse eu.

— Então, um colchão com densidade para até 100 kg é o suficiente.

— Discordo — disse Dan.

— Por quê? — perguntei.

— Bem, levando em consideração que estaremos naquele colchão boa parte do tempo, um por cima do outro, devemos considerar pelo menos 140 kg. — explicou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — O senhor não concorda comigo? — Eu queria sumir!

Olhei pra cara do vendedor que, chocado, gaguejou uma resposta qualquer, nos mostrando logo o mais resistente disponível. Dan, mais do que depressa, se jogou em cima do colchão e, virando-se pra mim com uma piscadela de olho, deu um tapinha sugestivo no lugar ao seu lado. Depois disso, vi o vendedor sair de fininho.

— Você é maluco, sabia? — disse rindo, me sentando ao seu lado. — Pela cara do vendedor, no mínimo ele pensou que você estava me chamando pra fazer *test-drive* no colchão. — Ele deu uma gostosa gargalhada.

— *Test-drive!* Por que não pensei nisso antes? — disse, antes de me puxar para sentar em seu colo. — Será que eles não têm um lugar pra isso por aqui? — Preferi ignorar a pergunta, acreditando que ele estava realmente brincando.

Fechamos a compra, eles prometeram entregar tudo no outro dia, no final da tarde. Lembrei então que íamos precisar de novas roupas de cama, pois não tínhamos nada em casa que fosse daquele tamanho. Enfim, depois de comprarmos tudo o que era necessário, saímos satisfeitos do *shopping*, com várias sacolas.

Mal chegamos em casa, o celular do Dan tocou. Ele se afastou um pouco, e reparei que conversava sério com alguém. Enquanto guardava nossas compras, olhei disfarçadamente em sua direção, tentando adivinhar quem seria. Ele finalmente desligou e caminhou até mim, entusiasmado.

— Novidades!

— Me conta! — pedi, curiosa.

— Tenho boas e más notícias. — contou, calmo. — O que prefere ouvir primeiro?

Virei os olhos.

— As boas, claro!

— O seriado é um sucesso de audiência e vamos ficar permanentemente na grade da emissora. — revelou, alegre.

— Que legal! — disse, abraçando-o feliz. — Se são as boas notícias, quais são as ruins? — perguntei desconfiada, e ele suspirou.

— Viajo amanhã de manhã bem cedo, pra começar as filmagens numa locação distante, e vou ficar uma semana fora. — Murchei na hora.

— Uma semana. — falei baixinho.

— Eu sei que é horrível te deixar sozinha aqui em casa, com essa situação esquisita com nossos pais — ele disse, olhando meu rosto triste. — Você quer que eu cancele?

— Não! — respondi, imediatamente. — Essa é a sua profissão, melhor eu me acostumar logo com esse seu estilo de vida.

— Tem certeza? — perguntou, segurando meu rosto.

— Claro! — disse, com falsa animação. — Ossos do ofício, não é mesmo?

Passei o restante do dia fingindo que estava tranquila, na verdade estava arrasada de ter que me afastar dele agora, afinal, com o clima sombrio que estávamos vivendo dentro de casa, ter sua presença me apoiando era um alívio.

Ajudei-o a arrumar sua mala. Ele partiria de madrugada, e tínhamos pouco tempo para preparar tudo.

Àquela noite, nos amamos com um misto de emoções, alegria por mais uma oportunidade profissional, tristeza pela partida, saudade antecipada e expectativa pelo retorno, além, claro, de amor que exalava pelos poros.

Acordei de madrugada, ouvindo o som dele andando pelo quarto.

— Já vai? — perguntei sussurrando, me sentando na cama sonolenta.

— Quase — murmurou. — O carro que vem me buscar deve chegar a qualquer momento.

O quarto estava escuro, a única luz no ambiente era a que entrava pela janela.

Ele segurou meu rosto com uma de suas mãos, fazendo uma carícia suave, passando o polegar pelos meus lábios. Peguei sua mão e beijei-a, apertando-a docemente em minha face.

— Vou contar os segundos até voltar. — ele disse, aproximando o rosto do meu.

Abri a boca para falar, mas escutamos uma buzina lá fora. Dan se levantou indo à janela.

— São eles, tenho que ir — disse, pegando sua bolsa de viagem.

Saltei rapidamente da cama, ficando na ponta dos pés, e me pendurei em seu pescoço.

— Me dá um último beijo antes de sair.

Ele soltou a bolsa imediatamente, me pegando pela cintura e aproximando o rosto do meu. Se ele pensou que eu ia deixá-lo partir com um beijinho rápido e sem graça, estava muito enganado; queria que ele partisse com a lembrança de um beijo sem igual. Então, quando nossos lábios se encontraram, beijei-o com toda a paixão que era capaz de demonstrar. Senti-o vacilar ante a intensidade do meu beijo; quando me dei conta, ele estava me suspendendo, fazendo que eu abraçasse seus quadris com minhas pernas, e o beijo se tornava cada vez mais selvagem. Por fim ele nos jogou na cama, ficando por cima de mim, enquanto eu o abraçava com braços e pernas. Ouvimos a buzina novamente lá fora e fomos obrigados a nos separar, ofegantes.

— Isto foi pra você não se esquecer de mim — eu disse, respirando rápido.

— Como se isso fosse possível — falou, ainda com o desejo brilhando nos olhos.

— Agora, vá! — disse empurrando-o, tentando brincar. — Te amo!

— Também te amo! — garantiu, se levantando.

Ele pegou sua bagagem, foi em direção à saída, me jogou um beijo e, me dando um último olhar intenso, saiu fechando a porta.

## Capítulo 16

**S**egunda-feira, manhã fria, acordo sozinha, abro os olhos e suspiro desanimada – o primeiro dia sem o Dan.

A manhã foi deprimente, como imaginei que seria, e assim que desci encontrei mamãe, que mal respondeu meu cumprimento, ficando o tempo todo de cabeça baixa, enquanto tomava seu chá.

— Dan viajou? — perguntou sem olhar pra mim.

— Sim, vai ficar uma semana fora, nas filmagens.

Depois disso, voltou o silêncio incômodo.

— Papai já foi trabalhar? — perguntei.

— Sim — ela respondeu seca.

Ela acabou de tomar seu chá e, respirando profundamente, levantou o rosto e me encarou.

— Antes de sair, preciso esclarecer sobre algumas mudanças na dinâmica dessa casa. — Aguardei ansiosa pelo que viria.

— Já que você e o Dan agora estão... — Ela parecia estar encontrando a maior dificuldade para dizer a palavra — casados, minha responsabilidade cuidando das coisas de vocês acaba aqui. De agora em diante, vocês lavam, passam e cozinham. Se acharam que têm responsabilidade para se casarem, então podem se virar sozinhos. Estamos entendidas?

— Perfeitamente — respondi, automaticamente.

— Acho que por enquanto é só — disse, virando-se de costas para mim e levando a xícara até a pia.

— Tudo bem pra mim — eu disse, nervosa. — Mãe, você sabe que nunca quisemos magoar vocês, certo?

Ela continuou de costas, lavando a xícara.

— Sim, mas não ter a intenção não diminui as consequências, nem faz doer menos. — Ela soltou bruscamente a xícara na pia e se virou pra mim. — Você faz ideia de como me senti ao saber, na mesma noite, que meus “supostos filhos” estão apaixonados e não somente isso, se casaram escondidos de toda a família, usando de

minha boa fé ao permitir aquela viagem? Desde que vocês voltaram do Taiti, senti uma mudança no comportamento, estavam sutilmente mostrando uma intimidade que não tinha percebido antes, principalmente no Dan. Os olhos dele nunca deixam você, sabia? Ele parecia um gato, diante de um suculento passarinho voando convidativamente na frente dele, acompanhando com os olhos cada movimento seu, e às vezes ele te olhava de um jeito que, honestamente, faria até a Madonna ficar embaraçada.

Shanti estava certa, ela tinha percebido muito mais do que eu imaginava.

— Marina, vocês estão usando algum método contraceptivo?

— Sim, claro! — respondi, ficando muito vermelha.

— Ainda bem, vocês são muito jovens, mal iniciaram a vida, então só se cuidem, está bem? — Eu apenas afirmei com a cabeça.

— Mãe, você acha que algum dia o papai perdoa ao Dan? — Aquele assunto não saía da minha cabeça, e ela demorou um pouco pra responder.

— Sinceramente, não sei. Claro que eu gostaria que eles voltassem a se entender, mas será que você tem ideia do quanto o magoaram? — Ela sentou na minha frente, olhando-me nos olhos. — Marina, você sempre foi a princesinha do seu pai, desde o início, na mente dele, você era tão filha nossa como os outros. Na concepção dele, Dan tinha o papel de irmão mais velho, que deveria ser sempre seu protetor e guardião na nossa ausência. Imagina o susto que não foi descobrir que a pessoa em quem você havia confiado seu tesouro mais precioso te traiu, usando de mentira e dissimulação para conseguir o que queria?

— Nunca quisemos enganar vocês, sempre detestamos mentir, mas tínhamos tanto receio da reação de vocês quando contássemos a verdade — tentei nos justificar.

Ficamos um tempo pensando nas coisas que tínhamos acabado de dizer, ambas tentando explicar o comportamento de seus homens.

— Você sabia que, quando fomos ao orfanato pela primeira vez, anos atrás, nós estávamos procurando um menino para adotarmos? — perguntou.

— Não, não sabia — respondi, surpresa.

— Já tínhamos duas filhas e um menino, mas queríamos muito dar um irmão para fazer companhia pro Dan, e eu não podia ter mais filhos — revelou, enquanto passava as mãos na mesa, removendo os farelos. — Então tivemos a ideia da adoção, nos indicaram um orfanato, e lá fomos nós, na esperança de encontrar nosso próximo filho. Fomos muito bem recebidos pela diretora, que adorou saber que queríamos adotar uma criança já crescida, o que é muito raro, geralmente procuram por bebês. Fomos então conduzidos até um pátio onde as crianças brincavam.

— Eu me lembro desse pátio, costumava ficar lá sentada embaixo de uma árvore. — disse, interrompendo-a.

— Passamos por várias crianças, observando atentamente os meninos, na esperança de que encontrássemos alguém especial. Resolvemos nos separar, fui para um lado, seu pai para outro. — Mamãe agora deu um largo sorriso. — Lembro como se fosse ontem, cerca de meia hora depois seu pai voltava segurando você pela mão, dizendo que o Destino tinha nos reservado uma surpresa. — Ao ouvir aquilo, me arrepiei inteira.

— O Destino? Foi isso que o papai disse? — perguntei surpresa, lembrando-me das palavras da adivinha.

— Sim, ele disse que olhava ao redor, sem conseguir se decidir por alguém, o dia estava nublado, mas de repente, do nada, as nuvens se abriram um pouco e o sol iluminou a árvore onde você se encontrava. Ele viu que tinha uma criança sentada sozinha ali e seguiu curioso para saber quem era.

— Eu lembro perfeitamente esse momento — disse, emocionada. — Eu tinha perdido meus pais há um ano, me sentia solitária e desamparada, gostava de me sentar ali, conversava com aquela árvore como se ela fosse minha amiga, e na verdade era.

— Seu pai disse que foi isso que lhe chamou a atenção — contou, sorrindo. — Quando ele se aproximou, disse que ouviu você falando com alguém, mas achou estranho, pois não tinha ninguém ao seu lado, depois ele entendeu que você falava com a árvore, como se fosse uma amiga, e ele achou aquilo tão bonitinho!

— Eu lembro! — disse, dando uma risada. — Ele surgiu do nada e me perguntou: “Com quem você está conversando, meu bem?” E, eu muito surpresa e embaraçada, não respondi nada, mas ele insistiu e confessei quem era. Ao ouvir minha resposta, ele sorriu, disse que de fato era uma bela árvore para se ter como amiga, me disse também seu nome, perguntou o meu e a minha idade. Depois ele se sentou do meu lado e conversamos um pouco, dizendo que gostaria de me apresentar sua esposa e perguntando se poderia acompanhá-lo. Não me opus e ele ficou de pé, me estendendo a mão, e depois de um momento, indecisa, a aceitei.

— Seu pai estava tão feliz, fiquei muito surpresa no início, mas ele estava tão empolgado e você era tão adorável, que por fim me convenci também. Fomos pra casa e conversamos com seus irmãos, as meninas não se importaram nem um pouco de ganhar mais uma irmãzinha, mas o Dan... — Ela deu uma risada. — Ele ficou uma fera! Ele disse: “Mais uma menina? Só falta ela ser feia e chata!”

— Ele disse isso? — perguntei, rindo.

— Sim, já estava enciumado de perder o posto de filho caçula e ainda por cima para uma menina? Bem, chegou o grande dia, chegamos em casa com você, e daí todos se conheceram. — Ela ficou pensativa. — Lembro que, assim que o Dan te viu, algo nele mudou definitivamente, toda aquela postura agressiva desapareceu, parecia enfeitiçado por você, como se estivesse diante de algo mágico. Eu e seu pai ficamos muito felizes e aliviados que ele tivesse mudado o comportamento, pensamos que ele tinha começado a desenvolver por você o mesmo amor fraterno que tinha pelas outras irmãs, mas... — Ela mordeu os lábios, voltando a ficar tensa. — Parece que estávamos enganados.

Ficamos um momento em silêncio, ambas constrangidas diante do assunto que conversávamos.

— Foi amor à primeira vista — confessei, com a voz trêmula. — Eu olhei pra ele, dentro de seus olhos, e senti algo tão especial e único, algo que com o tempo entendi que era amor. Senti-me tão feliz, ao mesmo tempo fiquei apavorada! Como viveria na mesma casa com alguém que supostamente deveria ser meu irmão, mas que secretamente em meu coração era o meu grande amor? Então

sofri calada, ano após ano, até que, quando decidi finalmente desistir dele e seguir em frente, surpreendentemente se declarou! — Claro que eu não ia contar pra mamãe a história da pegação no banheiro, achei melhor poupá-la dos detalhes. — Foi um dos momentos mais fantásticos de toda a minha vida, por isso sinto muito, mamãe, mas nunca poderei dizer que me sinto arrependida de ter escolhido ficar com ele, posso me arrepender de ter mentido ou enganado, mas nunca de corresponder ao amor do Dan.

Ela me olhava de forma estranha, parecia que ao mesmo tempo em que minha confissão a tinha deixado fascinada, tinha também a entristecido ainda mais. Talvez no fundo ela ainda tivesse alguma esperança de que nos arrependêssemos e voltássemos atrás, mas deve ter percebido que isso nunca aconteceria, nunca voltaríamos a ser a família que ela tinha pensado que éramos. Talvez somente agora ela percebesse que, na verdade, nunca tínhamos sido o que ela tinha planejado, talvez somente agora ela começasse a entender que poderíamos continuar sendo uma família, só que um pouquinho diferente de seu sonho inicial.

Por enquanto, não havia nada mais a ser dito, porém senti que, mesmo ela ainda chocada, e sem conseguir nos perdoar, tínhamos dado o primeiro passo para a compreensão dos motivos que nos fizeram agir daquela forma, seja o papai com sua intransigência, seja eu, seja Dan com nosso amor sem limites.

Segui para a escola, onde encontrei Shanti, e foi com quem, com alívio, abri minha alma, contando tudo o que havia acontecido na noite anterior e naquela manhã.

— Sinto muito pelo que estão passando. Apesar de tudo, acho que foi melhor assim, do jeito que a coisa estava seria apenas uma questão de tempo descobrirem alguma coisa. Continue sendo paciente e apoiando o Dan, ele vai precisar.

— Pode deixar, apesar dos desafios estamos unidos, agora até mais do que antes — garanti, e depois decidi mudar um pouco de assunto. — Como anda seu rolo com o Lance?

— Enrolado! — respondeu, fazendo uma cara engraçada. — Sabe, eu e Lance temos muita coisa em comum, ambos somos alegres, autênticos, gostamos de dizer o que pensamos, doa a quem

doer, e não somos inibidos em demonstrar quando queremos algo ou como queremos — disse, enquanto mexia com a pulseira. — Mas, diferente de mim, ele não gosta de compromisso. — Já ia abrir a boca pra falar, mas Shanti me interrompeu. — Eu sei o que você vai dizer: “Eu te avisei!” Olha, eu entrei nessa com o Lance totalmente ciente de quem ele é. Acho que inclusive isso faz parte do charme dele, sabe que é mulherengo e não esconde isso. Quando nós ficamos pra valer pela primeira vez, deixou bem claro que não era exclusivo de ninguém, então entrei na parada sabendo onde estava me enfiando, e até que é divertido. A gente marca de se encontrar de vez em quando, nossa afinidade é incrível, mas... — fez uma pausa, ficando pensativa.

— Mas... — incentivei que continuasse.

— Mas tem uma hora que cansa, mesmo ele sendo um gato todo-poderoso — completou, resignada. — Acho que vou começar a procurar algo mais permanente, alguém que queira um compromisso e não pareça ter medo de confiar nos outros, alguém mais maduro.

— Você merece esse alguém e tenho certeza de que vai encontrar! — disse a ela, confiante.

— Espero que você esteja certa — ela disse, meio tristonha. — Estava mesmo começando a gostar dele — falou, suspirando.

“Quando o Dan voltar, vou pedir para ele ter uma conversinha séria com o Lance”, pensei.

— Bem, mas isso agora não importa — ela disse, voltando a ficar animada. — Que tal planejarmos o que fazer para nos divertir, até Dan voltar? — Realmente, não era da natureza da Shanti ficar triste durante muito tempo.

Naquele final de tarde, nossa cama nova chegou, e papai e mamãe chegaram do trabalho encontrando na frente de casa o caminhão que descarregava o mais novo símbolo da minha união com o Dan, uma espetacular cama de casal tamanho *king-size plus*.

Eles assistiram a tudo calados, tentando ignorar o esforço que os entregadores faziam ao tentar subir a cama imensa pela escada. Só para descobrir que ela não passava pela porta, tiveram que descê-la de novo pela escada, levaram-na para o lado de fora e a içaram por cabos para que entrasse pela janela, para extremo

constrangimento dos meus pais, pois a vizinhança inteira parou para ver o espetáculo. No dia seguinte, a mais nova fofoca pelo bairro era que os filhos dos Harrison agora viviam de forma pecaminosa e incestuosa.

Pois é, agora não era só dentro de casa que eu sofria discriminação, antes vizinhos que sempre me cumprimentavam e eram simpáticos me viravam a cara ou fingiam não me ver quando passava.

Na escola não foi muito diferente, assim que as pessoas começaram a notar que eu estava usando aliança, me perguntavam do que se tratava, e eu sempre falava a verdade, que tinha casado.

— Com quem? — perguntavam curiosas, depois de me darem os parabéns.

— Com o Daniel.

— Que Daniel?

Quando explicava, todo mundo deixava cair o queixo e ficava mudo. Alguns se afastavam, tentando disfarçar o susto, outros me olhavam com cara de nojo. Mas a notícia se espalhou mais rápido que erva daninha e logo chegou à diretora, que, chocada, resolveu chamar meus pais para saber se os boatos eram verdadeiros, ou se eu não passava de uma mentirosa compulsiva.

Se a situação já estava feia, a coisa se tornou muito pior, ao ficarmos eu, mamãe e papai de frente para a diretora, meus pais obrigados a não só confirmarem todos os boatos, como nos defenderem, explicando não se tratar de incesto, já que não éramos irmãos consanguíneos.

Ao sairmos da diretoria, me virei pro papai, já pronta para agradecê-lo, mas ele me interrompeu, levantando a mão.

— Só fiz o que fiz e disse o que disse para que não fosse expulsa da escola — afirmou, antes de sair. — Mas quero que saiba, nada mudou na minha forma de pensar.

Foi a semana mais infernal da minha vida. Estava morrendo de saudade do Dan; nas poucas vezes que conseguimos nos falar aquela semana, não contei nada, pois não queria atrapalhar sua concentração no trabalho. Tinha medo que, se ele soubesse da verdade, desse uma louca e largasse tudo só para vir me consolar —

eu o conhecia o suficiente para saber que ele era bem capaz de fazer isso.

À noite, como que, para tentar me sentir mais próxima a ele, dormia vestida com sua camiseta favorita, assim podia passar a noite toda sentindo seu cheiro, enquanto molhava meu travesseiro de lágrimas, deitada sozinha naquela cama gigantesca.

Finalmente, no sábado, pela manhã, ele me ligou avisando que chegaria naquela noite, só não podia dizer ao certo a hora, ia depender de quando acabassem as filmagens.

— Só gostaria que me fizesse um favor. — Ele disse de um jeito que já imaginava o largo sorriso que devia estar dando.

— Qual?

— Me espera usando aquele vestido vermelho-escuro que eu adoro.

— Tudo bem, mas por quê? — perguntei curiosa, e o ouvi rir do outro lado.

— Surpresa! — respondeu, bem humorado.

Finalmente voltei a sorrir, só de saber que o Dan estava voltando me sentia mais leve e mais forte para encarar qualquer cara feia.

Passei o restante do dia arrumando nosso quarto, colocando lençóis novos e cheirosos na cama e fazendo as tarefas domésticas estipuladas pela mamãe, mas fiz tudo cantando o tempo todo, feliz.

Quando a noite chegou, me preparei tomando um banho gostoso, arrumando o cabelo, fazendo as unhas, me perfumando e me vestindo como ele tinha pedido. Fiquei um tempão na janela, procurando por qualquer sombra que se parecesse com ele, mas as horas passavam e, para meu desapontamento, ele não aparecia. Por fim, vencida pelo cansaço, pelo sono e pelo tardar da hora, adormeci deitada em nossa cama.

Eu estava sonhando conosco lá em Bora Bora, estávamos na praia, deitados na areia morna, nossos corpos molhados e ele tocando meu braço com suavidade. Seu rosto se aproximava do meu, e nossos lábios se tocavam num beijo perfeito.

“Nossa... esse beijo está tão real!”, pensei, durante o sonho.

Foi então que reparei que lábios de verdade se moviam sobre os meus. Abri os olhos, surpresa, e ouvi uma voz:

— Boa noite, Bela Adormecida! — disse alegre, com o rosto próximo ao meu.

— Você chegou! — disse imensamente feliz, pulando da cama e abraçando-o apertado pelo pescoço.

Nossas bocas se encontraram num beijo cheio de amor, paixão e saudade. Quando finalmente nossos lábios se separaram, olhei pra ele com mais atenção, e meu queixo caiu.

Nada podia ter me preparado para aquela visão, Dan de cabelo curto, estilo militar e usando farda. Farda! Minha nossa, estava gato demais, meu pobre coração quase não aguentou, estava simplesmente maravilhoso com aquela roupa. Ele não era um pedaço de mau caminho, era o mau caminho inteiro. Agora eu sabia, se um dia o Dan desistisse da carreira de ator, ia implorar para ele fazer carreira nas forças armadas, exército, marinha, aeronáutica, não importava, qualquer coisa que o fizesse usar farda!

— E aí, gostou da surpresa? — perguntou, me observando devorá-lo com os olhos.

— Uau! — foi tudo o que consegui dizer, colocando a mão no peito e tentando controlar meu batimento cardíaco exagerado.

— Gravei a última cena com essa roupa e pedi pra ficar com ela mais um pouquinho — disse, um pouco desajeitado, passando a mão pelo paletó. — Sei lá, achei que talvez você fosse gostar de me ver diferente.

— Gostar? Adorei! — disse, passando a mão pelo seu peito, por cima daquela roupa tentadora que combinava perfeitamente com seus ombros largos, depois passei em seus cabelos. — Estão mais curtos.

— Pois é. Eles tiveram que cortar para o personagem, mas daqui a pouco cresce. — disse, como se estivesse se desculpando.

— Está diferente, mas eu gostei assim também.

— Gostou, mesmo? — perguntou passando a mão na nuca, como se estivesse sentindo falta do cabelo que tinha ali.

— Gosto de você de qualquer jeito, mas tenho que confessar hoje você está... — Soltei-o me afastando um pouco, para olhá-lo de

cima a baixo. — Simplesmente... nem tenho palavras!

Ele sorriu meio sem graça, ficando ainda mais lindo.

— Bem, eu fiz isso, pensando em algo diferente para comemorarmos nossa nova fase.

— Nova fase? — perguntei confusa, e ele se aproximou, me abraçando novamente.

— A fase da liberdade — respondeu, enquanto eu sorria. — Quero uma noite especial, quero dançar com minha esposa, sentindo seu corpo coladinho ao meu.

— Eu vou adorar!

— Fiz uma seleção de músicas no meu iPod pensando nesse momento — contou, se afastando e conectando o aparelho nas caixas de som.

Em seguida, virou-se pra mim, e a primeira música começava, enquanto ele me segurava em seus braços, e assim que a reconheci segurei-o fortemente, começando a dançar ao som da linda melodia.

— Perfeito — sussurrei.

\*\*\*

Ela estava tão linda, dançando com suavidade em meus braços, seu cabelo solto caía pelas costas, seus olhos brilhavam amorosos e seu sorriso me deixava completamente sem fôlego. Aproximei meu rosto do dela, colando nossas testas e fechando os olhos, completamente inebriado com seu cheiro inconfundível. Beijamo-nos várias vezes apaixonadamente, enquanto não cansávamos de olhar um pro o outro.

Até que olhei ligeiramente para o lado, onde agora ficava nossa nova *king-size plus*.

— Antes que eu esqueça, tenho que dizer, a cama ficou incrível! — comentei.

— Também gostei, mas devo confessar que era muito espaço só para mim, o tamanho só me fazia ter ainda mais consciência da sua ausência — ela disse, me apertando com força.

— Ah, *Muffin* de baunilha, senti tanta saudade! — murmurei.

— Não mais do que eu! — sussurrou. — Você me fez tanta falta! — disse, me abraçando apertado, e a senti tremer.

— Calma, agora estou aqui — falei, enquanto aflagava suas costas e a música terminava, começando a próxima.

Ela continuava a tremer ligeiramente, grudada em mim bem apertado, seu rosto em meu peito, segurei seu queixo e ergui seu rosto: um mar de lágrimas escorria por sua face, e alguma coisa me dizia que aquelas lágrimas não eram somente de saudade.

— O que aconteceu na minha ausência? — perguntei suavemente, tentando esconder minha preocupação.

— Nada que a gente não possa conversar depois — respondeu, passando a mão no rosto. — Não vou estragar a nossa noite com lamúrias.

Isso era bem típico da Marina, esconder a verdade para tentar me poupar, mas dessa vez não ia funcionar, se tinha acontecido algo que a tivesse feito chorar, como agora, a coisa tinha sido séria. Segurei seu rosto com minhas duas mãos e procurei falar, com toda a calma.

— Você não vai estragar nada me contando a verdade, se não me falar agora, vou passar o resto da noite preocupado, tentando adivinhar, e aí sim a noite vai ser perdida, comigo ruminando sem parar o que pode ter acontecido.

Ela me encarou, parecendo na dúvida sobre o que fazer, segurei sua mão e puxei-a, para que nos sentássemos lado a lado na cama.

— Agora, respira fundo e me conta exatamente o que aconteceu na minha ausência. — Ela suspirou de cabeça baixa, sem coragem de me olhar, e segurei novamente seu rosto e insisti. — Por favor, fale, meu amor. — Então, ela começou a contar:

Eu estava preparado para algo ruim, mas a semana tinha sido muito pior do que supunha. À medida que ela ia contando, minha boca foi se abrindo de espanto, a conversa com a mamãe, o comportamento cretino dos vizinhos, a fofocada na escola, a reunião com a diretora e as palavras finais do papai. Tremi só de pensar na Marina ali, encarando tudo sozinha, mas como sempre me surpreendia, demonstrando uma incrível coragem ao enfrentar tudo.

— Meu amor, por que você não falou o que estava acontecendo?

— Porque eu sabia que, se te contasse, provavelmente, você podia querer se comportar como um cavaleiro de armadura brilhante, montado num cavalo branco, e ia acabar largando tudo para vir me salvar. — Ela passou a mão em meu rosto. — E eu não podia deixar isso acontecer.

Ela realmente me conhecia, pois sem dúvida era o que ia acabar mesmo fazendo. Pensei por um momento, tentando encontrar uma explicação lógica para toda essa reação hostil que vinha de todos os lados, e depois de refletir um pouco encontrei dois pontos em comum, em todos os lugares: preconceito e falta de informação.

Senti uma fúria silenciosa começar a surgir dentro de mim. Que eu fosse atingido por caluniadores, fofoqueiros, por gente ignorante e até pelos meus próprios pais, eu não me importava, porém a Marina passar por tudo aquilo sozinha, atingida diariamente, era completamente diferente. Se era um escândalo que todos temiam, essa noite eu realmente ia dar motivos para falatório.

Peguei a Marina e a empurrei na cama, dizendo:

— Se é guerra o que eles querem, eles vão ter guerra! Hora do *test-drive*! — Deitei-me sobre ela, beijando-a apaixonadamente.

Não sei se tinha sido por causa da farda, da emoção com nosso reencontro, ou uma combinação de ambas as coisas, mas consegui meu objetivo, fazê-la corresponder sem inibições. Eu queria que o papai, a mamãe, os vizinhos, a rua, o bairro, todo mundo tivesse motivos de verdade pra falar da gente a partir dessa noite.

Assim que a Marina começou a gemer mais alto, sussurrei em seu ouvido:

— Hoje vou te fazer cantar ópera em árabe!

## Capítulo 17

Uma música lenta e sensual tocava ao fundo, e eu, Shanti Khan, vivia intensamente aquele momento muito íntimo com Lance.

Estávamos no quarto dele, mais especificamente em sua cama, nos amando da forma mais básica e tradicional possível, só que com ele o comum se tornava divino.

Ele tinha perfeito domínio do seu tempo, era absolutamente concentrado, nunca vi coisa igual. Literalmente ele acabava comigo, no bom sentido, claro.

Mas eu não ficava muito atrás, também tinha meus pequenos truques, então costumava esperar por seus momentos de distração e fazia alguma coisa inesperada; era a ocasião ideal para mostrar a flexibilidade que eu tinha adquirido em quase uma vida inteira como praticante de ioga. Ele sempre ficava tão surpreso quanto empolgado. Além disso, costumava dizer que eu tinha um jeito de tocar que era especial, que eu tinha mãos de fada. Sendo filha de uma professora de massoterapia como minha mãe, ela tinha me ensinado algumas técnicas interessantes, eu não sabia apenas onde tocar, mas como tocar, e pelas reações entusiasmadas do Lance ele tinha aprovado a novidade.

Esperei minha respiração voltar ao normal, rolei o corpo, deitando ao seu lado, de bruços, cruzei os braços e repousei neles o meu rosto, observando-o. O suor brilhava em seu rosto vermelho e no peito, esticou um braço para pegar um cigarro na mesa ao lado, acendeu e deu uma longa tragada, em seguida deitando-se de lado e virando-se pra mim.

Ele sorria levemente, enquanto continuava fumando, uma de suas mãos acariciando levemente o meu ombro.

— Já estava com saudade da gente — ele disse.

Fazia um tempinho que não nos encontrávamos. Na última vez que ele me procurou, bem que tentou me seduzir, mas consegui

escapar no último minuto. Agora fui eu que vim procurá-lo, e dessa vez eu tinha meus motivos.

— Eu também — afirmei, enquanto esticava um braço e tocava seu cabelo escuro.

Com a mão em seu rosto, podia observar o enorme contraste no tom da nossa pele, ele branquíssimo, como flocos de algodão, e eu no meu conhecido tom acobreado, que ele dizia gostar tanto.

— Você é quente como sua pele cor de fogo — ele disse, certa vez.

— Você tem notícias dos “casadinhos”? — perguntou, se referindo a Marina e Daniel.

— Parece que o Dan ligou dizendo que chega hoje à noite — respondi. — Ainda bem, já estava ficando preocupada com a Marina, enfrentando essa barra sozinha.

— A semana foi muito ruim?

— Ruim? Você não faz ideia! — disse, me virando de lado também, me apoiando no cotovelo.

— Me conta! — ele pediu, e comecei a contar a situação na escola, com a diretora e na casa deles.

— Nossa, a coisa ficou feia! Posso até imaginar a reação do Dan quando souber de tudo. Do jeito que ele é superprotetor com a Marina, pode até fazer uma besteira.

— Será? — perguntei, surpresa.

— Não tenho dúvida! — ele respondeu, vigorosamente. — Ninguém ofende a Marina e fica por isso mesmo, experiência própria.

— Você já ofendeu a Marina? — perguntei, curiosa.

— De brincadeira, num jogo bobo de vôlei, e o Dan quase partiu pra cima de mim, exigindo que me desculpasse. — Ele riu, se lembrando da cena. — Você tinha que ver a cara do Dan, todo vermelho e zangado, foi uma piada!

Suspirei ao ouvir aquilo, infelizmente tudo pro Lance era motivo de piada, e isso me fez lembrar o motivo de estar ali.

— Você gostou de eu ter vindo aqui hoje? — perguntei, mudando de assunto.

— Claro, você sabe que sim! — disse, dando um sorriso malicioso e correndo sua mão por minhas costas. — E fiquei surpreso também, você quase nunca me procura.

— Eu sei — disse, melancólica. — Mas, hoje, eu tenho meus motivos.

— Oh, eu sei disso! — comentou, sorrindo e descendo sua mão ainda mais.

— Além desse! — eu disse, sorrindo.

— Eu sei, uma vez só é pouco! — disse já animado, aproximando o corpo do meu e abaixando o rosto para beijar meu ombro.

— Além de mais sexo, é isso o que eu quis dizer! — falei rindo, antes que ele começasse tudo de novo.

— Além disso? — perguntou, surpreso, erguendo o rosto e me encarando com a testa franzida, o que me irritou.

— Por que a surpresa? Será que não posso ter outras coisas na cabeça além de fazer sexo com você?

Pude notar que a mudança no meu tom de voz e minhas palavras o pegaram desprevenido.

— Não foi isso que eu quis dizer! — tentou se corrigir. — Apenas fiquei surpreso porque, quando estamos juntos, a gente pouco conversa, você sabe.

— É eu sei — concordei, ainda irritada. — E é justamente por isso que vim aqui hoje.

— Não entendi — ele disse, confuso. — Você não está curtindo? Sempre pensei que a gente combinasse muito bem.

— Na cama, você quer dizer, não é? — falei, ácida.

— E qual é o problema de a gente se dar bem na cama?

— Nenhum — respondi. — Mas, às vezes, isso não é mais o suficiente, Lance.

— Não estou sendo o suficiente pra você? — perguntou horrorizado, como se aquilo fosse impossível. Fiquei tentada a dizer que sim, no entanto resolvi ser sarcástica.

— Será que tudo para você sempre se resume a apenas isso? Já ouviu falar de companheirismo, amizade, romance? Quando foi a última vez que a gente realmente conversou? Nos encontramos há

um tempão, e você não sabe nada a meu respeito! — Ele me olhava de boca aberta.

— Não é bem assim! — disse, tentando se defender. — Claro que eu conheço algumas coisas sobre você.

— É mesmo, como o quê, por exemplo? — perguntei ironicamente.

— Bem... — Ele parecia nervoso. — Você é indiana, tem uma família grande, muitos irmãos, sua melhor amiga é a Marina e... e... — Virei os olhos quando reparei que ele não sabia mais o que dizer.

— Até o padeiro da esquina da minha casa sabe essas coisas que você falou, Lance!

— Eu sei mais coisas, mas agora não estou lembrando! Se você me perguntar, eu vou saber responder.

— Então, vamos lá! — disse, desafiando-o. — Qual a minha cor favorita?

— Rosa? — respondeu perguntando.

— Azul. Qual o meu sanduíche favorito?

— *Cheesebacon*?

— Não! — falei, fazendo uma careta. — Sanduíche de *tofu*. Sou vegetariana! Qual é o meu *hobby* favorito?

— Além desse que a gente acabou de fazer? — ele disse, tentando fazer piada.

— Lance! — reclamei irritada.

— Tá certo, tá certo! Deixa-me ver — disse, coçando a cabeça. — Ouvir música?

— Não, fazer compras! Ai, desisto! — Voltei a deitar de bruços e enfiei minha cabeça nos meus braços dobrados, e ficamos por um momento em silêncio.

— Eu sei uma coisa sobre você — ele disse.

— O quê? — perguntei, sem levantar a cabeça.

Na mesma hora ele se deitou por cima de mim, grudando o peito nas minhas costas e empurrando o seu quadril de encontro ao meu. Ele aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou:

— Sei que gosta do que te faço sentir — disse, sugestivo. — Sei que gosta de mim.

Fechei os olhos, sentindo o meu corpo traidor estremecer, automaticamente reagindo ao corpo dele e às suas palavras, porém dessa vez não ia me deixar levar, por mais que fosse delicioso o que meu corpo pedia, ia ser mais forte e revelar o motivo principal de estar ali.

Bandido! Ele já estava beijando minha nuca, me fazendo arrepiar inteira. Infelizmente, naquele ponto, tinha que concordar com o Lance, ele realmente sabia o que fazia.

— Lance, por favor, para — eu disse, séria.

— Tem certeza? — perguntou, surpreso.

— Tenho — respondi com minhas últimas forças, e logo em seguida o senti saindo de cima de mim.

Eu admirava muito isso no Lance, ele nunca obrigava ou forçava ninguém a nada, sempre respeitava os limites e as vontades.

Sentei na cama de frente pra ele, enquanto continuava deitado de lado, me olhando cheio de dúvidas. Dei um suspiro antes de começar.

— Olha, presta atenção no que vou dizer porque não vou repetir — avisei, respirei fundo e soltei. — Hoje foi a última vez que a gente ficou junto dessa forma. Adoro quando estamos assim, mas pra mim isso não é mais o suficiente. Não estou culpando você e, por favor, não é uma cobrança, você deixou bem claro como seria a nossa relação se eu topasse ficar com você, entrei nessa de olhos abertos desde o início. — Molhei os lábios antes de continuar. — Só que agora preciso de algo diferente, algo que me complete em todos os sentidos, quero um relacionamento de verdade, e sei que isso você não pode me dar.

Olhava seu rosto, observando sua expressão mudar à medida que eu falava, parecendo finalmente entender o meu ponto de vista. Os olhos dele pareceram se entristecer ligeiramente.

— Desculpa — foi tudo o que ele disse, me decepcionando profundamente.

Na minha cabeça fantasiosa, eu tinha a frágil esperança de que, ao ouvir minhas palavras, ele fosse se declarar, me propondo alguma coisa mais sólida, mas para meu desapontamento ele agiu como eu sabia que ele era, de acordo com sua personalidade.

— Tudo bem, não precisa se desculpar — falei, engolindo a mágoa. — Sempre soube que o nosso relacionamento era só esse, não é mesmo? — disse, sorrindo cinicamente.

— Você sabe que eu gosto de você — afirmou.

— Eu sei, também gosto de você. — Sorri triste, pois nunca revelaria o quanto gostava dele. — Eu sei que, do seu jeito, você gosta de mim, mas isso não é mais o suficiente, agora o que eu preciso é de um... um... namorado — consegui finalmente dizer.

— Eu não namoro — ele declarou calmamente.

— Eu sei — eu disse, tranquila. — Mas quero que você saiba que um relacionamento tão superficial como o que você me oferece não é mais o bastante pra mim.

— Desculpa — ele repetiu, constrangido.

— Por favor, pare de se desculpar, só está tornando tudo isso pior.

— Está bem — ele disse, conformado.

— Sabe, você nunca me disse por que não namora ou por que não quer namorar, e eu tenho certeza de que, se te perguntasse provavelmente, você diria que não foi feito pra isso ou que essa não é sua praia. Mas, quer saber de uma coisa, Lance Brown? Acho que você age assim porque já amou muito alguém no passado, alguém que talvez o tenha magoado tanto que te fez se fechar completamente.

Ele estreitou os olhos, ficando muito sério, deitou-se de barriga pra cima e ficou olhando o teto.

— Eu realmente espero que um dia você conheça alguém, que te faça ter coragem de sair dessa carapaça fria e superficial que criou em torno de você, alguém que te faça ter coragem de voltar a se arriscar, alguém que te faça sentir a emoção de estar completamente apaixonado, que te faça ficar ansioso imaginando quando irão voltar a se encontrar, alguém que te faça ficar nervoso só de pensar no primeiro beijo, que te faça andar na rua assoviando uma música tola e romântica, alguém que seja a primeira coisa que você pensa ao abrir os olhos e seja a última a lembrar antes de dormir — declarei, com firmeza.

Ele não voltou a olhar pra mim, continuando a fitar o teto, porém vi que ele engoliu em seco. Diante disso, um verso de Safo atravessou minha mente:

*"Se em ti habitasse o desejo  
por coisas nobres e belas,  
e tua língua se não embrulhasse no mal,  
já a vergonha não cobriria teus olhos  
e límpido falarias sobre os teus sentimentos."*

Palavras seculares, que se aplicavam perfeitamente à ocasião. O tempo passa, mas a alma humana permanecia a mesma. Ou melhor, a covardia e estupidez masculinas. Suspirei resignada.

— Bem, agora acho que vou tomar um banho antes de ir embora — disse serenamente, então me levantei e fui para o banheiro da suíte.

— Shanti! — ouvi-o me chamar quando estava na porta, e meu coração deu um salto e me virei.

Ele se levantou, aproximando-se de mim, deixando o rosto bem próximo ao meu.

— Você não quer fazer uma última despedida lá no chuveiro?

Por um segundo, pensei novamente que ele fosse dizer algo tão diferente! Sou uma idiota, será que não aprendo nunca? O Lance continuava a ser o Lance. Olhei para aqueles olhos claros, sentindo o cheiro do seu hálito tão próximo ao meu, o calor do seu corpo quente que oferecia tão facilmente um mundo de prazeres inimagináveis. Mas quem disse que eu gostava de coisas fáceis? Bem, que eu gostava, gostava, mas ele nunca saberia disso. Então, reunindo todas as minhas forças, respondi:

— Agora realmente acabou, meu querido — falei, dando um beijo leve em sua bochecha. — Você sempre terá um lugar especial no meu coração, foi bom enquanto durou.

E, sem esperar para ver sua reação, corri para o banheiro e fechei a porta rapidamente, me virando e encostando nela, enquanto sentia as lágrimas começarem a escorrer.

Entrei no chuveiro e enfiei a cabeça na água quente, com o orgulho inteiro, mas com um coração partido.

## Capítulo 18

**A**quela tarde, Lance me ligou e marcamos de nos encontrar na minha lanchonete favorita, para colocar o papo em dia.

Assim que entrei, vi que ele já tinha chegado, estava sentado numa mesa no canto, bebendo alguma coisa.

Aproximei-me, sentando na sua frente, e ele ergueu o rosto e nos cumprimentamos, batendo os punhos fechados.

— E aí, como vai o homem mais bem casado de Londres? — perguntou, rindo.

— Se melhorar, estraga! — respondi, enquanto chamava o garçom. Pedi o mesmo que ele bebia.

— Soube que a semana foi complicada pra Marina — ele disse.

— Sim, muito difícil — respondi, tenso. — A Marina no início não queria me contar, mas insisti e ela soltou tudo. Nunca fiquei com tanta raiva na vida!

— Eu sabia! — ele disse, risonho. — Assim que eu soube o que aconteceu, imaginei que essa seria sua reação.

— Pois é, você me conhece, se mexem com a Marina, mexem comigo. — O garçom voltou com meu pedido e tomei um gole. — Mas já iniciei minha pequena vingança — revelou, rindo.

— Uh, então conta aqui pro seu amigo — pediu, batendo no próprio peito. Eu ri, tomei mais um gole e contei superficialmente sobre a noite passada, mesmo assim fazendo um bom panorama da situação.

— Eu daria tudo pra ter sido uma mosquinha no quarto dos seus pais a noite passada, diante dessa opereta! — ele disse, começando a cantar *O Sole Mio*, mas de uma forma que mais lembrava gemidos que canto lírico.

— Menos, Lance! Tem gente olhando — falei, apontando discretamente um casal que estava sentado a uma mesa do outro lado e nos olhava, espantado.

Ele olhou na direção que eu mostrei e sacudiu os ombros, como se não estivesse nem aí. Virei os olhos, esse era o Lance!

— E agora, qual o próximo passo?

— Bem, já decidi que por enquanto só vou me concentrar na Marina e no trabalho. — Bebi mais um gole. — Quero muito fazer dinheiro e rápido!

— Por quê? — perguntou, curioso.

— Não quero que fiquemos indefinidamente morando com nossos pais, além de o clima ser pesadíssimo, não temos liberdade, entende? A Marina ainda fica meio constrangida de, por exemplo, me beijar na frente deles ou fazer algum outro carinho. Tipo: ontem à noite, estávamos vendo um filme na TV da sala, sentados juntinhos no sofá, mas até parece que vou ficar duas horas e meia do lado da Marina sem tocá-la.

— Isso está ficando bom, continua — disse Lance, empolgado.

— Bem, comecei a beijar seu pescoço e ela começou a me mandar parar, mas ouvir a Marina falar com a voz rouquinha e com aquele jeito envergonhado me deixou ainda mais empolgado. Resumindo, mamãe entrou na sala e me pegou agarrando a Marina.

— Que situação! — disse, com ênfase.

— Cara, foi muito frustrante! — falei, chateado. — A Marina e a mamãe ficaram completamente constrangidas, e eu tive que colocar a viola no saco, porque depois dessa ela não quis mais nada comigo o resto da noite.

— Que saco!

— Nem me fale! Se estivéssemos na nossa própria casa, a gente não precisaria passar por isso. — Dei mais um gole antes de continuar. — Por isso vou trabalhar pra burro, economizar uma grana e arrumar um lugar legal pra gente.

— Te dou o maior apoio, já está na hora mesmo de vocês terem mais privacidade.

— Com certeza! Já estou com 20 anos, mais do que na hora de sair da casa de papai e mamãe.

Depois dessas palavras, ficamos um tempo em silêncio, terminando nossas bebidas antes de pedirmos outra rodada.

— Chega de falar de mim, agora me fala de você, quais são as novidades?

— Estou ensaiando uma peça nova, aquela que te falei, deve estrear daqui a um mês — ele disse, animado.

— Legal! Não se esquece de me mandar os convites.

— Claro, lugar reservado na primeira fila! — ele disse, rindo.

— E... er... — pigarreei antes de continuar. — Como vão você e a Shanti? — Reparei que ele fechou a cara.

— Não vamos — respondeu, depois de ficar um momento calado, olhando pra garrafa em sua mão.

— Como assim? Pensei que vocês estavam se curtindo.

— A gente estava se curtindo, até outro dia. Mas ela nos fez o favor de encerrar tudo — falou, bem sério.

— E o que você achou da atitude dela? — Ele sacudiu os ombros e não respondeu nada, olhei seu rosto, que continuava vazio, mas o conhecia o suficiente para saber que, por trás dessa aparência fria e do pouco caso, alguma coisa borbulhava em seu íntimo. Como eu sabia? Ele não parava de estalar os dedos das mãos, e só fazia isso quando estava nervoso, triste ou zangado, e naquele momento acho que estava um pouco de cada.

Respirei fundo, tentando encontrar uma maneira de tocar no assunto sem deixá-lo precavido.

— A Shanti é uma garota legal — falei por fim, e ele só concordou com a cabeça. — É bonita e inteligente também. — Dessa vez, ele voltou a olhar para o meu rosto.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou, acendendo um cigarro.

Suspirei e soltei a bomba.

— Ela não é a Micaela, Lance.

— Ah, estava demorando! — ele disse, batendo irritado como o copo na mesa. — Lá vem você com esse papo!

— Cara, sou seu amigo, mas tenho que te falar algumas coisas — disse, firme. — Você não pode continuar espantando todas as garotas legais da sua vida só porque uma vadia cruzou o seu caminho.

— Caramba, Dan! Não começa com isso, tá? — ele disse, irritado. — Você sabe que esse papo sempre acaba mal!

— Não precisa acabar mal — falei, calmo. — Olha, o que a Shanti falou pra querer terminar contigo? — Ele soltou um grunhido antes de responder.

— Ela disse que gostava da nossa relação, mas que o que eu lhe oferecia não era mais o suficiente pra ela. Ela disse que quer um... namorado! — disse essa última palavra como se fosse um palavrão, e tive que engolir o riso.

— E você não quis se candidatar ao cargo?

— Fala sério, Dan! Lance Brown namorando?

— Sim, Lance Brown namorando! Por que não?

— Porque... porque... ah, porque namoro e eu não combinamos! — Ele terminou sua bebida e cruzou os braços sobre a mesa. — Acho que nem sei como se faz isso, esse negócio de ter que dar satisfações pra outra pessoa, ligar pra dizer aonde vou, com quem estou, porque isso, porque aquilo, lembrar data de aniversário de qualquer coisa, almoçar com a família dela aos domingos e, pra piorar, ter que ser fiel!

— Você faz parecer que tudo é um sacrifício horrível, e a coisa não é bem assim.

— Ah, não? Então tá, “casadinho”! Me conta, o que tem de tão bom ser exclusivo de uma garota? — sorri, antes de continuar.

— Pra começar, quando você escolhe alguém pra ser sua namorada, ou no meu caso, esposa, você não escolhe qualquer garota, você escolhe “a garota”, entendeu?

— “A garota”? — perguntou, desconfiado.

— Você vai escolher uma garota que te faça esquecer todas as outras, alguém que te completa, alguém com quem você tenha prazer de estar e não só na cama, mas em todos os sentidos, alguém com quem seja legal conversar, alguém que tenha um senso de humor que te agrada, alguém que te liga ou pede pra você ligar, não porque quer te controlar, mas porque se preocupa com seu bem-estar ou porque simplesmente está com saudade. — Tomei mais um gole, para molhar os lábios. — Sabe, quando você está com alguém que gosta e a outra pessoa realmente corresponde ao seu

sentimento, não pode haver nada mais prazeroso que estar com ela, e aquilo que antes era visto como “sacrifício” se torna algo natural e bem-vindo.

— Tá, na teoria parece tudo lindo, um verdadeiro conto de fadas, só deixa eu te lembrar que, às vezes, nessa história pra boi dormir, aparece uma bruxa má, vestida de princesa, que te promete o paraíso com um beijo e no momento seguinte te enfia uma faca no coração, quando você a flagra te traindo com seu irmão! — disse, furioso.

— Lance, como eu já disse, nem todas são iguais à Micaela, e algo me diz que especialmente a Shanti é bem diferente dela.

— Nunca se sabe, cara! — ele disse, amargo.

— Dá um tempo, Lance! Até quando você vai descontar em todas as mulheres do mundo o que a Micaela fez? Será que você não percebeu ainda que quem vai sair perdendo, mais do que todos nessa história, é você mesmo? — falei firme, encarando o Lance.

Ele fitou o teto pensativo, evitando me olhar cara a cara.

— E você acha que a Shanti poderia ser “a garota” pra mim? — perguntou baixinho, ao baixar os olhos.

— Isso eu não posso afirmar por você — respondi, mais tranquilo. — Mas eu conheço a Marina muito bem e sei que ela nunca teria como amiga alguém tão fútil, superficial e mesquinha como a Micaela. — Olhei pro Lance, que parecia triste, brincando distraído com a tampa de uma garrafa, e continuei falando:

— Marina e Shanti são muito unidas, e a Shanti foi incrível durante todo esse tempo que estamos juntos, sempre demonstrando uma amizade e preocupação sinceras conosco, além de ser inteligente e sensível. Resumindo, não sei se ela é “a sua garota”, mas com certeza é uma garota diferente e especial, e eu tenho certeza, não vai demorar muito pra encontrar alguém que a valorize e queira ficar com ela pra valer.

— Você acha isso mesmo? — Ele levantou os olhos pra mim. — Que ela vai arrumar outro logo?

Ao ver seu olhar ansioso, percebi que finalmente tinha encontrado uma fresta na armadura do Lance. Pensar na Shanti com outro o tinha deixado preocupado, e isso era um bom sinal.

— Claro que sim! — afirmei, sem titubear. — A garota é engraçada, esperta e uma gata, uma combinação fatal para qualquer marmanjo, não acha?

— Sem falar que é tão gostosa! — disse, num sorriso malicioso. — Você falando dela assim já fiquei até com saud... — Quando ele percebeu que ia falar aquela palavra, parou a frase e mordeu a boca, constrangido.

— Espera aí, você ia dizer a palavra que estou pensando? — não resisti a mexer com ele.

— Cala a boca, Dan! — ele disse, muito vermelho.

— Vamos, "Todo-poderoso", seja homem e diga que sente falta da gata! — Lance mordia o lábio, nervoso. — Caramba, diga logo! — falei, batendo com a mão na mesa.

— Droga! Sinto saudade da Shanti! — disse, irritado. — Pronto, satisfeito?

— Vivi para ver o dia que Lance Brown confessou que sente falta de uma garota, agora posso morrer em paz! — falei, colocando teatralmente a mão no peito.

— Muito engraçado, Dan! — ele disse, muito vermelho.

— Calma, meu chapa! Só estou zoando contigo um pouquinho — falei, rindo da cena toda.

— Sinto saudade daquela indiana maluca, mas ainda não tenho certeza se ela é "a garota" — avisou.

— Você também não precisa decidir isso agora — falei, calmo. — Faz uma coisa, vai pra casa, pense em tudo o que conversamos e pergunte a si mesmo o que sente por ela. Só quero te dizer mais uma coisa, se relacionar e se comprometer com alguém é correr riscos, estará exposto, e eu sei que é isso que você mais teme, se sentir vulnerável. Mas tenha em mente que, se você não se arriscar de vez em quando, pode deixar passar um grande amor, por medo e insegurança, e aí, quando se der conta, pode ser tarde demais.

— De onde você tirou toda essa filosofia de boteco, Harrison? — perguntou, irônico.

— Desde quando quase perdi o amor da minha vida, por ter medo de não ser correspondido — disse com sinceridade, para

espanto do Lance. — Se tem uma coisa que me arrependo todos os dias foi de não ter me declarado mais cedo pra Marina.

— E é bom mesmo estar casado? — perguntou, cheio de curiosidade.

— Muito bom, não tem coisa melhor do que dormir e acordar ao lado da sua mulher. Liberdade na vida é ter um amor para se prender.

— Cara, a Marina te colocou a coleira mesmo, hein? — Agora, era ele que zoava.

— Babaca!

\*\*\*

Despedi-me do Dan naquele final de tarde e resolvi ir andando pra casa. Decidi pegar o caminho mais comprido, que me fazia entrar num lindo parque. Estava mesmo precisando espairecer um pouco, para digerir a última conversa.

O vento soprava frio, era outono, as folhas das árvores estavam amarelas ou avermelhadas, aquela era minha estação favorita do ano, ficava tudo tão bonito. Resolvi sentar num banco do parque, o vento arrepiava meu cabelo, liguei meu iPod, coloquei os fones e fiquei ali, sentado, admirando a paisagem, ouvindo música e refletindo.

Há muito tempo não pensava na Micaela, meu primeiro grande amor, mas o Dan tinha trazido o assunto à tona, expondo as cicatrizes. Pensar nela não doía mais como antigamente, quando as feridas estavam abertas, agora tudo o que sentia era uma coceira, quando como um machucado que está cicatrizando.

Alta, loira, olhos azuis, corpo tipo manequim e um sorriso sensual. Ela foi minha perdição, fiquei completamente apaixonado. Fiz tudo como mandava o figurino, mandei flores, comprei caixas de chocolate, dei ursinhos de presentes com cartões melosos, gastei minha mesada de um mês numa semana, só para comprar um vestido que ela tinha adorado. E tudo pra quê? Só pra, num belo dia de primavera, chegar em casa mais cedo da escola, passar pelo

quarto do meu irmão mais velho, ouvir sons suspeitos e ao, me aproximar da porta, escutar uma voz de mulher muito familiar.

Nunca vou me esquecer daquela cena, abri a porta e vi a Micaela deitada com meu irmão. Enquanto eu, otário, de pé, coçava a galhada que saía da minha cabeça.

Lembro o olhar surpreso que a Micaela me deu ao me ver ali, o Samuel se levantar envergonhado, tentando se desculpar, o soco que dei nele, o sangue espirrando através do nariz quebrado.

— Vagabunda! — gritei pra ela. — Suma daqui!

E assim ela saiu da minha vida, me deixando em pedaços. Prometi a mim mesmo nunca mais namorar com ninguém, nunca mais me prender a ninguém. Tinha sido usado, agora quem ia usar seria eu. Mas nunca iludia uma garota, prometendo fidelidade ou dando falsas esperanças, sempre fui muito claro. Quer ficar comigo? Ótimo, mas dentro dos meus termos.

Depois disso, nunca mais apareceu ninguém que mexesse comigo ou com meus sentimentos, todas eram iguais, feitas pra curtir e nada mais. Bem, isso até aparecer uma indiana baixinha, levada da breca, inteligente, engraçada, atrevida e gata. Suspirei ao me lembrar do sorriso grande que ela dava quando estávamos juntos, com os dentes mais brancos e mais bonitos que já vi, dignos de comercial de creme dental.

Desde o início, tínhamos tido uma afinidade imensa, tanto na personalidade quanto em gostos pessoais, ríamos juntos das mesmas piadas bobas, gostávamos de chocar as pessoas, éramos curiosos com relação a tudo e a todos. E, na intimidade, não podia ter encontrado parceira mais compatível, não era qualquer garota que acompanhava o meu pique, na verdade a maioria não conseguia e eu era obrigado a diminuir o ritmo. Não a Shanti. Poucas conseguiam me surpreender, mas ela tinha feito essa façanha logo na primeira noite, demonstrando fôlego de campeã.

Ela não só acompanhou o meu pique como demonstrou ser uma parceira criativa e exigente. A única garota que tinha tido essa sintonia comigo tinha sido a Micaela, e agora, inesperadamente, o destino tinha me trazido a Shanti.

Mas as similaridades paravam por aí, diferente da Micaela, Shanti era independente, dona do próprio nariz, nunca se fazia de coitadinha para conseguir as coisas que queria ou dava uma de vítima para que ficassem com pena dela. Era completamente autossuficiente, até nisso a gente combinava; como eu, não dava satisfações a ninguém. Porém, diferente de mim, tinha mais bom senso, mais equilíbrio, prova disso foi a maneira como tinha terminado comigo, ao mesmo tempo doce e determinada.

Confesso que, ao ouvir a sua explicação dos motivos de terminar nossa relação, fiquei balançado, pude ver o quanto foi difícil pra ela dizer tudo aquilo e, ao ver seus olhos suplicantes, esperando alguma iniciativa da minha parte, amarelei completamente, agindo da única maneira que sabia, me desculpando.

Claro que percebi sua decepção, mas estava assustado demais para agir diferente, e ela me surpreendeu ainda mais ao demonstrar uma sensibilidade incomum, sugerindo que talvez eu agisse assim por causa do meu passado. Fiquei sem fala depois dessa.

Então, qual foi a próxima babaquice que eu fiz? Em vez de chegar nela e pedir mais uma chance, a convidei para tomarmos banho juntos. Cara, eu sou um idiota! Mas o que eu posso fazer, sou péssimo nesse negócio de discutir a relação, na verdade, quando fiz o convite pra ela, o que eu estava querendo dizer era: "Shanti, por favor, não vai embora, fica mais um pouco que a gente pode resolver isso."

É claro que ela não entendeu a mensagem, ninguém entenderia. Certo? E ela se despediu de mim com toda a dignidade, beijando-me castamente no rosto. No rosto!

— Porcaria! — falei, em voz alta.

Eu ainda me pelava de medo, só de pensar na possibilidade de propor namoro pra alguém, mesmo sendo alguém tão legal quanto ela. Será que o Dan estava certo, ao dizer que vale a pena correr o risco de se machucar, para estar com alguém de quem a gente realmente gosta? Será que a Shanti era essa pessoa?

Eu via o Dan passar o diabo para ficar com a Marina, mesmo assim ele fazia tudo sem vacilar, assumindo cada risco e encarando

todas as pedras do caminho, só pra ter a satisfação de estar com “a garota”, como ele dizia. Será que a Shanti era “a garota” pra mim?

Olhei para o céu nublado e carregado de nuvens, como se buscasse uma resposta, um sinal divino para as minhas indagações, até que ouvi o celular tocando.

Olhei pro visor do celular e meu queixo caiu – era a Shanti!

— Puxa, vocês aí de cima foram rápidos, hein? — falei, olhando pro céu.

Atendi com o coração batendo rápido no peito.

— Alô?

— Oi, Lance! Sou eu, Shanti — Como se eu já não soubesse. — Está ocupado? — Ela parecia meio sem graça.

— Não, pode falar.

— Certo, é coisa rápida. — Ela fez uma pausa. — No próximo sábado, vou dar uma festa de Halloween, e estou convidando todos os amigos. — Amigos? Aquilo me incomodou, muito.

— Tá, legal! Onde vai ser? — perguntei.

— Anota aí o endereço — Ela disse, e eu guardei de cabeça, já conhecia o lugar.

— Você vai convidar a Marina e o Dan? — perguntei.

— Claro, a Marina já está sabendo e vai falar com Dan. — Ficamos um momento num silêncio meio constrangedor. — Bem, acho que é só.

Fala alguma coisa, seu demente! — falei comigo mesmo, mas sem conseguir abrir a boca.

— Ah, Lance! Antes que eu esqueça, você pode levar uma acompanhante, tá?

— Acompanhante? — perguntei, confuso.

— É, se quiser pode levar uma garota, não precisa ficar sem graça, *OK*? Afinal, agora somos amigos, não é mesmo? — Eu não soube o que responder, odiei aquela parada de amigos.

— *OK* — foi tudo o que consegui dizer.

— Então, até lá! E vê se não esquece a fantasia, afinal é festa de Halloween! Beijo! — E desligou.

— Estou ferrado!



## Capítulo 19

— **P**or que não? — ele insistia.

— Porque dessa vez nós fomos longe demais! — respondi. — Apesar dos pesares, quero conviver bem com nossos pais, não precisamos fazer uma exibição pública diária da nossa vida íntima só porque eles não aceitam a nossa relação. Por favor, Dan, tente entender!

Ele estava bufando. Eu sabia que todo aquele clima de estresse dentro de casa mexia muito com ele, sabia que a constante indiferença do papai o magoava, mais do que revelava. Ele estava revoltado e estava extravasando isso da pior maneira, querendo constantemente chocar nossos pais com a exposição de nossas demonstrações amorosas. No início eu tinha até concordado, parecia realmente engraçado, mas o que aconteceu a noite passada e voltou a se repetir, agora há pouco, na sala, me tirou do sério. Eu não ia mais aceitar todas as ideias malucas dele, tinha que impor alguns limites, se quiséssemos continuar vivendo com um mínimo de harmonia.

— Você está com vergonha da gente? — Ele parecia muito aborrecido.

— Você sabe que não! — respondi, firme. — Mas também não precisamos nos expor dessa forma!

— Certo, mas agora estamos no nosso quarto, não é mesmo? — rebateu.

— Sim, mas eu não sou um brinquedo eletrônico, com tecla “liga e desliga”. Estou aborrecida, tenho todo o direito de estar assim, e enquanto eu me sentir dessa forma não rola o menor clima.

— Marina, isso é ridículo! — ele disse, virando os olhos e erguendo os braços. — Você está deixando que os problemas “deles” — e apontou para o quarto dos nossos pais — interfiram nos da gente! Só porque fomos flagrados fazendo o que qualquer casal apaixonado faz!

— Acontece que não somos qualquer casal, nossa situação é diferente nessa casa, Dan! — falei, nervosa. — Às vezes, me pergunto o que realmente anda motivando você quando nos amamos, sabia?

— O quê? — gritou, e em seguida fechou os olhos, colocou as mãos na cintura e disse, baixo: — O que você quer dizer com isso? — Mordi os lábios, sem saber se devia responder. — Diga! — insistiu com a voz fria, ainda de olhos fechados.

— Desde ontem, ando me perguntando se o que atualmente te motiva é o seu amor por mim ou apenas desejo de vingança e revolta.

Ele abriu os olhos e deparei com dois lagos gelados que me fitavam.

— Se você tem dúvidas com relação a isso, então não temos mais nada para conversar. — Pegou a carteira em cima da mesa e saiu batendo a porta com força.

Fiquei ali, chocada e trêmula, minhas pernas falharam, e caí sentada na cama. Aquela foi a primeira vez que discutimos desde que nos casamos, e pelo motivo mais idiota possível. Mas eu não podia continuar alimentando aquele comportamento dele, estava magoando desnecessariamente nossos pais e indiretamente a mim também.

Fui até a janela e o vi andando na rua, se afastando de casa e passando a mão nervosamente pelos cabelos. Tinha vontade de descer e chamá-lo de volta, porém não tinha forças, estava completamente sem ação, ainda chocada. Talvez fosse melhor assim, talvez precisássemos desse tempo para colocar as emoções sob controle.

Joguei-me na cama e extravasei toda a minha angústia da única maneira que sabia: abracei meu travesseiro e chorei copiosamente, até cair no sono.

Já devia ser bem tarde quando ouvi um barulho no quarto, como se alguém tivesse tropeçado e deixado alguma coisa cair. Fiquei completamente imóvel e tentei manter minha respiração o mais estável possível. Ouvi o som de roupas jogadas no chão, em seguida senti o peso de seu corpo no colchão ao deitar-se ao meu

lado, junto com um cheiro muito peculiar de bebida, que chegou até as minhas narinas. Permaneci imóvel, prestando atenção a seus movimentos, e depois de certo tempo senti que ele estava quieto e sua respiração regular. Fiquei aliviada ao perceber que finalmente tinha adormecido.

Resolvi então me mexer, estava ficando dura de permanecer tanto tempo numa mesma posição. Abri os olhos, virando o corpo, ficando de barriga pra cima e esticando as pernas. Quase gritei de susto quando senti o Dan me segurando pelos ombros com força, jogando o corpo por cima do meu e me prendendo ali.

— Como você ousa duvidar dos meus sentimentos por você? — disse, com a boca colada na minha, e pude sentir o cheiro de bebida no seu hálito. — Como você ousa duvidar de nós?

Ele estava visivelmente transtornado, mesmo na penumbra do quarto pude ver o brilho intenso e perigoso em seu olhar. Seu corpo estava anormalmente quente, como se estivesse com febre. Também senti suas pernas nuas encostadas nas minhas; ele estava completamente despido.

— Será que você ainda não sabe que nada mais importa? Só você? Será que ainda não sabe que você é o ar que respiro? Você é minha razão de existir, o motivo por que acordo, levanto e encaro qualquer um e qualquer coisa em nosso caminho. Será que ainda não sabe que sou viciado em você? — Ele segurou meu rosto em suas mãos. — Sou completamente viciado no seu cheiro... — disse, passando o nariz pelo meu rosto e parando no meu pescoço. — Na sua pele... — disse, enquanto descia uma mão lentamente pelo meu braço e parava na minha cintura. — No seu corpo... — disse, pressionando o quadril no meu. — Nessa boca que me enlouquece! — E desceu os lábios famintos nos meus.

Meu coração batia tão rápido que parecia que a qualquer momento ia saltar pela boca. Ainda estava em choque pelo ataque inesperado e apaixonado dele. A boca dele movia-se sem trégua sobre a minha, forçando-a a se abrir, invadindo-a sem piedade com a língua. Suas mãos desciam e subiam pelas laterais do meu corpo, desesperada e obsessivamente.

— Estou tendo uma crise de abstinência, Marina! — disse apressado, ao soltar minha boca por um momento, com a respiração completamente irregular. — Sou viciado em você! Será que ainda não entendeu que preciso de doses diárias e constantes de você para não enlouquecer? Me beija! Deixa eu matar minha sede na sua saliva, deixa eu matar minha fome no seu corpo! Eu te amo!

Não podia nem queria mais resistir a ele. Abri meus lábios e meu coração para recebê-lo, correspondendo com a mesma intensidade.

Não foi nada gentil a forma como ele arrancou minha camisola, não foi nada gentil a forma como me acariciava, parecia dominado por um instinto primitivo e selvagem, demonstrava uma necessidade de mim que estava além da compreensão. Entreguei-me a ele completamente assombrada com o nível das suas emoções.

Ele parecia estar em todo lugar, ao mesmo tempo, em alta velocidade, subindo e descendo pelo meu corpo, beijando, cheirando, mordendo, completamente afoito. Podia jurar que o ouvi até rosnar baixinho.

Ele me segurou forte pelos braços, como se temesse que eu fosse fugir – até parece que conseguiria ou queria, senti seus dedos afundando na minha pele. Abri os olhos e vi seu rosto: parecia estar numa espécie de transe, os olhos fixos, a boca ligeiramente entreaberta, olhando pra mim como se eu fosse uma aparição, como se ainda não acreditasse que era eu ali com ele.

— Você não faz ideia de como preciso de você — disse, de forma desesperada, e então me entreguei a ele, recebendo-o em meu corpo, como uma bainha a sua espada.

Acordei assustado, tateando pela Marina ao meu lado, não encontrando ninguém. Sentei na cama nervoso e ainda tonto de sono.

Eu me lembrava de cada detalhe da noite passada e me sentia péssimo; estava envergonhado e arrependido. Eu tinha atacado a Marina de um jeito que nunca imaginei que faria, o desejo tinha me consumido por completo. Eu precisava conversar com ela, me desculpar, tentar explicar o inexplicável. Está certo que a bebida

contribuiu e muito para meu comportamento alterado, mesmo assim sabia que tinha extrapolado.

Levantei e vesti a primeira calça que encontrei. Já pensava em sair e procurá-la quando a porta do quarto se abriu e ela entrou. Pela surpresa estampada em seus olhos, percebi que não esperava me ver ali, acordado àquela hora. Olhávamos um pro outro, ambos constrangidos, sem saber o que dizer para quebrar aquele clima estranho. Até que ela deu um passo na minha direção, abrindo a boca, sem nada dizer. Estiquei o braço, estendi minha mão, que ela segurou insegura, mas quando nossos dedos se tocaram a mágica aconteceu.

Jogamo-nos um nos braços do outro, chorando juntos ao mesmo tempo. Nossos corpos se sacudiam com a intensidade do nosso pranto, lavando toda a mágoa e ressentimento que estivessem guardados.

— Desculpa! — consegui dizer entre soluços, sentindo sua cabeça no meu peito. — Eu não podia ter feito isso!

— Desculpa! — ela dizia ao mesmo tempo que eu. — Eu nunca devia ter duvidado dos seus sentimentos!

Ficamos assim, nos desculpando e chorando um bom tempo, até que nos afastamos um pouco, olhando no rosto um do outro, e rimos de alívio entre as lágrimas. Passei os dedos carinhosamente por sua face, enxugando as lágrimas que tinham acabado de escorrer.

— A partir de hoje, prometo ser mais cuidadoso, prometo ter mais autocontrole, prometo respeitar mais nossos pais e principalmente você, que é a coisa mais importante da minha vida — falei, com sinceridade. — Você me perdoa?

Ela ergueu os olhos pra mim, numa mistura de assombro, carinho e ternura.

— Como posso não perdoar? — sussurrou. — Você é e sempre será meu amor, meu único e verdadeiro amor. E também prometo ser mais compreensiva e paciente, *OK?*

— Você não precisa me prometer nada, você é perfeita! — eu disse, puxando-a novamente e beijando seus cabelos.

— Dan, só peço que não deixe de ser você mesmo — ela disse, tranquila. — Eu te amo exatamente do jeitinho que você é, amoroso, sensível, brincalhão e libertino! — Com essa última eu tive que rir, e ela riu também.

— Ah, Marina! Eu te amo!

— Te amo mais! — ela respondeu.

Beijamo-nos gostosamente, demonstrando toda a alegria que sentíamos por estar fazendo as pazes.

— Eu só queria que você entendesse essa necessidade vital que tenho de você — eu falei. — Sei que a noite passada ultrapassei alguns limites, mas... caramba! Eu precisava mesmo de você, sabe? Nunca precisei tanto de você, e a bebida colaborou para que eu realmente perdesse o controle. Mas, por favor, entenda que, se errei, errei por amor, errei por te amar demais, te esperei tempo demais, e agora, que finalmente posso te ter, sinto como se explodisse alguma coisa dentro de mim cada vez que você se aproxima. Começa a correr uma adrenalina pelo meu corpo e fico louco. Seu cheiro, seu gosto, seu corpo, você inteira me alucina!

— Ah, meu amor... — ela disse, tocando meu rosto.

— Olhar você todos esses anos era como ser um marinheiro em alto-mar que toda noite olha a lua no céu e se apaixona por ela. Eu podia vê-la, admirar sua beleza, mas de longe, sempre de longe, e me conformava com a minha triste sina desse amor impossível, continuando a navegar solitário por aí. Mas então, eis que um milagre acontece, a lua cai do céu e fica bem à minha frente, ao alcance de minhas mãos, então finalmente começo a ser feliz. Mas existe um problema, a gravidade que essa lua exerce sobre mim é imensa e constante, resultado: não consigo ficar muito tempo sem tê-la em meus braços, seu brilho me hipnotiza, sua luz me cega. Será que você pode suportar um amor assim? Ser minha lua pra sempre?

Ela olhou pra mim por um momento e, no minuto seguinte, jogou-se em meus braços, fazendo com que caíssemos um por cima do outro na cama.

— Venha, marujo, venha tomar um banho de lua!

## Capítulo 20

**F**inalmente chegou o dia da grande festa. Na escola, não se falou em outra coisa a semana toda, todo mundo preocupado com a escolha das fantasias ou em arrumar companhia para o evento.

As festas de Halloween da Shanti eram famosas, ela fazia todo ano, e o pessoal aguardava impacientemente por este dia, porque ela caprichava em tudo, a escolha do lugar, a decoração, o som, a comida, a bebida e principalmente a fantasia. As fantasias dela eram feitas sob medida, sempre um modelo exclusivo e lindíssimo; no ano anterior, ela usou uma fantasia de Mata Hari, a famosa espiã, e arrasou. Estava supercuriosa para saber o que seria esse ano, pois nem pra mim ela tinha revelado, fazia questão de surpreender a todos.

Eu estava acabando de dar os toques finais no banheiro, quando ouvi o Dan me chamando lá fora.

— Anda, Marina! Deixa eu ver logo como ficou! — pediu, ansioso.

— Calma, já estou saindo! — Passei um pouco mais de batom e fui para o quarto. Quando cheguei lá, meu queixo caiu.

Tínhamos combinado de nos vestir igual aos personagens principais do filme Juventude Transviada, um dos favoritos do Dan, e ele estava incrível, era o próprio James Dean! Jaqueta de couro preta, calça *jeans*, óculos escuros e cabelo cheio de gel – era a própria imagem do *bad boy*.

— Uau! Você está linda! — disse, olhando-me de alto a baixo.

Pra combinar, me vesti como uma típica garota dos anos 50. Usei uma blusa branca de manga fofa, saia vermelha super-rodada, cheia de anáguas por baixo, para ficar bem armado, meia soquete e sapatilhas vermelhas. E, para completar, fiz um rabo de cavalo alto e o preendi com um lacinho.

— Gostou? — perguntei, dando uma voltinha e fazendo a saia rodopiar.

— Adorei! Você é a própria Natalie Wood! — ele disse, animado.

— Você também está incrível! — elogiei. — Muito charmoso!

Ele riu e fez uma pose estilo Elvis Presley, rebolando com os quadris, e eu fingi que me abanava e desmaiava. Depois caímos na risada.

Já no carro, como sempre me sentei no lugar do motorista, e ele se sentou ao meu lado. Reparei que ele olhou minha saia volumosa e, curioso, levantou um pouco para ver o que havia por baixo.

— Minha nossa! Dá pra se perder embaixo de tanto tecido — ele disse, sorrindo.

— Pode deixar, vou fazer um mapa e coloco na sua carteira — respondi, achando graça, e dando a partida. — Que intenção você tinha com esse comentário, senhor Harrison?

— Você já não sabe? — ele disse, piscando o olho. — A pior possível.

Virei os olhos. Realmente, homens se comportavam como garotos quando ficavam perto de uma mulher.

Tínhamos ficado de dar uma carona pro Lance. Paramos em frente à casa dele, buzinei e aguardamos. Quando ouvimos a porta se abrindo, olhamos naquela direção e, assim que o fizemos, começamos a rir ao mesmo tempo.

Lance andava na nossa direção vestindo uma roupa de soldado romano completa, estava até de capacete, com aquele enorme penacho vermelho no meio. Eu não conseguia parar de rir ao olhar suas pernas brancas. Tivemos que prender o riso quando ele entrou e sentou no banco de trás.

— O que foi? — Lance perguntou, desconfiado.

Olhei para o Daniel, que já estava quase roxo por tentar se conter.

— Gostei do saiote — respondeu o Dan, que finalmente caiu na gargalhada, e eu me juntei a ele.

— Pois fique sabendo que essa é uma réplica perfeita da roupa do general romano Marco Antônio! — Lance disse, na defensiva. — Um dos meus grandes ídolos!

— Marco Antônio é seu ídolo? — perguntei surpresa, enquanto ligava o carro.

— Claro, o cara foi o grande pegador da Antiguidade! — respondeu com orgulho, e eu ri ainda mais.

A casa de festas escolhida pela Shanti era enorme, muito bem localizada, e pela movimentação do lado de fora já devia estar animada. Ainda bem que Shanti tinha deixado uma vaga reservada na garagem pra gente, ia ser difícil encontrar um lugar por ali, já estava tudo cheio.

— Caramba! Pelo jeito a Shanti convidou metade da cidade — Lance comentou, enquanto caminhávamos em direção à entrada lotada de pessoas se espremendo, esperando sua vez.

— Não duvido nada! — respondi.

Aguardamos pacientemente na fila, observando, curiosos, as fantasias desfiladas e víamos de tudo, desde monstros famosos do cinema até personagens de histórias infantis. Chegou nossa vez, confirmamos nossos nomes na lista de convidados e entramos.

Olhamos abobalhados ao redor. A decoração estava incrível, parecia que tínhamos entrado num castelo antigo, cheio de teias de aranha, morcegos, abóboras, castiçais e armaduras antigas. Shanti tinha se superado.

Mal tinha pensado nela e a vi caminhando em nossa direção, com um sorriso enorme no rosto. Ela estava deslumbrante, com um vestido longo, dourado e justo. Era feito de um tecido lindo que nunca vi igual, tão bem trabalhado que, quando ela andava e as luzes refletiam, parecia feito de ouro, o corte perfeito ressaltava o seu corpo esguio. Os cabelos negros, lisos e compridos estavam soltos, na cabeça usava uma tiara com uma serpente no centro, nos braços pulseiras também com figuras de serpentes. A maquiagem estava maravilhosa, os olhos pintados iguais aos de uma típica egípcia.

— Amiga, você arrasou! — disse, abraçando-a.

— Sério, gostou mesmo? — perguntou sorrindo, retribuindo o abraço.

— Você sabe que sim — disse, observando-a. — Então, sua fantasia é...

— Sua Majestade Cleópatra, Rainha do Egito! — respondeu, alegre.

Shanti parou para nos observar e logo elogiou também a minha fantasia e a de Dan. Até que seus olhos pararam numa figura que estava atrás de nós. Segui seu olhar e, então, me dei conta da ironia daquela situação. Como eu suspeitava, Lance e Shanti combinavam muito mais do que imaginavam.

— Marco Antônio? — Shanti perguntou boquiaberta, olhando pro Lance.

— Cleópatra? — ele perguntou, igualmente surpreso.

\*\*\*

Só podia ser piada, demorei a semana toda pra decidir pela minha fantasia, pois queria causar impacto. E agora, aqui estou, de frente pra Shanti vestida de Cleópatra, ninguém merece! Corri meus olhos pelo seu corpo, o vestido justo não deixava sobrar muito para minha imaginação, mas eu lembrava com perfeição cada pedaço daquele corpinho, cujas formas o vestido revelava.

Era hora de agir, dei meu melhor sorriso e disse:

— Então, “Cléo”, me dá a honra da primeira dança? — perguntei, todo insinuante.

— Desculpe, “Tony” — ela disse, educada. — Mas primeiro tenho que dar atenção a todos os meus súditos, afinal sou a anfitriã. Além disso, a primeira dança já está... reservada. Quem sabe mais tarde. — E, dizendo isso, deu um tapinha em meu ombro.

— Galera, divirtam-se! Vou cumprimentar algumas pessoas que estão chegando — disse, já se afastando. — Depois te procuro, Marina!

— Podia passar sem essa, hein? — ouvi o Dan dizer, enquanto ria bem ao meu lado.

“Que conversa é essa de que a primeira dança já está reservada?”, pensei, chateado.

Peguei uma bebida servida por um garçom que passava e dei um gole comprido, observando ao longe Shanti cumprimentar uns caras que tinham acabado de chegar.

“Acho que isso vai ser mais complicado do que imaginava”, pensei, ao tomar outro gole.

\*\*\*

— Vem, Marina, vamos circular — Dan disse, me puxando pela mão, e deixamos Lance pra trás.

Comecei a ver alguns rostos conhecidos lá da escola entre a multidão, cada fantasia mais hilária que a outra.

A imensa pista de dança estava cheia de gente se requebrando animadamente.

— O pessoal foi bem criativo esse ano com as fantasias! — vi Dan olhando ao redor, sorrindo.

— Concordo, olha só aquelas garotas lá da escola, que estão dançando ali — falei, apontando para um grupo particularmente alegre. — Vamos dançar?

— Essa noite sou todo seu — ele respondeu, insinuante.

— Só essa noite? — perguntei, enquanto nos juntávamos ao grupo animado.

— Sempre seu — corrigiu, antes de me segurar pela cintura e me beijar.

\*\*\*

“Você é patético, Lance!”, pensei comigo mesmo.

Estava parado, encostado no bar, observando a Shanti andar de um lado para o outro, que nem borboleta num jardim. Parava num lugar, conversava um pouco, sorria, rodopiava mostrando aquele vestido-tentação, depois saía, parava em outro lugar e fazia a mesma coisa. Sem falar que não parava de chegar gente e ela fazia questão de cumprimentar a todos, parecia mesmo uma rainha com aquele jeito de andar, os ombros erguidos e a cabeça levantada. Infelizmente parecia ter tempo para dar atenção a todos, menos a mim — fiz toda aquela produção pra nada!

Mas, de repente, ela começou a andar na minha direção, e acabei de virar a bebida toda de uma vez só. Desde que chegamos,

não tinha me olhado mais nenhuma vez, pelo visto agora tinha lembrado que eu existia.

Ela foi chegando mais perto, sorrindo, e eu já tinha aberto a boca para falar alguma coisa quando ela desviou ligeiramente do caminho que fazia e falou com o *barman* ao meu lado.

— Por favor, duas sodas?

— Soda, Majestade? — perguntei. — Seu gosto mudou um pouco desde a última vez que saímos juntos. — Não resisti em mexer com ela.

— Todas as pessoas evoluem, não é mesmo? — disse, olhando minha garrafa de cerveja vazia. — Ou pelo menos deveriam.

— E evoluir significa beber duas sodas de uma vez só? — impliquei.

— Quem disse que as duas são pra mim? — Cerrei os olhos com sua resposta. Ela pegou as bebidas e agradeceu ao *barman*.

— Até mais, Lance!

Segui-a com os olhos, e ela andou até um cara vestido de marajá indiano, que sorriu e pegou a taça que ela estendia; os dois conversavam animadamente. Reparei que toda hora ele tocava no ombro ou no braço dela e baixava a cabeça para falar alguma coisa em seu ouvido, o que a fazia dar boas risadas. Pela forma como se comportavam, pareciam velhos conhecidos.

— Nossa, que calor! — disse Dan, chegando com a Marina e pedindo umas bebidas.

— Está tudo bem? — Marina me perguntou.

Não respondi, apenas sacudi os ombros, tentando disfarçar, e olhei novamente para o casal animadinho que agora se dirigia à pista de dança. Marina seguiu rápido o meu olhar e reparei que ela fez uma cara de surpresa e compreensão.

— Ah, o primo da Shanti chegou! — comentou.

— Primo? — perguntei, interessado. — Aquele cara é primo dela?

— Sim, em segundo grau. — respondeu, distraída. — É o prometido dela.

— Prometido? Que história é essa? — perguntei, observando o casal dançando pra valer na pista de dança.

— Você não sabia que a Shanti tem um prometido? Você sabe como algumas famílias indianas são tradicionais, querem combinar o casamento da Shanti com o primo no futuro.

— Você só pode estar brincando! Casamento arranjado? Essas coisas não existem mais!

— Claro que existem! — afirmou. — E a prova está bem na sua frente! — disse, apontando pra eles. — Os pais dela até fizeram uma concessão, se ela conseguir um namorado firme até o final do ano, está liberada do compromisso, se não... — parou sugestivamente, e engoli em seco.

— Se não o quê?

— Se não, ela vai pra Índia ano que vem, acaba os estudos lá e casa com o primo.

— O quê? — soltei, muito surpreso. — E ela vai aceitar isso?

— Acho que ela não tem muitas opções — falou, resignada.

Não consegui dizer mais nada, fitei novamente o casal e enxuguei o suor que escorria pela minha testa.

\*\*\*

Observei a Shanti dançando com o primo e pensei:

“Eu vou pro inferno, eu vou pro inferno!”

Era pra lá que iam os mentirosos, não é mesmo? E eu tinha acabado de inventar uma mentira daquelas! Mas foi impossível me segurar, ao olhar aquela cara covarde e indecisa do Lance, precisava de um choque para ver se tomava uma atitude com Shanti.

Porém, para o meu plano dar certo, precisava deixá-la avisada, e assim que a vi terminar de dançar e vi o primo se afastar, corri até ela.

— Shanti! Preciso falar com você agora, urgente! — E a puxei para um canto.

— Nossa! O que foi, Marina? — perguntou, preocupada.

— Você confia em mim? — perguntei, ansiosa.

— Que pergunta é essa agora? — Ela franziu a testa.

— Depois eu explico. Você confia em mim ou não? — insisti.

— Sim, claro que sim! — ela respondeu finalmente.

— Então, me faz um favor, se o Lance vier conversar com você essa noite, confirme tudo o que ele te disser, tá bom?

— Confirmar tudo? — ela disse, confusa. — Como assim?

— Não tenho tempo de explicar agora, mas só me faça esse favor, se o Lance te contar alguma história maluca essa noite, só confirme, *OK?* É importante! — pedi, enfaticamente.

Ela me olhou como se eu estivesse enlouquecido, porém acabou balançando a cabeça, em concordância.

— Está bem, então. Se é mesmo assim tão importante pra você.

— Obrigada! — falei, beijando-a no rosto. — E pode ter certeza que vai ser importante pra você também! — disse, enquanto me afastava.

\*\*\*

Passei o restante da noite ruminando aquela história incrível que a Marina tinha me contado.

Como uma garota inteligente, corajosa e moderna como a Shanti ia aceitar aquela condição maluca que os pais dela tinham inventado? Casamento arranjado em pleno século XXI? Parecia uma alucinação no meu modo ocidental de pensar, mas a família dela não era ocidental, não é mesmo?

Realmente, conhecia muito pouco da cultura indiana, basicamente meu conhecimento sobre eles se resumia ao que continha no cardápio de um restaurante de comida típica.

Então, e se fosse verdade? E se a Shanti fosse mesmo se mudar pra Índia ano que vem, para depois se casar com aquele indiano boa-pinta? Como eu reagiria? Senti uma mistura de dor e raiva dentro do peito, tentando não admitir pra mim mesmo o que eu já sabia. Quando a olhava, tão linda e alegre, circulando entre os convidados e especialmente dando uma atenção especial àquele marajá dos infernos, desejava que eu fosse o alvo de seus cuidados e de seu sorriso deslumbrante. Quando ela sorria com aqueles dentes, que eram o sonho de qualquer dentista, parecia até iluminar o ambiente. Nunca imaginei que fosse sentir tanta saudade de ouvir

o som do riso de alguém, mas era o que acontecia. Por que eu estava reagindo desse jeito? Por que, para mim, era diferente? O que tinha mudado? De repente, algo estalou forte dentro de mim, como um elástico muito tensionado que subitamente arrebenta. Fui invadido por uma inesperada compreensão.

Quando eu pensava em outras garotas, minha mente as projetava apenas como possibilidades para um encontro casual. Para algo breve, um prazer rápido e quase anônimo. Porém, quando eu pensava em Shanti, pensava em uma conversa inteligente e sensível, pensava em boas piadas e sorriso franco e honesto. Eu pensava em bondade e deliciosa feminilidade. A última coisa que eu pensei em minha extensa lista foi sexo, e isso me deixou atônito. Porque foi isso que me fez finalmente compreender por que ela era tão diferente pra mim, por que era especial. Ela preenchia um vazio em minha vida que eu ainda não tinha me dado conta que existia. Ela não era somente minha amante, era também minha amiga. Então, o que se torna uma pessoa que consegue ser para você ambas as coisas? Que nome se dá a um sentimento que une tantos significados? Algo que eu julgava morto em meu peito vibrou. Eu sabia a resposta. Era apavorante, era inusitado, mas estava lá. E, junto a essa revelação, chegou outra. O que eu estava fazendo ali, parado, deixando um babaca qualquer levá-la pra longe? Rangi os dentes e fiquei de pé.

Um sentimento forte foi aumentando e me fez cerrar os punhos. Levei uma das mãos até a espada que fazia parte da fantasia e disse, em voz baixa:

— General Marco Antônio vai voltar a agir essa noite!

Joguei fora o último gole de bebida, depois, juntando todo o orgulho, medo e receio, parti rumo à batalha.

\*\*\*

Estava ainda cismada com aquele pedido estranho da Marina, ela não era daquilo, de rompantes desesperados e pedidos apressados. Entre todas as pessoas que eu conhecia, ela sempre foi

a amiga mais centrada e equilibrada, e foi esse o principal motivo de ter aceitado aquele pedido maluco.

Senti uma mão no meu ombro, virei rápido e me surpreendi ao ver Lance. Como ele estava magnífico com aquela roupa de general romano. Tinha um porte e uma altura que combinavam perfeitamente com aquele traje militar antigo. Eu tinha que usar todo o meu autocontrole para manter o rosto sereno e indiferente, se não ia começar literalmente a babar. “A mulher é a rainha do mundo e escrava de um desejo”. Ah, Balzac! Como eu queria que você estivesse errado. Por que sempre ansiamos aquilo que está fora de nosso alcance? Nesse caso, o coração de um homem.

— Vamos dançar? — pediu novamente, com um estranho brilho no olhar.

Eu estava evitando ter contato físico com ele a noite toda, procurando conversar com o máximo de pessoas possível, estando em todo lugar ao mesmo tempo, para que ele me visse sempre ocupada e desistisse de vez. Tocá-lo e ser tocada por ele era ao mesmo tempo prazer e dor, era a certeza do que eu ansiava e também do que eu nunca teria. Por isso, fugia covardemente de perto dele. Pensei mil vezes se devia ou não convidá-lo para essa festa, até que a razão venceu a emoção e liguei pra ele com aquele papo de amigos, inclusive sugerindo disfarçadamente que trouxesse alguém, coisa que eu pensei que ele faria, mas me surpreendeu chegando apenas com a Marina e o Dan.

E agora eu estava nessa enrascada. Como conseguiria continuar a evitá-lo, se ele teimava em aparecer?

— Olha, agora preciso verificar algumas coisas lá na cozinha — dei a desculpa mais esfarrapada possível.

— Não tem problema — disse. — Espero você voltar.

Droga! Agora eu teria que ir à cozinha, só pra tentar despistar o Lance. Fui, fiquei lá uns 20 minutos e voltei, na esperança de ter me perdido de vista. Olhei para um lado, para o outro, e nada dele, por isso respirei aliviada. Tinha dado cinco passos quando senti alguém atrás de mim.

— Voltei, Vossa Majestade. — Nem preciso dizer quem era, não é?

Virei-me, e lá estava ele, com aquele sorriso matador no rosto. Por que ele tinha que ser tão charmoso, irresistível e *sexy*? Eu estava pirando!

— Certo, mas antes preciso ir ao banheiro.

— Claro, eu espero — ele disse, paciente.

Fui para o banheiro quase em pânico. Tinha alguma coisa errada, o Lance não era assim, com essa paciência toda, sempre foi afoito, sem conseguir esperar por nada, agora esse comportamento estranho estava muito esquisito.

Enrolei no banheiro o máximo que eu podia, me olhei no espelho, retoquei a maquiagem, ajeitei a coroa em minha cabeça e saí dali, pois não tinha mais como fugir.

— Se quer dançar comigo, tem que ser agora — eu disse, parando a seu lado.

Ele apenas sorriu e acenou com a cabeça, pegando-me pela mão e me levando pra pista de dança.

Finalmente a sorte parecia ter virado a meu favor, pois, assim que colocamos os pés na pista, começou uma música lenta. Segurei sua cintura, mas percebi que ela não estava relaxada, estava tensa e com o rosto sério. Achei melhor começar um papo qualquer para quebrar o gelo. Por que eu estava tão inseguro? Já tinha experimentado toda intimidade física possível com ela, então por que estava me sentindo como se nunca a tivesse visto? Nunca tive problema em me expor fisicamente, mesmo com estranhas, não era esse tipo de pudor que eu temia, já que nessa situação as etapas e os objetivos eram tão claros. Mas expor o coração? Era como saltar de um avião sem paraquedas, ou seja, só um milagre salvaria. Será que eu teria tamanha fé, para que milagres acontecessem?

“O que está acontecendo comigo?”, pensei. “Se eu continuar desse jeito, ficarei pior que o Daniel. Melhor dar um basta na filosofia e partir para a prática.”

Procurei dar meu melhor sorriso insinuante, antes de começar a falar:

— Interessante coincidência, não?

— Qual? — ela perguntou, indiferente.

— Eu e você. Marco Antônio e Cleópatra.

Era de conhecimento público que os personagens históricos de Marco Antônio e Cleópatra, retratados em livros, filmes e peças de teatro, tinham vivido uma relação amorosa e trágica.

— Sim. Relacionamento tumultuado — ela comentou.

— Mas eles terminaram juntos.

— E mortos — rebateu, em seguida.

Franzi a testa; aquilo não estava saindo como eu queria. Tinha que achar uma forma de atingi-la. Tinha que admitir, não era bom em palavras como o Daniel, esse papinho romântico nunca foi meu forte. Sempre fui um cara de ação, nisso, sem falsa modéstia, era PhD. Então, resolvi atacar com aquilo que eu sabia fazer melhor.

De forma inesperada e sem dar tempo para protestos, com um braço agarrei Shanti pela cintura, grudando meu corpo no dela, e com o outro a segurei firme pela nuca. Ela me olhou surpresa e, quando abriu a boca para reclamar, a cobri com a minha.

Ela tentou reagir a princípio, tentando socar meu peito e me empurrar, mas não dei tréguas, beijei impiedosamente e saí, arrastando-a pelo salão, até que consegui alcançar a parede do outro lado e a presei num canto, imobilizando-a. Então, de repente, ela parou de lutar e, numa deliciosa rendição, senti suas mãos em meu pescoço e sua boca correspondendo ao meu beijo. Quando reparei que ela tinha entregado os pontos, me afastei, para que respirasse um pouco.

— Por que... por que... — ela dizia, tentando recuperar o fôlego.

— Já sei de tudo, Shanti — disse em seu ouvido.

— Tudo o quê? — perguntou.

— De tudo, do seu primo, de você ser prometida em casamento pra ele, do acordo maluco dos seus pais, de obrigarem você a se mudar pra Índia caso não arrume um namorado firme este ano, enfim, de tudo.

— Como é que é?! — ela disse, arregalando os olhos.

— Então, pra te mostrar como eu sou legal, vou fazer a minha boa ação do dia, me oferecendo pra ser seu namorado em tempo integral, que tal? — propus, sorrindo.

Ela ficou me encarando durante algum tempo, provavelmente digerindo o que tinha acabado de falar. Eu estava certo de que ela ia pular de alegria, então não entendi quando, ao invés disso, me soltou, olhando-me furiosa.

— Você está se oferecendo pra ser meu namorado como estivesse me fazendo um favor? Você acha que eu preciso da sua caridade? Você se acha um Todo-poderoso, não é mesmo? E o que sou eu, apenas mais uma de suas conquistas fáceis, tão desesperada por sua atenção, que aceito migalhas? — disse, com raiva. — Pois eu prefiro morar na Índia, me casar com meu primo e ter 10 filhos, a namorar você por esse motivo. Idiota!

Ela me pegou completamente desprevenido, com uma força surpreendente para uma mulher tão pequena, que me empurrou e saiu dali marchando duro.

“O que foi que fiz de errado?”, pensei, atônito.

\*\*\*

Eu e Marina assistimos, ansiosos, ao momento em que finalmente Lance foi dançar com a Shanti. Eles conversaram, dançaram e, depois do ataque poderoso do Lance, ficamos animados quando finalmente ela correspondeu.

Mas, para nosso completo espanto, depois de uma breve troca de palavras, vimos Shanti andar furiosa pra longe do Lance e ele ficar lá, com cara de otário. O que tinha acontecido para as coisas terminarem assim? Marina correu atrás de Shanti, e eu fui falar com Lance.

— O que aconteceu? — perguntei, assim que me aproximei.

— Eu... eu não sei — ele disse, com sinceridade. — Eu me ofereci para ser seu namorado, e ela ficou com raiva.

— O quê? — perguntei, descrente. — Não pode ser, me conte exatamente o diálogo que vocês tiveram.

Ouvi tudo em silêncio e respirei fundo.

— Lance, só tenho uma coisa a te dizer. Seu mané!

— Agora é você que me xinga! — ele disse, aborrecido. — Isso é que dá tentar ajudar os outros! O que fiz de errado?

— Isso que você acabou de dizer, foi o que você fez de errado — tentei explicar. — Nenhuma garota quer ouvir que você quer ficar com ela por pena, Lance!

— Mas não foi isso que eu disse! — Ele tentou se defender.

— Bem, não com essas palavras, mas resumindo sua proposta pra ela, foi isso, sim!

— Como eu deveria ter dito? — perguntou, confuso.

— Já pensou que, talvez, bastasse dizer que queria ficar com ela por estar apaixonado? — Ao dizer aquilo, percebi que seus olhos começaram a demonstrar compreensão.

— Eu... bem... quer dizer... — Ele fechou os olhos e suspirou. — Estraguei tudo, não é mesmo?

— Tudo eu não sei — respondi. — Mas, com certeza, você enfiou os pés pelas mãos.

— Eu te falei, Dan! Eu não sei fazer direito esse negócio de namorar! — disse, nervoso. — Quando o negócio é pegação eu dou aula, mas falou em namorar... sinto-me no Maternal!

— OK, não precisa ficar em pânico, acho que ainda dá para consertar.

— Sério? — perguntou, cheio de esperança.

— Sério — respondi. — Antes, preciso saber uma coisa. Você estaria disposto a tudo pra ter a Shanti como namorada? Quando digo tudo, é tudo mesmo!

Ele olhou espantado pra mim.

— Tudo? — perguntou, inseguro.

— Sim, tudo. — Olhei debochadamente para sua roupa de general. — Ou essa fantasia aí é só fachada?

Ele ergueu as costas, me olhou duro e disse, com firmeza:

— Pode dizer, encaro qualquer parada!

E expliquei meu plano mirabolante.

— Qualquer coisa, menos isso! — Lance disse, apavorado.

— Você disse que encarava qualquer parada — lembrei, calmo. — Agora, você vai lá, naquele palco, se declara pra ela na frente de todo mundo e canta uma música bem romântica.

— Como é que vai ficar minha reputação? — reclamou.

— Não é hora de pensar em reputação, Lance! Caramba, quer ou não quer a gata?

— Quero — disse, enxugando o rosto com as mãos. — Nossa! Nunca pensei que fosse tão difícil iniciar uma vida de monogamia.

— Considere esse seu batismo de fogo — disse, sorrindo. — Agora, chega de perder tempo, vamos lá!

Fui na frente, com o Lance atrás de mim, que nem cachorrinho com o rabinho entre as pernas. Falamos com o pessoal da banda e toparam nos ajudar na hora, quando souberam do motivo romântico por trás de tudo. Pedi o repertório deles para escolher a música ideal e, depois de muito procurar, escolhi uma e a mostrei pro Lance.

— O quê? — quase gritou. — Além de romântica, tem que ser brega?

— Motivos desesperados exigem ações desesperadas. Quer ver uma garota se derreter de verdade? Cante uma música bem brega pra ela — respondi, seguro. — Acha que dá para encarar?

Em vez de me responder, Lance começou a pular no mesmo lugar, como se estivesse fazendo preparação física para entrar num ringue de luta. Rodou o pescoço, estalou os dedos, sacudiu os braços e respirou fundo.

— Pode trazer os fuzileiros, eu encaro! — falou, ao final do estranho ritual.

— Beleza! Agora vai lá, pega aquele microfone e faz o seu *show*!

E foi o que ele fez.

\*\*\*

Assim que subi no palco, percebi que todos na festa pareciam surpresos pela música ter parado de repente, e alguns começavam a reclamar.

Entre a multidão surpresa, vi Marina abraçando Shanti, que parecia estar chorando no seu ombro.

Quando me dei conta, estava com o microfone na mão, começando a falar.

— Boa noite! — E me surpreendi como a minha voz estava firme. — Gostaria de pedir por um momento a atenção de todos.

Agora, cada cabeça naquele salão olhou pra mim, inclusive Marina e uma Shanti de olhos vermelhos.

— Eu vim aqui, esta noite, como todos vocês, pra me divertir. Mas este não foi o principal objetivo, ao decidir aceitar o convite de estar nessa festa.

Olhei pro Dan, que lá de baixo estava se descabelando todo, pedindo pra eu falar logo de uma vez.

— Certo, vou tentar ser breve. — Respirei fundo. — Shanti, vim aqui, esta noite, pra ficar contigo. Mesmo antes de saber sobre esse seu casamento arranjado, meu objetivo já estava traçado e... — Comecei a me enrolar todo. — Droga! Isso é difícil! Gente, desculpa, realmente não sou bom com as palavras, por isso vou cantar uma música que espero demonstrar o que quero dizer. Shanti, essa é pra você — disse, olhando diretamente pra ela.

Pairou um silêncio tão grande no ambiente que se podia ouvir uma agulha caindo no chão. Fiz um sinal pra banda, que começou a tocar aquela música cafona. Agora não tinha mais volta.

\*\*\*

Estava debruçada no ombro da Marina, completamente arrasada, então mal percebi quando a música parou. Só ergui o rosto quando ouvi alguém falar no microfone, e gelei da cabeça aos pés ao ver que era o Lance. O que ele estava fazendo ali? Será que a humilhação não havia sido suficiente? Vai ver, depois do fora que tinha levado, agora iria vingar-se, expondo publicamente o meu fictício problema amoroso. Tremi diante da possibilidade. Mas ele começou a falar e meu queixo caiu.

Tinha ouvido direito? Ou tudo não passava de alucinação da minha cabeça?

Ouvi os primeiros acordes da música e, assim que a reconheci, não podia acreditar nos meus ouvidos. Era mesmo Lance Brown quem estava cantando aquela música incrivelmente melosa, se declarando em cada palavra? Quase tive que me beliscar para

acreditar que isso era real, e não um episódio do seriado Além da imaginação.

Quando dei por mim, a música já estava acabando, e eu tinha que decidir o que fazer em seguida.

— Pensa, Shanti! — falei comigo mesma. — Pensa! Pensa!

Foi então que eu desisti de pensar, desisti de racionalizar, e principalmente decidi agir. Corri por entre os convidados, ignorando todos os olhares, subi no palco e, antes que ele cantasse a última frase, segurei seu rosto com minhas mãos e o beijei. A princípio levou um susto, no entanto quase no mesmo segundo correspondia, beijando daquele jeito que eu conhecia, daquela forma que me enlouquecia, daquela maneira que eu amava.

O silêncio deu lugar a uma enxurrada de aplausos, gritos e frases de incentivo que pipocavam de todo lugar. Paramos de nos beijar e sorrimos um para o outro, de forma cúmplice. Éramos dois loucos, mas justamente por isso a gente se entendia.

— E agora, Tony?

Ele deu uma risada.

— Ainda não ficou claro, Cléo? Você é a minha garota.

— Verdade? Só mais uma garota ou... — Ele não deixou que eu terminasse e me calou, dando-me mais um beijo rápido.

— Não, você é "a garota".

\*\*\*

Estava quase amanhecendo quando, deitado em minha cama, fechei os olhos, tendo Shanti aconchegada junto a mim. E, pela primeira vez em muitos anos, adormeci com a certeza de que, àquela noite, tinha feito amor, amor de verdade.

## Capítulo 21

— **A** mor, acorda! — senti Dan me abraçando gentilmente.

Abri os olhos assustada, e foi então que reparei que tinha gritado de verdade. Confusa, passei a mão na testa, piscando os olhos, aliviada ao perceber que estava na minha cama, deitada com meu marido.

— Você está bem? — perguntou, preocupado.

— Sim, só me dê um minuto — respondi, respirando fundo, procurando me acalmar.

— Foi o mesmo sonho? — Não tive coragem de falar e apenas confirmei com a cabeça. — Já é a terceira vez essa semana que você tem esse sonho.

Ele me puxou, para que deitasse em seu peito, enquanto acariciava delicadamente meus cabelos, e o abracei com força, completamente tomada pelo medo. Era sempre o mesmo sonho, o mesmo que eu tive em Bora Bora. Eu me via sozinha, andando numa mata escura, em meio a uma terrível tempestade, cansada, molhada e com frio. Começo a procurar por abrigo e encontro uma caverna, mas, uma vez dentro dela, me perco, chamo desesperada por ajuda, chamo pelo Dan e, às vezes, tenho a impressão de que consigo ouvi-lo, por isso começo a correr, chamando desesperada por ele, procurando uma saída, gritando por socorro, e então acordo.

— Você começou a ter esse sonho desde que te contei que vou viajar de novo — falou baixo em meu ouvido.

Dan tinha recebido uma proposta para fazer um comercial e, como queria muito trabalhar e conseguir dinheiro para que pudéssemos ter nosso próprio espaço, aceitou na hora. Infelizmente, como nem tudo é perfeito, as locações eram em outra cidade. Quando ele me contou sobre tudo, perguntando minha opinião, claro que o apoiei, afinal era a profissão dele, tinha que me acostumar logo com isso. Eu sabia que, futuramente, dependendo da proposta

e do tamanho da produção, ele poderia ficar meses gravando em um lugar distante, então não podia fazer de poucos dias um problema. Porém, ao me lembrar dos fatos que ocorreram da última vez que ele se ausentou, tremi de pavor. Tinha sido tão difícil suportar tudo aquilo sem ele, mesmo assim tentei não demonstrar nada, para não atrapalhar seus planos e sua concentração no trabalho. Foi nessa época que os sonhos recomeçaram.

— Você sabe que ainda posso desistir de tudo, não é? — ele perguntou.

— Nem pensar! — disse com firmeza, levantando minha cabeça para olhá-lo. — Não vai ser um bando de sonhos bobos que vão atrapalhar nossos planos.

— Mas você fica tão apavorada quando tem esses sonhos — ele disse, segurando meu rosto entre suas mãos. — Não quero te deixar sozinha, acordando assustada no meio da noite e cheia de medo.

— Não se preocupe comigo, já sou bem grandinha e posso me virar. Anda, desfaz essas rugas, assim você vai envelhecer antes do tempo — falei, tocando a testa dele, que estava enrugada de preocupação, tentando brincar.

— Você sabe que nada é mais importante na minha vida do que você, não é? — perguntou, me fitando com atenção.

— Sim, eu sei — respondi, e como sempre ele me emocionava. — Mas, sonhos são sonhos, não precisamos nos preocupar com eles, logo vai amanhecer e eles voltam para o lugar a que pertencem. O esquecimento. Vamos voltar a dormir, quero acordar bem disposta amanhã para aproveitar nosso último dia juntos, antes de você partir.

Voltei a deitar minha cabeça em seu peito, enquanto ele continuava passando as mãos suavemente em minhas costas.

— Posso só te pedir uma coisa? — perguntei.

— O que você quiser.

Molhei os lábios e falei, titubeante:

— Se... se, algum dia, eu me perder e você descobrir que, sei lá, estou em algum lugar estranho ou perigoso, você vem me buscar? — Senti-o estremecer ligeiramente com minhas palavras.

— É claro que sim! — respondeu, imediatamente. — Vou até o fim do mundo, se for necessário!

— Não vai desistir nunca?

— Nunca! Não existe força que possa tirar você de mim. — Ele me abraçou com força, e me senti mais tranquila ao ouvi-lo dizer aquilo.

— Só me prometa mais uma coisa — falei, olhando-o novamente nos olhos. — Nunca me deixe entrar numa caverna e... — Ele colocou seus dedos em meus lábios, impedindo-me de continuar.

— Se depender de mim, você nunca vai chegar perto de uma caverna na vida — ele garantiu, com firmeza. — Você vai sempre estar no lugar que foi feito exclusivamente pra você.

— Onde? — perguntei, e ele aproximou os lábios dos meus antes de responder:

— Nos meus braços. — Em seguida, beijou-me com toda a delicadeza.

Quando ele me beijava assim, sentia que podia morrer naquele momento, sabendo que conheci a plena felicidade de amar e ser amada, que experimentei o júbilo de tocar e ser tocada por ele e de saber que nada podia ser mais perfeito do que tudo aquilo que vivemos juntos até agora. Se fosse necessário, faria e passaria por tudo novamente, apenas pela alegria simples e pura de tê-lo junto a mim.

Senti o beijo se aprofundando, tornando-se apaixonado e exigente, e ele afastou brevemente os lábios dos meus.

— Quer continuar? Afinal, você ainda deve estar abalada... — Foi minha vez de colocar meus dedos em seus lábios.

— Vou ficar mais abalada se você não continuar agora — respondi sorrindo, insinuante.

Observei-o dar um largo sorriso antes de voltar a me beijar, rolando comigo na cama e ficando por cima de mim. Corri minhas mãos por seu corpo, querendo guardar a sensação de tocá-lo nas palmas de minhas mãos, sentindo a textura de sua pele, a firmeza de seus músculos e o seu calor.

Finalmente eu compreendia o amor, ao vivê-lo. Amar era isso, amar e ser correspondida na mesma medida. Depois de passar tanto tempo acreditando viver um amor platônico, podia comprovar a grande diferença que era ter o sentimento retribuído. Ao me despir, ele me fitava quase com reverência, seu toque e seu amor, acendendo uma chama dentro de mim, que ameaçava me consumir por completo.

— Queria fazer uma estátua em sua homenagem — sussurrou, na penumbra. — Para ajoelhar-me diariamente diante dela, beijando suas mãos, seus pés e adorando-a tal qual uma deusa.

Meu coração saltou dentro do peito, diante da força e sinceridade dessa declaração inesperada. Senti-me muito envaidecida, mas também temerosa. Certas coisas não deviam ser ditas, nem certas forças desafiadas. Não me considerava uma pessoa supersticiosa, mas procurava respeitar certos conceitos. Tanto em religiões mortas, como a mitologia grega ou na crença cristã, entre outras, era ensinado que os homens deveriam conhecer o seu lugar, se colocar ou colocar a alguém, ou a algo, no mesmo patamar de seres divinos, não costumava ser tolerado. Temi as possíveis consequências de sua declaração apaixonada.

— Não diga isso! — pedi, preocupada. — É pecado!

Ele sorriu, abaixando-se devagar, e quando percebi a direção que seguia tentei fugir, mas já era tarde demais; estava de joelhos, no chão, na beirada da cama, e tocava meus pés com seus lábios, segurando-os em suas mãos.

— Se te adorar é meu pecado, então sou um pecador, pois nunca encontrei prova maior de divindade que você.

Sentei-me na cama e fitei seus olhos.

— Não posso ser uma deusa, não sou perfeita.

— Pra mim você é. Deixe-me te mostrar. — e, dizendo isso, deslizou seu corpo sobre o meu, tombando-me novamente de forma gentil.

Naquela noite com Daniel, aprendi algo surpreendente: que o amor podia ser, ao mesmo tempo, sagrado e profano.

\*\*\*

Acordei sozinha na cama aquele sábado. Sorri ao imaginar o Dan tentando fazer um café da manhã lá na cozinha e resolvi descer para ajudar, antes que fosse obrigada a engolir uma gororoba qualquer. Com certeza culinária não fazia parte de seus talentos.

Qual não foi minha surpresa ao entrar na cozinha e encontrar alguém sentada à mesa, conversando com ele.

— Maggie! — disse alegre, assim que a vi. — Que surpresa boa!

— Oi, maninha! — disse se levantando, beijando-me no rosto e me abraçando. — Que saudade!

— Também senti saudade! — comentei, correspondendo ao abraço. — Já está de férias? — perguntei, sentando-me na cadeira ao seu lado.

— Felizmente! Resolvi vir aqui, ver como anda essa família, antes de viajar — contou, sorrindo.

— Qual vai ser seu roteiro esse ano? — perguntei curiosa. Olhei pro Dan e ele também sorria, animado.

Cheia de empolgação, Maggie nos revelou seus planos de ir para a Itália com alguns amigos, e enquanto conversávamos preparei chocolate quente para todos, servindo-o em canecas.

— Hum, está uma delícia! — Maggie disse, saboreando com prazer.

— Está delicioso, amor — concordou Dan.

Quando ele se dirigiu a mim dizendo aquilo, vi Maggie nos olhar diferente, e fiquei imediatamente alerta. Maggie já havia se formado e atualmente trabalhava na assessoria de imprensa de uma empresa localizada em outra cidade, onde residia. Como o diálogo com nossos pais, andava tão limitado, ainda não tinha certeza se ela já tinha sido informada da minha relação com ele, então fiquei esperando por mais perguntas e imaginando sua reação.

Depois de um momento nos avaliando em silêncio e bebendo o chocolate quente, ela depositou a caneca na mesa e cruzou as mãos.

— Mamãe me ligou semana passada e me contou algo... espantoso! — disse, parecendo escolher as palavras.

Fiquei tensa, olhei para Dan, ele estendeu a mão pra mim, segurei-a e ficamos de mãos dadas sobre a mesa.

— Então é verdade? — perguntou, olhando fixamente para nossas mãos entrelaçadas. — Vocês estão juntos mesmo?

— Sim, Maggie — respondeu Dan, calmamente. — Nós estamos.

— E é verdade que se casaram? — perguntou, séria.

Apenas confirmamos, balançando a cabeça, e a reação seguinte dela me deixou sem fala: deu uma risada!

— Caramba! Eu daria tudo para ter visto a cara do papai quando soube! — ela não parava de rir. Realmente, o senso de humor dos Harrison era estranho.

— Você não está... chocada? — perguntei, ainda surpresa.

— Claro que estou, seus malucos! — respondeu, enfiando a mão na cabeça do Dan e arrepiando o cabelo dele.

— Para, Maggie! — Dan reclamou.

— Querem saber de uma coisa? Sempre achei que tinha um lance estranho entre vocês.

— Sempre achou? — perguntou Dan, descrente.

— Hum, hum — confirmou, enquanto bebericava. — Vocês se relacionavam diferente de quando era comigo e com a Cate, sentia sempre uma espécie de tensão, uma vibração no ar, sei lá, algo que eu percebia, mas não sabia bem o que era. — Parou de falar e deu um sorriso malicioso. — Bem, mas eu fiquei realmente desconfiada quando peguei esse moleque, aqui, falando dormindo — revelou, apontando pro Dan.

— O quê? — perguntou ele, ficando supervermelho. — Como assim?

— Ah, isso já faz tempo! Um dia cheguei de madrugada escondido da mamãe, subi as escadas nas pontas dos pés e, quando entrei no corredor, ouvi uma porta se abrindo. Entrei correndo no quarto do Dan, que era o mais próximo — disse, agora rindo. — Fiquei ali um tempinho, daí vi o Dan dormindo, se remexendo todo na cama, e dizendo: “Vem... me beija...” Até aí tudo bem, pensei que ele estava sonhando com uma garota qualquer, então

completou, dizendo: “Me beija, Marina...” — eu e Dan nos olhamos, surpresos.

— Então, você já sabia de tudo? — Dan perguntou, um pouco constrangido.

— Tudo não, né? Mas, depois disso, comecei a prestar mais atenção em vocês dois, e posso dizer que disfarçaram muito bem, principalmente essa menina aqui. — E apontou pra mim. — Eu lembro que, uma vez, entrei na sala e vi a Marina olhando pela janela lá pra fora. Até aí nada demais, mas, quando olhei seu rosto, fiquei curiosa, você resplandecia num sorriso tão bonito, cheguei por trás e lhe disse: “O que você está olhando que te deixa tão feliz?” Olhei na mesma direção e adivinha quem eu vi? — Agora, era eu quem ficava envergonhada, e ela bateu no ombro do Dan e disse. — Você, manézão!

Dan olhou pra mim, sorrindo, e piscou um olho, me fazendo ficar mais vermelha ainda.

— Então, como podem ver, eu já desconfiava que algo rolava, só não sabia se era um sentimento pra valer ou empolgação de adolescência, sabe? — disse tranquila, mexendo na caneca. — Mas, pelo que estou percebendo, a coisa é seria, não é mesmo?

— Sim, realmente nos amamos — Dan respondeu, sem titubear.

— Olha, posso imaginar o que vocês estão passando desde que revelaram tudo, já conversei um pouco com a mamãe e hoje vou ver se consigo falar com o papai. Achei que não tem nada a ver esse lance dele de deserdar o Dan, por isso peço que vocês tenham paciência com os coroas, eles não estavam preparados.

— Nós sabemos, Maggie — eu disse, de olhos baixos. — Temos tentado uma convivência pacífica, mesmo assim ainda dói a frieza deles.

— Eu sei, querida. E é por isso que estou aqui, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para tentar fazer nossos pais entenderem — declarou, solidária.

— Oh, Maggie! — eu disse, me levantando e abraçando-a. — Você vai fazer isso mesmo?

— Claro, meu bem! Afinal de contas, sou a irmã mais velha, isso deve servir para alguma coisa. — Dan também se levantou e abraçou a nós duas.

— *OK*, chega dessa sessão melodrama! — disse, sufocada com nosso abraço conjunto.

Ao nos levantarmos, Dan aproveitou para me dar um beijo suave nos lábios.

— Uau! Realmente, é muito estranho ver vocês fazendo isso! — comentou Maggie, de olhos arregalados. — Acho que ainda vou levar um tempo pra me acostumar com a ideia de que agora tenho uma irmã-cunhada. — E rimos todos juntos.

Na manhã seguinte, Dan partiu, acompanhei-o até o carro que o aguardava, nos abraçamos bem apertado e beijamos várias vezes, até que o motorista buzinou, reclamando que daquele jeito chegariam atrasados e perderiam o avião. Olhei em seus olhos uma última vez, demos um beijo curto e intenso, então ele entrou no carro e partiu.

\*\*\*

Quatro dias depois eu estava voltando. Uma tempestade violenta varria Londres, o avião sacudia o tempo todo com a turbulência, deixando os passageiros agitados e nervosos, e foi com um suspiro de alívio que senti o avião aterrissar.

Não via a hora de sair dali e encontrar a Marina, que viria me pegar como combinamos. Estava morrendo de saudade, já podia imaginar seu sorriso lindo esperando por mim, assim que saísse pelo portão de desembarque, e aquele pensamento me fez caminhar ainda mais rápido.

Andei apressado, passando na frente de todos os outros passageiros, e sem perceber estava praticamente correndo. Finalmente vi a saída e atravessei o último obstáculo, passando por uma porta onde uma comissária nos dava as boas-vindas.

Assim que me vi do lado de fora, comecei imediatamente a procurá-la por entre as pessoas ali presentes. Impaciente, olhei ao redor e, depois de muito observar, constatei desapontado que ela

ainda não havia chegado. Olhei para meu relógio de pulso e confirmei que estava dentro do horário combinado. Ouvi um trovão e pensei que provavelmente a chuva a tivesse atrasado. Depois de 10 minutos em pé, resolvi sentar numa cadeira próxima e continuei aguardando. A ansiedade só aumentava.

Os minutos pareciam se arrastar, e quando completou meia hora resolvi ligar para seu celular. Em vez de chamar, entrou uma mensagem informando estar fora de área ou desligado, e comecei a achar aquilo muito estranho. Será que ela tinha me esquecido? Não, isso era impossível, no dia anterior tinha confirmado tudo com ela quando conversamos por telefone.

Quando já estava esperando há 40 minutos, vi uma figura molhada e familiar se aproximando, mas não era a Marina, era Maggie. Franzi a testa na hora, não poderia ser coincidência ela estar ali àquela hora.

Assim que ela se aproximou, me levantei e fui logo perguntando:

— O que você está fazendo aqui? Onde está a Marina? — Foi então que reparei seus olhos vermelhos e lábios trêmulos; tinha alguma coisa errada.

— Dan, fica calmo — ela disse, rápido. — Vim te buscar, por favor, me acompanhe que eu te explico no caminho.

— Explicar o quê? Eu não dou um passo enquanto você não me falar o que está acontecendo! — disse, desconfiado.

— Dan, por favor! Não torne isso pior do que já está sendo — suplicou.

— Do que você está falando? — Agora eu estava ficando realmente preocupado. — Maggie, quero saber onde está a Marina, o que está acontecendo, quero saber agora! — berrei, nervoso.

Ela passou, nervosa, as mãos pelos cabelos molhados de chuva, enquanto parecia decidir o que fazer.

— *OK*, só me prometa que vai ficar calmo, tá bom?

Respirei fundo.

— Estou calmo, agora desembucha!

Ela fechou os olhos, suspirou profundamente, abriu-os e os vi novamente cheios de lágrimas.

— A cerca de 10 minutos daqui, um motorista bêbado perdeu o controle do carro na pista molhada e atravessou para a outra, onde vinham os carros na direção contrária — disse, com a voz fraca. — Ele bateu em dois carros antes de capotar.

— E o que isso tem a ver com a Marina? — perguntei cheio de pavor, observando Maggie mover os lábios sem conseguir emitir nenhum som, e desesperado segurei-a pelos ombros e gritei: — Fala, Maggie!

— O segundo carro em que esse motorista se chocou era o dela!

Ao ouvir aquilo, senti meu cérebro congelar, meus joelhos falharem e, por um momento, parei de respirar. Não conseguia assimilar o que Maggie acabava de dizer, tinha que ser algum engano, não podia ser verdade.

Ela voltou a falar comigo, mas eu não conseguia entender bem o que ela dizia, era como se falasse de muito longe ou, então, através de um rádio mal sintonizado. Só conseguia entender algumas partes.

— Marina... hospital... emergência... centro cirúrgico... — Eram coisas demais para assimilar de uma vez só.

— Dan, você entendeu tudo o que eu disse? — perguntou, preocupada.

Eu não conseguia pensar nem sentir nada. Um vazio tomou conta do meu corpo, eu estava em choque.

— Leve-me até ela — foi tudo o que consegui dizer.

Fizemos o trajeto enfrentando o trânsito lento e pensei como uma simples chuva podia causar toda aquela tragédia. Observei um policial rodoviário sinalizando para os carros desviarem para a outra pista e entendi o que estava acontecendo, ao avistar um reboque e reconhecer um carro parcialmente destruído sendo removido: era o carro da mãe, o carro que a Marina devia estar dirigindo. Tremi da cabeça aos pés ao constatar o estado do lado do motorista, parcialmente destruído, observei o ângulo estranho das ferragens distorcidas e entendi que provavelmente haviam usado uma serra para conseguirem abrir o metal e retirá-la dali. O medo apoderou-se de mim.

Cerca de meia hora depois, chegávamos ao hospital. Nem esperei a Maggie estacionar o carro direito, abri a porta com ele ainda em movimento e saí correndo, deixando Maggie gritando atrás de mim, pedindo para esperar, mas a ignorei e corri ainda mais.

Entrei por uma porta, em cuja placa informava “Emergência”, olhei ao redor, perdido, até que vi a recepção e me dirigi até lá.

— Quero informações sobre uma paciente — disse, respirando pesado.

— Pois não, qual o nome?

— Harrison, Marina Harrison.

— O que o senhor é dela?

— Marido — respondi, e observei a recepcionista olhar-me com descrença, mas não disse nada.

— Só um momento, por favor — ela respondeu, indiferente, e em seguida começou a procurar por algo no computador e esperei tamborilando os dedos pelo balcão, impaciente.

— Sim. Ela deu entrada hoje, no final da tarde, acidente automobilístico?

— Sim — confirmei, murmurando.

— Ela está em cirurgia no momento — comunicou, num tom frio e profissional. — Peço que aguarde naquela sala, assim que o médico acabar a cirurgia virá conversar com o senhor.

— Qual é o estado dela? Em que parte do corpo é a cirurgia? — perguntei, confuso.

— Desculpe, mas não dispomos dessas informações — respondeu, no mesmo tom formal. — Quando o médico chegar, responderá a todas as suas perguntas. — E encerrou a conversa.

“Sua vaca!”, pensei, olhando para o rosto arrogante daquela mulher, com vontade de chutá-la.

Dirigi-me frustrado até a sala que ela havia me indicado e, ao entrar, verifiquei surpreso que papai e mamãe já estavam ali. Mamãe correu para me abraçar, mas papai ficou imóvel, sentado de cabeça baixa, no mesmo lugar.

— Ah, Dan! — disse mamãe, ao me abraçar. — Finalmente, você chegou! — Maggie entrou em seguida, falando no celular com alguém.

— Alguma notícia dela? — perguntei.

— Assim que chegamos, fomos informados de que ela foi encaminhada imediatamente para cirurgia, parece que sua cabeça foi atingida — disse, nervosa.

— Cabeça? — perguntei, preocupado. — Isso é certo?

— Ainda não temos certeza de nada — mamãe desabafou. — Estamos completamente de pés e mãos atados!

— Consegui falar com a Cate, ela vai pegar o próximo trem para Londres. — disse Maggie, desligando o celular. — Sente-se um pouco, Dan.

— Prefiro ficar em pé — respondi.

Não conseguia sentar, estava nervoso demais, e comecei automaticamente a andar de um lado para o outro. Olhei para papai, que continuava me ignorando, e aquilo me magoou de verdade, nem diante de uma tragédia como aquela o coração dele amolecia.

— Você avisou a mais alguém? — perguntei a Maggie.

— Avisei a Shanti, também — ela respondeu.

— Certo, ela também deve avisar ao Lance.

Cerca de 20 minutos depois, os dois entravam na sala.

— Dan! — disse Shanti, ao me abraçar. — O que aconteceu? Ninguém quis nos dizer nada!

— Uma recepcionista metida só sabia repetir que não tinha mais informações! — completou Lance, ao seu lado.

— Sei a quem se refere — falei, chateado. — Infelizmente, acho que sei tanto quanto vocês.

— Ela está mesmo passando por uma cirurgia? — perguntou Shanti, preocupada, e Lance a abraçou pelos ombros.

— Sim — respondi baixo. — Ainda não temos certeza, parece que é algo no cérebro. — Shanti cobriu a boca com a mão, ao ouvir aquilo.

— Fica calma, gata! — disse Lance para ela. — Não deve ser nada muito sério.

Ela apenas concordou, movendo a cabeça, e eu desejei ardentemente que ele estivesse certo.

O tempo arrastava-se vagorosamente, os segundos viravam minutos, os minutos horas, mas eu não iria me afastar dali por nada.

Maggie me trouxe um copo com café, mas eu recusei, pois não conseguia engolir nada.

Depois de andar de um lado para o outro sem parar, decidi sentar um pouco. Olhei para o relógio na parede e verifiquei que já estávamos ali havia mais de três horas, e sem nenhuma informação nova.

Papai e mamãe tinham ido à cantina do hospital, e ficamos nós quatro naquela espera horrível. Finalmente um homem vestindo jaleco branco entrou na sala.

— Vocês são a família da paciente Marina Harrison? — perguntou educadamente.

— Sim, somos! — respondi imediatamente, ficando de pé. O homem aproximou-se, estendendo a mão.

— Deixe-me apresentar, sou o Dr. Alec Sanders, neurocirurgião do setor de emergência. — Ele apertou a mão de cada um de nós.

— Sou Daniel Harrison, marido da Marina — informei, ao apertar sua mão.

— Marido? — Ele me deu o mesmo olhar surpreso da recepcionista. — Tão jovens! Bem, mas isso não vem ao caso, acho que vocês todos devem estar ansiosos por notícias e estou aqui para isso. — Todos o rodeamos, aguardando. — A paciente chegou à emergência inconsciente, em choque, mas sem fraturas, apenas com hematomas pelo corpo e no rosto, o que é bem raro nesse tipo de acidente. — Ao dizer aquilo, todos respiramos aliviados. — Mas, infelizmente, o crânio foi muito atingido, ela teve uma parada cardiorrespiratória...

— Parada cardiorrespiratória, o que quer dizer? — perguntou Maggie.

— O coração dela parou por alguns segundos — respondeu, para nosso espanto.

Imediatamente levei a mão ao peito. Como meu coração podia ter continuado a bater, se o dela tinha parado? Parecia ser impossível que isso acontecesse, afinal nossos corações eram um só, o meu deveria ter parado também naqueles terríveis segundos.

— Porém, conseguimos reverter a parada, e seu coração voltou a bater normalmente — disse, tentando nos tranquilizar.

— E o cérebro? — perguntei, preocupado.

— Ela sofreu uma pancada muito forte na cabeça, o crânio sofreu uma fratura, o que deu início a uma hemorragia no cérebro. Fizemos uma cirurgia para conter essa hemorragia, aliviando a pressão no local atingido, e fixamos os ossos no lugar.

Olhei para a cara do Lance, que tinha acabado de soltar um gemido baixo. Ele parecia ter ficado verde ao ouvir aquela explicação e levou a mão à boca, como se fosse vomitar. Shanti o apoiou segurando seu braço.

— Então, agora está tudo sob controle? — perguntei, nervoso.

— Conseguimos conter a hemorragia, mas o cérebro está muito inchado, as próximas 24 horas serão decisivas, se dentro desse tempo seu cérebro desinchar, saberemos que o procedimento terá sido um sucesso.

— E se não desinchar? — perguntou Maggie, angustiada, e notei que o médico franziu a testa ao ouvir aquela pergunta.

— Bem, então teríamos que submetê-la a outra cirurgia.

— Podemos vê-la? — perguntei, ansioso.

— Infelizmente, não — respondeu, olhando-me com empatia.

— Ela está na UTI e está intubada, respirando com a ajuda de aparelhos. Se esta semana o quadro dela melhorar, poderemos removê-la para um quarto, e aí poderão vê-la. — Ele colocou uma mão em meu ombro ao ver minha expressão frustrada com sua resposta. — Ânimo! Ela é jovem e forte, tem muitas chances de recuperação. — Em seguida, despediu-se e partiu.

— Ela vai ficar bem, Dan — Maggie falou, me abraçando pela cintura. — Nossa Marina é dura na queda, ela vai sair dessa!

— Eu sei — falei, baixinho. — Queria tanto vê-la, nem que fosse por um momento apenas.

— Logo, logo você vai ver! — ela disse, me sacudindo. — Lembre-se do que o médico disse: ânimo!

Nesse momento, nossos pais voltaram, e deixei Maggie se incumbir de dar as explicações enquanto voltava a me sentar, colocando o rosto entre os joelhos.

Ouvi um choro forte e levantei o rosto; vi que era o papai num pranto intenso, abraçado à mamãe. Apesar de tudo, de uma coisa

nunca tive dúvidas, papai amava a Marina como se ela fosse realmente sua filha. Desde o início, tinha uma conexão especial com ela, e isso se provava agora mais uma vez, com seu sofrimento ao ser informado do risco de vida que Marina corria.

Reparei que todos ali já tinham conseguido extravasar sua angústia chorando, até mesmo o Lance enxugava disfarçadamente uma lágrima ou outra, enquanto abraçava Shanti. Porém, não sei o motivo, eu não conseguia, parecia que algo dentro de mim tinha fechado todos os meus ductos lacrimais. O choque fora tão grande que simplesmente não conseguia reagir daquela forma, embora até gostaria, pois seria uma forma de aliviar um coração arrasado.

As primeiras 24 horas foram um pesadelo. Sempre que alguém de branco se aproximava da porta, já imaginávamos o pior, e era com alívio que os víamos se afastando. Enfim, na noite seguinte, o médico voltou e chegou sorrindo.

— Boas novas! A paciente está reagindo bem e, embora o quadro ainda seja grave, saiu do estado crítico e está estável. — Todos nos abraçamos aliviados ao ouvir aquilo.

— Ainda não podemos vê-la? — perguntei, esperançoso.

— Ainda não — respondeu, com um sorriso amarelo. — Provavelmente, ela só irá para o quarto daqui a alguns dias.

Suspirei desapontado.

— Eu gostaria de conversar algo importante com vocês — o médico continuou. — Embora a cirurgia tenha sido um sucesso e seu objetivo alcançado, quero prepará-los para as possíveis consequências.

— Que tipo de consequências? — perguntou mamãe, levando a mão à garganta.

— Sequelas, na verdade — respondeu. — O cérebro, mesmo tendo sido atingido superficialmente, sofreu alguns danos, e isso pode gerar algumas deficiências futuras. — Ao ouvir aquilo, senti meu estômago se torcer.

— Deficiências? De que tipo? — perguntei.

— Inúmeras — ele respondeu. — Somente depois que ela acordar é que poderemos avaliar com mais precisão a extensão dos danos.

Voltamos todos a ficar preocupados, parecia que aquele pesadelo não teria fim. Acabava um e começava outro pior ainda. Sentei-me na cadeira completamente devastado.

Já haviam se passado 48 horas, e todos já tinham se ausentado em algum momento. Eu era o único que não tinha me retirado nenhuma vez.

— Dan, vá pra casa! — Maggie implorou.

— Não, Maggie! — falei, aborrecido. — Se acontecer alguma coisa, quero ser o primeiro a saber!

— Dan, você não dorme há dois dias e mal comeu alguma coisa. Assim você vai ficar doente, e aí, como vai cuidar da Marina quando ela sair daqui? — Com essa, fiquei sem resposta. — Vá para casa, descanse um pouco, coma alguma coisa e, por favor, tome um banho, ou daqui a pouco as enfermeiras vão começar a perguntar se tem algum rato morto nessa sala! — disse, tentando fazer piada.

— Tá bom, Maggie! Você venceu! — respondi conformado.

— Aleluia! — ela disse, franzindo o nariz ao me cheirar.

Peguei o táxi num estado de completa exaustão, e só reparei que tínhamos chegado e estávamos parados em frente à minha casa porque o motorista me chamou ao notar minha imobilidade.

Fui direto para o banheiro, joguei as roupas imundas no cesto de roupa suja e entrei no chuveiro quente, suspirando de prazer. Deixei a água quente correr por minhas costas, ajudando a desfazer os nódulos de tensão. Então me lembrei do dia em que a Marina fez uma massagem deliciosa, apertando meus músculos com firmeza; na época eu nem sonhava que poderíamos ficar juntos, e a experiência tinha sido motivo de um profundo prazer proibido.

Suspirei novamente ao me lembrar do toque de suas mãos, uma mistura de delicadeza, força e calor que me deixava encantado. Ah, como sentia falta dela!

Não sei quanto tempo fiquei ali, mas foi um banho demorado. Saí do chuveiro pingando, enxuguei-me rápido com a toalha e saí com ela enrolada na cintura, em direção à cozinha.

No caminho, cruzei com papai, que como sempre passou por mim como se não estivesse me vendo. A essa altura, eu já não deveria me importar mais com isso, mas a verdade é que ainda doía.

Chegando à cozinha, encontrei a famosa macarronada com almôndegas da mamãe, esquentei uma porção generosa no microondas e comi tudo com rapidez, bebendo vários copos de suco de laranja. Ao terminar de comer, senti que todo o cansaço acumulado começava a fazer efeito, e resolvi ir pro quarto antes que dormisse em cima da mesa.

Entrei, fechei a porta, olhei ao redor e fui pego desprevenido com a onda de emoção que me atingiu.

Cada canto daquele quarto lembrava Marina, seu perfume de baunilha impregnava o ar e respirei profundamente. Caminhei observando ao redor: vi o computador que ela esqueceu ligado, provavelmente porque saiu com pressa e que mostrava como papel de parede nossa primeira foto como namorados na lanchonete, achei sobre a cama um livro com uma página marcada, o guarda-roupa estava aberto e parecia um pouco desarrumado, como se ela tivesse tido dificuldade em encontrar algo que gostasse de vestir. Virei-me e vi sua camisola jogada em cima da cadeira, como se a tivesse tirado com pressa e jogado ali. Peguei a camisola, levei-a ao rosto e aspirei profundamente, aspirando seu cheiro concentrado.

— Ah, Marina... — murmurei deitando na cama.

Cada parte do meu corpo e alma clamava por ela! Como eu poderia continuar existindo sem seu sorriso tímido, sem seu olhar profundo, sem sua voz doce, sem seu corpo do qual eu tinha me tornado escravo? Procurei afastar esses pensamentos tenebrosos, para mim era inimaginável tal possibilidade, Marina deixar de existir e o mundo continuar a rodar. Pois não era ela o centro do meu Universo?

Afundi meu rosto em seu travesseiro e senti a inconsciência abençoada se aproximando.

— Eu te amo. — Foi a última coisa que murmurei antes de adormecer profundamente.

Três dias se passaram na mesma rotina, do hospital para casa, de casa para o hospital, nos revezávamos em turnos, embora eu sempre procurasse ficar o maior número de horas possível. Então, no final do terceiro dia, o médico chegou com a grande notícia, iriam

removê-la para o quarto finalmente. Cinco dias sem vê-la desde o acidente e eu já estava surtando.

— Ela já foi instalada, podem me acompanhar — o médico disse, sorrindo.

Por mim, iria correndo, mas tive que me conter e seguir os passos tranquilos do médico. Chegamos em frente a uma porta fechada, e o médico virou-se e falou para todos nós:

— Por favor, entrem um de cada vez e procurem ser silenciosos. — Juro que, se ele demorasse um pouco mais, passaria por cima dele e entraria de qualquer jeito.

Finalmente a porta foi aberta, entrei e lá estava ela. O médico já havia me preparado, mesmo assim foi um choque vê-la tão desamparada, deitada naquela maca, cercada de aparelhos, intubada e com a cabeça enfaixada. Aproximei-me, segurei suas mãos e, no momento em que meus dedos tocaram os seus, foi como se juntassem todas as peças de um quebra-cabeça: eu estava completo.

— Ela pode me ouvir? — perguntei ao médico.

— Ela está em coma induzido para dar todo o tempo que seu corpo precisa para se recuperar, mas acredito que possa ouvi-lo, mesmo nesse estado — explicou.

Aproximei meu rosto do seu e murmurei em seu ouvido:

— Amor, estou aqui. — Apertei levemente sua mão. — Estou aqui todos esses dias, esperando por você, e vou continuar esperando. Por favor, fique boa logo e volta pra mim. — Abaixei-me, beijando sua mão e apertando-a em meu rosto.

Eu poderia ficar ali para sempre, mas tínhamos apenas uma hora de visita naquele primeiro dia, e uma fila de pessoas queridas esperava lá fora a sua vez. Despedi-me dela, prometendo que estaria numa sala ao lado e que voltaria a vê-la no dia seguinte.

Mais cinco dias se passaram, agora podíamos ficar no quarto por tempo indeterminado. Resultado: só saía de lá para tomar banho e engolir alguma coisa, por mim dormiria ali toda noite também, na poltrona a seu lado, mas a família fazia questão de um rodízio e fui obrigado a me submeter àquele esquema.

No sexto dia pela manhã, o médico chamou a todos e avisou:

— Ontem começamos a diminuir os tranquilizantes que a mantêm em coma, e ela deve despertar essa manhã. — Sorri, de orelha a orelha. — Antes de vocês entrarem, vamos desentubá-la e retirar a faixa da sua cabeça, trocando por um curativo simples, mas não fiquem preocupados, não raspamos todo o seu cabelo, foi removida apenas uma pequena parte necessária para a cirurgia e logo que o cabelo crescer esconderá a cicatriz. Peço que entrem, no máximo, apenas três pessoas por vez, pois é muito comum o paciente acordar bem desorientado e ver muitas pessoas pode confundi-la ainda mais, então falem baixo e pouco. Por favor, me sigam.

Novamente, eu queria correr e passar na frente do médico, mas lá fui eu, seguindo seu passo de tartaruga.

Entramos no quarto e quase não contive a vontade de abraçá-la e enterrar meu rosto em seus cabelos agora soltos. Realmente, havia um discreto curativo na parte superior de sua cabeça, porém nada assustador.

Entramos eu e meus pais e ficamos ao seu redor, aguardando. Vi o médico tirar uma seringa do bolso do jaleco e inseriu o conteúdo no soro ao seu lado.

— Isso vai acabar por despertá-la completamente — ele explicou.

Poucos minutos depois, meu coração deu um pulo ao perceber os olhos dela começando a tremer, e em seguida a percebi mexer ligeiramente os dedos das mãos e respirou profundamente. O médico aproximou-se dela e disse, baixo e firme:

— Marina, se puder me ouvir, faça força e abra os olhos. — Continuamos aguardando e nada.

Ele repetiu aquilo mais duas vezes, e então, bem lentamente, ela começou a abrir os olhos. Meu coração parecia que ia sair pela boca, de tanto que batia apressado pela emoção.

Ela olhou sonolenta ao redor, piscando os olhos repetidamente, parecendo um pouco incomodada com a luz.

— Marina — o médico voltou a chamá-la, e ela olhou em sua direção. — Meu nome é Dr. Sanders, e você está num hospital, onde passou por uma cirurgia por ter sofrido um acidente de carro. Você

está aqui há alguns dias e deve estar um pouco desorientada, o que é normal. — Ela confirmou com a cabeça e levou a mão à garganta, fazendo uma careta. — Sim, a garganta está doendo porque acabamos de desentubá-la, quando você voltar a falar vai estar um pouco rouca, mas isso vai passar nos próximos dias.

Notei que ela olhou ao redor, observando o ambiente e começando a olhar nossos rostos com uma expressão interrogativa.

— Sim, sua família está aqui — ele disse.

Ela nos olhou novamente, parecendo concentrar-se, em seguida virou o rosto numa direção e disse:

— Pai... — sussurrou, e papai imediatamente ficou ao seu lado, segurando sua mão.

— Sim, princesa. Estou aqui — ele disse, emocionado.

— Mãe... — ela sussurrou em seguida.

— Estamos todos aqui, meu bem — disse mamãe, tentando controlar o choro.

Então, finalmente ela olhou para meu rosto e estreitou os olhos.

— Quem... é... você...? — perguntou, com esforço.

Senti como se o chão tivesse se aberto aos meus pés ao ouvir aquela pergunta. Estendi a mão para segurar a sua, e ela, assustada, afastou-a.

— Calma, Dan — ouvi o médico dizer. — É comum algum tipo de amnésia e... — mas parei de prestar atenção ao que ele dizia.

Comecei a andar pra trás, afastando-me dela, do seu olhar que me via como um estranho; aquilo foi mais do que eu podia suportar, tinha que fugir dali. Saí pela porta, ouvindo mamãe me chamar, mas não voltei, corri pelo corredor, passando pela Maggie, Cate, Shanti, Lance, esbarrando em médicos, enfermeiras e pacientes, completamente perturbado, precisava sair dali e precisava sair agora! Entrei tonto no elevador, sem responder a nenhuma das vozes que me chamavam. Assim que o elevador desceu, saí desarvorado e corri em direção à porta. Uma vez do lado de fora, comecei novamente a correr.

Não sabia aonde iria, ou que direção seguir, tudo o que eu precisava nesse momento era sentir as pernas se movendo

rapidamente, numa fuga desenfreada, afastando-me de tudo. Por minha mente passava uma sucessão de imagens caóticas, todas com Marina, cenas da nossa história, desde o momento em que nos conhecemos até o momento presente, sendo esta a que mais dolorosamente se repetia. Sua pergunta ecoava dentro de mim, como uma sentença de morte: “Quem é você?”

Corri sem parar, assustando algumas pessoas ao passar, corri até sentir os pulmões arderem e as pernas doerem pelo esforço. Vi um pequeno parque a distância e, usando o restante de forças que possuía, corri até lá, o local estava vazio. Parei abruptamente em frente a uma árvore, estendi os braços, apoiando-me no grosso tronco com as mãos e baixei a cabeça, tentando recuperar o fôlego.

Subitamente, a força de uma verdade terrível abateu-se sobre mim e gritei, gritei de dor, frustração, raiva, desespero, finalmente as comportas se abriram e um choro vindo do fundo do peito foi liberado. Cego pela ira, comecei a socar a árvore com os punhos fechados, como se, ao cometer essa violência, pudesse abrandar a força dos meus sentimentos, como se, ao esfolar minhas mãos, pudesse diminuir a ferida em meu coração.

Por fim, caí de joelhos na terra úmida, sentindo meu corpo estremecer com a força do meu choro, de cabeça baixa olhei minhas mãos que sangravam e não me importei, nada mais importava, sentia-me perdido.

De repente, senti uma mão em meu ombro e ouvi uma voz ao meu lado.

— Filho! — ouvi, surpreso. Levantei o rosto e deparei com o rosto transtornado de meu pai.

Em seguida, ele se ajoelhou na minha frente, os olhos cheios de lágrimas, e, me puxando pelos ombros, abraçou-me com força.

— Chore, meu filho — ele disse, em meu ouvido. — Mas, não perca a esperança.

Levantei meus braços, abracei-o com força e gritei. Chorei tudo que estava guardado em meu peito.

Entre lágrimas e soluços, consegui murmurar no ouvido dele:

— Ela entrou na caverna.

## Capítulo 22

**E**u não sentia nada, mas percebia meus pés se mexendo à medida que andava ao lado de meu pai, de volta ao hospital. Ele me empurrava gentilmente, forçando-me a continuar caminhando. Só percebi que já estávamos lá dentro quando me vi sentado em frente a uma enfermeira que fez curativos em meus dedos machucados.

Parecia que eu tinha perdido a noção da realidade, não conseguia ou não tinha forças para me concentrar em nada. Quando fechava os meus olhos, tudo o que eu conseguia ver era Marina me fitando confusa e assustada, sem me ver na verdade, sem me conhecer, sem saber quem eu era, sem saber o que fomos e o que seríamos sempre. Sem lembrar nossos planos para o futuro, sem lembrar nosso amor.

Depois que meus dedos foram devidamente limpos, medicados e cobertos por curativos, a enfermeira se retirou, deixando-me sozinho por alguns instantes, até o Dr. Sanders entrar e puxar um banco para sentar na minha frente. Ele suspirou antes de começar a falar.

— Daniel, eu sei o que você tem passado todos esses dias e imagino o choque que deve ter sentido ao ver a Marina finalmente acordar, depois de tanta espera, e descobrir que ela ainda não se lembra de tudo. — Ele fez uma pequena pausa, ajustando os óculos. — No entanto, quero que entenda, as consequências de acidentes cerebrais são imprevisíveis, tudo pode acontecer, e a área afetada na Marina é a responsável pela memória.

— Como ela pode se lembrar da mamãe e do papai, mas não pode se lembrar de mim? — perguntei, ainda sem acreditar.

— Bem, isso na verdade é um mistério, mas quero que entenda, o cérebro dela apenas iniciou o processo de cura, ele ainda está cicatrizando, com o acidente várias conexões em seu cérebro foram rompidas, cada conexão ligada a um tipo de lembrança, aparentemente a conexão responsável pela lembrança de seus pais

não foi afetada ou já foi religada. Aos poucos, vocês vão perceber que ela começará a ser mais e mais a Marina que vocês conheciam, mas isso pode levar certo tempo — explicou, de forma amistosa.

— Quer dizer que isso não é definitivo? Ela vai voltar a se lembrar de nós? Quando isso pode acontecer? — perguntei, afobado e cheio de esperança.

— Calma, uma pergunta de cada vez! — ele disse, rindo ligeiramente. — Provavelmente a conexão responsável por sua recordação e sua vida em conjunto com ela ainda não foi restabelecida, isso se dará de forma gradativa e natural. — Ao ouvi-lo dizer aquilo, meu coração voltou a bater forte no peito e não contive um suspiro de esperança. — Mas devo avisar que esse processo não pode ser apressado ou forçado em nenhuma etapa, se o paciente se sente pressionado, isso pode gerar um quadro de estresse que atrasaria ainda mais a cura — disse bem sério, olhando-me fixamente. — Acha que compreendeu o que eu disse? Acha que pode ajudá-la, sem pressionar mais do que o necessário? Porque, com certeza, ela vai precisar do apoio de todos nessa fase, principalmente do seu, e isso vai exigir toda a sua dedicação, paciência e sacrifício. Você acha que pode colocar as necessidades e interesses dela antes das suas?

— Faço qualquer coisa para tê-la novamente pra mim — afirmei intensamente.

— Ótimo! Então estamos entendidos. — Ele se levantou e apertou minha mão. — Lembre-se, ânimo!

E partiu em seguida.

Voltei para o andar em que ficava o quarto dela, mas não tive coragem de entrar. Irônico, não? Passei dias esperando ansioso por estar ao seu lado, e agora, só de pensar em ver novamente em seus olhos toda aquela indiferença, sentia meu peito afundar. Fiquei ali, decidindo se entrava ou não no quarto, quando inesperadamente a porta se abriu e saiu o papai. Assim que ele me viu, fez um sinal, indicando que precisava conversar comigo, e nos afastamos até o final do corredor.

— Dan, eu e sua mãe conversamos e tivemos uma ideia — explicou, virando-se de frente pra mim. — Embora tenha sido difícil

nossa convivência ultimamente, nunca desejei seu mal ou da Marina, muito pelo contrário, só quero a sua felicidade e a dela, afinal são todos meus filhos! — Ele passou a mão nervosamente pelo cabelo, num gesto todo Harrison. — E, bem, nesses últimos dias acompanhei toda a sua dedicação com a nossa Marina e percebi a veracidade de seus sentimentos. Mesmo que eu ainda não entenda perfeitamente, começo a compreender. E, se fiz o que fiz, foi pensando que dessa forma talvez os fizesse perceber que agiram errado, porém sei que são muito jovens e também sei o que é ter sua idade e estar apaixonado, o que é ter um ideal e não medir as consequências para alcançá-lo. Por isso, mesmo não sendo o que planejei todos esses anos para nossa família, vê-los juntos dessa forma, acho que tenho que rever meus conceitos, diante da gravidade do que aconteceu e do seu sofrimento. — Ele apertava a boca, parecendo não saber mais o que dizer. — Certo, o negócio é o seguinte, aceito a relação de vocês, dou minha bênção e quero ajudar no que for possível para vocês se entenderem! — Ele me olhou sem graça, com o rosto vermelho e constrangido.

Por um momento, ficamos nos olhando, meio sem saber o que fazer, mas resolvi aceitar o que ele me oferecia, parecia realmente sincero em seu arrependimento e disposto a cooperar. Eu sabia que tinha cometido alguns erros e que, quando meu pai decidiu agir como agiu, foi como uma forma de punição por esconder minha relação com Marina e nosso casamento. Mesmo que o amor tivesse sido a justificativa por minhas escolhas, racionalmente as coisas não eram tão simples assim. Mas quem disse que a razão prevalece, quando nossas ações são ditadas por nosso coração? Se eu errei por causa desse sentimento, também compreendia que foi pela mesma emoção que meu pai tinha tomado certas atitudes. Então achei melhor perdoar-lhe e aceitar a bandeira branca que ele me acenava. Precisávamos estar unidos. Abracei-o, emocionado, e ele correspondeu, meio sem jeito.

— Valeu, pai! — disse, enquanto ele batia com a mão em minhas costas.

— Mesmo um velho como eu sabe reconhecer quando erra — falou, sem graça. — Pode perdoar seu pai cabeça dura?

Eu sorri e lhe dei um beijo no rosto.

— Claro, pai! Ambos cometemos erros. Agora isso não importa mais, o nosso objetivo deve ser a cura da Marina — falei, com sinceridade. — Você tinha falado numa ideia?

— Sim! — ele disse, animado — Olha, acho que devemos ir informando a Marina sobre você, pouco a pouco, para não assustá-la muito, primeiro vamos dizer que você é nosso filho, conseqüentemente irmão dela. — Fiz uma careta ao ouvir aquilo. — Calma! Isso só enquanto ela ficar internada aqui. Nos próximos dias, vamos continuar esclarecendo tudo, até que quando ela for pra casa já saiba que são casados. O que você acha? — Coloquei a mão na cintura, tentando decidir.

Voltar a me comportar como irmão dela, mesmo que por poucos dias, seria reviver todo o inferno de quando ainda não estávamos juntos, e sentia meu estômago revirar de revolta só de pensar nessa hipótese. Contudo, tinha prometido ao médico e a mim mesmo colocar a Marina sempre em primeiro lugar, então, se fosse para o bem dela, faria aquele sacrifício, fingiria por ela. Afinal, eu era um ator, não era?

— Certo, eu topo! — falei, nervoso.

— Então, vou voltar lá para o quarto e começo minha encenação — disse papai, todo animado. — Espere aqui que já vou te chamar!

Aguardei nervoso em frente à porta do quarto, fazendo exercícios respiratórios e me concentrando, como eu fazia antes de uma filmagem. Sacudi os ombros, estiquei os braços, flexionei os dedos das mãos e foi olhando para eles que me lembrei de um importante detalhe. Refulgindo de forma nada discreta, o brilho dourado de minha aliança era um símbolo de minha união com Marina. Estremeci. Respirei fundo. Sabia que era necessário, mesmo assim não deixava de ser doloroso. Eu tinha prometido a mim mesmo nunca mais retirá-lo de meu dedo, nunca mais esconder algo de que tinha tanto orgulho. Engoli em seco. Mas por ela, eu o faria. Nenhuma outra pessoa teria esse poder, esse direito de me fazer revogar o uso desse emblema. Por Marina. Dei um último olhar ao anel e o retirei rapidamente, guardando-o em meu bolso,

confortando-me na esperança de que essa situação não durasse por muito tempo. Pouco depois papai apareceu, fazendo um sinal para que entrasse, respirei fundo e entrei naquele estranho palco.

Ai, minha nossa! Ela sorria pra mim, daquele jeito carinhoso que me fazia tremer nas bases, daquele jeito que me fazia ter vontade de beijá-la até perder o fôlego.

— Concentre-se, mantenha o foco! — repeti para mim mesmo, retribuindo seu sorriso.

— Desculpe — ela disse baixinho. — Não quis magoar você.

— Tudo bem — falei, tranquilizando-a.

— Não vai me dar um abraço? — ela perguntou.

— Hein? — Meu coração deu um pulo.

— Ora, somos irmãos, não somos? — E ela esticou os braços.

Olhei para nossos pais e eles fizeram sinais, me estimulando. Eu não tinha contado com isso, fingir longe dela era uma coisa, tocando-a era completamente diferente, mas o que eu podia fazer? Andei até ela e a tomei em meus braços.

“Ah! Senhor!”, pensei na hora.

Foi só abraçá-la e senti seu cheiro de baunilha mexendo com meus sentidos, o que era, ao mesmo tempo, céu e inferno, doce e amargo. Senti seus lábios mornos em minha face. Seria tão fácil girar ligeiramente meu rosto e colar minha boca na dela, todo o meu corpo implorava por aquilo, porém, num esforço sobre-humano, me contive, beijando-a castamente da mesma forma que ela tinha feito, e afastei-me enquanto tinha forças.

— Como está se sentindo? — perguntei, ficando ao seu lado.

— Ainda um pouco confusa — disse, colocando a mão na testa.

— Quando tento me esforçar para lembrar alguma coisa, minha cabeça começa a doer.

— Não force tanto — falei, preocupado. — Aos poucos tudo vai se esclarecendo.

— Foi o que o médico me disse, para ficar tranquila, que com o tempo vai melhorar — disse serena, e ficamos assim, lado a lado, sorrindo um para o outro.

— Queria poder me lembrar de você — ela disse, chateada.

Ouvir aquilo era como sentir uma faca entrando pelas costelas, se ao menos soubesse o quanto também queria que ela lembrasse!

— Tudo a seu tempo — consegui dizer.

Ela bocejou, sonolenta, e imaginei que deveria estar cansada pelo esforço emocional daquela manhã.

— Acho melhor deixá-la descansar.

— Não! Acho que já dormi demais por esses dias — ela respondeu, sorrindo.

— Dan está certo, meu bem — mamãe falou. — Acho que por hoje você já se esforçou o bastante, agora talvez seja melhor dormir mais um pouco.

— Isso mesmo — confirmou papai. — Dan, fique aqui mais um pouco com ela, enquanto sua mãe e eu vamos lanchar.

Antes de sair, papai me piscou o olho discretamente.

Então, de repente, vimo-nos a sós, puxei uma cadeira alta e me sentei a seu lado. Ela sorria timidamente pra mim, baixando os olhos como se estivesse um pouco envergonhada, só não conseguia imaginar o motivo.

— Posso fazer uma pergunta? — perguntou, acanhada.

— Claro! — respondi.

— Nos damos bem?

Olhei nos seus olhos. “Você não imagina o quanto”, pensei, porém perguntei:

— O que você acha?

— Não sei com certeza, mas acho que sim.

— O que a faz pensar assim? — Ela refletiu por um momento, me analisando, e a vi corar violentamente em seguida.

— Não sei — foi tudo que disse, e reparei que me olhava visivelmente embaraçada; achei aquele comportamento ao mesmo tempo estranho e familiar.

— Mas você não me respondeu, nos damos bem? — ela insistiu.

— Sim, suponho que possa ser dito algo assim — respondi, sorrindo.

Aos poucos, observei que seus olhos ficavam pesados, e ela os piscava várias vezes, lutando contra o sono.

— Por que não relaxa e procura dormir? — sugeri.

— Tenho medo.

— De quê? — perguntei, surpreso.

— De voltar a dormir — murmurou, olhando para suas mãos.

— Por que tem medo de dormir?

— Tenho medo de voltar a dormir, acordar e novamente não ser mais eu mesma. — Ela mordida os lábios, nervosa. — Tenho medo de continuar esquecendo as coisas, as pessoas, os acontecimentos, não quero perder mais nenhuma lembrança. Por exemplo, não quero esquecer que você esteve aqui comigo. — E olhou-me, desamparada.

Ver seu rosto triste e suplicante foi irresistível. Estiquei o braço e toquei sua face levemente com a ponta dos dedos, numa carícia suave e ingênua, e vi seus olhos se arregalarem surpresos e em seguida relaxarem, quando parei minha mão em seu queixo.

— Não tema — disse, fitando seu rosto. — Vou ficar aqui até você adormecer e prometo que a partir de hoje você não esquece mais nada.

— Promete mesmo?

— Palavra de honra — garanti.

Ela pegou minha mão, que estava em seu queixo, e a levou aos lábios, beijando-a docemente. Senti um arrepio correr por todo o meu braço e meu coração acelerar no peito.

— O que aconteceu com suas mãos? — ela perguntou, olhando curiosa meus dedos com os curativos.

— Eu caí — respondi, procurando disfarçar.

— Segura minha mão até eu dormir? — pediu, entrelaçando nossos dedos.

— Claro! — respondi, feliz.

Em seguida, observei seu rosto relaxar e seus olhos se fecharem devagar. Quando ela estava quase dormindo, perguntou, subitamente:

— Você tem namorada?

Quase morri ao ouvir aquela pergunta, o que estava passando pela cabeça dela para perguntar aquilo? E pior, o que iria responder?

“Não, sou casado com você!”, queria gritar, porém pensei rápido e soltei:

— Não, não tenho. Por quê? — Ela suspirou de olhos fechados, já quase inconsciente.

— Curiosidade — sussurrou. — Imagino que minhas amigas devam me perturbar por sua causa.

— Por qual motivo? — perguntei surpreso, e ela corou mais uma vez e sorriu levemente. Mesmo estando semiadormecida, disse algo tão baixo que não consegui entender.

— O quê? — perguntei, aproximando meu ouvido de seus lábios.

— Você é bonito — murmurou, e adormeceu em seguida.

Pisquei os olhos diversas vezes, ainda sem acreditar no que tinha ouvido, e senti um calor gostoso se espalhar por meu peito, aquecendo um coração gelado pela dor. Pela primeira vez naquele dia, sorri sentindo-me quase feliz, pois somente quem já sentiu a felicidade plena, como eu, saberia que aquilo que eu sentia no momento era só um pálido reflexo do que havia vivido.

Comecei a observar aquele rosto tão amado que agora repousava sereno, lembrando-me com atenção do diálogo que havíamos acabado de trocar e de cada reação, gesto e olhar. Alguma coisa ali parecia estranhamente familiar, mas não entendia o porquê. Uma mecha de seu cabelo caía em seu rosto, e distraidamente ergui a mão, retirando-a de sua bochecha, então subitamente a compreensão me atingiu: aquele gesto simples ao tocar seu cabelo me fez lembrar de um garotinho curioso, que muitos anos atrás puxou o cabelo de uma garotinha linda, achando tolamente se tratar de uma fada. Aquele garotinho curioso viu aquela menina-fada ter na época essas mesmas reações, espanto, rubor, olhares desconfiados e lábios trêmulos. Só que aquele garotinho tinha interpretado tudo aquilo como simples timidez. Mas agora o homem sabia muito bem o que aquilo significava e sorri abertamente ao entender. Sim, na minha frente estava deitada uma Marina sem lembrança alguma a meu respeito, mas também estava deitada aquela mesma menininha, que chegou a minha casa, medrosa e tímida, ansiando por aceitação. E tudo o que foi necessário para

selar o destino daquele garotinho curioso e daquela menina-fada foi uma troca de olhar; bastou nossos olhares se encontrarem pela primeira vez para sabermos que seríamos pra sempre um do outro.

Ergui os ombros, sentindo-me triunfante e sabendo o que faria dali em diante: eu reconstruiria aquele mesmo amor, usando os mesmos sentimentos iniciais dela, voltando a transformá-lo no amor sublime que havia conhecido. Agora eu entendia que aquele amor, ainda em estado bruto, se escondia em seu peito, só teria que ter a paciência e a sensibilidade de lapidar novamente essa pedra preciosa.

Ela tinha sido trazida à minha vida pelo Destino e também por ele quase me foi tirada, mas não permitiria que continuássemos fantoches nas mãos desse Ser Invisível. Hoje, quem faz meu presente e futuro sou eu! O Destino tinha me dado um grande desafio; pois bem, a sorte estava lançada, vamos ver quem será o melhor jogador.

## Não perca o próximo lançamento! As emoções continuam em **Amor Inteiro**.

Havia procurado passar o máximo de tempo com ela, apesar de sua atenção ser também dividida entre familiares e amigos. Nos dias em que conseguimos ficar juntos, tendo sua companhia exclusiva e desfrutando de conversas tranquilas, percebi que a minha Marina continuava ali, perdida em algum lugar de sua mente. Seu sorriso continuava o mesmo, assim como seu jeitinho tímido de olhar e a sua voz... Céus! Como tinha sentido falta da sua voz! Durante a noite, admirando-a dormir, assombrava-me a lembrança do seu pedido, suplicando que a resgatasse, caso se perdesse de mim. Havia lhe prometido ir ao fim do mundo se necessário, garantindo que não haveria força capaz de tirá-la de mim. Só não poderia imaginar que essa força seria ela mesma.

O casal sorridente na foto era familiar e estranho ao mesmo tempo. Uma Marina diferente sorria feliz para mim, uma Marina de olhos brilhantes e face corada, olhando para a câmera como se fosse

a mulher mais feliz do mundo, abraçada por um rapaz igualmente alegre, de olhar atrevido, que olhava para a câmera como se fosse o homem mais feliz do mundo. Era o Dan. Tudo naquela foto transmitia um profundo e sincero sentimento, um sentimento que eu não fazia ideia de como tinha surgido entre nós. E isso me apavorava. Desliguei o monitor sem conseguir mais olhar. Depois da aliança, aquele papel de parede era a prova mais real do que tinham acabado de me contar.